

WLADIMIR OLIVIER

SOB O SIGNO DO
MEDO

GRUPO DOS EFEITOS NATURAIS

ÍNDICE

Participação	
1. Salvação inesperada	
2. A entrevista	
3. Alfredo trabalha	
4. O Doutor Mário	
5. Questões judiciais	
6. Revolve-se o passado	
7. Os amigos em campanha	
8. Isabel conversa com Mário	
9. Isabel se emprega	
10. Dráusio se regozija e se preocupa	
11. Isabel providencia	
12. Os planos interagem	
13. A reunião	
14. Em compasso de espera	
15. Os fatos se precipitam	
16. Leandro se agita	
17. Isabel vence etapas	
18. O pensamento de Mário	
19. Primeiros ensinamentos	
20. Tranquilidade e pavor	
21. Convite bem aproveitado	
22. A vingança	
23. O feitiço contra o feiticeiro	
24. Desencanta-se Isabel	
25. Pacto de vida e morte	
26. A noite de Isabel	
27. O plano de mudança	
28. Alfredo e Dráusio se separam	
29. Gouveia e Leandro se entendem	
30. Leandro busca o seu caminho	
31. Mário providencia os estudos de Orivaldo	
32. Em São Paulo	
33. No motel e na praia	
34. Pensamentos religiosos	
35. Baltazar tem problemas	
36. O etéreo se agita	
37. Um mundo novo	
38. Prevenções	
39. Muxoxos e sorrisos	

40. Gouveia aparece
41. Reencontro
42. Desgraça
43. Perdas e lucros
44. Acertos estratégicos
45. Leandro se expõe a Mário
46. Do Carmo
47. Mário volta ao Centro Espírita
48. Baltazar retorna
49. Baltazar e Mário se entendem
50. O casamento
51. No etéreo
52. Revelações finais

PARTICIPAÇÃO

As novas atribuições do grupo nos põem muitíssimo satisfeitos e confiantes em que o trabalho possa adquirir significados práticos, por serem as mensagens endereçadas a público em condições infelizes de realização vital.

Não temos pretensões a enriquecimentos temáticos, dado que a maioria dos leitores carecem mesmo de informações ao nível da catequese ou da doutrinação, tão pouco disseminado se encontra o Espiritismo, apesar de os livros da Codificação de Allan Kardec se distribuírem aos milhões. De qualquer forma, tendo em vista a leitura esporádica e o hábito de levar avante somente a fachada filosófica da Doutrina, as discussões não se ampliam nem se aprofundam, sendo inúteis os esforços dos que primam por realizar exegeses das obras principais, para definições mais apropriadas ao momento científico.

Nesse aspecto, estamos esperando um novo codificador.

Mas o *Grupo dos Efeitos Naturais* (orientado pelo Professor Otávio) vem com proposta bastante positiva, no sentido de levar ao público encarnado considerações de carácter objetivo, em história criada em torno de personagens bastante assemelhadas ao mais comum dos mortais viventes no Brasil, nesta época, sob a pressão social específica da miséria material, em conjugação com a total falta de assistência educativa.

Não será simplesmente um retrato físico mas predominantemente espiritual, para o que devem relevar-se as notações relativas ao plano etérico, onde atuam os espíritos protetores e os malfeitores.

A linguagem será a que melhor convenha ao narrado, podendo reproduzir, nos diálogos, as pobrezaas vocabular e frásica das personagens envolvidas na ação. Se não formos inteiramente capazes de restabelecer o panorama social retratado, queiram perdoar-nos por não cedermos a certas injunções demasiado cruas, que nos levariam a reproduções escatológicas, pornográficas e, conseqüentemente, imorais. Mas faremos o possível para dar colorido ao relato.

Pomo-nos nas mãos de Deus e rogamos-lhe nos abençoe a todos.

1

SALVAÇÃO INESPERADA

O negrinho Orivaldo estava passando muito mal. Feridas por todo o corpo. Blastomicose, diria mais tarde o médico, no hospital. Mas, no barraco, delirava de febre e chamava pela mãe.

Cuidava dele a *tia* Raimunda, velha já, que o apanhara na rua muito pequeno, dó de quem não tivera filhos mas que não lhe permitira chamá-la de mãe.

— *Tia*, Orivaldo. *Tia*. Onde se viu moça (e pensava: *donzela*) solteira ser chamada de *mãe*. *Tia* está muito bom...

Mas Orivaldo não escutava. Dormia. Ou melhor, desmaiara e não tinha condições de entender nada. E chamava pela mãe:

— Mãe, me ajuda, mãe...

Raimunda estava atarefada demais. Era festa de São Tiago, santo da devoção. Tinha compromissos. E o menino que não melhorava. Ardia em febre. Se continuasse assim, levaria o coitadinho ao posto de saúde.

“*Se continuasse assim, morreria...*” — pensava lá consigo o protetor, no etéreo. “*Se passasse por aqui alguém que entendesse de febre...*” Dia de semana, a favela só produzia o vozerio da criançada,

enquanto os rádios despejavam música americana em todos os escaninhos das ruelas e becos.

— Fica, Orivaldo, que vou buscar açúcar na venda.

Não tinha por que suspeitar de que o pequeno iria sair pelas ruas sozinho. Estava caído. Inerte. Boçalizado, ele que era tão buliçoso, irrequieto.

O Benfeitor Alfredo tentou despertar o espírito, meio desprendido do corpo. O cordão luminoso estava sombrio, mais do que simples doença de pele poderia fazer supor. Alfredo sabia que havia mais do que feridas. Havia doença nos pulmões. Havia doença no sangue. Haveria doença na cabeça, se não fosse tratada a infestação de vermes nos intestinos.

Lá embaixo, a polícia trocava tiros com traficantes. Estes vinham recuando, morro acima, resguardados pelos muros conhecidos, pelas portas que se abriam e se fechavam, oportunamente. Uma granada foi jogada ladeira abaixo, explodindo no meio dos policiais. A televisão estava com as câmaras abertas. Pegaram a cena do sangue jorrando, os gritos de dor, o desespero dos colegas, a reação das metralhadoras pipocando. E lá foram os cinegrafistas morro abaixo, acompanhando a apressada tropa a carregar os feridos. As manchetes dos jornais estampariam: *Três mortos no Andaraí de Cima. Chuva de granadas despenca do morro e mata três. Polícia despreparada perde de três a zero.*

Alfredo viu quando um dos bandidos se ferira e deixara rastro de sangue. No caminho da casa de Tia Raimunda. Queria fazer que os policiais entendessem que deveriam seguir o ferido. Não atendiam. Estavam superexcitados. Tinham perdido o medo e queriam vingança. Mas a munição era escassa e estava terminando. Fervilhava o etéreo de espíritos malfeitores.

Tia Raimunda voltou de mãos abanando. Vinha branca. Preta mas branca, de susto. Nunca o perigo chegara tão perto. O malandro estava caído à porta. Armado até os dentes. Desviara-se do comando e a perna não mais obedecia. Raimunda entrou e passou o

ferrolho. Se o bandido entrasse, podia provocar a polícia a ponto de arrasar o barraco. Barraco era força de expressão, que a casinha era de alvenaria, com três cômodos, luz elétrica e água encanada. Até esgoto clandestino havia, a levar os dejetos para o rio dos ricos...

Mas a força policial finalmente correu atrás do sangue derramado. Encontrou uma poça perto da porta aferrolhada. Deram voz de prisão e atiraram. Os gritos de Raimunda não se ouviram por bom tempo. De repente, a porta vai ao chão e a polícia entra atirando. Deram com a velha a tremer e a criança translúcida. Uma bala atingira o menino na perna. Nem sentira.

Era preciso heroísmo. Um dos policiais apanhou o pequeno e o levou para a retaguarda. Raimunda vinha de contrapeso, demorando a descida, pesada e tola.

Naquela mesma noite, Orivaldo era operado e recebia atendimento de emergência. A bala salvara-lhe a vida.

Alfredo enxugava o suor, enquanto orava desenxabido por não ter conseguido nada. Ao menos, o serviço iria prosseguir e ele agradecia ao Senhor a oportunidade de praticar caridade.

2

A ENTREVISTA

Quando Raimunda estava aguardando notícias médicas, no salão de espera apinhado de gente em péssimas condições, em meio ao burburinho lamentoso de quem sofre, respeitando, contudo, o sagrado ambiente, onde irão obter recursos de saúde, foi indicada pelo segurança, que embolsara uns reais da jornalista.

— Você é a mãe do menino baleado?

A repórter perguntou de maneira incisiva, como se soubesse a resposta.

— Não, sou... — engasgou. Diria tutora se conhecesse a extensão da palavra. Tia não era, definitivamente. — É. Pode-se dizer...

— Como assim?

— É que Orivaldo não é meu filho. Eu sou solteira, sabe?! Achei o menino na porta de casa. O pobrezinho...

— O que eu quero saber é se ele faz parte da quadrilha, da gangue de traficantes.

— Ele só tem seis anos...

— E como foi levar o tiro?

— Foram tantos que quase derrubaram a casa.

— Quantos marginais estavam lá dentro?

— Nenhum, não senhora...

— Foi a polícia que acertou o garoto?
— Eu não vi nada. Só sei que o barulho...
— Se a senhora não viu nada, como pode ter a certeza de que foram os traficantes que atiraram nele?
— Eu não tenho certeza de nada...
— Então, não sabe quem foi que atirou?
— Não sei, não.
— Onde estava o menino?
— Na caminha dele.
— Por que não se escondeu?
— Ele está muito doente. Com febre, cheio de feridas pelo corpo todo...

A repórter não estava contente. Queria algo concreto. Precisava redigir a matéria.

— Viu algum bandido?
— Vi, quando voltei para casa.
— Reconheceu quem era?
— Não. Ele estava caído, sujo de sangue. Parecia morto.
— Onde ele estava?
— Em frente da porta.
— O que a senhora estava fazendo fora?
— Fui comprar açúcar.
— Não ouviu os tiros?
— Só depois de ter descido uma boa caminhada.
— E aí?..
— Aí, voltei sem nada. Não queria levar uma bala perdida.
— E o cara estava caído na tua porta?..
— Tinha uma espécie de espingarda ou escopeta na mão.
— A senhora sabe que a polícia diz que não matou ninguém?
— Não sei, não, senhora.
— Aquele sujeito ferido, não foi ele quem deu os tiros no menino?

— Aquele lá não foi, não. Acho que estava muito machucado. Não dava sinal de vida.

— Então, não foi ele...

— Não foi mesmo.

— A senhora viu algum soldado atirar?

— Não vi ninguém atirando.

— Mas ouviu os tiros?

— E ouvi quando gritaram de fora para que os bandidos saíssem.

— Eles saíram?...

— Saíram nada, pois não tinha ninguém.

— Tem certeza de que não tinha ninguém em casa? Só a senhora e a criança? Olhe que é muito importante para a reportagem.

— Claro que tenho.

A repórter desligou o gravador e saiu sem se despedir ou agradecer. Quis saber o nome completo da criança e foi em busca da ficha, na portaria do hospital. Nada encontrou de positivo. Orivaldo — sem sobrenome. Pais desconhecidos. Responsável: Raimunda de Oliveira Gonçalves. Solteira. Setenta e dois anos. Negra. Rua sem nome e sem número, em Andaraí de Cima.

Não havia que ver, a matéria iria trazer a informação de que o menino tinha sido baleado na cama, pela polícia. Erro de interpretação. Bala perdida. O Departamento de Balística não recebera o projétil. O médico, no hospital, tinha o recibo de um sargento, o qual afirmava que não recebera nada. Mas estava assinado. O Delegado, à vista do interesse da repórter, telefonou para o Chefe de Redação. Este desconversou. Não iria esconder a verdade. Abrisse inquérito interno, sairia o seu nome no jornal, para resguardo da autoridade. Desse tempo ao tempo que os acontecimentos seguintes iriam fazer esquecer o incidente. O menino nem sobrenome tem...

Orivaldo, sem saber de nada, iria ficar internado no hospital por mais de dois anos. O Doutor Mário, o da extração da bala, condeu-se do coitadinho:

— Blastomicose. Vai dar trabalho. O pulmão está um caco. O abdômen está proeminente, cheio de vermes. Vamos aguardar os resultados da hematologia. Só falta descobrir que o coitado carrega a AIDS. Se sobreviver...

Sobreviveu, infelizmente para a instituição jurídica do Estado e para o sistema de Saúde, que tiveram de desembolsar muito dinheiro, pela campanha que se fez em favor do orfãozinho. Orfãozinho? Era o que se pensava.

Nem bem saíra a repórter, um grupo de pessoas saudáveis e bem vestidas queria saber quem era Dona Raimunda de Oliveira Gonçalves.

— Somos do Departamento de Direitos Humanos da Divisão Regional do Rio de Janeiro da Ordem dos Advogados do Brasil. Queremos saber o que aconteceu em sua casa. É verdade que o Orivaldo foi baleado no próprio leito pela polícia?

3

ALFREDO TRABALHA

Acomodado o pupilo no hospital, Alfredo precisava garantir-lhe o futuro ao lado de família substituta, que Raimunda quase o perdera por não atender aos mínimos reclamos de higiene e limpeza.

Orivaldo lhe viera em época tardia, quando os sonhos se haviam dispersado e a sombra da morte pairava sobre o barraco.

Raimunda não fizera esforço para identificar a criança. Nem registro de nascimento providenciara, como era de lei. A bem da verdade, Orivaldo deveria ter uns dois anos e meio, taludinho, com as roupinhas limpas e a pele sem marcas ou cicatrizes. Não parecia ter sido maltratado e comia com muito gosto.

O pessoal da redondeza não o reconheceu nem se interessou por mais uma boca para alimentar. Foi Raimunda quem lhe deu o nome, lembrança de alguém que lhe passara pela vida, a distância. Talvez o pedreiro que lhe erguera as paredes e calçara o chão.

Alfredo não avançava nas conjecturas nem se interessava realmente por decifrar o mistério. Os espíritos benfeitores de Raimunda eram tão tacanhos quanto ela e estavam enjoados da mesmice daquela vida sem inquietudes ou aspirações. Empregada doméstica, amealhara o dinheirinho da construção e o deixara todo nas mãos do fornecedor do material. Agora, tinha um carnê de

miserável valor do Instituto de Aposentadoria e essa fora a causa do desleixo do tratamento de Orivaldo. Não há que se esquecer de que deixava boa parte do dinheiro nas mãos do coletor de espórtulas da missa, na igreja de São Tiago.

Nenhum patrão se atrevera a tirar as costumeiras *casquinhas*, mesmo quando era jovem. Talvez pelo excesso das banhas e pelo cheiro forte das axilas, embora os dentes se tivessem preservado até os cinquenta anos, quando a piorreia lhe recomendou dentadura dupla, financiada pela patroa de tantos anos. Essa a razão do sorriso simpático que jamais atormentou ninguém na favela.

Aliás, se alguém teve, um dia, intenção de visitá-la em casa, deve ter sido logo espantado pelas imagens de santos e retratos dos corações de Maria e de Jesus, velas e lampadinhas vermelhas, além das espadas-de-são-jorge dos vasos da entrada.

Tivera os seus dias de procura do eleito de sua vida pelos terreiros, mas não encontrou orixá que lhe desgrudasse um bom partido. Indicaram-lhe vários exus, mas temeu pelo Inferno, principalmente porque o confessor lhe prescreveu terrível série de terços e sacrifícios, como condição para comer a hóstia dominical.

Agora, interessava-se pelas consequências do caso do afilhado (levava Orivaldo até a pia batismal), principalmente porque aquela gente importante lhe pedira para assinar muitos papéis, para arrancar dinheiro dos *Poderes Constituídos*. Imaginava que se tratava do Governo. Em todo caso, os traficantes não poderiam ficar bravos com ela, visto que não falara nada contra nenhum deles. Estava cônica de que fizera tudo direitinho, segundo a lei maior: a do silêncio.

Essa ganância senil, inútil e sem objetivo, arrepiava os pruridos de sensibilidade do protetor Alfredo, que passou a temer pela sorte de Orivaldo, caso ficasse mais tempo na companhia da tutora. Ela iria absorver o que pudesse, sem consideração pela educação do juvenzinho, não tanto por maldade de espírito mas por integral

ignorância de tudo o que circundava a personalidade do afilhado, marcada para feitos menos apagados.

À vista dos projetos de realizações do doentinho, Alfredo se punha de sobreaviso para a possibilidade de regresso antecipado. Sabia quem eram os pais, mas não via como reaproximá-los. Daria tempo ao tempo, como ouvira o jornalista responder ao Delegado. Estivera presente no momento da conversa telefônica, para ter a certeza de que o acontecimento não ganharia destaque nas manchetes. Bastava-lhe a notícia no corpo da reportagem, como nota sem importância, o que acabou acontecendo. Não atinou, todavia, com a manifestação de curiosidade e de interesse da organização de auxílio aos injustiçados. Por isso, foi em busca de esclarecimento superior, para que o mestre lhe explicasse com que objetivo haviam colocado essa importante instituição no encalço das arbitrariedades policiais.

José, seu iluminado orientador, lhe pediu paciência:

— Não lhe posso dizer se houve ou se não houve intercessão dos planos da angelitude, para o favorecimento de seu pupilo. Ninguém me consultou sobre isso ou eu o teria alertado. Fique calmo e procure acompanhar o desenvolvimento das doenças e o processo de cura. Se houver recaída que represente perigo, chame por mim. No período de convalescença, organizarei rodízio entre os socorristas, para que você se inteire de todas as implicações que o novo estado de vida de Orivaldo irá originar.

— Quer dizer que a programação terá curso normal? Haverá dia em que Orivaldo virá a ser importante líder comunitário?

— Se for da vontade de Deus, trabalharemos com afinco, para que tudo dê certo. Por enquanto, precisamos mantê-lo como vigilante atento. Você sabe a que estou referindo-me...

Alfredo sabia muito bem. Eram os velhos inimigos de Orivaldo, que não estavam nada satisfeitos com o desenrolar dos acontecimentos. Esperavam recebê-lo, para a tradicional

pancadaria, e se viram frustrados com a possibilidade de soerguimento da saúde.

— Adeus, Irmão José. Pode contar comigo. Volto bem mais tranquilo e confiante. Sei que obterei sucesso, com a ajuda dos irmãos e a bênção de Deus.

— Vá em paz, querido amigo!

Naquele dia, o Doutor Mário recebeu a notícia de que o sangue estava limpo e reagiria sob o efeito dos antibióticos, imunizando o corpinho debilitado, através dos corpúsculos brancos preparados para o contra-ataque aos vírus e bactérias que infestavam os pulmões. A pneumonia seria vencida. Restava a complicação dos vermes, que consumiam boa parte dos sucos alimentícios. Enfim, como adiantamos, a luta levaria dois anos para terminar. Enquanto isso, a assinatura de Raimunda surtia efeitos junto ao Tribunal de Justiça.

4

O DOUTOR MÁRIO

Especializado em atendimento de pronto-socorro, o Doutor Mário era espécie de factótum do hospital. Coração boníssimo, com mais de vinte anos de clínica, havia atendido a milhares de pessoas, com os miseráveis honorários oficiais. Atendia, também, em casa, onde tinha bem montado consultório, mas a clientela, embora selecionada, era diminuta. Por isso, não nadava em dinheiro.

Ao se deparar com Orivaldo, teve forte aperto no coração, como se conhecesse a criaturinha. A fisionomia era muito familiar e, se não fosse a inconsciência, iria magoar-se profundamente com os sintomas da dor.

— Mãe! Fica comigo, mãe! — repetia o inocente, delirando.

Até as enfermeiras, acostumadas a toda espécie de tragédia humana, se condoeram do rostinho marcado pelas feridas, do esqueleto saliente no tórax, das pernas só pele e ossos, do arfar opresso do peito, do volume desproporcional do ventre. Um pequenino monstro nosso Orivaldo, mas causava pena aos que entendiam o drama e a programação de terríveis sacrifícios que se seguiriam.

Em outros tempos, quando ingressara no nosocômio como titular, Mário era obrigado a selecionar os pacientes de quem

trataria, não tendo condições de atender a todos. Determinou, por diversas vezes, quem iria sobreviver e quem iria morrer. Orivaldo, naqueles tempos, provavelmente estaria entre os últimos. Fazia, por compaixão, a escolha dos mais novos, mas, quando se tratava de chefes de família atropelados, intervinha em seu favor, para que a miséria não arrastasse os demais à prostituição ou ao crime. Com a construção de outras unidades hospitalares e com o cumprimento dos contratos da parte dos governos federal e estadual, era possível dar assistência a quase todos, já que os bandidos e traficantes de drogas eram imediatamente encaminhados para o hospital do Poder Judiciário, assim que livres do perigo iminente de morte.

Quando retirou o chumbo da perna do menino, avaliou o tamanho do projétil, sua imersão nas carnes, sem tocar o osso, e concluiu tratar-se de mero ricochete. O acidente com a arma não causara mais que ligeiro corte, com a expulsão sanguínea em consequência do rompimento da veia. O sangue causou a impressão de tragédia. O mais foi avaliação precipitada dos detetives.

Mas o Doutor Mário reconheceu o estado lamentável do pequeno e, apesar de materialista, citou Jesus:

— Só mesmo pelo Cristo irá salvar-se!

Costumava dar graças a Deus, rogar a Nossa Senhora, chamar pelos anjos da guarda ou invocar santos e orixás, para alcançar a simpatia (e a produtividade) das enfermeiras religiosas. Entretanto, a entonação daquele *Cristo* poderia cotejar-se com a das rezas dos sacerdotes durante a missa.

Passou a bala extraída para a segurança do hospital, recomendando que fosse encaminhada diretamente para o Instituto de Perícia, pois temia pelo desaparecimento da peça. Na verdade, o chumbo foi parar nas mãos de uma das atendentes da portaria, que entregou a policial cuja identificação ele mesmo registrou na ficha que deixou assinada.

Quando Mário ficou sabendo desse itinerário, adquiriu a certeza de que o Departamento de Exames Balísticos do Departamento de Investigações não iria receber o material.

— Haverá, um dia — pensava, descrente —, em que as leis serão cumpridas neste Rio de Janeiro?

Preparou-se para ser interrogado por juiz togado, pois percebeu que havia interesse demais em torno dos acontecimentos no morro. Soube da morte dos três policiais e atendeu a outros quatro, feridos por estilhaços da famigerada granada. As notícias veiculadas pelos jornais televisivos e as manchetes dos matutinos confirmariam as suspeitas. O acontecimento iria causar outros desenvolvimentos nas áreas policial e jurídica. Acostumado, contudo, a ser interrogado junto às barras dos tribunais como testemunha da Promotoria ou da Defensoria, não se perturbou com a repercussão do ferimento do pequenino paciente.

Em casa, com a esposa, inteirou-se das ondas de boatos que corriam pela vizinhança, já que morava às fraldas do morro, onde era constantemente assediado por malfeitores, para tratamentos irrecusáveis dentro da clandestinidade. Nunca recebera tostão pelo desempenho profissional nessas condições, mas, tacitamente, nesse toma lá dá cá da marginalidade, estava imune de qualquer ameaça, protegido mesmo pelo pessoal da segurança dos chefes de quadrilha.

Diziam que morrera um dos líderes do tráfico. Que fora o corpo levado para o alto do morro, onde fora incinerado. Não se sabia quem era. O certo é que todos os nomes responderiam à chamada, na próxima reunião, que alguém assumiria a personalidade ausente, para que se confundisse a força policial.

— Você deve ter atendido aos policiais feridos...

— Como sempre.

— Dizem que um garoto foi assassinado na cama, pela polícia.

— Com certeza, não. Está muito mal, mas não por causa do ricochete. Espero que sobreviva, mas não irá contar a história,

porque estava desacordado, depauperado, com febre de quarenta graus.

— Será que estamos falando do mesmo?

— Se fossem dois, o povo diria que tinham sido cinco...

— Eu vi na televisão a hora em que a granada explodiu. Ainda bem que não tinha mais ninguém em casa. Foi um alvoroço. Esses noticiários ao vivo deveriam ser censurados... Deus nos livre e guarde de isso acontecer diante de casa. As sirenes não pararam um minuto. Eram carros de polícia, bombeiros, ambulâncias... Acho que vão reproduzir a reportagem, no noticiário da noite.

— Estou muito cansado e amanhã vai ser um longo dia. Não quero ver mais sangue, que hoje a zona estava quente.

Marlene, a esposa, queria novidades. Ligou o aparelho. Haveria mais algum soldado ou investigador pronto para o necrotério? As comadres esperavam sempre confirmar as previsões dramáticas, a partir dos corpos que os rabeções recolhiam. Desta vez, a história era a favor dos narcotraficantes, pois, da parte da polícia, se dera baixa a três, pelo menos. Do lado dos bandidos, só um, mais o menino...

— Com seis anos de idade? Vamos dormir, querida, por favor.

Às três da madrugada, vieram buscá-lo. Havia gente do morro ferida...

QUESTÕES JUDICIÁRIAS

Não havia precedente de indenização a inocentes baleados pela polícia. Processos, sim, muitos, corriam de fórum a fórum, subindo nas escaladas do Poder Judiciário. Se algum magistrado dava ganho de causa, vinham as demandas do Estado e tudo se adiava indefinidamente.

Caracterizado que Orivaldo tinha sido atingido pela polícia, a Ordem dos Advogados decidiu que era hora de atingir o coração dos políticos no Governo, para abrir precedente. Orivaldo não poderia ser acusado de traficante nem Raimunda de acoitá-los. Não havia registro de qualquer droga no *barraco*, nem se caracterizou a mínima permanência de nenhum dos furtivos ali dentro.

As câmaras da televisão acompanharam o assalto e evidenciaram que só os policiais atiraram. As fitas, ao contrário do projétil, estavam ao alcance da defesa dos direitos públicos.

Por seu turno, o Doutor Mário havia comprovado que o chumbo fora retirado da perna do agredido. Fizera cinco radiografias, demonstrando como se alojara e a que profundidade.

Tudo apontava para o sucesso dos requerentes, menos o fato de que Raimunda não era legítima representante de Orivaldo, precisando comprovar que cuidava dele há mais de cinco anos, o que, pelas lembranças gerais dos vizinhos, não era difícil de se

testemunhar. Mas isso fez arrastar o processo, jogado pelos escaninhos dos representantes do Serviço de Defesa do Patrimônio Estatal, que se revezavam compreensivelmente, por férias, por dispensa, por aposentadoria, por licença-prêmio, por transferência, por promoção, por exoneração. A cada troca de advogado, vistas de processo, arrolamento de testemunhas, pesquisas adicionais nas armas dos policiais, nos registros hospitalares, nas fitas dos noticiários televisivos e quantas artimanhas se permitissem, para levar o preito até o próximo Governo. Mas as urnas repetiram o Partido no poder, de modo que os prazos se dilatavam, pretendendo engolir o mandato do novo governador inteirinho.

O causídico da Ordem dos Advogados responsável pelo acompanhamento do processo junto ao Judiciário, o Doutor Alvarenga (Epitácio Alvarenga de Moraes), era novato e apanhou o trabalho para fazer figura na Instituição. Desse modo, ia concordando com os revolteios intercessores da Defesa, demandando pouco, argumentando fraco, desatento, improdutivo. Alvarenga fazia o mínimo para que não se julgasse oportuno arquivar o pedido e ia levando, até que...

É preciso voltarmos à subida ao morro do Doutor Mário, naquela noite em que foi requisitado.

Por caminhos estranhos, através de muros baixos, de sebes vivas, de quintais escuros, penetrou com o rapazelho que o viera buscar, subindo lentamente. Na escuridão da noite, aqui e ali, reluziam metais em pontos elevados e vozes soturnas iam pedindo senhas desconhecidas. Não se assustava com as incursões e levava a pesada maleta de atendimento cirúrgico, com certo esforço. Se pedisse ajuda, alguém apanharia o pesado fardo, que seria encontrado, incólume, no local a que estava sendo levado.

Meia hora depois, adentrava salão mal iluminado, onde divisou diversas pessoas, sem reconhecê-las. Havia poltrona no centro e não

percebeu ninguém disposto para o atendimento médico. O convite era tácito. Sentou-se.

— Precisamos conversar — disseram-lhe da escuridão. — Sabemos que o Doutor atendeu uma criança baleada...

— Orivaldo. Está muito mal.

— Vai morrer?

— Se morrer, não vai ser da bala.

— Explica.

— O garoto está com diversas moléstias. O tiro não o atingiu diretamente. Foi só um ricochete, que perfurou uma veia, sem gravidade. Perdeu sangue, mas o ferimento se fechou, não tendo sido hemorrágico. Grave é a pneumonia. Graves são os vermes. Grave é a doença de pele. Se não tiver nada no sangue, que mandei examinar, o conjunto do quadro é suficiente para levá-lo.

— Faz de tudo pelo meu filho, Doutor.

— É teu filho? Não consta no hospital...

— É meu filho. Isso é tudo. Não o deixes morrer.

— Farei o que estiver ao meu alcance.

— Vais fazer mais. Vais fazer o que estiver ao meu alcance. Se ele vier a morrer porque lhe faltou alguma coisa, vou pensar em negligência...

Mário viu que não estava tratando com peão. Era um dos bispos, se não fosse o próprio rei.

— Como entrarei em contato, se houver emergência?

— Basta dizer em voz alta perto da equipe de que aparelho ou medicamento estás precisando. Em duas horas, estará disponível, em teu nome, na portaria. Mas isto ficará nesta sala. Está claro?

— Perfeitamente.

— Estás precisando de alguma coisa neste momento?

— Preciso descansar... Ah! Lembrei. Preciso resguardar as radiografias, que a bala desapareceu.

— Tudo bem! O Doutor não voltará a ser chamado para nenhum outro atendimento nem receberá qualquer paciente em

casa. Vais dedicar-te ao Orivaldo com exclusividade. Se for preciso, irás dar os plantões junto ao leito. Não te preocupes com os aspectos formais. Se precisares de especialistas, é só mandar chamar. Basta isso. Todas as despesas já estão cobertas. Podes ir.

Em casa, Mário ruminava a estranha determinação. Não sabia por que havia sido escolhido. Talvez por causa do interesse demonstrado. Lembrou-se de ter manifestado os sentimentos perante a equipe dos médicos e dos enfermeiros. Ali estaria infiltrado o membro da quadrilha. Ficou com medo. Não pensava a organização criminosa tão poderosa e tão meticulosa.

Não estava conseguindo dormir.

Por que Orivaldo tinha enfrentado a tremenda penúria, quase morrendo sem assistência e, agora, sem mais aquela, era tratado como verdadeiro príncipe e herdeiro eventual?... Mas a chefia troca tão constantemente de mãos... Os crimes atingem os comandantes. Os mais categorizados estavam na cadeia, de onde administravam a organização criminosa. Quem era aquele que permaneceu na obscuridade?

As perguntas começavam a não obter respostas. Às cinco horas, logrou adormecer. Às seis e meia, o despertador dava-lhe o aviso de que o dia iria começar.

Quando chegou ao hospital, recebeu o aviso de que o Doutor Darci esperava por ele, imediatamente. Nem se trocou e lá foi atender ao pedido do principal administrador.

— Sente-se, Mário.

— Obrigado.

— Sabe como está passando o rapazinho?

— Orivaldo?

— Sim.

— Disseram-me que a febre cedeu. Não tive tempo de ir vê-lo.

— Ele está sendo assistido pelos médicos do plantão da noite. O que tenho para lhe dizer é que vou determinar prioridade de

atendimento a essa criança. A televisão divulgou e os jornais registraram. O pessoal dos Direitos Humanos está em cima. A polícia surrupiou a bala, deixando um registro *frio*.

— Já estou sabendo. Pedi para enviar o projétil diretamente à perícia mas os sacanas foram mais espertos. Ainda bem que tenho as chapas...

— Estão no meu cofre particular. Não há temer sejam desviadas.

Mário se estarrecia. Era evidente que os tentáculos da quadrilha se haviam instalado no alto da administração pública. A ordem ao Darci deve ter vindo de bem acima.

— Esteja certo de que farei o que estiver... — Lembrou-se de que *o seu alcance* estava muito mais longe e paralisou a frase. Darci complementou:

— Eu vou me empenhar pessoalmente e lhe darei total abertura para o tratamento. Não tenha medo de gastar.

— Se me der licença, tenho o que fazer.

— Vá, Mário. Vamos ver se o hospital não...

Bateu-lhe nas costas, amigavelmente e despachou-o sem mais.

No plano espiritual, Alfredo não sabia o que pensar. Perdera a entrevista entre Mário e o pai de Orivaldo e não conseguia aproximar-se do médico para auscultar-lhe o coração. Havia ondas de rejeição em torno dele, de sorte que as tentativas se frustraram. Não sendo neófito, percebeu que havia o resguardo de forças ponderáveis, a dominar os pensamentos do médico.

Seguiu-o a distância e viu que as atividades dele estavam como que sendo robotizadas, para o efeito único do interesse do pequeno paciente internado na Unidade de Terapia Intensiva.

Voltou para a sala do Doutor Darci e o encontrou mergulhado nas mesmas ondas tenebrosas. Sentiu tremendo pavor. Quaisquer fossem os adversários, não estavam nem um pouco preocupados

com sua presença. Bastava muito pouco para impedi-lo de perceber o que se passava.

Rapidamente, transferiu-se para a residência de Raimunda e a encontrou transtornada. Que teria acontecido em sua ausência? Havia três pessoas com ela, mas foi barrado por forte parede magnética. Estava impossível transpor os umbrais da malignidade. Ajoelhou-se para pedir ajuda e, subitamente, se viu perante seu grupo de colegas, na sala de aula da *Escolinha de Evangelização*. Irmão José estava presente e deu início à reunião, pedindo amparo a Jesus. Alfredo estava atarantado. Que estaria acontecendo de tão perigoso?

— Vamos ficar tranquilos, quanto ao estado de saúde do pupilo de Alfredo. Há muitos interesses em jogo para que fique bem. Precisamos...

A reunião foi longa e entrecortada de opiniões, palpites, solicitações de elucidação, preterições de atividades e de esclarecimentos. Ao final, de concreto mesmo, era para Alfredo continuar seguindo de longe o protegido, sem desafiar as forças que lhe impediam o acesso à consciência dele.

Alvarenga fazia o mínimo para que não se julgasse oportuno arquivar o pedido e ia levando, até que, ao cabo de dois anos, bateram-lhe no ombro, aconselhando-o a que desse pressa ao desfecho do processo ou renunciasse a favor de alguém mais experiente. Não tivesse medo, que os embargos não prosseguiriam.

Alvarenga suspeitou do poderio daquela mão pesada e daquela voz segura e entrou com pedido de urgência no andamento das providências solicitadas pela defesa. Eram quinze alentadas páginas, com o histórico dos adiamentos e das artimanhas, onde denunciava o Poder Público de procrastinação, em detrimento dos interesses de seus clientes. O juiz julgaria procedente a solicitação e todos os departamentos oficiais seriam obrigados a conhecer e a providenciar, no prazo máximo de oito dias.

6

REVOLVE-SE O PASSADO

Na tarde em que a televisão transmitiu *ao vivo* o combate no morro, apanhou, de relance, o policial carregando o menino, com a gorda velha *balofando* atrás. A atenção do repórter foi desviada para outros lances, de modo que o cinegrafista desviou a câmara para ação de maior importância jornalística. Mas aquele instante foi suficiente para que alguém reconhecesse Raimunda e se preocupasse com a criança.

Isabel sentiu forte calor no rosto. Era a mãe de Orivaldo, a quem abandonara há quase cinco anos, na porta da mulher que fizera questão de conhecer, sem lhe chamar a atenção. Foi durante a despedida do último emprego, quando Raimunda foi homenageada pelos vizinhos. Dois dias depois, recebia a criança, com a recomendação por escrito de que fosse bem cuidada.

Não reconheceu o filho mas ligou imediatamente para o pai, avisando-o do ocorrido. Tomasse providências, se o quisesse vivo.

A conversa foi rápida. Não havia explicações. Leandro, o ex-companheiro, estava no comando da operação no morro e não pôde

dar atenção a Isabel. Os comparsas, além da única baixa, estavam garantidos, nos esconderijos indevassáveis, enquanto lhes passava ordens radiotransmitidas.

Isabel desaparecera com a criança quando se viu uma qualquer na vida de Leandro. Naquela época, o criminoso era o terceiro na ordem da hierarquia da quadrilha. E não residia no morro. Do ponto em que se encontrava, não tinha acesso aos segredos dos principais nem tinha conhecimento da extensa relação de seus bens. Era como que o moleque dos recados para os executores dos morros. Moreno claro, passava por branco de terno e gravata. Bem apessoado, exigia que os encontros se dessem fora da área de atuação da quadrilha, sempre com um só dos parceiros.

Por ocasião da famigerada ida policial ao morro, viu-se coagido ao contato direto, durante a noite, para retransmissão das ordens superiores. Subira de posto e tinha o privilégio de só aparecer aos demais mascarado, com capuz de motoqueiro. Fosse reconhecido e denunciado, iria pôr em risco a segurança dos chefes.

Assim que pôde, localizou o hospital e alegrou-se por ter o filho sido atendido pelo Doutor Mário, fichado como colaborador inocente e prestimoso. Estava bastante feliz com a localização do filho, o qual acreditava longe do morro, uma vez que pensava que Isabel tinha deixado a cidade. Recebera dela uma carta, prevenindo-o de que jamais voltaria a ver o menino, na qual afirmava que se havia livrado da criança, para poder seguir vivendo sem peias. Desconhecendo-lhe o paradeiro, não pôde Leandro executar os planos de vingança.

Que se passara no íntimo da mãe, ao ver o filho nos braços do policial? A rápida visão trouxe-lhe as desencontradas emoções da vida com Leandro. Viu o filho morto. Fez a ligação para o número guardado para uma eventualidade, número que Leandro mantivera, previdente.

Queria que o pai chorasse a morte do filho, que fora o motivo de ter ela fugido, para não lhe dar o gosto de nenhuma felicidade. Dezoito anos de idade, recolhida do meretrício para o concubinato odioso e para a maternidade inconsistente, Isabel se viu apenas mais uma no harém do misterioso jovem, que a visitava em horas incertas, tendo-lhe dado o desprazer da convivência com outra amante, enquanto se mantivera grávida. A criança encantara o pai, desde bebê. Viu-o amamentado pelos seios fartos da mocinha até dois anos e tantos. Leandro, porém, não queria e não podia manter esposa e filhos, burguesmente. Propôs a Isabel que morasse no morro, deixando o apartamento para os encontros amorosos. Daria a ela recursos para sobreviver. Não lhe falou da segurança dos contraventores, porque não lhe revelara quem era.

Pareceu a Isabel que se transformara em mera tutora do filho. A voz de Leandro era incisiva. Não quis concordar. Chorou. Bateu o pé. Foi surpreendida por frieza desumana. Toda vez que Leandro aparecia, trazia uma nova mulher. Isabel saía levando o filho. Não participaria da luxúria dos amantes. Um dia, não voltou mais.

Pensava estar levando o perverso para o sofrimento com a morte do filho. Ela mesma não resistiu. Naquela noite, não trabalhou. Queria saber o resultado da visita de Leandro. Mas não queria ouvir que o filho morrera. Ligou de novo. Ligou várias vezes, sem sucesso. Não atendiam. De manhã, Leandro ergueu o fone:

— O meu filho irá sobreviver!

Isabel ouviu com alívio, mas compreendeu que Leandro era o inimigo de toda a vida.

— Onde ele está?

— Tu vais pagar bem caro os males que me causaste.

Isabel bateu o fone. Tremia de medo. A inflexão da voz de Leandro mudara. Dissera a ameaça como se fora a constatação da realidade. Uma ideia, então, fixou-se-lhe na mente. Quando possível, encontraria o filho e fugiria com ele para sempre. Resoluta, aprontou-se e partiu. Queria conversar com Raimunda, contar-lhe

quem era, agradecer-lhe os cuidados com o filho. Daria uma recompensa pelos anos de sacrifício. Seduziria a velha para que lhe entregasse o filho. Mostraria a certidão de nascimento. Estava lá o nome dela. O do pai não constava. Provaria que era a mãe, dizendo como o filho estava vestido. Recordou-se dos dizeres do bilhete. Imaginou que a criança estivesse internada, ferida. Haveria tempo para arquitetar o rapto.

Com essa determinação, chegou ao sopé do morro. Havia forte policiamento. Sua roupa chamou a atenção dos soldados. Viram que era uma das que prestam serviços a todos. Deixaram passar. As ruelas estavam movimentadas. Muitas crianças. Ao chegar diante da casinha de Raimunda, percebeu que havia gente estranha. Seguiu adiante, sem se deter. Não conhecia ninguém mas sabia quem poderia ser abordado. Pediu informações. A polícia estava de olho nos repórteres. Não queriam entrevistas. Perguntou por Raimunda. Desaparecida. Tinha ido embora, levando tudo. Mudara para local incerto e não sabido. Negrinha e faceira, disfarçava o interesse, dizendo-se aparentada de um certo Turíbio, morador antigo, sabidamente falecido. Desceu por outro caminho e desapareceu na cidade grande.

Só fora reconhecida por Alfredo, que não entendia o que se passara no barraco de Raimunda. De manhã, lá estava ela com três indivíduos. Voltara antes da hora do almoço e já não se encontrava. Não lhe foi difícil estabelecer contato com outros atendentes da espiritualidade, para descobrir para onde havia ido. Lá chegando, foi novamente barrado pela tela magnética dos obsessores. Regressou a Andaraí de Cima e ficou observando o movimento. Algo lhe dizia que a espera seria frutífera. Era como se recebesse recados telepáticos tenuíssimos de conhecidos protetores. Em outros ambientes, a comunicação far-se-ia integral. Naquele local, a estática das vibrações impedia o estabelecimento das comunicações em sua frequência vibratória.

Quando viu Isabel acompanhada por terríveis seres das Trevas, compreendeu que Orivaldo corria perigo. Desejou reconhecer quem lhe enviara as mensagens sutis. Imediatamente se fez presente um colega de curso, para levá-lo dali, a fim de conversarem. Naquele local, não havia condições fluídicas.

OS AMIGOS EM CAMPANHA

- Por que, Dráusio, há tanta vigilância sobre Isabel?
- São os beneficiários da maldade dos traficantes, que velam para assegurar à quadrilha o melhor sucesso.
- Não são os obsessores dela. Pelo menos, não os reconheci.
- Esses não teriam acesso a esta região.
- Que veio ela fazer?
- Estou acompanhando-a, por determinação de José, desde um mês atrás. Cobia-me fazê-la interessar-se pela sorte do filho. Veio-me a ideia de prendê-la ao vídeo, com o noticiário do tiroteio.
- Sabia do ferimento de Orivaldo?
- Não sabia. Queria que ela se lembrasse do filho, que deixara em Andaraí de Cima. A filmagem do guarda transportando a criança foi surpresa. Ainda bem que Raimunda veio junto.
- Garanto-lhe que não participei dessa ação.
- Estão envolvidos muitos interesses na proteção da vida do menino. Isso quer dizer que as ações da benemerência deverão atuar sobre as pessoas que lhe estão dando assistência.
- Isabel, o que está querendo, afinal?
- A causa de procurar Raimunda está em afastar de novo o menino do pai. Está buscando retaliação. Entretanto, alcancei fazê-la lembrar-se do pequeno com ternura. Pensou que tivesse morrido e

quis entristecer Leandro. Depois fraquejou emotivamente. Agora quer ter o filho de volta. É um bom começo para a recuperação desses laços cármicos.

— Mas o menino está em estado gravíssimo. José nos afirmou que superará a crise, mas não percebo como isso ocorrerá nas mãos de criaturas de tanta maldade. São poderosos esses obsessores, tanto que constroem muralhas energéticas, que me impedem a aproximação. Sozinho, não poderei fazer nada.

— Acredito que José não vá autorizá-lo a agir, pelo menos enquanto não se estabelecer rigoroso plano de abordagem dos pais. Isabel mesmo, se voltar para o meretrício, ficará disponível para os perseguidores e demais vampiros do sexo. Aí, não desafiará o antigo companheiro. Não resgatará o filho.

— Você tem algum projeto de influência?

— Tenho e foi aprovado por José.

— Dá para me revelar?

— É simples. Devo cuidar para que Isabel se mantenha interessada em ficar com o filho. Para isso, irá localizar o hospital em que se internou e verificar quem é o médico responsável por ele. Aí, tentará, de um modo ou outro, fazer-se reconhecer como mãe de Orivaldo, para convencê-lo a entregar-lhe a criança. Não é difícil, já que possui documentos idôneos. Entretanto, precisa do apoio de Raimunda e essa está presa a mando de Leandro.

— Como assim?

— Leandro imaginou que a polícia iria fazer Raimunda desaparecer e determinou aos capangas que a sequestrassem. Numa boa. Deu-lhe moradia bem melhor...

— Já fui atrás dela, mas o resguardo vibratório estava muito vigoroso.

— Pois, então. Como Mário irá acreditar em que Orivaldo é filho dela? Não se esqueça de que o nome do registro é Leandro, como o pai. Aí, sem o testemunho de Raimunda, só com exames especializados. Isso só se consegue por ordem judicial. Nesse campo,

Isabel não conseguirá lutar contra o poderio do ex-amante. Imagine que Isabel precise comprovar idoneidade perante o juiz. Prostituta, Leandro acabará moralmente com ela. Não se esqueça de que, oficialmente, ele é dono de restaurante bem conceituado.

— Você tem alguma ideia de como aproximar Isabel do Doutor?

— Não será difícil. O que temos a fazer é manter-lhe a lembrança do filho bem viva na memória, mesmo correndo o risco do estímulo aos sentimentos de ódio.

— Conversar com ela durante o sono, não seria possível?

— Seria, se obtivéssemos ajuda de todo o grupo mais a intercessão dos guardiães das esferas elevadas. Mas, aí, a deliberação não seria nossa.

— É verdade. Estou querendo resolver tudo pela minha cabeça.

Houve um momento de nostálgica impotência de ambos, na rememoração do que os fazia fracos, diante da malignidade. Mas Dráusio tinha trabalho a realizar e não podia desperdiçar mais tempo.

— Quer vir comigo, para sentir como está reagindo Isabel, após ter-se compenetrado de que Leandro deverá estar por detrás do sumiço de Raimunda?

— Vamos lá. Como não tenho forças para ficar ao lado de Orivaldo, posso assistir você, na emergência de buscar socorro.

Isabel perdera-se na multidão. Mas tinha determinado que encontraria o filho. Buscou um matutino no jornaleiro mais próximo. Sentou-se num tamborete de bar. Pediu refrigerante. Dispensou os gracejos do balconista, olhando fixamente para o jovem, deixando-o sem jeito perante os fregueses. E leu o noticiário relativo aos acontecimentos do morro. Não demorou para topar com o nome do hospital para onde se recolheram os feridos. Leu os nomes de Raimunda e de Orivaldo. O filho deveria estar lá.

Quando os dois protetores a localizaram, estava voltando de ônibus para casa. Não havia obsessão por perto. O campo vibratório do morro exercia o seu poder até os limites da atuação da quadrilha de narcotraficantes.

Dráusio instalou-se de modo a perceber os pensamentos da protegida e verificou que tinha a intenção de ir ao hospital. Mas precisava vestir roupa mais adequada.

Se tivesse dinheiro na bolsa, compraria um conjunto e não perderia tempo.

Era como que a resposta a uma observação telepática de Dráusio.

Alfredo se regozijava pela facilidade do amigo.

Ao menos, uma pessoa está podendo sentir os eflúvios benéficos dos protetores. Graças a Deus!

Acostumado a agradecer cada pequenina vitória no campo do socorrismo, Alfredo se pôs a orar com muita devoção, dando amparo magnético ao companheiro, para que exercesse mais proficientemente a tarefa evangélica. Enquanto rezava, emitia vibrações de muito amor, para que se transformasse a atitude de desprezo e de rancor contra Leandro em pensamentos de solidariedade e de comunhão fraternal, na criação do filho. Apanhou-se sonhando com ideais familiares equilibrados sobre as virtudes. Será que Isabel realizaria, nesta encarnação, os projetos delineados no etéreo e mal alinhavados na vida?

Não foi difícil de perceber que Isabel estava resolvida a alguma modificação fundamental de comportamento. Alfredo quis ver a influência de Dráusio mas não atinou com quais meios obtivera o impulso consciencial.

Isabel tinha economias. O suficiente para se aguentar durante bastante tempo em quarto de hotel sem classe, onde passara os últimos anos. Não se preocupou com o sujeito que a espoliava na qualidade de cafetão. Saberia como escafeder-se, se fosse preciso.

Tinha parentes que a agasalhariam, por algum tempo. Mas somente em último caso, porque Leandro teria facilidade para encontrá-la.

Enquanto traduzia os pensamentos da moça, Alfredo notou que havia paz ao redor. Dráusio, como se tivesse compreendido a reflexão, assinalou:

— Observou, meu caro Alfredo, que os obsessores não se aproximaram ainda? Sabe por quê?

— Imagino.

— Diga lá!

— Querem ver o circo pegar fogo. Estão sabendo de suas atividades e julgam que, se você aproximar os dois, irá provocar o desfecho da selvageria que o ódio desencadeará.

— Isso mesmo. Pensam que estamos trabalhando por eles. É bom que acreditem nisso, pois nos deixam o campo livre. Lamento, somente, por eles mesmos, porque não se permitem contaminar pelos eflúvios de regeneração espiritual que concentraríamos, para levá-los a meditar sobre as verdades evangélicas.

Vestida com roupa de cidadã comum, Isabel contou o dinheiro e decidiu tomar um táxi. Queria estar logo no hospital.

No caminho, foi pensando em que desculpa daria para conversar sobre a criança ferida. Não poderia aventar a verdade. Se Leandro estivesse controlando as visitas para o filho, seria descoberta.

Na porta do hospital, parou indecisa. Tirou o espelhinho da bolsa e avaliou a maquiagem. Estava com o rosto praticamente lavado. Era bonita mas percebeu o cenho excessivamente carregado. Se entrasse tão preocupada, chamaria a atenção. Notou que havia vários encarregados da segurança. Uniformizados. Pediria informações a um deles. Selecionou o que lhe pareceu mais confiável, pela cor negra e pela atenção dada aos transeuntes e dirigiu-lhe a palavra:

— Estou procurando o médico encarregado do pronto-socorro. É o Doutor Paulo ou o Doutor Roberto?

— O Doutor Paulo não está, no momento. O Doutor Roberto, eu não conheço...

— Será que fiz confusão com os nomes? Quem é o médico principal?

— É o Doutor Mário...

— Isso mesmo! Mário... Mário... — Isabel fingia vasculhar na memória o sobrenome esquecido.

— Doutor Mário Santana. Mas não vais poder falar com ele. É importante?

— Para mim é, sim. Estou procurando emprego e me disseram que o hospital está contratando faxineiras.

— A sessão de pessoal não tem nada a ver com os médicos.

— Mas não é o pronto-socorro...

— Se quiseres esperar, quando o Doutor sair, eu mostro quem é.

— Muito obrigada.

Discretamente, Isabel foi sentar-se num banco, à vista do guarda. Mas não deixou de ocultar-se aos que entravam e saíam.

Se for preciso, passo a noite aqui.

ISABEL CONVERSA COM MÁRIO

Por pouco não se dá o encontro entre Leandro e Isabel.

Com a desculpa jurídica de avaliar o estado geral da criança, o comerciante, vestindo casimira inglesa, passou sem ser molestado pelos porteiros advertidos pelos representantes da ilegalidade. Adiante dele caminhava uma enfermeira que, com gestos imperceptíveis, lhe ia indicando o caminho.

Lá estava o Doutor Mário, providenciando.

A enfermeira entrou e lhe pediu para ir conversar com o Doutor Darci.

Assim que saiu, Leandro pôs-se perante o filho desfalecido. Tinham cinco minutos a sós.

Como está crescido! E como está acabado! Deixa estar que as madames vão ver! Com essa cor, não poderei apresentá-lo à sociedade. Mas iremos a muitos lugares juntos. Você vai ver! Você vai ser muito importante para a comunidade. Vai estudar. Vai aprender a dirigir as pessoas. Vai ter o que o dinheiro pode comprar. Eu prometo.

O menino se mexeu e o pai se preocupou. Os gemidos eram murmúrios. Leandro abaixou-se junto aos lábios:

— Mãe, fica mãe! Mãe...

Encheu-se de ódio o coração do traficante, que se deixou quedar perdido no tempo, até que a enfermeira o veio buscar.

Saíram por passagem lateral, justamente onde se encontrava Isabel. Entretanto, não se viram. porque, no justo instante, o guarda se aproximara para avisá-la de que o setor de pessoal fecharia dentro de dez minutos. Se quisesse inscrever-se, deveria ir já.

Alfredo e Dráusio é que tinham providenciado o desencontro. Fora-lhes fácil sentir a presença de Leandro pela movimentação dos obsessores. O segurança deu acesso à influência mediúnica, acostumado ao candomblé, e aceitou avaliar a hora para a informação.

Isabel se informou sobre como chegar ao escritório e seguiu pelos corredores, temerosa de encontrar gente conhecida. Pensava que o prédio estaria sob vigilância dos repórteres, mas não viu nenhum. Também não encontrou Raimunda, que poderia estar preocupada com Orivaldo.

A moça que a atendeu no guichê foi extremamente gentil, dando-lhe todas as informações de salários e turnos. Pediu-lhe a carteira de trabalho e os demais documentos. Isabel atrapalhou-se. Providenciaria. Até quando estariam abertas as inscrições? Permanentemente. O pessoal da faxina não para no emprego. Teria Isabel o curso primário completo? Infelizmente, não poderia ser admitida noutra setor. Havia vagas para auxiliar de cozinheiro, atendentes de enfermagem e segurança feminina. Mas precisava de cursos. Levasse o prospecto do hospital e voltasse quando estivesse de posse de todos os documentos.

— Será que no pronto-socorro há vagas?

— A faxina é feita onde a Chefe da Manutenção determinar. Pode ser no pronto-socorro, na unidade de terapia intensiva, nos quartos, nas toaletes. Para a limpeza das salas da administração, só os mais antigos. Volta que serás admitida. Vagas sempre temos. Agora preciso fechar.

Isabel se viu só no corredor. Dentro das portas foscas, podia perceber que os funcionários se movimentavam. Alguns começavam a se retirar. Acompanhou-os. Na saída, o relógio do ponto enfrentava uma fila. Aguardava-se que os ponteiros se ajustassem. Não esperou. Voltou ao salão em que estivera antes. O guarda que a atendera não estava. Duas ou três pessoas perambulavam pelo local. As consultas tinham terminado. Não poderia ficar avulsa que alguém viria interpelá-la. Precisava tomar alguma iniciativa.

Dirigiu-se ao deserto balcão de informações e achou uma folha de papel amarrotada. Estendeu com todo o cuidado para não rasgar e escreveu com o pincel do batom:

Doutor Mário Santana. A criança baleada tem mãe e tem pai. Manda uma resposta pelo guarda. Obrigada!

Procurou quem pudesse levar o bilhete. O pessoal estava reduzido. Deu a volta por fora do hospital. Verificou que havia entrada para o atendimento de emergência. Ali, havia bastante gente. Percebeu que o local era vedado aos estranhos. Havia três seguranças e dois motoristas conversando. Hesitou. Não queria chamar a atenção sobre si. Sentou-se num banco de pedra e aguardou que alguma ideia surgisse.

Nisso apareceu um médico. Seria o Doutor Mário?

— Doutor Mário!... Doutor Mário!... — Era alguém de dentro. Este se voltou e readentrou o prédio.

Agora ela sabia quem era o médico. Não sairia dali até que voltasse. Mas não precisou esperar muito. Cinco minutos. Não poderia temer as consequências de suas atitudes em defesa do filho. Correu e se pôs à sua frente. Tremia um pouco, porque não sabia o que dizer.

— Posso ajudá-la, querida?

A voz era suave, cativante. Resolveu mostrar-lhe a papelada da secretaria:

— Vim para ver se consigo trabalhar aqui, mas me pediram os documentos. Foram roubados há dois meses e só tenho a certidão

de nascimento. Disseram que deverei tirar segunda via, mas isso vai demorar muito tempo e não tenho como me sustentar. Tenho passado até fome. Será que o senhor poderia me arranjar a vaga? Eu prometo trazer os papéis assim que ficarem prontos.

Enquanto Isabel falava, Mário a observava com olhos clínicos. Diria que a fome não deveria ter sido muita nem as roupas eram tão miseráveis. Os sapatos, principalmente, eram finos e as unhas dos pés, bem feitas. Sentiu o médico que a jovem mentia. Mas se deixou tocar pela insistência da rogativa. Havia na voz inflexão de verdadeira angústia. Quis, curioso, deslindar o problema:

— Eu não tenho como te ajudar. As normas do hospital são rígidas. Se eu te conhecesse, talvez te pudesse apresentar. Tens carta de referência do último emprego?

Isabel percebeu que não avançaria. Deixara-se seduzir pela ideia de trabalhar ali, para a eventualidade do rapto. Precipitara-se ao conversar com o médico. Resolveu abrir o jogo:

— É o senhor que está tratando do menino baleado ontem?

— Orivaldo?

— Esse mesmo.

— Qual é o teu interesse?

— É meu filho.

— Não consta o nome da mãe.

— Eu abandonei ele há uns cinco anos. Depositei o coitadinho nas portas de uma preta velha para que cuidasse dele. Dona Raimunda. Agora estou querendo recuperar a criança.

— E eu? Que é que eu tenho com isso?

— O senhor pode entregá-lo a mim e não ao pai.

— Não tem pai.

— Tem pai, sim, e ele não pode tomar conta da criança.

Mário olhou para o relógio. Fazia-se tarde para voltar para casa. Regressaria depois para o plantão noturno. Não estava confiando na veracidade das informações da jovem.

— Por que não procuras a polícia e revela tudo? Lá eles irão te encaminhar ao Juizado de Menores. É o caminho certo e seguro. Eu é que não posso fazer nada. Acho que estás equivocada...

— Não posso ir à polícia.

— Nem eu posso fazer nada. Se me permitires, preciso trabalhar.

Mário se afastou rapidamente, deixando Isabel sem saber o que pensar. Nada havia dado certo. E ainda despertara a atenção para si. Se o médico quisesse, iria dar parte dela à polícia, para as investigações. Sem saber o que fazia, mecanicamente, sentou-se no banco à entrada do pronto-socorro. Ali, ninguém iria estranhar a sua atitude, tanta gente havia aguardando notícias dos desastrados de cada momento.

Quando Mário voltou, três horas depois, encontrou-a no mesmo lugar.

ISABEL SE EMPREGA

Ao retornar para casa, Mário estava extremamente preocupado. Não dera atenção à jovem e começava a verificar que poderia tê-la colocado em perigo. Era natural que devesse pensar assim, pois sabia quem era o pai de Orivaldo. Ou, ao menos, conhecia seu poder de fogo. Conversaria com Marlene. Quem sabe lhe sugerisse algo para reparar o erro.

De fato, ao expor a ela a conversa com a pretensa mãe, à qual prestou a esposa total atenção, foi logo advertido:

— Se a moça estava tão tensa, por certo queria a tua ajuda. Deixá-la naquele local vigiado, não poderá fazer as coisas melhorarem. A criança não foi abandonada? Então, o pai deve estar querendo vingança. Não teria sido...

— Que é que eu poderia ter feito? Você não sabe que tem gente atrás de mim? Gente que manda e desmanda no hospital. Até o Darci está com o rabo preso...

Marlene não sabia o que sugerir. Pensava em que a moça deveria ficar protegida.

— Se ela conseguir emprego no hospital, vai cair nas mãos do... marido?

— E eu lá sei! Amante, amásio, *concupino*... Não tenho ideia.

— Pois, se tivesses conversado melhor com ela, irias saber.

Marlene adivinhava o enredo rocambolésco e queria participar da trama.

— Pois achei imprudente ficar dando ouvido a uma pessoa que pretende a maternidade de uma criança superprotegida pela marginalidade...

— ...que te cabe fazer que sobreviva. Deixando a mãe lá, pode acontecer algo muito ruim para nós. Se ela raptar a criança, quem vai ser o maior responsável?

Mário refletiu que havia perigo também para si.

— Mas que fazer, santo Deus?

O ato de invocar a Deus estava impregnando-se-lhe na mente. Marlene é que não perdoou:

— Agora se lembra de Deus, mas ir à missa que é bom...

— Não vamos desviar o assunto. Se sabes o que fazer, diz logo. Estava formando-se um plano audacioso na mente da mulher:

— Joana está muito sozinha, desde que Pedro morreu. E está ficando velha demais para tanto serviço. As crianças estão em idade de fazer bagunça. Há espaço lá fora para mais uma pessoa...

— Não estás querendo que... Empregada? Aqui? Aí, sim, que vai ser grande o risco. A família toda vai ficar envolvida.

— Mas teremos controle sobre os movimentos dela. Se está precisando mesmo do emprego...

— Eu acho que foi só desculpa. A roupa e os sapatos eram finos...

— Se for só desculpa, ela se manda e fim! Não custa tentar.

— Agora é tarde. Eu não pedi o endereço. Deve ter ido embora.

— Eu duvido. Eu acho que vais encontrar a moça a tua espera.

— Vamos dizer que sim. Que é que faço?

— Não leves para dentro do hospital.

— Mas eu tenho o que fazer.

— Volta mais cedo. Se ela estiver lá, vem com ela para casa para conversar.

— Você está louca! Isso eu não faço.

— Então, leva para longe de lá e pergunta tudo direitinho. Quem sabe a minha ideia seja aprovada.

Ao divisar Isabel, Mário compreendeu que Marlene poderia estar certa.

— Como é mesmo o teu nome?

— Isabel.

— Vem comigo!

Mário a colocou no carro e acionou o motor. Não tinha para onde ir, mas conversariam no veículo em movimento. Instintivamente, tomou o itinerário de casa.

— Como se chama o teu marido?

— Leandro.

— O que é que ele faz?

— Não sei.

— Como assim?

— Ele nunca foi meu marido. Vivemos quatro anos juntos. Mas ele nunca parava em casa. Eu não sei o que ele faz. Uma vez eu perguntei e ele me mandou calar a boca. Falou que o dinheiro era suficiente...

Isabel lembrava-se muito bem da conversa, quando Leandro a fez calar a boca, falando da zona de meretrício.

— E você, o que fazes?

— Estou desempregada.

— E o que fazias?

— Era doméstica.

— E a patroa não te deu carta de referência?

— Ela não queria me deixar sair. Mas eu tinha de recuperar o meu filho.

— Eu vou ser bem sincero. Não acho que a tua roupa, as tuas unhas, a tua bolsa sejam de empregadinha...

— Eu trabalhava para uma dona muito rica. Mas isso não tem importância. Se o senhor me ajudar, eu arrumo emprego no hospital.

Mário percebeu que Isabel, realmente, não conhecia o risco de ferir o traficante. Marlene tinha razão. Era preciso levar a jovem a perceber o perigo que corria. Deixaria isso por conta dela.

— Quer trabalhar em minha casa?

Isabel foi pega de surpresa. Ficou sem saber o que pensar. De cara, não gostou da ideia. Iria ficar longe do filho. Por outro lado, vislumbrou a possibilidade de acompanhar o tratamento. Para isso, deveria se submeter a trabalho que jamais fizera. Será que o médico não tinha família e estava com ideias? Arriscou uma pergunta, para ver se pescava alguma coisa das intenções:

— Por que essa proposta agora?

— Estamos precisando de mais uma pessoa para ajudar na arrumação das coisas. Minha mulher está se queixando de que a velha empregada não dá conta do serviço. Você faria companhia para ela, que enviuvou faz algum tempo, e ajudarias a cuidar da limpeza, que as crianças estão dando trabalho. Só que terias de morar lá.

— Quando começo?

— Se quiser, eu te levo para minha casa, que está muito tarde. Amanhã, vais buscar as tuas coisas. Com quem moras?

— Moro sozinha, num barraco, na Penha. Tenho poucas coisas. Deixo os móveis lá e aviso os vizinhos para tomarem conta. Vou poder alugar, para tirar mais algum.

Ficaram em silêncio os poucos minutos até a chegada.

Marlene não pareceu surpreendida com os dois. Apenas admirou a beleza plástica da mulata. Mário não a descrevera devidamente. Mordeu os lábios, para não demonstrar o sentimento

de intranquilidade que a dominou. Devia ter desconfiado, quando o marido disse que estava bem vestida. Cheirou logo que Isabel tinha trato com o próprio corpo. Pôs a pulga atrás da orelha.

— Muito prazer. Quer dizer que aceitas vir trabalhar aqui?

Isabel, sem se intimidar pela desenvoltura da mulher, compreendeu desde logo que ela estava a par de seu drama.

— O Doutor Mário foi muito gentil. Eu queria mesmo era o emprego no hospital...

— Vem comigo, querida. Vou te apresentar a Joana.

Nessa hora, Mário já estava dirigindo o carro de volta.

DRÁUSIO SE REGOZIJA E SE PREOCUPA

Enquanto Alfredo se punha muito jururu com a introdução de Isabel na casa de Marlene, Dráusio agradecia ao Pai a misericórdia de aproximá-la de um lar equilibrado pelo respeito conjugal e pelo amor familiar. Eram coisas que a jovem jamais encontrara na vida.

— Você não teme que seja descoberta quanto ao fato de ser prostituta e vir a ser repelida pelo médico, que a deixará sem o filho?

— Não vou pensar em probabilidades. Não lhe dizia que o meretrício poderia prejudicar o nosso trabalho? Pois, agora, se conduzirmos direito os pensamentos de todos, poderemos incentivá-la a desistir da profissão.

— Eu não vejo futuro nesse emprego de doméstica.

— Nem eu. A nossa pombinha não se acostumará à gaiola, mesmo de ouro, mas dará um tempo para podermos providenciar.

— Que tem você em mente?

— Que acha de provocarmos Joana a que busque a verdade?

— Iremos jogar uma contra a outra...

— Não, necessariamente. Basta que façamos que Isabel perceba que tudo nesta casa se faz com boa vontade, em prol dos

semelhantes. Não é verdade que Mário, de certa forma, sacrifica a família, dando atenção à pobreza?

— E daí?

— Vamos fazer que Joana elogie os patrões, o que não será difícil, à vista de tanta ajuda que vem recebendo. Conforme as respostas de Isabel, poderá comovê-la. Além disso, as crianças são amoráveis, educadas. Se se afeiçoarem à juventude de Isabel, poderemos estabelecer liames de benquerença que se fortalecerão mais tarde em relação ao filho.

— O que temo na moça é a facilidade com que tem inventado situações. Como responderá ao fato de não ter carteira de trabalho, se estava bem empregada? Vai dizer que foi roubada? Que perdeu? Aí, terá de buscar um número hipotético, em registros oficiais. Obter carteira nova é fácil, mas ir até a suposta patroa para dar baixa, será muito difícil. Se fosse com Leandro, tudo se faria num passe de mágica, que a marginália...

— Não vamos construir castelos quiméricos. Pensemos positivamente. A verdade é o que interessa. Se bolarmos um plano para que venha à tona, tudo se arranjará. É uma questão de termos confiança em quem a agasalhou, sabendo, embora, do risco de enfrentar o pai contraventor.

— Isso é verdade.

— Então, vamos passar a noite...

— Ou parte da noite...

— Certo. Vamos passar umas horinhas imaginando qual será o melhor meio de levantarmos o véu da existência da pobre mãe, para a família de Mário.

Isabel não se agradou muito do quartinho minúsculo, mas avaliou que havia um bom banheiro para as duas e percebeu que tudo era muito limpo. Joana a recebeu com reservas. Negra também, tinha pelas jovens preconceitos sérios. Avaliou o corpinho da ninfa e pensou que, no mercado de carne humana, deveria ter

valor superior ao das tarefas domésticas. O fato de ter aparecido no meio da noite, obrigando-a a levantar-se, não era indício de que se tratava de algo muito normal.

Marlene advertira:

— Amanhã, vamos esclarecer todos os fatos, já que precisamos fixar os limites das atribuições. Boa noite às duas. Vejam se se entendem sobre as acomodações. Como temos dois quartos disponíveis, está garantida a privacidade de cada uma. Quanto aos móveis, se for preciso, mobiliaremos a contento. Durmam bem!

Caprichava no vernáculo, que era como exercia poder sobre os subalternos. Caberia a Isabel admirar tanta facilidade mental. Entretanto, voava com asas não aparadas, de modo que manobrava em sentido oposto. Não foram poucos os homens que se utilizaram dos mesmos recursos, sempre para a mesma conclusão. Passou-lhe pela mente que, se Marlene insistisse nessa atitude, estaria na sua mão, pela frieza do raciocínio e pelo tirocínio dos relacionamentos. Não pensou nesses termos, mas Dráusio e Alfredo interpretaram assim.

Assim que a patroa se retirou, Joana estabeleceu os seus domínios:

— Eu fico com o quarto maior, onde estão as coisas do finado. No teu aposento, ainda estão coisas minhas, mas amanhã eu guardo tudo. Quando vais trazer o resto da bagagem?

— Se me dispensarem amanhã à tarde, vou buscar as roupas e uns poucos objetos. Não pretendo trazer muita coisa.

— Não te preocupes, que tudo vai dar certo. O Doutor Mário é muito bom e Dona Marlene quer as coisas todas no lugar, de modo que quanto menos badulaques no quarto melhor. Amanhã eu te chamo às seis. Será que vais aguentar levantar cedo?

Jogava verde. Colhia verde:

— Estou acostumada a levantar às cinco. Não precisas me chamar. Acordo sozinha. Boa noite.

A cama, dizem, é boa conselheira. Isabel, Joana e Marlene, sob o mesmo teto, receberam influências bem distintas.

De manhã, às seis, Joana batia na porta de Isabel:

— Seis horas. Vamos levantar? — De si para si: *“Essa daí, parece que vai dar trabalho!... Queira Deus que não!...”*

Mas Isabel estava acordada e pronta para atender ao chamado. Deixara a velha prevalecer, que assim lhe dissera o travesseiro.

— Já estou indo...

A manhã passou na azáfama das crianças. Os dois mais velhos iam a escolinha infantil. O mais novo, com seus três aninhos, ficava reinando pela casa, arrastando os brinquedos e puxando a saia de Joana na cozinha. A presença de Isabel o desconcertou de início, até que percebeu que não iria tirar farinha com ela, que não aceitou o pontapé que lhe deu. Foi carregado até a sala, com muito cuidado, mas algumas palavras duras lhe fizeram ver que não deveria tentar novamente. As mãos eram delicadas mas firmes. E o vinco na testa muito expressivo.

Dráusio se entusiasmava pelas cenas em família. Alfredo olhava com desconfiança.

Mário voltou às dez e foi deitar. Pediu para não deixarem que a criança o acordasse. Estava extenuado. De passagem, dirigiu-se a Isabel:

— O menino está reagindo bem aos medicamentos.

Lembrou-se de que a mãe não lhe perguntara nada sobre o estado de saúde do filho. Talvez esperasse que ele lhe dissesse tudo. Não adiantaria nada mais, porque queria sentir o interesse dela. Mas Joana estava rondando a sala, de modo que resolveu deixar a conversa para depois. Avisou que levantaria às quatro mas, se chamassem do hospital, era para avisá-lo. Explicassem para Marlene, quando voltasse com os mais velhos.

Isabel reconheceu a delicadeza do Doutor em não chamar a atenção diante de Joana para a existência da criança. Voltou para a cozinha, onde foi instruída pela outra para cuidar do Joãozinho. Ela daria conta do almoço. Quando a patroa chegasse, iria aprender a arrumar a mesa.

No outro plano, Alfredo constatou que se formava, em torno da casa, área de proteção estabelecida por seres desqualificados. Estava o médico e se impedia que surgissem criaturas que pudessem desequilibrar a vida de quem estava cuidando de Orivaldo. Mas a vibração era por demais tênue, nada que pudesse assegurar aos vigilantes que espíritos da condição dos socorristas estivessem a serviço naquele ambiente. Como a casa se situava dentro dos limites estabelecidos pela segurança do morro, os malfeitores de Isabel tinham perdido a ascendência sobre ela. Sem querer, a dupla atividade das forças obsessoras dos traficantes punha de resguardo aquela que seria alvo da vindita de Leandro. Isabel respirava desafogada, como nunca antes.

Depois do almoço, hora da sesta das crianças, Marlene quis estabelecer o *modus vivendi* das serviçais. Chamou as duas e relacionou as atividades, dando a Isabel o encargo de ficar com os petizes a maior parte do tempo. Mas não deixou de fixar-lhe as obrigações da limpeza dos quartos, da sala e dos banheiros. Disse qual seria o salário e lhe pediu a carteira de trabalho, para registro.

— Está com a antiga patroa. Precisa dar baixa. Na primeira folga, vou buscar.

— Muito bem. Sei que estás precisando pegar as roupas. Dá para voltares antes das cinco?

— Acho que sim. Se tiver sorte com a condução.

— Nesta hora é mais fácil. Mas tens de sair já!

Dráusio se preocupou com a viagem. Deveria cercar a moça de cuidados. Iria passar pela barreira externa. Precisaria agir rápido. Com o auxílio de Alfredo, envolveu-a de fluidos benéficos, para o disfarce da inocuidade das vibrações contra o médico. Nem precisava, que a moça principiava a admirá-lo. Mais ainda, a estimá-lo. Não foi reconhecida como mãe de Orivaldo, que Joana se encarregara, inconscientemente, de informar que se tratava da companheira por quem tanto rogara.

Faltava vencer os obsessores do meretrício.

ISABEL PROVIDENCIA

Ficou Dráusio com Isabel e Alfredo partiu para avaliar o perigo que a moça enfrentaria.

No hotel, não havia obsessor conhecido. Os infelizes que por lá se encontravam morrihavam o cansaço da noite, juntamente com as vivalmas. O porteiro era o único desperto, por assim dizer, que rendera o da noite pela manhã, mas sentia pesados os olhos, pela cachacinha do aperitivo.

Na rua, as primeiras mulheres apareciam para a matinê dos maridos infiéis. Nenhuma arruaça, porque duas viaturas policiais quedavam estacionadas na esquina, enquanto havia claridade. Desapareceriam com o Sol.

Isabel tomou um táxi, para levar a efeito todos os objetivos da excursão. No caminho, foi estabelecendo de memória o rol das roupas que poderia mostrar para Joana, sem escândalo. Sobravam apenas três conjuntos mais discretos, mesmo assim bastante ousados para os padrões burgueses da família do médico. Além do mais, não tinha qualquer roupa que pudesse fazer passar como uniforme do *antigo* emprego. Mas aí se perdia em conjecturas, porque pouco entendia desse figurino.

Quando o carro estacionou, pediu ao motorista que aguardasse. Não demoraria.

Dráusio recebeu os informes de Alfredo com reservas. Não descartava a possibilidade de as vibrações de Isabel despertarem os que a seguiam, a partir das trevas umbráticas. Fez o que pôde para isolá-la com seus pobres recursos magnéticos, coadjuvado pelo amigo, preparado para invocar a ajuda de colegas socorristas.

— A Sandra está lá em cima?

— Não vi descer.

Isabel queria fazê-la herdeira das roupas. Era onde estava concentrada boa parte de seus haveres.

Bateu no quarto da amiga, que abriu com cara de quem ainda estava dormindo.

— Vem comigo! Calada!

Entraram no quarto de Isabel. Esta convocou a amiga para sentar-se ao seu lado na cama:

— Vou deixar esta vida por uns tempos. Não me pergunta nada. Você fica com as roupas e os sapatos. Me ajuda a encher as sacolas com tudo que encontrares, alfinetes, pentes, cremes...

— Para onde tu vais?

— É segredo.

— E o Vivaldo? Ele vai atrás. Vai querer a parte dele da proteção. O malandro não faz nada, mas nos livrou da cadeia algumas vezes.

— Vou escrever um bilhete e você entrega a ele. 'Tá legal?

— Eu não quero problemas do meu lado.

— Não te preocupes. Eu já te dei motivos...

— Tu não, mas ele sim.

— Espera aí.

Havia papel e caneta. E envelopes. Isabel não sabia escrever muito bem, mas garatujou umas frases contundentes:

Vivaldo, querido, a AIDS me pegou. Levo todo o dinheiro e deixo os clientes para a Sandra. Vá à merda!

Não deixou a amiga ler e lambeu a cola do envelope. Pôs o nome do cafetão e recomendou que só entregasse ao filho da mãe.

Sandra conhecia o guarda-roupa de Isabel e se torcia no desejo de se apoderar das peças.

— Não vais querer nada de volta?

— De jeito nenhum. Podes ficar até com o quarto, se achares melhor do que aquele malcheiroso do fundo do corredor. Aqui o guarda-roupa tem um fundo falso. Queres ver?

Afastou uma tábua por detrás das gavetas e de lá retirou uma bolsa. Examinou o conteúdo e viu que não faltava nada. Havia joias, talão de cheques, documentos, fotos e pequenas lembranças infantis.

Em vinte minutos, dava sumiço no principal e deixava as sobras em evidência.

— Mostra ao Vivaldo que estou deixando tudo, para que não pense que vou pras garras de outro sem-vergonha. Não ganhei na loteria nem vou ter vida regalada. Mas não quero voltar mais para este pardieiro. Se tu criares juízo, vais querer também fazer vida de outro jeito. Vinte e três anos e já conheço muito bem o mundo.

— Me deixa teu endereço. Um número de telefone.

— Se quiseres conversar comigo, liga pro meu irmão. O número é este.

Escreveu na parede mesmo.

— Até outra hora.

Sandra queria mesmo ver Isabel pelas costas e nem a acompanhou até a portaria.

— Vou deixar tudo pago. Depois, vê se te entende com o gerente.

Não era grande o volume que levava.

Na portaria, perguntou se devia alguma coisa, já que pagava adiantado. O sujeitinho quis extorqui-la, dizendo que não deveria sair sem que vistoriasse as acomodações.

— Estou levando só o que é meu, ou você acha que neste pacote estão as riquezas dos tapetes, toalhas e cortinas?

Virou as costas e deu de cara com Vivaldo que entrava.

— Onde vais com tanta pressa?

— Estou fora!

— Que fora, que nada!

O motorista a esperava encostado à porta do carro. Quis ajudar:

— Moça, preciso ir andando. Quer pagar o que me deves?

— Tu não vais escapar assim fácil. Ontem não trabalhou. 'Tá pensando que é gente?

Agarrou-a pela blusa, ameaçando sentar-lhe a mão. Isabel não hesitou. Deu-lhe um pontapé e correu para o carro. Mal deu tempo para trancar a porta. O motorista se atracou com o rufião mas a movimentação havia chamado a atenção dos policiais. Um trilar estridente arrefeceu a exaltação dos ânimos e ambos se separaram, aproveitando-se o taxista para ir embora.

— Moça, você me deve uma.

— Não vais te arrepender.

Só aí Isabel notou que estava com a unha cheia de sangue. Rasgara a pele do malandro.

— Que se dane!

Três quarteirões adiante, estava tranquila, pensando no que deveria fazer. O Banco em que tinha conta ficava no Centro. Pediu ao motorista que fosse para lá. O trânsito estava favorável. Em pouco mais de dez minutos, descia e dava polpuda gorjeta ao protetor caído do Céu.

Aguardou que a pequena fila se desfizesse à sua frente e solicitou do caixa que encerrasse a conta, retirando todas as economias.

— A senhorita quer levar em dinheiro ou aceita cheque administrativo?

— Me dá um tanto em dinheiro e o restante em cheque.

— Quanto?

— Três mil em dinheiro.

— Vou preencher o cheque. Queira aguardar.

Daí a pouco, aproximou-se um senhor engravatado. Queria saber se a cliente estava aborrecida com o tratamento.

— Estou mudando-me para São Paulo. Lá abrirei conta no mesmo Banco.

— Podemos efetuar a transferência, em momento oportuno. Não é melhor do que carregar essa importância contigo?

— Não. Prefiro correr o risco. Está bem?

Impacientava-se, que suas mentiras pareciam ter pernas bem curtas.

Livre do gerente, teve de esperar mais dez minutos até receber o cheque devidamente registrado.

Com o dinheiro na bolsa, percorreu as lojas de armarinhos, não levando mais que quarenta minutos para adquirir roupas adequadas para mostrar a Joana e a Marlene. Tomou o cuidado de retirar as etiquetas e de não deixar nada embrulhado com os papéis das lojas. Colocou junto com as calcinhas, sutiãs, meias e demais roupa antiga, tendo tido necessidade de comprar outra sacola maior. Agora parecia estar de mudança.

Eram três horas. Daria tempo para depositar o cheque em outro Banco. Não tinha certeza se Vivaldo sabia das posses, mas poderia ter interceptado a correspondência bancária. Assim estaria mais sossegada. Tinha anotado o endereço do médico e o telefone.

Ficaria um tempo sem talão de cheques, mas o dinheiro vivo resistiria.

Quando preencheu o local relativo à profissão, assinalou *estudante*. À vista do valor do cheque, não puseram embargos à abertura da conta.

Chegou de volta, sem mais atropelos, às quatro e meia. Foi diretamente para seu quarto, que estava desimpedido, e dispôs as roupas no armário e na pequena cômoda. O mais deixou embrulhado para arrumar depois. Apresentou-se em seguida a Marlene, para o relato conveniente. Mário, contudo, estava presente e Isabel não pôde desenrolar o pergaminho das mentiras.

Dráusio e Alfredo confiavam em que tudo havia dado certo.

OS PLANOS INTERAGEM

Aquela segunda noite, sob lençóis limpos e perfumados, trouxeram inquietação à jovem prostituta. A condição humilde de empregada doméstica cerceava-lhe a liberdade. Mesmo o hábito dos palavrões se inibia e a conversa em tom de voz bem mais baixo parecia tornar sagrado o ambiente do lar. É verdade que Joana não lhe dera sossego, com o *faça isso e mais aquilo* a lembrar-lhe, a cada momento, quem é que mandava e quem é que obedecia.

Mas a segurança do dinheiro capitalizado no belo prédio mais a tranquilidade de se ter tudo à mão faziam que divisasse futuro de realizações familiares, como a criação de filhos, estímulo imprescindível para que a pessoa se sentisse parte ativa da comunidade.

Nunca dedicara tanto tempo aos pensamentos idôneos. Era novidade absoluta dentro da cabeça doidivas de quem sempre recorreu a expedientes para sobreviver. Mesmo com Leandro, nem o período de *lua de mel* lhe trouxera estabilidade emocional, que o amante era prepotente e não cansava de falar a respeito de tê-la retirado da *vida*.

Fugia de pensar nele. Fora por demais humilhada, pisada. Nem que fosse escrava, não teria sofrido tanto...

Dráusio oferecia vibrações positivas, desde que a moça, pela primeira vez, se punha tão dócil à influência.

Enquanto trabalhava, expunha a surpresa a Alfredo, mediante a capacidade de absorção das ideias pela protegida, principalmente porque incentivava que a linguagem não decaísse para a grosseria das expressões chulas, no que era em grande parte atendido.

— Vamos ver se a induzimos a revelar a profissão ao médico e esposa.

Alfredo punha dúvidas:

— Não será muito cedo?

— Pior se descobrirem por si mesmos. Se a iniciativa for dela, poderá contornar vários problemas.

— Acho que vai ser muito difícil.

— Eu também. Mas não custa tentar.

Os dois se concentraram, um para passar os pensamentos, outro para manter o ambiente magneticamente favorável ao fenômeno mediúnic da inspiração. Não havia interferência externa, como se tudo decorresse sob a influência de seres espirituais de superior categoria.

Isabel derivava para as recordações do tempo em que carregara o filho no colo e dele cuidara com carinho. Revia Leandro brincando com o nenê e a alegria do filho a cada reencontro. Mas as mulheres debochadas foram ocupando o tempo do mandrião. Queriam que participasse das carícias. Sabia bem o que era isso. Fizera antes e voltaria a fazer depois. Não aceitava, porém, que aquele que lhe prometera amor eterno a diminuísse e arrastasse pela sarjeta dos vícios.

Relampejou-lhe no cérebro a intuição de que poderia até continuar a se prostituir, tendo Leandro como proxeneta. O que não admitia era a devassidão moral da mãe, perante o filho.

Isabel não era de chorar. Chorara, é certo, quando abandonara o menino. Mas foram lágrimas que se secaram pelo ódio ao amante.

Prometera a si mesma que recolheria a criança em um mês, se não fosse presa pelo assassinato do amásio. Deixara-se, entretanto, impressionar pela mais que certa acusação do filho. Foi deixando o projeto para depois, até que o meretrício lhe propôs a derrota mais sentida. Há cinco anos, a vergonha da revelação de quem era ao futuro adolescente conseguira afastá-la dele. Era a influência dos xingamentos que ouvia dos filhos contra as companheiras de prostíbulo.

Deixou-se embalar pela lembrança das noitadas em que fazia *strip* numa boate elegante. Mas as mais clarinhas, as loiras e as ruivas eram preferidas, de modo que o dinheiro era mais farto na rua.

Desejava dormir e se revirava na cama, buscando lembranças mais amenas, mais prazerosas.

Como é que vou contar ao Leandrinho, quando tiver idade para compreender? Será que o pai poderá educá-lo melhor? Isso não vou saber, sem decifrar o mistério dessa vida. Como será que está do ferimento? Mário diz que está bem. Mas se não abrir o jogo com o casal, quando é que ficarei sabendo os detalhes do tratamento? Quando é que estará na hora de ir buscá-lo, para não dar ao pai o gosto? Tenho medo de quê? De perder esta mordomia? Me viro em qualquer lugar. Se me mandarem embora, fico na minha...

Dráusio piscava para Alfredo, achando que havia conseguido.

— Eu vou ficar vigiando e você dá uma volta pela casa para saber se o casal está adormecido. Caso dê para conversar com eles, sem risco para Isabel, iremos os dois.

Alfredo, ao sair da edícula das empregadas, logo percebeu que o local estava sob vigilância dos obsessores dos traficantes. Aquela resistente muralha vibratória contrastava com a fragilidade da magnetização da tarde.

Voltou para o quarto.

— Impossível romper o bloqueio dos malfeitores. Se Mário ou Marlene estiverem disponíveis, deverão estar inacessíveis para nós.

— Então, vamos ter de bolar um plano para o momento em que Isabel expuser a verdade a eles. Não há de ser difícil, mas não podemos correr riscos inúteis. Se ela se vir perseguida, não tardará para afastar-se de nós, pela maior facilidade de conjugação vibratória com os obsessores.

— Vamos orar e abrir os corações, para recebermos o influxo de bondade dos maiores.

Mário voltara do hospital à meia-noite e deixara Orivaldo consciente. O menino não tinha manifestações de vontade, largado no leito. Declarara-se profunda anemia e necessitara de transfusão de sangue. Pela primeira vez, o médico avaliou o esforço dos traficantes. Em meio ao pessoal, perguntou a respeito das reservas de plasma. Em duas horas, mais de quinze doadores se apresentaram, todos com o tipo sanguíneo apropriado para o paciente.

Em casa, encontrou Marlene à sua espera. Tinha novidades:

— Isabel está se dando bem com as crianças. É enérgica e quer tudo de acordo. Só que faz perguntas tolas, como se desconhecesse quase tudo...

— Eu bem estava desconfiado... Doméstica? Jamais...

— Joana acha que se trata de uma qualquer. Diz que não tem educação nem respeito pelas coisas. Viu as roupas que trouxe. Muita coisa boa misturada com peças sujas. Tem cremes caríssimos. Tudo de primeira. O que está mais limpo dá impressão que saiu da loja.

— Como se pode saber uma coisa dessas?

— Quem lavou roupa a vida toda conhece na hora.

— Você acha que ela saiu para comprar as roupas? E o que fez com as antigas?

— Isso eu não sei. Nem Joana. Mas é preciso pôr muita coisa em pratos limpos. Ela que apresente os documentos, que até agora não revelou nenhum. Nem o nome da antiga patroa quis dizer.

— Não é conveniente mantê-la conosco, sem termos o mínimo conhecimento de quem se trata. Acho que fomos precipitados, dando-lhe o emprego. Logo cedo, você chama a moça, nós vamos ao consultório e lá conversaremos isolados. Não é bom que Joana ouça a conversa.

No etéreo, os espíritos convocados para o isolamento do Doutor compreenderam, de imediato, que a mocinha assistida pelos *filhotes de anjo* representava perigo. Não lhes foi difícil de imaginar que precisavam tomar providências. Afinal de contas, tinham *responsabilidades*.

— Quem você pensa que seja?

— Nem desconfio.

— Será que é alguém que deseja matar o Doutorzinho?

— Com aqueles dois lá, é bem possível.

— Vamos isolar a área. Amanhã a gente resolve tudo, ouvindo a tal conversa. Qualquer coisa, vamos dar uma lição nos intrometidos.

— Será que têm apoio ou estão agindo por *espírito de humanidade*?...

— Essa gente sempre está querendo ficar na maciota do *dolce far niente*. Ao primeiro sinal de luta, caem de joelhos, os covardões.

E lá ficaram a fantasiar situações em que dariam valentes surras nos *santinhos de pau oco*.

Logo cedo, Marlene chamou Isabel. Mário queria falar com ela sobre o registro da carteira de trabalho. Estava no consultório.

Joana, que não era boba nem nada, suspeitou de que as suas hipóteses iriam ser postas a limpo. Não se desagradara da companheira, que era limpa e não resmungara nenhuma vez. Mas

desconfiava de que, se continuasse assim, iria assumir o controle da casa, através da criança. E como era bonitinha a sonsa!

A REUNIÃO

No etéreo, travava-se interessante contenda.

Enquanto Isabel tinha ficado isolada, as forças antagônicas dos protetores e obsessores não se mediram. Quando, porém, a moça se dirigiu ao prédio principal, Dráusio e Alfredo não acharam justo que fossem impedidos de adentrar com ela o recinto familiar.

Apelaram para o mentor José mas receberam a notícia telepática de que deveriam resolver por si o impasse. Questionassem os opositores. Contatassem os protetores dos residentes na casa. O amparo ao médico não deveria ser feito apenas pelos obsessores dos traficantes.

— Vamos forçar a entrada, para ver qual será a reação.

— Oremos um pai-nosso pelos guardas.

Nem tinham iniciado a prece e se viram perante os dois do turno da noite.

— Que querem aqui?

— Viemos em paz, dar recursos energético-fluídicos à nossa amiga.

— Vão ficar do lado de fora.

— Por quê? Vocês estão planejando obstar que ela conte a verdade?

— Que verdade?

— Sem nossa interferência, ela poderá calar-se e o Doutor Mário se verá, possivelmente, em dificuldades.

Dráusio não mentia, mas escondia que o perigo viria exatamente de quem enviara os dois para a proteção.

— Se prometerem impedi-la de cometer algum ato que perturbe o médico, iremos deixá-los passar.

As expressões do espírito atrasado não se traduziram literalmente pelo entendimento de Alfredo e de Dráusio. Interpretavam eles, segundo sua própria expressão linguística.

— Se vocês nos conhecessem melhor, saberiam que não precisamos prometer nada para exercer o socorrismo a quem sofre, a quem está mergulhado na maldade, a quem...

— Não vão querer ser espertinhos. Fiquem nas suas e nos deixem nas nossas.

Quando tiveram acesso ao interior da casa, viram que havia diversos elementos do corpo de proteção familiar dos moradores. Foram recebidos com alegria e desafogo. Também estavam sofrendo restrições quanto à locomoção para o hospital, no acompanhamento de Mário.

— Graças a Deus! Vamos poder unir as forças para enfrentar os malvados. Sejam bem-vindos!

— Que a paz do Senhor esteja conosco!

— Amém, Jesus!

— Como estão o Doutor e esposa?

— Estão ótimos. Um pouco apreensivos, naturalmente, por conhecerem o risco de enfrentarem o pai de Orivaldo.

— Vamos formar cadeia de força para impedir que os amigos curiosos ouçam a palestra elucidativa, porque a jovem está decidida a falar a verdade.

Tomados de surpresa, os representantes do Umbral não puderam fazer nada para impedir que se formasse espessa muralha magnética, através da qual não conseguiriam passar. Ao intentarem chamar outros companheiros, viram-se envolvidos por forte

cordame vibratório, ao mesmo tempo em que eram sedados, para que não acrescentassem mais um malfeito ao rol dos que deveriam resgatar.

Mário estava no consultório, sentado atrás da larga mesa, onde atendia às reclamações dos pacientes. Marlene entrou com Isabel e indicou-lhe uma poltrona, tendo ocupado outra ao seu lado, arrastando um pouco para poder ver-lhe as reações fisionômicas.

Mário praticamente interpelou os sentimentos da jovem:

— Para uma mãe que deseja reaver o filho, Isabel, te interessas pouco pela saúde do menino.

— Não quis aborrecer. Sei que está em boas mãos. Se quiseres dizer como tem passado, ficarei satisfeita.

— Ele não está nada bem. Aposto que nem sabes como era tratado no morro.

— Infelizmente, não sei mesmo.

— Pois o quadro geral é muito ruim. Doenças no pulmão, na pele, no sangue, nos intestinos, além do tiro que perfurou uma veia na perna. Se viver, será puro milagre.

— Mas o senhor tem feito o possível...

— Faço o que posso... — lembrava-se do auxílio externo e sentia cócegas na língua para revelar o segredo.

— Eu pensava que era só livrar do perigo do tiro que estaria salvo.

Marlene impacientava-se porque Mário não ia direto ao ponto:

— Podes acreditar que Mário irá fazer tudo para salvá-lo. Está em muito boas mãos. Se acreditas em Deus, reza muito por ele...

— Eu vou à missa de vez em quando.

Mentia. Dráusio sabia que só acompanhava uma ou outra vez alguma amiga, para cerimônias de batismo ou encomendação de corpos. Rezar não rezava, a não ser com a intenção de pedir pelo filho ausente, misturando rogos de desgraça para Leandro. Era

inconsciente e insequente, em matéria de religião. Para os engazopadores do etéreo, um prato cheio.

— Pois, terás de ir todo domingo, para acompanhar as crianças. Joana está cansada e eu não dou conta dos três.

Omitia que Mário também não rezava, por fé materialista dos tempos universitários.

— Irei com satisfação.

Marlene queria adiantar-se ao marido. Insistiu:

— Você viu a tua patroa, ontem?

— Não. Eu não fui lá.

— E como conseguiste pegar as roupas?

— Eu não dormia no emprego. Ia e voltava para o morro a pé. Não ficava longe.

Aí foi a vez de Mário impacientar-se:

— Vamos parar com a farsa. Ninguém acredita aqui que você era doméstica. Temos provas de que o que estou falando é a pura verdade. Se você não sabe, realmente, quem é o teu amante, eu sei muito bem. Mas só vou dizer, se você contar tintim por tintim o que fazes na vida.

Isabel escondeu o rosto nas mãos. Não estava alterada nem o coração batia mais apressado. Só ganhava tempo.

Marlene quis amenizar o choque:

— Se nos provares que é a mãe do menino baleado, iremos ver que estás com boa intenção. O que não podemos é correr o risco de trazer uma ladra para dentro de casa.

Mário acrescentou:

— E você não tem nem ideia do motivo disso.

Isabel procurou no bolso a certidão de nascimento do filho.

— O nome não é Orivaldo. É Leandro, como o do pai.

— Mas aqui não consta o nome do pai.

— É que ele não quis declarar.

Mário pensou que fazia sentido.

— A idade é a da criança, aproximadamente. A cor corresponde. O pai é branco?

— É moreno claro.

Marlene não perdia de vista o objetivo da reunião:

— Que fazias para viver?

Isabel falou firme:

— Era garota de programa.

O casal se entreolhou significativamente. Mário sabia que a confissão exigia sacrifício, uma vez que os preconceitos sociais recomendariam que a despedissem. Condoeu-se da jovem. Marlene regozijava-se por haver desconfiado certo, que ela não poderia estar tão bem tratada com o salário de doméstica. Precisaria adquirir muita confiança para manter a meretriz cuidando das crianças. É certo que o dinheiro do marido não dava para governanta alemã, mas daí a trabalhar com pessoa experiente com os homens... Havia o perigo de sedução... Perdia-se em divagações sensuais. Mário não poderia deixar-se envolver pela juventude dissipada da prostituta. Estava decidido. Iria pedir que fosse embora.

Foi Mário quem reabriu a conversação:

— Você há de entender que mentiu para nós.

— Mas eu não podia dizer a verdade. Eu queria o emprego no hospital. Eu não pedi para vir trabalhar aqui. Vocês é que acharam...

Marlene não quis que a outra prevalecesse:

— Estás muito certa. Foste convidada. Mas não disseste a verdade. Foi com base em tuas informações que te consideramos como da casa, tanto que ocupaste um lugar na mesa...

— Para ajudar o Joãozinho...

— De qualquer modo, mentiste. Será que vais querer continuar com a gente, sabendo que não tens condições... para cuidar dos meninos?!...

— Eu pretendia ficar e mostrar que tenho condições, sim. Mas isso não depende de mim. Se me informarem quem é o Leandro, eu saio daqui hoje mesmo.

Tremia um pouco. Nem as brigas com Leandro lhe causaram tanto mal-estar moral. Com ele, ficara raivosa. Agora, estava com pena de perder a situação de sossego que antevia para depois da borrasca. Queria rojar-se ao chão para pedir desculpas, mas seu caráter estava cristalizado na defesa dos interesses pessoais, contra toda espécie de ataque. Enrijecera-se com o abandono do filho. Insensibilizara-se no meretrício.

Mário já não tinha certeza se deveria dizer que conhecia tão bem a profissão de Leandro. Quis sondar em que pé andava o relacionamento do casal:

— Você me disse que abandonou a criança há cinco anos.

— Mais ou menos.

— O pai deixou?

— Eu fugi dele.

— Por quê?

— Ele me maltratava.

— Quando foi a última vez que vocês se encontraram?

— Nunca mais, desde aquele dia.

— Por que você diz que não sabe o que ele faz?

— Porque não sei mesmo. Nunca soube.

— Ficaste com ele, sem saber quem era?

— Ele me tirou da zona e me deu uma casa. E eu gostei dele. Era bem vestido. Falava bem. Tinha dinheiro. Dizia que eu era a mulher da vida dele. Mentiroso...

— Por que me disseste que o pai não podia cuidar da criança?

— Porque ele não tem nenhum princípio...

— Você acha que darias melhor futuro ao menino?

— Eu não sei. Se arrumar emprego... Se mudar de vida....

— Do jeito que falas, parece decidida.

— Estou mesmo. Tenho economias. — Tirou do bolso o comprovante do depósito e mostrou ao médico. Este passou o recibo a Marlene. Era uma soma considerável, suficiente para um ano folgado de vida a dois.

— Isso tudo é o resultado de teu ofício?

— Se não me roubassem, teria muito mais.

Marlene ponderou:

— Nós nem poderíamos pagar o que você vale. Com esse dinheiro, dá pra se instalar fácil em São Paulo. Quem sabe até abrir um pequeno negócio. O ramo de roupas feitas dá muito resultado. Com a ajuda de uma boa administradora de imóveis, num bom ponto, tudo se ajeita.

— Já pensei em alguma coisa assim. Mas, sem meu filho, prefiro continuar na vida. Tenho uns anos bons pela frente. Se cuidar da saúde e se usar camisinha, fico livre da AIDS. O mal é que a freguesia se perde. Preta com camisinha, são poucos os que...

Percebeu que estava ampliando a conversa para além dos limites permitidos pelas mulheres honestas. Entretanto, Marlene absorveu as informações com ganância do proibido. Mário era médico. Deveria entender do riscado. Mesmo assim, considerou a moça muito desabrida:

— Já basta de intimidades. Vou contar o que sei a respeito do pai do... — hesitou quanto ao nome. — ... Leandro?...

— Isso mesmo.

— Pois você está correndo um risco que nem imagina. Acredito que não saibas a verdade sobre aquele homem. Se te disser que é um dos chefes do tráfico de drogas do Rio, ficarias espantada?

Isabel se tornou lívida. A palavra droga exercia o forte poder mágico de calar as pessoas. Traficante era sinônimo de morte, assassinato, domínio, riqueza, mistério. Sentiu-se muito pequenina. Aos poucos, foi restabelecendo o domínio sobre os pensamentos. Como teria o médico tanta certeza?

— Eu sei, porque ele mesmo me contou. Só não vou te dizer como foi isso. Mas a verdade é que estou sendo vigiado o tempo todo. Se não curar a criança, provavelmente precisarei abandonar a cidade.

Foi a vez de Marlene se intimidar. E se Isabel estivesse jurada de morte por ter levado o filho do traficante embora? Passou-lhe pela cabeça que seria uma troca justa, pelo filho morto. Corou pela maliciosa suposição. Sabia que era imoral o que havia pensado. Era mais fácil descobrirem que acoitaram a mãe do menino, se a moça mesma contasse. As ideias embaralharam-se em sua cabeça. Não sabia como agir para superar as dificuldades da situação.

Mário estava preocupando-se com o horário. A conversa ultrapassara os limites do tempo disponível. Tinha de correr para o hospital.

— Fiquemos assim. Nada da conversa sai desta sala. Isabel volta para suas funções, normalmente. Amanhã, nós conversaremos para decidir o que vai ser melhor para todo mundo. Eu não quero que ninguém recaia na prostituição por minha culpa, porque eu não tive consideração pela pessoa. Só peço a você, Isabel, que não induzas as crianças a nenhuma prática sexual.

Falou com o coração na mão. Sabia que caberia a Marlene ter uma conversa daquele estilo. Mas desejou demonstrar que estaria atento.

— Pelo amor de Deus, Doutor, nem penses numa coisa dessas. Marlene se recuperou diante da ameaça aos filhos:

— Deixa comigo. Nós vamos ter um entendimento sobre todas essas coisas. O que eu também não quero é esse peso na consciência de abandonar uma mãe que deseja reaver o filho. Precisamos pensar nos aspectos legais. Se você não tiver dó desse dinheiro, um bom advogado...

Mário não deixou que prosseguisse:

— Com licença, querida. Acho que está ficando tarde até para as crianças.

O adiantado da hora rebuliçou a casa e as decisões se procrastinaram. No etéreo, os protetores agradeciam ao Pai em comovente oração.

EM COMPASSO DE ESPERA

O restante do dia foi sem atropelos.

Ao acordarem, os dois mandriões do etéreo, com medo de justificadíssimas reprimendas dos mandachuvas da gangue malfazeja, combinaram nada dizer sobre o que se passou durante sua permanência no lar do médico. Estava ele bem? Era suficiente. Cederam a vez à vigilância de outros comparsas do período diurno e se puseram, indolentes, a descansar das peripécias da noite e da manhã.

Alfredo e Dráusio quiseram acompanhar o Doutor, mas logo perceberam que estariam colocando em risco a *operação Isabel*. Resolveram, então, buscar o conselho dos colegas e do Irmão José.

Isabel e Joana estabeleceram convívio mais íntimo, já que as coisas pareciam ter caminhado bem. Joana deu de barato que a verdade sempre vem à tona e se dispôs a aguardar por ela. Isabel tinha tirado um peso da consciência, ou melhor, agia mais confiantemente sobre o que fazia, pois a patroa se havia resignado ao papel de orientadora moral. Não se aproximava das crianças

senão quando a mãe estava presente, com o que esperava demonstrar que atendia às recomendações de Mário.

Este, muitíssimo preocupado, montou acampamento no quarto de Orivaldo, buscando entender as reações orgânicas do petiz, acudindo à moléstia mais aguda, no entrecchoque com as resistências naturais. As transfusões sanguíneas produziram o efeito almejado, dando ao enfermo condições de resistir. Enquanto tomava notas a respeito do quadro clínico do paciente, imaginava que daria para escrever belíssima tese de livre-docência universitária, através da descrição da patogênese das diferentes infestações microbianas, à vista do tratamento que se ministrava. Principalmente, julgava impossível impedir que houvesse intercorrência dos fatores... Perdia-se em emaranhado de termos técnicos, muitos dos quais iam faltando à prontidão dos conhecimentos, uma vez que os vinte anos de pronto-socorro não lhe facultaram a atualização científica desejável.

Mas as reflexões profissionais, na modorra da observação, tendiam a deixar passar os recentíssimos acontecimentos domésticos. Quando resolveu pensar sobre o que fazer com Isabel, notou que o inconsciente formara completo panorama do drama em que se envolvera. Diante dele, a criança, ou melhor, o passaporte para o sossego urbano, caso satisfizesse os desejos do *pai traficante*. Nunca se sentira refém dos bandidos, mesmo quando levado sob o guante da autoridade paralela para o socorro emergencial. Agora, via que a sociedade estava dentro da terra de ninguém da guerra oficial contra o crime organizado.

Sabia da existência de detetives e de militares acoplados ao sistema do submundo, mas dava o desconto da minoria. Quantos guardas tinha recebido baleados, muitos dos quais em óbito. Não havia dúvida quanto à necessidade de apontar às autoridades governamentais o despropósito das ameaças que recebera. Mas a quem recorrer? O próprio administrador, o Doutor Darci, estava recebendo ordens superiores, no sentido de preservar a vida do

menino. Não havia o que delatar a ele. Se fosse para entregar o bandido a alguém, deveria ser no âmbito da Justiça. Lembrou-se de Marlene falando a respeito de advogado. Fazia sentido.

Nisto, a criança se pôs a gemer. Delirava:

— Mãe, me ajuda! Fica comigo! Mãe...

Mário fez os cálculos dos anos. Pelas informações de Isabel, o pequeno Leandro deveria ter entre dois e três anos, quando ela o deixou. Não podia ter lembrança da mãe. Estaria chamando a tutora? Só poderia ser... Decididamente, estava encalacrado. Teria de manter Isabel em sua casa. Ela seria muito mais perigosa solta. Pelo que entendeu, iria tentar levar embora o filho, assim que pudesse. Por outro lado, se o pai...

— Por Deus! Eis a solução!

Lembrou-se Mário de que os pais falavam em arrumar uma ajudante. Os velhos, há tempos, vinham *quebrando o galho* com faxineiras eventuais. Não tinham posse para contratar empregada com carteira assinada e tudo. Eram só os dois. Isabel lhes serviria plenamente.

— Será que Marlene aprovaria?

Saiu ao corredor para oportuno telefonema. O movimento fez que voltasse rapidinho para o quarto. Era o medo do *grampo* telefônico. A coisa mais fácil era a colocação de *araponga* externa, com transmissor paralelo. Vira reportagens em que são empregados pequenos gravadores. Mas o nível de adiantamento eletrônico de posse dos contraventores deveria ter-lhes fornecido material bem mais sofisticado. Deveriam estar em escuta permanente, no resguardo da saúde do filho do chefe...

Pôs a mão na testa. Se isso era possível no hospital, em sua casa deveria ter sido fácilimo. Tomaria cuidado com as ligações de Marlene.

Derivou o pensamento para a área policial.

— Morreram três soldados e mais quatro estão internados. Por certo, se souberem que Orivaldo é filho do chefe...

Não queria fazer previsões catastróficas, mas a verdade é que, quanto mais pensava no assunto, mais se via no meio de enorme furacão, sem mastro onde se amarrar.

— E os bandidos rivais? Não terão interesse em sequestrar...

Realmente, se qualquer palavra dita por ele, Marlene e até Joana fosse traduzida convenientemente por aquelas pessoas, iria sofrer rudes consequências. A partir desse instante, redobrou o interesse em cuidar do menino. Imaginou que havia suficiente proteção do bando infiltrada entre os seguranças do hospital. Não poderia facilitar. Além disso, dentre os enfermeiros, com certeza, havia quem estivesse controlando suas idas e vindas, marcando as horas de permanência junto ao doente. Era preciso ampliar o horário de atendimento. Era preciso demonstrar que o tratamento estava absolutamente adequado. Imaginou que, se trouxesse livros para a cabeceira da cama, poderia iludir o olheiro, passando-lhe a ideia da abnegação. Mas poderia ser que pensassem que era incompetente. Alimentou a ilusão de comentar sobre a necessidade de especialistas. Mas estes iriam saber que tudo estava sob controle...

Levantou-se do leito. Apanhou o termômetro. Mediu a febre do pequeno. Temperatura normal. Auscultou o coração. Batimento cardíaco regular. Examinou o branco dos olhos. Cedera bastante a anemia. Só os pulmões acusavam problemas. Pôs atenção na cicatriz fresca da perna. Recompunham-se os tecidos lesados. Apanhou a tabuleta já volumosa. Procurava o resultado dos exames de fezes. Os vermes tinham diminuído drasticamente. Haveria perfurações intestinais? Uma hemorragia interna seria letal.

Orivaldo não se debatia. Através da agulha destinada ao soro, há meia hora, a enfermeira lhe administrara a dose de antibióticos e de analgésicos que lhe dera essa contemporização com as doenças. Além do mais, era mantido sedado a maior parte do tempo, para as constantes avaliações radiográficas e hematológicas. Se sobreviesse a possível complicação prognosticada por Mário, deveria estar

muitíssimo atento, para volver com o paciente para a sala de cirurgia.

Antes de adormecer, Mário teve tempo para observar que não sairia ileso dessa aventura:

— Vou precisar tomar cuidado com possíveis úlceras...

Mas a noite passaria sem novidades.

OS FATOS SE PRECIPITAM

Marlene ponderou ao marido que preferia ter Isabel em sua casa e não na casa dos sogros. Se precisassem tanto assim de alguém, enviaria Joana, que estava em fim de carreira e não teria trabalhadeira tão grande com os velhos.

— Mas, querida...

— Pense bem. A moça iria embromar os teus pais, com certeza. Você não está querendo contar tudo a eles...

— Não.

— Então, eles estariam sob a malícia da... — ia falar *negrinha*. Hesitou. Mário percebeu o imbróglio moral:

— Diga *pretinha*, porque ela é preta, sim, senhora. E fez *negrice* conosco. Não achas que...

— Mário, não vamos desviar o assunto.

— Não negues que ela tem sido...

— Mas será por pouco tempo. Está interessada em outras coisas. Enquanto isso, faz o máximo que pode.

— Quer dizer que você quer ficar com ela?

— Quero dar uma chance à coitada. A gente dá esmola na igreja e não passa um pobre que não dê um remédio ou outro. Quantas consultas...

— Quem está desviando o assunto agora é você.

— Não saberia o que dizer ao padre no confessionário, se a mandasse embora.

— Dores de consciência? Pois saiba que nós não podemos falar livremente ao telefone. Tenho medo de que esteja *grampeado*.

— Será?

— Nunca é demais estar prevenido.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Tiveste aquela conversa séria com Isabel? De mulher para mulher...

— Tive, sim. E foi muito boa. Ela não é muito inteligente mas é ladina. Sabe disfarçar muito bem. Se quiser passar um trote na gente, não vai ser difícil. A matreira contou como se desfez do cafetão que abocanhava o seu dinheiro. Disse que estava com AIDS. Se o *cara* engoliu essa, eu não sei. Mas que deve estar com medo, lá isso está.

— O filho dela está reagindo favoravelmente aos medicamentos. Mas até ficar bom vai demorar.

— Você conversou com ela a respeito?

— Disse que, se piorasse, eu avisava. Se a criança estiver nas últimas, é bom que ela tenha uma lembrança bem triste. Afinal de contas, não deveria...

— Eu não acredito. O bom médico, aquele que dá consultas grátis, falando em castigo, em sentimento de culpa...

— Foi você quem apontou o padre como...

— Eu sou católica, apostólica, romana. E você? Materialista, ateu e carioca...

Abraçaram-se, solidários no pensamento positivo.

Foi Marlene quem retomou a conversa:

— Mas estás certo. Se ela souber medir o erro que cometeu, poderá remendar a barbaridade, adotando alguma criança, caso perca o filho. Ou casando e tendo outros, que, para Deus, nada é impossível. Veja a xará bíblica, a Isabel que teve filho com idade avançada.

Mário não queria saber de coincidências forjadas, mesmo porque achava que Orival... Leandro iria sobreviver e dar muitas alegrias...

Queria dizer *aos pais*, mas não via perspectivas de união...

Um telefonema aflito da escola punha o casal angustiado:

— Venham depressa! Os vossos filhos foram levados por homens encapuzados.

As diligências policiais resultaram inúteis por quarenta e dois dias. Nesse meio tempo, Mário conversou de novo com Leandro. O bandido prometeu providenciar, para a soltura das crianças. Não sabia quem é que tinha tomado a iniciativa. Talvez tivesse havido erro, pois a quantia do resgate era muito superior às posses do médico. A imprensa, desde logo, tomou conhecimento da ocorrência e Isabel precisou desaparecer de circulação, para que não viesse a ser identificada ao lado do casal. Passou pela cabeça dos pais que ela bem poderia ter entrado em casa para facilitar o rapto. A história da maternidade de Orivaldo bem poderia ter sido uma farsa. Mas a hipótese foi afastada, quando Raimunda entrou em cena e reconheceu a foto que Isabel fez questão de enviar. Fora Leandro quem determinara que Raimunda ficasse ao lado do filho no hospital, assim que teve alta do setor de isolamento. Essa prerrogativa do traficante obrigou a Mário que fizesse plantões, ainda que arrasado pela falta dos filhos. Darci assumiu pessoalmente o tratamento do menino e convocou mais três pediatras para acompanhamento diuturno. Temia que Mário não receitasse de acordo. Ao cabo desse período, caiu o cativo em poder dos policiais e os meninos foram recuperados. Disseram que foi após

árduas investigações. A verdade é que receberam denúncia anônima pelo próprio Leandro. Tratava-se de pessoal da favela e, por isso, não se desgraçaram nas mãos dos assassinos. Teriam obrigações extraordinárias em favor da organização clandestina, nada que já não tivessem feito anteriormente. As crianças estavam traumatizadas. Mário pediu e obteve licença para afastar-se do hospital e de Orivaldo. Tiraram férias e partiram para o Rio Grande do Norte, levando Joana e Isabel, cuja presença julgaram conveniente para o equilíbrio psíquico do filho do meio, que se agarrara a ela. Lá passariam quatro meses, em absoluta tranquilidade material. O médico examinava e receitava. A mãe amparava e acarinhava. Isabel brincava e contava histórias. Joana cozinhava e limpava. Todos enxugavam lágrimas furtivas. Quando voltaram para o Rio, era como se formassem uma só família. Isabel integrara-se ao grupo e demonstrara que poderia acompanhar o desenvolvimento dos pequenos. O fato de se ter encontrado com alguns homens avulsos, ficou sob as vistas grossas do casal e sob as reprimendas surdas de Joana. Enfim, a juventude tem seus apelos e a mocinha sabia como evitar as doenças do corpo, uma vez que a da alma ainda se apresentava incurável. A correspondência do Doutor a mantinha sossegada quanto ao filho, que ia recuperando as forças, quase seis meses depois do internamento. No dia em que Mário voltou para o hospital, encontrou a equipe aterrorizada com a revelação de que se declarara a leucemia. Mário pediu nova entrevista para o relato da dor. Leandro não lhe disse nada além de *um faz o que tem de ser feito*.

No etéreo, Alfredo e Dráusio pretendiam levar Marlene a um centro espírita, para que os filhos recebessem benzedura e lavagem espiritual, para afastar as terríveis pústulas perispirituais resultantes do terror do confinamento. Queriam obrigá-la pela necessidade, mas não atinavam como o fariam. Poderiam, sem ferir os preceitos evangélicos, provocar desarmonia orgânica? Sucedia que não

tinham alvará para isso. Bem pensando, nem conhecimento específico. Mas como se daria a regeneração dos filhos? José, consultado, disse-lhes para que mantivessem a calma e que rezassem muito. Providenciassem passes magnéticos e obrigassem os protetores familiares a estudarem mais, para aperfeiçoamento socorrista. Verberou contra os planos por demais ambiciosos e contra a sofreguidão que via nos benfeitores, pedindo-lhes para que confiassem na misericórdia divina. Foi Isabel quem deu com a solução do problema, quando conheceu um rapaz de sua idade, com quem saiu diversas vezes e a quem conseguiu tornar-se simpática. A simplicidade honesta do bom moço, empregado no comércio regular, fez que voltasse a sonhar. E Baltazar era umbandista...

LEANDRO SE AGITA

Por que Raimunda não fora, desde logo, colocada fora de circulação? Haveria, no coração do bandido, requintes de perversidade, de molde a dar à pobre velha fim de sofrimentos e dores? Ao invés disso, instalou-a em casa mais confortável, transferindo para lá todos os badulaques aproveitáveis, quadros e imagens de santos, pondo-lhe à disposição, inclusive, duas mulheres, para todo o serviço.

Quando lá esteve, durante a noite, determinou que todas as luzes se apagassem e, escondido pelo capuz de motoqueiro, pôs muito medo no coração da mulher.

— Você sabe que quase mataste a criança?

— Eu não atirei nele.

— Não se faça de ingênua. Quantas vezes levaste o menino ao médico?

— Umas três ou quatro.

— Mentira!

— É verdade. Levei no posto de saúde.

— Onde está a ficha dele?

— Guardada na cômoda.

— Vai buscar.

Raimunda foi atrás da papelada que punha numa bolsa velha. Retirou um papel amarelecido. Era, realmente, documento do posto de saúde do bairro.

— Aqui está dizendo que a consulta era para quase cinco anos atrás.

Raimunda não se dava por vencida:

— Eu levei o Orivaldo. Eles é que não marcaram nada.

— Escuta aqui, Dona Raimunda. Vai engrupir a mãe. Não me custa nada dar uma porrada nessa cabeça oca. Não levaste o menino nenhuma vez e está dito tudo. Não preciso de tuas mentiras. Ele está internado e não por causa da bala dos meganhas. Está muito doente. Vou te deixar presa aqui, com tudo do bom e do melhor. Mas se pensares em sair, morres na esquina. Estou sendo claro?

As ameaças puseram tremores nos joelhos da coitada. Não tinha voz para responder.

— Estou sendo claro?

— Está — balbuciou, num sumiço de voz, amaldiçoando a hora em que cismou de criar o menino.

Depois desse dia, nunca mais se encontraram. Quando Mário mostrou a foto de Isabel, Raimunda se sentiu no dever de revelar o que sabia. Mas como fazer, se estava no hospital, em companhia do fedelho?

Por essa época, o médico parou de circular por lá, o que despertou Raimunda para a possibilidade de sair, de volta para casa. A *energúmena* (como diria Leandro) pensava que era o Doutor quem a vigiava. Queria avisar as carcereiras de que estava precisando conversar com o do capuz.

Nem deu três passos fora do hospital, foi abordada por um homem bem vestido:

— Onde pensas que vais?

Desconfiou da personagem. Sabia que não podia *dar bandeira*.

Disfarçou:

- Queria buscar umas coisas em casa.
- É só falar do que se trata, mando pegar.
- É assunto com as moças...
- Podes falar comigo, criatura. Não vêes que é tudo igual?

Raimunda criou coragem:

— Tenho uma coisa muito importante para falar com o teu chefe.

— O que pode ser tão importante que te arriskas a levar chumbo aqui mesmo?

Raimunda avaliou que não poderia ser evasiva:

- É sobre a mãe de Orivaldo.
- Podes falar comigo mesmo.
- Eu acho que sei onde pode ser encontrada.
- Diz logo!

Aí, Raimunda contou sem floreios que o Doutor Mário lhe havia mostrado uma fotografia de Isabel.

- Isso é tudo?
- Me pareceu importante.
- Nós é que decidimos. Volta pra dentro.

O resultado da conversa causou muito mal-estar ao traficante. Pelo telefone, prometer assassinar Isabel era uma coisa. Deixar o filho órfão de vez era outra. É verdade que a criança não se lembraria da mãe. Mas os apelos do doentinho em alucinação da febre lhe haviam calado n'alma. Por que não chamara pelo pai? Tantos brinquedos lhe dera. Tantas horas de gostoso esquecimento haviam passado juntos.

Intrigou o desassossegado traficante o fato de Mário, que tanta confiança lhe transmitira nos desvelados cuidados para com o filho, estar sendo envolvido. Pareceu-lhe claro que Isabel estava aproximando-se dele para sequestrar a criança. Torcia as mãos,

como a demonstrar que o ódio reacendia e a raiva mal se controlava.

Mandou chamar o médico. Informaram que havia viajado com a família.

— Quem acompanhou o Doutor?

Levantou a mão um dos subalternos.

— Para onde foi?

— Rio Grande do Norte.

— Quando?

— Faz três semanas.

— Quem foi com ele?

— A mulher, os filhos e as duas empregadas.

— Quero o *dossier* desse médico.

Um outro indivíduo, espécie de guarda-livros, acionou o computador e, em dois minutos, tinha os dados na tela. Mais um minuto e estava impresso o extrato das informações a respeito das atividades do facultativo. Era longa a descrição de todos os serviços prestados à organização criminosa, desde a primeira vez que subira ao morro. Não se perdia data, cifra ou paciente, inclusive os do hospital, que se contavam aos milhares, muitos assinalados com cruces, outros com estrelas, outros com pequenos círculos, conforme as legendas que se imprimiram junto.

— Consta aqui o falecimento de um tal de Pedro, zelador e faxineiro, marido de Joana, serviços gerais. Não se encontra a segunda empregada.

— Foi contratada uns dois meses atrás.

— E por que não está atualizado o fichário?

— Foi na época em que tivemos de acompanhar o médico o tempo todo. Código vermelho.

— E isso não foi visto como fato importante, digno de registro?

— Eu assumo a responsabilidade. A mocinha não me pareceu interessada...

— Como se chama?

— Isabel.

Leandro uniu as pontas do mistério. Mário tinha fugido com ela para o Nordeste. Mas não quis precipitar conclusões. A foto mostrada a Raimunda confirmava que ele tinha conhecimento de quem se tratava.

— Assinale na ficha: Isabel, meretriz, mãe de Leandro, vive na casa, passa por empregada. Coloque a data. Anote: Código vermelho. Observe: A família sabe de quem se trata. Quero as anotações também na folha da sem-vergonha.

E, para o ajudante faltoso:

— Se isto aqui fosse colégio de padres, irias perder todos os méritos. Era a pessoa mais perigosa para a segurança do meu filho.

Os três subalternos mediram o risco de perderem o emprego e a vida. Sabiam que as falhas não se perdoavam. Ficariam atentos, pois sabiam demais. Entretanto, Leandro os tranquilizou:

— O que salvou vocês foi que o pequeno está bem guardado no hospital, onde suas doenças o mantêm. Silvano!

Era o lugar-tenente que ficara calado até aquele momento.

— Pronto!

— Vais viajar. Localiza a família e vigia. Quero fotografias. Avisa quando forem voltar. Leva mais dois. Se desconfiares de que estão sendo notados, contrata uma agência de detetives. Todo dia, eu quero um relatório. Estou sendo claro?

— Perfeitamente.

As fotos confirmaram que se tratava mesmo de Isabel.

A primeira informação de que havia saído com um homem, deixou Leandro pensativo. Tinha sido completamente esquecido pela negrinha. Não tinha ideia de onde estivera depois que o largara. Imaginava que tinha voltado para a anterior profissão. Quis saber se o sujeito havia pago a transa. O informante assegurou que sim. Viu quando lhe passou o dinheiro, na volta, em frente do hotel. Era, com certeza, alguém de posses, com carro importado e tudo. Leandro

cismava. Não tinha certeza de que o desaparecimento da mãe pudesse repercutir no menino. Se lhe perguntasse por ela, diria que morreu no parto. Nada mais simples. Aí lhe ocorreu que Raimunda pudesse ter contado a verdade. E o Doutor também. O seu plano poderia...

Eis o teor das preocupações do traficante. Isso quando ia dormir e fazia de propósito estimular o rancor contra a infeliz. Dormia insatisfeito consigo mesmo. Era tão minucioso nos negócios. Adquirira a confiança dos maiores. Nunca *dera xabu*. As rendas iam muito bem. A fachada do restaurante dava livre curso às aquisições das moradias. Imaginava que precisava estabelecer-se na indústria, para justificar a mansão e o iate que tinha em mira. Às vezes, se recordava do apartamento do subúrbio em que mantivera Isabel. Quanta pobreza! E dizer que a queria no morro. Agora daria a ela o apartamento e mais um carro e outras coisas. E ela estaria com Leandro, sadio...

Pensava nos homens que frequentavam os relatórios dos informantes. Cheirava pequena quantidade de cocaína, ligava para uma das amiguinhas e desafogava as impressões subjetivas através das fantasias sexuais, em noites de luxúria. De manhã, acordava zozzo, como se tivesse perseguido fantasmas, em pesadelos de horror. Mentia para si mesmo, prometendo deixar o vício que iria estragar a boa vida que construía. Ao meio-dia, refeito e lúcido, reiniciava os contatos com a organização. O seu pequeno departamento estava entregue a mãos bastante hábeis e prestimosas. Nesse aspecto, era só deixar correr o barco da fortuna. Os tolos que se drogassem até a morte. Ele iria parar...

ISABEL VENCE ETAPAS

Mário, ao receber o *faz o que tem de ser feito* de Leandro, não desconfiou de que a presença de Isabel estava sabida. Mais uma vez, não vislumbrou a face do bandido, de modo que não tinha elementos para saber como lhe refletira no coração a notícia de mais uma grave moléstia. Se tivesse tirado a máscara ao pai, encontraria outra, fria, indecifrável, puxando para o violento, em todo caso, imperturbada, como se todas as saídas estivessem vigiadas e todos os do rebanho devessem sacrificar-se.

Naquela noite, especialmente, Marlene oferecera preces de muita angústia pela salvação da criança, porque o esposo lhe havia passado os temores da derrota. Alfredo e Dráusio comoveram-se com o acréscimo de fé, nas ardentes palavras da mulher, que, depois do sequestro dos filhos, se apegara muito mais à religião, concebendo a pessoa humana bem pequena, perante o Universo, e a vontade individual, uma chispa na fogueira infernal da sociedade. Deus poderia justificar os atos humanos e interpretá-los de modo absolutamente justo. Punha-se nas mãos do Senhor. E acompanhava os filhos, para onde precisassem ir.

Desde o primeiro dia do regresso, um detetive foi posto à disposição do médico, para resguardo da família. Mário temia recusar-se a aceitá-lo e, ao mesmo tempo, gostava que a vigilância se desse pela força policial. Sabia que Leandro mantinha gente sua a observar os petizes e isso o punha de cabelo em pé, porque a descoberta pela polícia dessa clandestina segurança acabaria por envolvê-lo com a quadrilha. Mas, como não podia fazer nada de positivo, evitava, ao máximo, dar demonstração de que reconhecia as pessoas que se postavam ao derredor da residêcia.

Na verdade, Leandro fora informado de que havia policiais no pedaço e retirara os homens. Pusera um vendedor de cachorros-quentes na esquina e mais uma bêbada a fazer estágio na pracinha, diante da porta lateral da residêcia, que ocupava uma esquina. Com ela, duas crianças maltrapilhas, para o efeito da mendicância. Eis que a paisagem urbana se compunha, sem desequilíbrios. Importava, agora, muito mais, ter Isabel sob controle.

Uma noite, quebrando a rotina do plantão, às duas da madrugada, Mário recebeu Isabel e Marlene, no hospital, para levá-las a conhecer o menino. Não estava muito bem, mas as contagens dos glóbulos brancos se equiparavam às da normalidade.

A enfermeira da noite percebeu de imediato que a moça era a mãe e deu discreto aviso aos comparsas. Acompanhou as visitantes ao quarto e observou atentamente as reações de Isabel.

Esta se pôs estática ao pé do leito. Orivaldo dormia serenamente. Não havia nenhum aparelho ligado ao corpo franzino. Deixara de receber soro fisiológico. As doses de antibiótico haviam sido suspensas há mais de mês. A pele marcara-se pelas feridas, havendo ainda uma ou outra que purgava. Sobre os ossos, alguma carne tirava-lhe a expressão mais cadavérica. Entretanto, os olhos fundos impressionavam. Lembrava as crianças somalis da fome e da peste. Quando chegara, era um borrãozinho negro sobre a brancura dos lençóis. Para a mãe, era a personificação da desgraça.

Isabel não chorou. Tinha sido preparada por Mário para encontrar a criança debilitada. À presença do pequenino cadáver, ficou sem forças morais.

A enfermeira inibia a exposição do médico. No leito do acompanhante, dormia Raimunda, ajudada por sonífero, por conta de analgésico, administrado pelo próprio Doutor. Com a desculpa de que não se poderia fazer barulho, falava junto ao ouvido de Isabel, descrevendo as medidas médicas aplicadas. Houve momento em que levantou de leve o lençol para mostrar que o local em que penetrara o projétil estava quase totalmente imperceptível.

Isabel fez menção de se ajoelhar, mas Marlene a amparou e, suavemente, a levou para o corredor. Sussurrou-lhe ao ouvido:

— É preciso que sejas forte. Olha o segurança no corredor. Está curioso. Vai revelar ao chefe o que se passou aqui. Mário talvez saiba o que fez, mas eu desconfio de que terás de desaparecer por uns tempos.

Isabel não respondeu. Vagavam-lhe os pensamentos muito longe. Via Leandrinho brincando com o pai. Gordinho nunca fora, mas saudável e inteligente. Dera-lhe o peito por muito tempo e vira-o sugar-lhe o leite, deliciado e confiante. Não entendia como fora capaz de largá-lo à maldita porta da velha. Queria ferir o pai. Atingira o filho em cheio. Começava a tremer.

Mário chegou e ajudou a levá-la para o carro. Ao reentrar, viu que o segurança estava ao telefone. No corredor, encontrou-se com a enfermeira:

— Era a mãe, não era Doutor?

— Era, sim. Não me pareceu justo que não visse o filho.

Falar de justiça deveria ser o mesmo que dizer nada. Mas contava que a espiã também fosse mãe, que entenderia...

— O Senhor não irá atualizar o fichário do hospital?

Mário percebeu o interesse burocrático e a ameaça velada. Respondeu com sagacidade:

— Querida, nós dois sabemos quais são os interesses em jogo. Faças o que tens para fazer. Mas não deixes de contar que a moça nem tocou no menino. Entendeste?

A visita não teve outro mérito que avivar o sentimento de culpa de Isabel. Rejeitou a sugestão de *desaparecer por uns tempos*. Marlene queria levá-la ao confessionário, porém, Isabel recalcitrava. Não se lembrava de ter sido sequer batizada. Quando acompanhava a família à missa, a cerimônia punha-a perplexa. Não compreendia como é que as pessoas podiam interessar-se pelas imagens, pelo incenso, pelos cânticos, pelos movimentos hieráticos, que ela traduzia como perda de tempo, já que não resultava em nada valioso para ninguém. Desconfiava de que os sacerdotes embolsavam uma bela soma em cada solenidade, porque o pessoal punha notas graúdas na cesta, de mão em mão.

Confessou a Baltazar, que não era padre e que a entendia muito bem em todos os anseios carnis. Fez dele confidente. Não escondeu nada. Se tivesse nojo de seu corpo ou medo da *bandidagem* do morro, que fosse embora. Soubesse, contudo, que, se ficasse, correria graves riscos.

Baltazar sorria com todos os dentes. Não caçoava da rapariga, mas punha-a muito sem jeito. Compreendera que o meretrício lhe dera traquejo sexual e isso o deliciava. Não punha fé em que fosse muito importante o pai da criança. Rejeitou a ideia de carregar o menino para longe, destruindo o objetivo do ódio no nascedouro do coração da amante. Sentia-se forte no terreiro, corpo fechado para as malvadezas humanas. Na rua, carregava um trinta e oito municado e evitava os lugares ermos, apropriados para as emboscadas. Se resolvessem acabar com ele, uma rajada de metralhadora bastaria. Ou uma bala dita perdida depois pela imprensa, mas que teria o destino traçado.

O bom balconista não insistiu em levá-la ao terreiro. Por aquele tempo, interessava-se pelos prazeres do leito. Mas houve

uma constância em procurar a moça com a qual não contava. Parecia necessitar dela. Achava doce demais aquela vozinha meio chorosa, adequada para as carícias sentimentais. Não conhecera ninguém mais insinuante nem mais evasiva. Várias vezes, permanecera esperando por ela inutilmente, apesar da confirmação do encontro por telefone. Quando voltavam a se ver, não se estimulava às recriminações. A felicidade de estar com ela suprimia as dores das horas de martírio. Sabia que se apaixonara, mas pretendia afogar o sentimento na reiteração dos encontros, na pasmaceira da companhia.

O seu guia, por essa ocasião, lhe disse para ser firme no relacionamento amoroso, aconselhando-o à fidelidade, à estima, à ternura. Disse-lhe que o destino lhe reservava agradáveis surpresas, após muita luta e muito sacrifício. E passou-lhe algumas obrigações, dentre as quais a de trazer consigo a namorada, na próxima sexta-feira.

— Não vou!

— Precisas ir, sim!

— Quem vai me obrigar?

— Ninguém. Vais porque assim deve ser. Foi o guia que me pediu para levar você. Pensas que ele pede isso a qualquer um? É honra muito grande. É dignidade que não se pode recusar.

O curso primário completo lhe dava vezos de vestibulando. Aliás, o segundo ciclo ia adiando-se, na necessidade dos ganhos imediatos, para pôr comida para a mãe e a irmã. Essa facilidade com as palavras causava admiração em Isabel. Como é que um negro podia ser tão educado? Os que ela conhecia eram broncos. Diziam o que desejavam e tomavam logo. Depois desapareciam. Baltazar ia ficando. Ia deixando-se ficar. Concordava em que ficar era o que desejava. Quando ela faltava ao encontro, sentia que a voz se enternecia, que os desejos se acentuavam, que os carinhos redobravam.

— Quem é esse *guia*?

A palavra impunha respeito. Não se podia brincar com o transcendental.

— É meu protetor espiritual. É meu orixá. É aquele que vai me receber quando eu morrer, para me levar à terra da felicidade perfeita. Se eu não cumprir minhas obrigações, os exus me dominarão e me levarão para o inferno.

Baltazar procurava enfeitar com as cores mais vivas do convencimento. Ele mesmo não era capaz de conceber as raízes da Umbanda como religião e culto a entidades perfeitamente entrosadas com Jesus—Orixalá. Era muito moço e seus interesses, materiais. Mas respeitava a força dos médiuns que incorporavam as entidades do terreiro. E o poder que sentia emanar das palavras dos espíritos. Não se dizia supersticioso. Era supersticioso.

— Vamos ver o que diz o Doutor Mário e a Dona Marlene.

— Eles vão dizer para ir à missa. Você não pode contar aonde eu te pretendo levar. Isso vai fazer perder o encantamento da visita.

Era mentira, mas precisava reforçar o pedido.

— Se você vier me buscar, talvez eu vá. Mas, de ônibus, eu não vou toda de branco.

— De onde tiraste a ideia de ir de branco?

— Não é assim que as mães de santo se vestem?

— Você não é mãe de santo. Estás pensando que é só chegar e ir entrando? Vais precisar passar por toda a iniciação, se fores chamada pelo babalaô.

— É como fazer a primeira comunhão?

— Muito mais complicado.

— Então, eu não vou.

— Não sejas espevitada. É puro orgulho pensar que vais ser aceita *de cara*, só porque eu recebi a obrigação de te levar. Sexta-feira, arrumo um carro emprestado ou pego um táxi. Me espera às sete e meia. E não conta nada a ninguém, especialmente a essa Joana dos Santinhos.

Isabel achava gozado que ele a chamasse assim, por causa das figuras de santos que lhe dava. O que Baltazar não sabia era dos esconjuros que Joana lhe fazia, sempre que se falava no tal.

Sexta-feira, às sete e meia, Isabel estava, toda de branco, aguardando Baltazar, que chegou a essa mesma hora. Obrigação não se discute: cumpre-se!

O PENSAMENTO DE MÁRIO

Por que o médico, afinal, tinha deliberado arriscar, conduzindo Isabel ao filho? Havia a certeza de que Leandro iria tomar conhecimento de que estava a par de tudo. Raciocinara assim:

Se o traficante estiver utilizando o filho como isca para apanhar Isabel, tendo montado todo o esquema de observação, com o acrescentamento de guardas desnecessários na segurança, já que não há perigos tão grandes de invasões de delinquentes, deverá desarmar-se, ao constatar que a mãe esteve junto ao filho, levada por mim, sem nenhuma tentativa de sequestro. Por outro lado, se ele me afastar do tratamento, já que pouco posso fazer pela criança, havendo pediatras habilitados, aí poderei suspeitar de que...

Embatucava. Não queria admitir que o fato de estar agasalhando Isabel pudesse desfazer o reconhecimento por todo o prestimoso serviço de atendimento hospitalar sob sua orientação. O menino lhe devia a vida, sem dúvida, porque não se afastara de sua cabeceira nos momentos críticos. Ansiava também por definir de vez a situação. Toda a tensão causada pelo rapto dos filhos e mais a terrível cobertura que tinha dado a Isabel estavam causando-lhe forte abalo emocional. Não se declarara a prevista dor no estômago, mas não demoraria muito para Marlene cair em estafa. O período de descanso no Nordeste fora valioso, mas o retorno ao clima de

expectativa, acrescido da eclosão leucêmica do pequeno, fizera reaparecer o estresse provocado pelas incertezas do dia, pelo medo de sempre.

Se essa visita não tiver o condão de me chamar à presença do sacripanta, ficarei muitíssimo aborrecido, pois tenho algumas palavras...

De fato, naquela noite, foi tirado do leito, para subir o morro. Mas estava preparado.

De novo, no escuro, ouviu a voz de Leandro a inquiri-lo:

— Levar Isabel para ver o filho foi ideia tua. Que pretendes com isso?

— Não quero que o meu protetor, a quem devo a vida dos meus filhos, fique na ignorância de que estou tratando também da mãe do filho dele.

— Sabia disso desde a tua viagem.

— Não falei antes, porque estava com muito medo.

— E o que te faz acreditar que estás melhor agora?

— O meu medo é de passar por ingrato, por não reconhecido. Se o senhor pensar que sou traidor, sei que meus dias estarão contados.

— Com certeza.

— Pois Isabel me procurou para arrumar emprego no hospital, sem saber que o pai é a pessoa que comanda esta organização. Naquela hora, achei melhor não deixar que estivesse perto do filho. Falava em ficar com ele. Não queria que o pai se apoderasse do menino. Estava amargurada e vingativa. Atualmente, só fala em educar a criança, em dar-lhe um lar sadio. Fiz que entendesse que o pai também tem direitos, principalmente porque ama muito a criaturinha...

A conversa estava alongando-se demais. Leandro interrompeu:

— Em suma, o Doutor quer me convencer de que aquela putinha está regenerada. Será que ela deu também pra você?

Fez silêncio, como se esperasse por confirmação.

— Se o que eu disser vai ser mal interpretado, estamos todos perdendo tempo. Não quero tirar-te a razão, mas a verdade...

— A verdade é o que poderei apurar, mandando buscar aquela filha da mãe pelo mesmo caminho que o Doutor subiu. Nada que uns bons pontapés não resolvam.

Mário resolveu não chuchar o leão com vara curta. Calou-se, aguardando permissão para falar.

Passaram-se longos dez minutos, durante os quais, no silêncio da noite, se ouvia o rumorejar longínquo da cidade, ecos de buzinas, de sirenas, de tiros, de gritos e o som apagado de uma discoteca.

— Doutor, eu acho que foste bastante atrevido. Mas eu não gosto dos covardes. Se não incendiei a tua casa, com todos dentro, foi porque eu não teria nenhum lucro com isso. Ninguém aqui é burro nem inconsequente, em relação aos negócios. Apliquei uma verdadeira fortuna nesse esquema de segurança de meu filho e não pense que, se Isabel tivesse tentado pegar a criança, iria sair viva do hospital. Nem ela nem quem estivesse junto. Você está dispensado de cuidar do menino. Sei que está melhor mas que deverá ficar internado por mais tempo. Eu poderia levá-lo para qualquer clínica do país ou de fora. Vou mantê-lo lá, na companhia da imbecil da Raimunda. Sei que conversam muito ou, pelo menos, ela fala com ele. O que eu quero agora do Doutor, já que começou, é que fique com Isabel em tua casa até o momento em que irei atrás dela. Se ela voltar ao hospital, acabo com todos. Estou sendo claro? Claro que estou!

Era o sinal de que terminara a entrevista.

Em casa, Mário ruminava o poderio do tráfico. As armas e o dinheiro, nessa ordem, é que tinham importância para a organização. O povo era a clientela chula. O mais, a fauna e a flora na paisagem da cidade monstruosa. Ao Governo, reservava a categoria dos minerais.

Não haverá quem enfrente esses magnatas? Quando o exército subiu o morro, apareceram alguns dos redimidos, declarando que nada devem os moradores das favelas aos poderes constituídos, nem escolas, nem saneamento, nem segurança, nem amor, nem felicidade. E quem se encontra dominando tudo? As quadrilhas do pó, do roubo, do contrabando, do meretrício, do jogo, instaladas, inclusive, em postos-chaves da magistratura, das polícias, da assembleia e da câmara. E que fizeram os bandidos, além de amedrontarem a população, trancando-a nas favelas, enquanto correspondesse com o acoitamento, com o municiação de gente para as quadrilhas, com o silêncio da lei do mais forte? Por que eles mesmos não deram as escolas, a saúde e tudo o mais? Riram na cara dos militares e da nação.

Sofria Mário com o fato de não poder fazer nada. Fora pedir para deixar o encargo de cuidar de Orivaldo. Nem precisou falar nada, para que fosse entendido. Mas sobrou-lhe o pior perigo. O de vigiar Isabel. Interpretou a possibilidade de o traficante internar o filho em qualquer lugar do mundo, como a iniludível ameaça de que, se fugisse, seria descoberto e assassinado.

Naquele dia, procurou o Doutor Darci, para avisá-lo de que era melhor deixar de se responsabilizar por Orivaldo. Antes de mencionar o fato, foi ouvindo:

— Mário, a partir de agora debes retornar à antiga rotina. O menino carece de cuidados pediátricos, predominantemente, e estás fazendo falta no pronto-socorro.

Limitou-se a sorrir. Que mais poderia fazer?

PRIMEIROS ENSINAMENTOS

Não se poderia dizer que Isabel fosse totalmente ignorante dos serviços espirituais que se prestam nos terreiros da Umbanda. Sabia que eram oferecidas proteções em troca de oferendas, como os católicos fazem promessas aos santos, no interesse de alcançarem ao que chamam *graça*. Isso é do conhecimento de todos. Onde Isabel ia mais longe era em acreditar piamente nas forças do outro mundo, supersticiosamente. Não se apresentara ainda a nenhuma religião, porque tinha medo de ser criticada, uma vez que a profissão mais antiga do mundo também é a mais desprezada e vilipendiada. Ouvira falar em pecado mortal e julgava que, se não se convertesse para nenhuma religião, estaria isenta da prestação de contas, como se as divindades regessem a vida e a morte apenas dos fiéis.

Sendo assim, vestiu-se de branco, para não provocar as iras dos espíritos ou dos orixás e exus, nomes esses que Baltazar lhe vinha ensinando há algum tempo. No carro, conversaram sobre os trabalhos que ela veria. Especialmente, o namorado estava interessado em preveni-la para não falar nada, a menos que lhe fosse perguntado. Como o *Centro Espírita* não era longe, pouco tempo tiveram para as explicações.

O prédio era modestíssimo. Um verdadeiro casebre, de pintura descorada e descamada, em amarelinho pálido, sujo das goteiras e das marcas dos pés nas paredes. Ao lado, um portãozinho dava para terreno plantado, onde as espadas-de-são-jorge se destacavam. Foi por ali que entraram.

Para o quintal, o prédio abria várias portas, na primeira das quais se situavam duas pessoas.

— Boa noite.

— Boa noite, Baltazar.

— Quero apresentar minha noiva Isabel.

Ela não sabia do compromisso, mas não quis desmenti-lo:

— Prazer.

— Prazer. Prado.

— Prazer. Ofélia.

— Eles são casados. Conheceram-se aqui mesmo.

— Vão entrando. Tem mais gente chegando.

O salão estava muito limpo e os bancos arrumados em fileiras, como se fossem presenciar um espetáculo. A luz não era forte mas dava para notar que as pessoas se trajavam normalmente. Havia crianças mas não nenês. O mais novinho devia ter uns seis anos. Isabel se lembrou do filho. *Se os espíritos têm força, irão curar o meu pequeno* — ousou pedir, sem prece.

Por detrás de cortinado de parede a parede, três degraus mais acima, dava para vislumbrar diversos vultos movimentando-se em ambiente mais escuro, iluminado por velas, cujas chamas distinguia nitidamente. Via também, bem no fundo, estrado ou altar, sobre o qual mal enxergava algumas imagens. Ia perguntar a Baltazar, mas este lhe indicou que iria sair. Ficasse onde estava.

Sentadinha no banco, foi observando que outras pessoas se acomodavam, silenciosas, como em um santuário. Ninguém estava de branco. Achou que o local era reservado para o público leigo, não iniciado nos mistérios do culto.

Baltazar deu a volta por fora, cumprimentando alegremente contido aos irmãos e irmãs que ia encontrando, devidamente trocados, envergando roupas brancas; os homens, calças e camisas simples; as mulheres, vestidos de renda, com muitas saias. Todos com faixas azuis na cintura.

Em cinco minutos, Baltazar fazia companhia aos demais, com os mesmos trajes. Quando contaram cinco homens e cinco mulheres, fizeram roda, cabeças baixas, e um puxou singela prece a meia voz, solicitando dos guias permissão para adentrarem o recinto sagrado, onde se encontravam os pertences do orixá padroeiro do *Centro Espírita Irmão Barnabé de Rezende*, conforme se lia na placa lá de fora, onde constava a data de fundação e a expressão *Terreiro de Cura Espiritual da Nação Nagô*.

Quando se abriram as cortinas, Isabel já se interessara por diversas atividades ocultas ao público. Ouviu cantos e os atabaques começaram a ressoar vibrantes, quase ensurdecedores. Sentiu forte cheiro de incenso. Ficou um pouco zozna, como se o barulho e o odor a perturbassem. Notou que o altar se conservava atrás de um segundo cortinado, mais leve mas ainda impenetrável, porque a luminosidade interna era tênue.

Depois de canto bastante rústico, onde as palavras lhe pareceram confusas, tendo reconhecido que pediam amparo e conforto para as pessoas presentes, fez-se silêncio absoluto.

Um senhor de mais idade, vestido como os demais, dirigiu-se ao público, enfatizando a necessidade de concentração no ato religioso que iriam observar. Os que tivessem pedidos para fazer deveriam aguardar o momento certo, pois seriam chamados. Se ficassem em fila do lado direito, na hora certa, facilitariam o atendimento.

— Não peçam nada que possa prejudicar a alguém. As divindades não gostam de quem deseje o mal. Elas são boas e caridosas. Trazem saúde, amor e, muitas vezes, a fortuna, mas também colocam os maus em situação ainda pior. Pensem muito os

que têm inimigos, os que têm chefes ou patroas incompreensíveis, as que têm o marido infiel e os que têm a mulher preguiçosa. Se pedirem para que sofram, mesmo que não alcancem o que pretendem, vocês mesmos vão sofrer mais ainda. Peçam para que Deus ajude a todo mundo, porque vocês serão incluídos. Muito respeito pelas entidades que vão baixar nos médiuns. Quem nunca viu uma sessão de ajuda deve rezar as orações que souber, principalmente o pai-nosso. Mas não pensem que vão ver sair claridade das imagens nem foguinhos voando pela sala. Se alguém tiver a visão do terceiro olho, ou melhor, se alguém for capaz de ver o plano da espiritualidade, vai poder enxergar os espíritos. Mas são poucas as pessoas que veem. Portanto, não esperem nada. Se alguém entrar em transe, os que estiverem do lado devem chamar o guarda que vai ficar na passagem. Isso acontece muitas vezes. Não vão ficar apavorados. São os guias que querem ajudar o desenvolvimento dessas pessoas. Se alguém perceber que vai perder os sentidos, ajoelhe-se, para não cair e machucar a cabeça.

O povo ouvia muito atento. Isabel achava tudo muito estranho mas não sentia medo de nada. *O que for para acontecer, vai acontecer, uma hora ou outra. Tudo na vida tem a sua primeira vez.* Estaria querendo incorporar alguma entidade? Com certeza, para provar que era alguém a si mesma. Que o papel de barregã da vida inteira estava sendo questionado pela vida reta da patroa e, mais ainda, pelas observações severas de Joana. *Quem sabe estará aqui a fé que deverei seguir até a velhice...*

Quando os atabaques voltaram a soar, os médiuns começaram a evoluir em círculo, cantando pontos cujas letras misturavam certas palavras conhecidas com outras de outra língua. Não estava entendendo nada. Os volteios dos dançarinos iam tornando-se mais velozes. De repente, uma negra gorda se pôs a balançar os ombros, como se não pudesse controlar os movimentos. Isabel achou que estava tomada por algum espírito. Outros médiuns, Baltazar entre eles, também foram incorporando entidades, de forma que dentro

de pouco tempo o local reservado a eles estava em verdadeiro frenesi de corpos em desgraciosa agitação. Foi só aí que Isabel percebeu que o senhor mais velho estava sentado em uma cadeira no fundo. Fumava cachimbo, cuja fumaça começava a invadir o ambiente. Vários médiuns também acenderam charutos.

Sem saber o motivo, Isabel se sentiu transportada para o meio da algazarra. Agarrou firmemente a beirada do banco e rezou um pai-nosso, que era a prece que melhor sabia. Daí por diante, perdeu a noção do que se passava na sessão. Viu quando as pessoas subiram e foram recebidas pela divindade incorporada pelo principal pai de santo. Viu também que desceram. Os atabaques bateram bem mais forte e os cantos começaram a fazer zumbir o seu ouvido. De repente, Baltazar estava estendendo a mão para que viesse com ele. Automaticamente, atendeu. Antes de adentrar o círculo dos médiuns, teve de tirar os sapatos e as diversas quinquilharias com que se enfeitara. O odor ali era mais intenso. O perfume das pessoas se acrescentava ao acre cheiro do suor, tudo de mistura com o incenso e a fumaça dos charutos. A última coisa que Isabel identificou foi o aroma tépido da aguardente.

— Nhã Zunfia deve ficar calma.

Isabel não estava com medo mas tremia. Não sabia o que falar. Ainda bem que Baltazar avisara para que não dissesse nada.

— Nhã Zunfia tem mediunidade mas tem pensamento muito ruim. Precisa purificação. Futuro de Zunfia cheio de trabalhadeira. Zunfia tem de cumprir obrigação. Protetor quer ver Zunfia bem. Mas Zunfia deve voltar outras vezes. Namorado de Zunfia, muito apaixonado. Zunfia deve esquecer o outro. Vai esquecer a maldade *tumbein*. Muitas entidades cercam Zunfia, puxando para tudo que é lado. Zunfia, aqui no Centro, livre de encosto.

Isabel estava a ponto de desmaiar. Baltazar a levou de volta para o banco, onde ficou em estado de êxtase até que se fez silêncio. Não pensara em nada e se lembrava de tudo. A vida correra pela mente, em pedaços que se uniam e se desfaziam, para ligar-se

com outros acontecimentos mais adiante. Havia lacunas de tempo incompreensíveis. Era como se se prendesse a uma corrente de fatos principais, onde as coisas adquiriam maior ou menor importância, quanto mais perto se encontravam dessa cadeia. Em seu pensamento, estava perfeitamente lúcida, como se compreendesse a verdade de tudo. Adquirira o poder de esquadrihar a consciência e avaliara a palavra do orientador espiritual que mais a afetara, a da *maldade*, a do *pensamento ruim*. E assimilara para sempre a verdade da presença do ser da espiritualidade assistindo os encarnados, por meio de um trabalhador humano.

No caminho de volta, Baltazar não lhe perguntou nada.

— Conversaremos amanhã. Deves estar espantada, sem saber o que pensar.

— Ao contrário. Estou bem. Sinto como se me tivessem tirado um peso das costas. Ou melhor. Sinto como se carregasse um fardo que posso deixar cair no chão a hora que quiser.

Baltazar, que não lograra ouvir a conversa com o babalaô, ficou sem entender. Mas Isabel achou que era melhor deixar para depois a revelação das ideias.

Despediram-se com simples beijo e Isabel entrou, sem notar que olhos na escuridão a observavam.

Naquela noite, dormiu muito bem e sonhou com seres estranhos, que lhe diziam coisas, como *melhorar*, *felicidade*, *sacrifício*. Via-se correndo e sendo alcançada. Quando pensava que ia ser esbofeteada, era acarinhada no rosto e as lágrimas eram enxutas por lenços de linho muito alvos, bordados com motivos de flores, estrelas e corações. Tinha a impressão de ter conversado com pessoas conhecidas, mas eram palavras duras, acusações terríveis. Sentia-se transportada para a zona, mas os homens não a queriam. Via-se rejeitada. Impunha a vontade e a mente induzia que eram apenas sonhos. Fazia promessas de relembrar as peripécias. Quando

acordou, tinha esquecido quase tudo. Ficaram-lhe as impressões mais gerais.

Quando quis contar o sonho a Joana, teve de ouvir:

— Quem procura acha. Quem mandou ir ao terreiro? Os espíritos nunca estão satisfeitos. Querem sempre mais, até que tornam a pessoa louca. É muito mais garantido ir rezar na igreja, onde os padres nos ouvem e nos perdoam, em nome de Deus. E onde Jesus nos ampara e a Virgem nos consola.

Como percebera Marlene, Isabel era *ladina*. Notou que Joana admitia a existência das forças espirituais, tais quais as sentira na cerimônia religiosa, e que lhes devotava muito medo. E calou-se, a ver aonde iam as revelações. Baltazar bem que a avisara. Agora, era ficar de sobreaviso quanto à reação de Marlene. Durante o dia todo, contudo, ninguém mais fez referência sobre a visita aos guias. Teria Joana esquecido de fazer o relatório habitual? Ou estariam os patrões aceitando, pacificamente, a conversão ao espiritismo?

Dráusio e Alfredo se regozijavam com a linha de preocupações da mocinha. Parecia que regredira ao tempo da adolescência, idade mais compatível com o que se poderia esperar dela em ambiente de confraternização entre os planos terreno e etéreo. De qualquer maneira, os objetivos pareciam começar a concretizar-se. Mas inquietavam-se, porque se surpreenderam com Leandro a espreitar a antiga amante, na companhia de diversos comparsas encarnados e de tremenda leva de espíritos obsessores. Tivesse o rufião manifestado interesse em levar a desgraça de imediato à coitada e teria havido entretanto desproporcional para o lado dos dois. Precisavam antecipar essas espias, para a preparação da defesa. Para isso, teriam de consultar José.

TRANQUILIDADE E PAVOR

O Irmão José foi amabilíssimo em receber os assustados pupilos.

Alfredo quis ser o primeiro:

— Querido Mestre, estou sentindo-me derrotado perante os estudos socorristas. Se coubesse a mim avaliar o meu desempenho, seria reprovado, com as notas mais baixas. Cabe-me vigiar o pequenino Orivaldo e nem me é permitido estar ao lado dele. Agora, quando estamos tentando minorar os efeitos do ódio no coração de Isabel, o velhaco (perdão!), o antigo amante vem postar-se ele mesmo diante da casa, para espionar. E não vem só. Antes, está muitíssimo mal acompanhado.

— Meu caro Dráusio deseja externar alguma opinião própria?

— Não, Mestre. Apenas acho que, se deflagrar uma arruaça, estaremos em bem menor número e precisaremos de ajuda imediata.

— Venham até aqui, ao meu escritório de trabalho.

Nunca haviam penetrado na sagrada oficina. Pensavam que contivesse pequena biblioteca de discos compactos, aparelho conjugado de vídeo, computador e monitor, mesa e cadeiras.

Possuía, sim, aparelho de televisão acoplado a computador, mas de última geração. Quando cursaram as aulas de Desintoxicação Mental, trabalharam com essa espécie de instrumentos, que lhes possibilitavam recontar as lembranças arquivadas no Centro da Memória, pertencente ao Ministério do Auxílio. Quando precisaram ler as obras, recorreram também aos monitores de televisão, onde, como num vídeo comum, puderam contemplar muitas das cenas imaginadas pelos próprios autores. Mas aquele aparato era muito mais complexo, com tantas luzes pisca-piscando e tantas legendas incompreensíveis.

— Não pensem que minha sabedoria seja condizente com os recursos de que disponho. Se fosse mais adiantado, faria todas as viagens astrais em segundos e consultaria diretamente os centros de informação do Ministério da Luz Divina. Estes aparelhos servem apenas para observação a distância. São alimentados pela energia comum da colônia, a mesma que nos dá a luz artificial e nos purifica a água. O mais importante é que se consegue, através deles, situar mais de duzentas mil criaturas com um mesmo programa, segundo os códigos pessoais de vibração mental. Vamos ver onde se encontra Orivaldo.

Dito isso, digitou, em teclado simples, o nome da criança e, ato contínuo, apareceu na tela o quarto do hospital. José explicou:

— Temos a possibilidade de recriar o ambiente, conforme a visão das pessoas, de modo que tudo se ajusta na memória do computador, para nos dar o sentido panorâmico. A mente da criança está captando, através dos sentidos, a presença de outras pessoas. Essas pessoas são descritas facilmente por nomes, por imagens, por odores e assim por diante. Sendo pessoas conhecidas, o computador projeta na tela suas figuras, movimentando-as segundo as impressões conscientes do observador designado por mim. Nós temos a exata ideia de todos os movimentos, porque a máquina dá continuidade aos sinais que recebe. Sendo assim, o que estamos vendo é uma cena atrasada de dois milésimos de segundo da

realidade. Vejam como o quarto está desaparecendo de foco. É que o nosso amiguinho está começando a adormecer.

A Alfredo parecia invasão de privacidade e disse-o claramente:

— Se todas as pessoas puderem ser analisadas a contar dos elementos que os cérebros emitem, ninguém poderá vangloriar-se de fazer algo sozinho.

— Não se esqueça de que as pessoas podem esconder-se, se procuradas. Para isso, existem cavernas, tocas, valhacoutos, cativeiros... Ficarem totalmente invisíveis é que é impossível. No etéreo, existem seres cujas presenças nenhum dos nossos serviços de revelação cósmica localiza. São indivíduos que ultrapassaram os limites destas rústicas esferas e se situam em campos vibratórios cuja existência apenas intuímos. Os que se encontram em débito para com a divina criação, endividados quanto à sociedade, grosseiros nas manifestações existenciais, não poderão arguir-nos de ferir-lhes os direitos, principalmente porque a utilização das informações obtidas propende unicamente a lhes oferecer recursos para melhorarem o desempenho cármico. Se estes instrumentos caíssem em mãos malignas e se não contivessem códigos de segurança quanto ao nível moral de quem vai empregá-los, por certo ofereceria perigo imenso para as criaturas visadas pelos obsessores. Há alguém dentre nós que almeje prejudicar Orivaldo e Raimunda, ou qualquer outra pessoa, encarnada ou não?

A pergunta era capciosa pois José tinha conhecimento íntimo das necessidades e vicissitudes de todos os discípulos. Ademais, diariamente, se fazia a medição dos batimentos do coração de cada um, antes de partirem para o serviço socorrista. A máquina estava regulada para captar o mínimo desvio do temperamento habitual e avisava quando o trabalhador deveria reciclar as emoções. Era a garantia dos mestres e orientadores, os quais não podiam confiar em critérios subjetivos de observação. Desde que se inventara o processo mecânico, nunca mais houve a necessidade de substituição do socorrista em plena atividade.

Essas noções foram transmitidas telepaticamente aos dois discípulos, como reforço ao que anteriormente lhes dissera.

Dráusio queria vigiar Isabel e pediu para que José a localizasse.

Dormia a sono solto.

E Mário?

Encontrava-se dormindo, mas estava em conferência, no etéreo, com os protetores familiares.

— Querem ouvir a conversa?

Era evidente a curiosidade de ambos, mas Dráusio quis demonstrar prudência:

— Sei que foi chamada a atenção desses benfeitores afetivos, já que o padrão de conhecimentos oferecia percalços na área da proteção moral. Se estiverem dando notícia de que se afastarão, por exemplo, para frequentarem algum curso...

José interrompeu:

— Vamos ouvir logo o que estão combinando.

Falava Mário:

— Não estou de acordo com que alguns chefes do tráfico de drogas determinem o que os pobres mortais desarmados devam ou não fazer. São tiranos perversos, piores que tudo o que já conheci. Acho que nem os escravos, em todos os tempos, sofreram tanto, sem liberdade para nada. De que adianta viverem, se devem respeitar o toque de recolher, se não podem convidar pessoas de fora para suas festas ou reuniões, nem escrever cartas sigilosas, nem telefonar livres de escuta, se necessitam pagar altas taxas para poderem mudar, se têm de deixar o dízimo nas cancelas, em troca de fictícia proteção...

Iria bem mais longe, se não fosse interrompido. Conversava com ele um avoengo que desejava manter a família unida em torno dos ideais espiritualistas, sem discernir, contudo, a melhor maneira de resolver o impasse criado pela vontade de Leandro.

— Que terá acontecido, para pôr o médico tão arreliado? —
Quis saber Alfredo.

José estava bem a par do que acontecera. Ligou o aparelho na frequência de Leandro mas não quis localizar a posição atual. Voltou para ações anteriores, como quem rebobinasse a fita, até que localizou o telefonema esclarecedor.

— Quero falar com o Doutor Mário.

Joana argumentou que estava dormindo. Deixasse recado.

— Acorda o homem e fala pra ele atender já.

Na tela, a fisionomia de Leandro aparecia totalmente transtornada. Não vestia máscara alguma.

— Pronto!

— É o médico em pessoa?

— Ele mesmo.

— Fizeste muito mal em permitir que Isabel saísse esta noite.

— Ninguém me recomendou...

— Pois estou te dizendo agora. Para onde ela for, irás junto. E fim. Sabes onde ela esteve a noite toda?

— Saiu com o namorado.

— Foi à macumba.

— Talvez...

— Não tem talvez. O responsável por ela é o Doutor. Quer ela namorar? Tudo bem. No portão. Nem dentro de casa não pode mais.

— Está bem. Mais alguma coisa?

— Não te atrevas a me desafiar que eu te mostro quem manda no pedaço.

— Não me atrevo a nada. Estou até agradecido...

— Agradecido *porra* nenhuma! Estás todo borrado.

E bateu o fone.

Alfredo estava simplesmente embasbacado. Nunca ouvira falar em tamanha prepotência. Como livrar o pobre médico das garras...

Não chegou a concluir o pensamento. José interveio:

— Vamos orar para que a Divina Providência nos ilumine e envie mensageiros com poderes para interromper a série de vibrações negativas que o médico e demais habitantes adultos da casa estão lançando contra o desafeto. Dessa maneira, os irmãos que nos assistem de mais alto poderão inspirar-nos.

Enquanto oravam em favor dos mortais, reviviam cenas de suas existências em que exerceram o domínio sobre outras entidades, seja encarnados, seja como espíritos no Umbral e nas Trevas.

... livrai-nos do mal, porque vosso é o reino, o poder e a glória para sempre. Assim seja.

Acordaram do enlevo plenamente cômicos de que haviam superado tais dificuldades. Leandro também mereceria do Pai a mesma misericórdia.

— Não querem apresentar-se ao espírito do Doutor, para lhe dar um pouco mais de tranquilidade, neste momento de tão grande excitação e revolta?

Enquanto os dois volitavam até a casa do médico, José entrava em contato mediúnico de inspiração com seus orientadores. Queriam passar-lhe os próximos passos relativos às atividades junto aos encarnados. E não eram poucos os alunos em trabalho de assistência na crosta. Serenamente, o mentor ouviu os planos e a recomendação de não interferir nas atividades dos discípulos, mesmo que impacientes e desesperançados. Como sempre, velavam, em nome de Jesus.

De manhã, Mário acordaria furioso. Relatara a conversa telefônica a Marlene, mas não foram capazes de retransmitir o recado a Isabel.

— Vou conversar com meu confessor. Sei que você não acredita, mas Nossa Senhora poderá nos ajudar.

— Nesta altura dos acontecimentos, não acredito nem descredo. Até sonhei que estava num local muito bem iluminado, conversando com anjos de muita paz, que me recomendavam paciência, discernimento, coragem, prudência. Eis como reage a consciência perante o medo. Sabendo que estamos correndo grandes perigos, inventa uma história para refrear o meu desejo de delatar tudo o que sei diretamente à Justiça. Não é possível que estejamos cercados por esses bandidos, sem capacidade de reação.

— Não adianta revoltar-se. Se eles quiserem, fazem desaparecer para sempre as crianças. Você sabe demais, tantas vezes subiste o morro para operar e extrair...

— Fica quieta. Isso ninguém pode ouvir. Joana faz tempo que anda desconfiada dos chamados noturnos. Ainda bem que cuida do pronto-socorro.

— Se o Padre Damião não me disser o que devemos fazer, aí vamos pensar em algo definitivo. Esta vida que estamos vivendo, eu não desejo nem pra cachorro. O Joãozinho voltou a fazer xixi na cama e os outros dois só vão à escola se eu fico lá o tempo todo. Ainda bem que temos a Isabel, que é paciente e que brinca com eles como verdadeira criança.

— Como será que vai reagir às ordens do...

— Vou perguntar se pretende sair. Se for ficar em casa, vou pedir que deixe o Baltazar no portão. Se for preciso, me entendo com ela. Você pode ficar em paz no hospital. Quando voltares amanhã à noite, eu conto o que o padre aconselhou.

De fato, o trabalho do médico impediu-o de pensar em outra coisa, tantas foram as suturas, extrações de projéteis e demais remendos que precisou fazer durante o fim de semana.

Quando chegou a casa, vinha exausto.

Marlene, com os olhos vermelhos e as pálpebras inchadas, queria falar com ele a sós.

CONVITE BEM APROVEITADO

Naquele sábado, Leandro, na qualidade de dono de bem conceituado restaurante, recebeu solene convite para participar de reunião festiva dos comerciantes do bairro, onde se discutiriam as promoções natalinas da Associação Comercial a que se filiava. Não era dado a esse tipo de evento, pois não se importava muito se havia ou não lucro nos negócios oficiais, uma vez que o capital de giro era contabilizado pelo patamar superior, com as entradas clandestinas do gerenciamento do tráfico.

Mas, seja por desfastio, seja por não querer voltar a vigiar a casa do médico, aprontou-se para a conferência. Dentre os associados, era insignificante e assim pretendia permanecer. Reconheceu os que atuavam no setor e mais os que eram vizinhos dos tempos da fundação da casa, e se viu cercado de atenção. Não atinou com a causa até o momento do discurso.

Assumi a palavra o presidente da instituição, Armando, dono de loja de roupas feitas, que examinou a péssima situação financeira da Associação e dos associados como reflexo do que se passava na cidade, porque o turismo estava estragado devido à sobrecarga da criminalidade:

— Depois que as Forças Armadas se recolheram aos quartéis, parece que os criminosos estão mais ávidos por restaurar o livro-caixa, onde o haver e o dever já não se equilibravam. Eu sei que existem olheiros por toda a parte e aqui mesmo alguns dos amigos mais chegados poderão ser os alcaguetes dos facínoras. A verdade, porém, é que estou cansado de pagar por uma segurança que não existe, já que não consigo vender sequer o suficiente para dar conta das cobranças.

Houve apartes de extrema concordância.

Armando prosseguiu:

— Quando precisávamos afastar os pivetes, trombadinhas e trombadões de nossas portas, até que havia interesse em manter a guarda das organizações de segurança particular bem como a clandestina, para o efeito salutar do livre trânsito da clientela. É certo que exageramos algumas vezes, ou melhor, alguns de nós, porque nem todos podem ser responsabilizados pelas diversas chacinas...

Onda de protestos ressoou pelo salão. Os mais exaltados pediam moderação nas declarações.

— Não se preocupem, — prosseguiu o orador. — Recebi pessoalmente todos os convidados e sei que não há ninguém aqui com interesse em divulgações jornalísticas ou em acusações junto ao ministério público. Só faltava a gente ser achacado pelos poderes oficiais, além das propinas que precisamos dar aos fiscais e caterva, para podermos manter o caixa dois, que é o que nos garante ainda na ativa.

Houve alguns aplausos, mas a linha do discurso não estava agradando a maioria. Sentia-se nos presentes que desejavam ouvir a respeito da ordem do dia, tanto que um dos mais velhos, com muita dignidade, fez um sinal que desejava apartear.

Armando concedeu.

— Meu caríssimo presidente, faço minhas todas as suas palavras. Escreva-as, para que eu possa assinar embaixo. Entretanto

(e puxou todas as sílabas, descrevendo um gesto de desconsolo com as mãos), a ordem social está invertida e não seremos nós que iremos sanar os malefícios do poder paralelo dos narcotraficantes, cada vez mais ousados e prepotentes. Sei que é o desespero que nos leva a repudiar a situação, mas vamos tentar fazer valer a época natalina, com a finalidade de atrair o público do carnaval. Não é esse o objetivo da reunião?

Calou-se, dando oportunidade a que o outro prosseguisse daí:

— Perdoem-me o desabafo. Espero não estar falando apenas por mim, quando digo...

Foi interrompido por longos e quentes aplausos. Dir-se-ia que o povo não queria vê-lo continuar na mesma linha de pensamento.

Leandro, que era noviço naquele tipo de reunião, espantava-se com o desabrido linguajar. *Será que seriam capazes de se revoltar contra os patrões do pó? Duvido. Estão fazendo cortina de fumaça, para abocanharem fatia mais grossa do bolo.*

Armando terminava:

— Em suma, vamos dar prêmios para a melhor decoração de vitrina, de fachada e de rua. Vocês se virem com os gastos, que não temos como ajudar, a não ser com a iluminação colorida dos últimos cinco anos. Se quiserem coisa melhor, decidam-se por pagar à Associação, conforme estimativa que vocês são bem capazes de estabelecer. Por mim, não estou pedindo nada. Só estou avisando que o Natal não pode deixar de ser uma atração, para que o povo volte a frequentar as nossas calçadas. Tenho dito.

Não se designara nenhuma comissão nem se fixara o que deveria ser feito. Nunca as coisas foram tão vagas. Era o mal-estar com que contava Armando para movimentar a assembleia.

Gouveia, o do aparte, retomou a palavra:

— Os que desejarem participar da comissão organizadora tomem assento na mesa dos *fundos*. — E apontava para a parede de trás. O trocadilho provocou risos. — Eu irei para lá daqui a pouco. Preciso dar um puxão de orelhas no Armando.

Leandro estava muitíssimo intrigado. Desde a primeira fala do velho comerciante, jurava ter ouvido aquela voz em algum lugar. Quando falou mais alto para chamar a atenção de todos, descobriu que era um dos três chefes da organização a que ele servia na qualidade de valete ou ajudante de ordens, terceiro na escala do poder, porque, depois dos chefes supremos, havia os lugar-tenentes que executavam os planos ainda dentro do setor logístico das operações.

Passou, então, Leandro a observar a conversa entre Gouveia e Armando. Falavam baixo. Sem chamar a atenção, dada a movimentação dos que discutiam quem ficaria na comissão de ornamentação, aproximou-se dos dois com a desculpa de beber um copo de água da jarra sobre a mesa. Ficou de costas e começou longa bebericação, enquanto punha ouvido na conversa:

Dizia o mais velho:

— Garanto que pagar por fora será muito mais garantido. A turma do Leblon desejou se apoiar apenas nas empresas de segurança e na presença ostensiva dos policiais militares e logo se arrependeu. Não ouviste que três membros da diretoria de sua associação tiveram mortes ou sequestros na família? Vai lá ver onde estão os revoltados. Faliram ou mudaram para outro lugar, com modéstia e sem ostentação.

— Mas, Gouveia, a situação está insustentável. Eu sei que conheces algum chefão, porque com você ninguém mexe. Não podes levar a eles a terrível situação em que nos encontramos? Será que eu disse alguma inverdade?

— Disseste bobagens. Onde se viu bandido ter consideração pela clientela? Eles querem o deles. E está acabado. Quantas casas fecharam nos últimos tempos?

— Três concordatas e cinco falências, fora dois golpes na praça...

— Pois, para eles, tudo é igual. Pensam que os que perderam tudo têm economias no banco, porque julgam as pessoas por si

mesmos. Se alguém se matar por causa das dívidas, riem a bom rir, porque, para eles, isso não é nada. Hoje, não têm dinheiro. Amanhã, se compõem com os chefes, assaltam um carro-forte, e pronto! Quando vêm pedir o deles para nós, sabem que estamos sonogando do Governo. É preciso entrar na psicologia dos vigaristas. É preciso aprender a pensar como um deles.

Elevando um pouco mais a voz, chamou Leandro para participar da conversa:

— Ó dono de restaurante, vem dar tua opinião!

Pego de surpresa, o *dono de restaurante* nem assim perdeu a presença de espírito:

— Olá, Seu Gouveia, em que posso servir?

— Falávamos das quadrilhas que nos estão empobrecendo. Estás de acordo comigo?

Jogava o verde mas Leandro não se fez de achado:

— Pelo que posso deduzir, o *puxão de orelhas* parece ser sério. Eu acho que, neste mundo, ou melhor, no Brasil, já que eu não sei o que se passa fora, os espertos são os que mandam, os que exploram. Aqui, nesta brilhante reunião de homens de negócios, só vejo exploradores. Quando se sentem acuados, como estamos sendo pelas tais *quadrilhas* que o Seu Gouveia mencionou, ficam assim como o Armando, cheios de ouriços, atirando dardos para todos os lados, fira a quem não tiver capacidade de se proteger. Eu acho que a comissão vai acabar decidindo por deixar um bom dinheiro na Associação, porque o interesse de todos é ver o seu comércio progredir. Se eu estiver errado, me digam, mas não acredito que o Governo de Brasília tenha o poder de mudar nada por estas bandas. Nem com toda a tropa armada.

Admirou-se Gouveia com a facilidade de o jovem expressar-se. Tarimbado, percebeu que havia nuances de sutil puxa-saquismo no discurso, mas se agradou da intenção de mostrar serviço, uma vez que deveria tê-lo reconhecido. A organização utilizava capuzes mas não ia à sofisticação de dissimular as vozes. Lembrou-se de ter tido,

no seu tempo, a atenção despertada pela maneira de andar de um dos antigos chefes. Mas, naquela época, não se lhes dava de serem conhecidos, pois não se misturavam com a gente bem da sociedade. Muitos começaram a administrar até de dentro dos presídios...

Tirou-o da divagação o próprio Leandro:

— Como vos disse, estou às ordens para servir à melhor causa. Tenho tido ideias de mudar para o ramo da hotelaria ou da construção civil, mas, pelos levantamentos que fiz, preciso vender o meu lucrativo restaurante, um dos melhor frequentados da cidade. A menos que arrume quem me empreste...

Até antes da reunião, não sabia quem seria esse Gouveia, além de dono de rede de hipermercados nos bairros nobres. Dava-lhe carradas de motivos para emprestar-lhe oficialmente o dinheiro. Gouveia mordeu a isca:

— Traz os teus planos segunda-feira, porque, se tiver fundamento, eu te dou o dinheiro de que precisas.

Não adiantava continuar o assunto. Leandro se inteirou do local aonde deveria ir e sumiu da presença do chefe, presença, aliás, requisitada lá no fundo.

A maior parte dos associados se deslocava para o saguão em que se serviam canapés e bebidas. Alguns companheiros, impressionados com a liberdade que demonstrara com o velho Gouveia, comentando à boca pequena o empréstimo prometido, acercaram-se do *dono do restaurante* e entabularam animada conversação. A primeira observação revelava a surpreendente popularidade que desfrutava:

— Com que, então, o restaurante está virando casa noturna... Estamos vendo a construção de imenso salão no fundo do terreno. Dizem que o amigo pagou à vista. Terá assaltado o trem pagador?

Leandro ria a bom rir, porque se sentia muito bem sendo paparicado pelos confrades. Era vaidoso e uma das principais causas do defeito era desejar ser incensado pelo tirocínio nos negócios.

Falavam do restaurante e ele se lembrava da cocaína. Para si, dava no mesmo.

No recinto, estavam as famílias. Muitos fizeram questão de apresentar as mulheres e as filhas, pois era muito difícil de se lograr a companhia do dono, uma vez que quem dirigia, realmente, a casa era o gerente.

Um dos apertos de mão, enluvada e rendada mãozinha, catita e perfumada, atraiu para um sorriso faceiro de menina-moça casadoira. Maria do Carmo, neta do Gouveia, filha do Lourenço, administrador da rede de lojas do pai, que não estava presente por razões superiores à sua vontade. Leandro absorveu as informações, o sorriso e o aperto da mão, tudo de cambulhada. Flutuou no perfume e foi cair no leito, com a cabeça girando, que se dissera amante da prancha e do *windsurf*, que prometera estar presente nas eliminatórias do campeonato nacional.

Quando acordou no domingo, recebeu o relatório do vigia da casa do médico. Baltazar entrara e lá permanecera até a meia-noite. Sem pensar muito no que fazia, ligou e conversou com Marlene:

— Parece que vou ter de tomar providências, pois as minhas ordens não estão sendo respeitadas. Que tal uma orelha de cada um dos pimpolhos, para que os pais ouçam melhor?...

Falou e desligou. Era só para manter o clima de terror. Interessava-se pelo passo que dera na direção do poder e do dinheiro. Quem sabe, até do amor...

A VINGANÇA

O desespero de Marlene despertou a fúria do marido. Pensou em vender a casa e mudar-se para outro bairro ou outra cidade. Não seria a melhor solução. Desejou contatar Leandro, para lhe revelar o quanto sabia a respeito de sua identidade social. Não era muito, apesar de contar com Isabel, que o reconheceria em qualquer ambiente. Imaginou ir ao hospital e fazer algum tipo de ameaça ao menino, algo que repercutisse pela imprensa.

O temor, entretanto, devastava-lhe o coração. Não conjecturava qual seria a reação do perverso.

É ele quem sabe utilizar as armas. É ele quem possui o dinheiro. É ele quem tem asseclas prontos para qualquer coisa. Se, ao menos, nos permitisse liberar Isabel, para seguir o caminho dela... É isso que nos está amarrando uns aos outros. Na verdade, ele é quem é meu maior devedor, porque devolver-me os filhos era só obrigação.

Imaginou que haveria bandidos rivais interessados em dominar a região, mas não viu como levar-lhes informação que já não soubessem.

Ocorreu-lhe que a briga na Justiça pela tutela de Orivaldo poderia trazer o pai ao tribunal. Aí, saberia a cara que tem. Mas, e se

procedessem por procuração? Nesse campo, precisaria apoiar-se em causídico. Era carta para manter encoberta, por enquanto.

Se soubesse quem são os chefões do tráfico, poderia fazer reclamação em regra, pois motivos pessoais de subalterno estão pondo em risco a segurança dos negócios.

Lembrava-se da conversa com Isabel a respeito da juventude de Leandro. Pelos cálculos de ambos, a pôr fé na palavra do bandido para a amante, teria por volta de vinte e seis a vinte e oito anos, muito verde, portanto, para o comando da organização. Mário conhecia a história de muitas quadrilhas chefiadas por criminosos as quais, uma vez mortos, prosseguiram operando normalmente, como se a chefia passasse de mão em mão. Ou, então, os eliminados eram só testas de ferro, quando os verdadeiros mandachuvas se escondiam no anonimato. Não era sem importância o fato de o malandro sempre estar devidamente oculto na escuridão, atrás de capuz indevassável. *Vai a mando dos poderosos.*

De manhã, tinha arquitetado um plano.

— Marlene, vou aproveitar a folga para umas providências que nos livrarão do facínora.

— Vejas lá o que vais aprontar! Por mim, não levo mais as crianças à escola, até a idade do primário. Vê se consegues mais um guarda com o Delegado.

— Que guarda? Aquele cara lá fora deve estar mancomunado com o bando, senão, como é que não percebeu a espreita dos outros?

— Não tem importância. Liga pro Delegado e esclarece que recebemos ameaças.

— Não vai adiantar, mas farei isso mesmo. Nesse tempo, pega o jornal de ontem e procura apartamento bem longe daqui. Vamos sair do raio de ação de Leandro.

— Não temos dinheiro...

— Vamos ter quando vendermos a casa. Podemos até fazer na base de troca.

— Com esta vizinhança, não vamos conseguir muito.

— Que leve a breca! Esta agonia, eu não posso mais suportar.

— Vou procurar. Se achar, o que é que faço?

— Liga e pergunta as condições. O que interessar, toma nota. Amanhã, a gente pode ir atrás.

la dizendo: *Queira Deus...*, mas sufocou a exclamação a tempo. Não estava no hospital. Se tivesse dito, porém, Marlene nem teria condições de comentar. Passara noite de cão, sonhando com orelhas e braços arrancados. Um pavor, como no dia em que fora buscar Mário no pronto-socorro.

Dez minutos depois da ligação, encostava à porta da casa uma viatura. O próprio Delegado veio observar a situação no local, para a definição do melhor posicionamento do investigador. Achou que a presença do vendedor de cachorros-quentes trazia mais movimento para a praça, favorecendo o disfarce da polícia. Viu a mendiga com as crianças e foi conversar com ela. Queria saber se vira algo de estranho nos últimos dias.

— Vi, sim. Ficaram dois homens perto do muro, do outro lado da rua. lam e vinham. Fiquei com medo que eram os donos do ponto.

O Delegado desconfiou de que eram os investigadores.

— Estavas aqui ontem, à noite?

— Deus me livre! É muito perigoso. Às seis me mando, porque o meu marido quer comer. Ainda tenho de comprar os mantimentos...

— Está muito bem! Se vires algo suspeito, avisa os da viatura. 'Tá legal?

— Pode deixar.

O Delegado passou-lhe uns trocados, tendo ficado muito contente com o preço da *olheira*.

— Caro Doutor Mário, eu não acredito que os meliantes irão tentar mais nada. O pessoal da casa é de confiança?

— Plenamente.

— Então, diz pra todos que tomem cuidado na rua e que nunca saiam sozinhos. Quando forem entrar, vai um até o portão e o outro fica a distância, lá na outra esquina. Se os bandidos chegarem junto, o que está fora dá o toque pra polícia. Está certo assim?

Mário julgou ingênua a propositura, mas refletiu que havia lógica no procedimento, concordando com tudo. Especialmente, ficou contente com a viatura naquele local, a qual, conforme palavra do policial, havia sido deslocada de um posto de gasolina. A vida das crianças era mais importante que uns trocados dos bolsos dos frentistas. Onde se viu? O posto tem até cofre de segurança eletrônica...

Despachada a visita oficial, tranquilizada a esposa, dispôs-se o médico a escrever tudo quanto tinha ocorrido desde que Orivaldo fora internado. Não se esmerou nos dizeres nem pretendeu fazer libelo contra o crime organizado. Era depoimento contra o pai da criança, seu envolvimento com o tráfico no Andaraí de Cima e seu poderio junto aos sequestradores. Revelava quem era Isabel, qual o papel de Raimunda e não se esquecia do Doutor Darci, sempre um passo à frente no conhecimento dos fatos.

Levou o dia todo a elaborar o relatório. Mas o tempo gasto na escrituração se economizou na impressão de duzentas cópias, pelo micro, onde brincava com os filhos, nas horas vagas. Até o prazer dos *games* havia perdido nos últimos meses.

Tarde da noite, adentrava o hospital, fazendo alarde de que o serviço estava sobrecarregando o banco de sangue. Queria doadores. Na verdade, precisava testar o esquema, a ver se estava montado e funcionando. Às duas da madrugada, várias pessoas sonolentas se apresentaram para a doação. Diziam-se parentes e

amigos dos internados. Como o que é de graça não ofende, contavam com a indiferença dos funcionários.

Alfredo e Dráusio eram contrários ao expediente, mas não alcançaram sustentar a mão do médico. O remédio era orar com muito fervor, para que os resultados do plano não fossem desastrosos.

Na quarta-feira, estampavam as manchetes: *Três orelhas debaixo do travesseiro. Negra apavorada com três orelhas. Três orelhas sangrentas põem doutor de orelha em pé.*

O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

Leandro quis aproveitar o domingo para treinar as façanhas náuticas. Impressionara-se com a moreninha tostada de sol. Precisava não fazer feio perante a jovem, se almejasse algo mais do que companhia feminina platônica e descomprometida.

Depois do lúgubre telefonema, esqueceu-se completamente de Isabel e da família do médico. Pôs o pessoal de compra e venda atarefado, recomendou ao gerente do restaurante que entregasse à Associação Comercial exatamente a quantia que solicitassem, mandou dobrar os gastos com a ornamentação natalina e fez várias ligações, em busca de saber onde poderia praticar o surfe e demais brincadeiras aquáticas, sob orientação especializada.

Havia vários. O que lhe demonstrou que os campeões esquiavam e pranchavam ali, foi ao qual deu preferência.

Assim varou o dia, queimando-se ao sol primaveril. À noite, além de exausto pelo exagero desportivo, estava febril, por causa da insolação. Pensou em chamar o doutor, mas pôs de lado a ideia. Riu com a lembrança de que Mário deveria estar apavorado. Encarregou um dos criados de encontrar alguém disponível e verificou que, no domingo à noite, só se buscasse plantonista de hospital. Foi o que fez, para não piorar. Constatou-se que as lesões eram superficiais,

nada que alguns comprimidos e um pouco de pomada não resolvessem. Ficasse resguardado e só voltasse ao sol dentro de quinze dias, mesmo assim com filtro solar de boa qualidade, generosamente espalhado pelo corpo.

Na segunda-feira, precisou despachar da cama. Quando se levantou e deu atenção ao recado do espelho, não gostou do que viu. O lado escuro da progênie se manifestara vigorosamente. De moreno claro, podia dizer-se mulato escuro. Esquecera-se, completamente, desse pormenor, na ânsia de se equipar esportivamente para Maria do Carmo.

Chamou o contador e lhe pediu para levar recado escrito ao Gouveia. Temia os telefonemas. Quando precisava agir como membro da organização, utilizava o celular. Descreveu a sua desgraça, chamando-se de *imbecil* por tentar impressionar a neta do destinatário com habilidades que não possuía, e não escondeu o interesse por manter com ela relações de amizade. Declarava-se ao avô, deslavado e fegoso, como se o mundo lhe coubesse na palma de mão.

Gouveia recebeu mal a notícia. Gostava da neta e não apoiava a ideia de que ficasse tão intimamente relacionada com a quadrilha. Só se a isso se determinasse, por injunções do destino. Na verdade, a riqueza da família lhe fora dito que proviera da imensidão de lojas da rede de hipermercados, tendo-lhe sido escondida a parte relativa aos lucros com a droga e demais atividades correlatas do submundo do crime.

O contador voltou com a informação de que Gouveia lamentava o sucedido, deixando-lhe abertas as portas do escritório. Queria Leandro entender *casa*. O contador frisou *escritório*. A proposta do *empréstimo* continuava de pé.

Na hora do almoço, baixou o velho pirata à mansão do filho Lourenço. Especularia a presença de Leandro na imaginação de Maria do Carmo.

— Vô, aquele pernóstico é um imbecil! Vê lá se tem cabimento querer chegar-se a mim. Não tem ideia de nada. Conversei como quem conversa com um pé de couve. E o cara tomou o maior sol para me impressionar. Nem que fosse louca. Nem morta. ‘Tá cheio de gatinho atrás desta fera aqui. Esse idiota...

— Não precisa continuar. Se eu o trazer para as festas da família, posso estar sossegado de que não será tratado melhor do que o João.

João era o apelido de um cão fila que tomava conta do gramado da casa de Lourenço. João e a companheira Maria, nomes, no mínimo, estranhos para os bichos de estimação.

— Atiço o João contra ele.

No final da tarde, Silvano apresentou-se com tremenda novidade:

— O hospital está em polvorosa. Encontraram... Encontraram, não. Raimunda encontrou três orelhas humanas debaixo do travesseiro de teu filho. Quem fez isso avisou os repórteres. ‘Tá cheio de jornalista. O Darci está todo atrapalhado. Como explicar...

— Estúpido. Como está o menino?

— Não tem noção do que aconteceu.

— Quero saber se foi molestado.

— Não. Estava dormindo tranquilo. Raimunda é que se apavorou.

— Liga pra casa do Mário.

Foi pedir e ser atendido.

— Está na linha.

— Escuta aqui, imbecil...

— Escuto nada. Escuta, você. Que ideia foi essa de dizer a minha mulher que vai cortar as orelhas de meus filhos?

— Disse que faço e agora ninguém mais me segura. Que ideia maluca é essa de me ameaçar?

— Como ameaçar?

— Não dê de desentendido.
— Que desentendido, que nada. Quero saber que ameaça foi essa, porque não fiz nada.
— Que foi que puseste debaixo do travesseiro do meu filho?
— Travesseiro?... Não pus absolutamente nada.
— Então, mandaste alguém.
— Mandei o quê?
— Você está gravando esta conversa?
— Tenho todas as conversas gravadas. E tenho tudo por escrito, já devidamente depositado em cartório. Aliás, uma das cópias deve estar no morro à tua espera, porque eu entreguei a uma certa enfermeira. Mas, debaixo do travesseiro do Leandro, eu não coloquei nada.

O traficante desligou. A primeira ideia foi mandar três ou quatro assassinos para exterminarem a família. Se Isabel fosse junto, tanto pior para ela. Mas a figura de Gouveia erguia-se soberana à sua frente. Agora, quando demonstrara, com tamanha evidência, que sabia quem era na quadrilha, sua posição estava debilitada. Qualquer escorregadela iria fazer que perdesse a vida, porque a organização estava acima dos integrantes, quanto mais se estes representassem perigo.

E se o infeliz estiver falando a verdade? Quem poderia ter feito a proeza do hospital? A mando do médico, não haveria chance. O cara não teria peito para formar um bando para enfrentar o narcotráfico. Só se fosse outra quadrilha. Teria o médico entrado em contato...

— Silvano!
— Pronto!
— Os relatórios da casa de Mário?
— Todos transcritos em disquete, senhor.
— Ponha no micro.

Havia a descrição das atividades do domingo. Interessou-se pela segunda-feira. A visita do Delegado estava cheia de pontos de

exclamação. Mas ele foi incapaz de sorrir. Nenhuma visita diferente. Nenhum cliente. A polícia não iria colocar as orelhas. Os telefonemas copiados revelaram que o casal procurava apartamento em local distante.

— Volta para o sábado.

Em certo trecho, informava-se que o patrão havia conversado com a dona da casa. As ameaças foram supressas.

— Silvano! Você sabe se dois grampos podem ser colocados no mesmo cabo?

— Perfeitamente.

— Um não pode detectar o outro?

— Não.

— Quer dizer que pode ter outra escuta na casa do médico?

— Quantas se quiserem. Até dentro da empresa de telefonia.

Leandro ficou extremamente apreensivo. Havia declarado nos telefonemas quem era em relação ao menino baleado. Não seria difícil de localizar os pacientes sob os cuidados de Mário. Mas, se quisessem atingi-lo de vez, teriam eliminado a criança. Se fossem os familiares dos policiais mortos ou os colegas deles que soubessem disso, não iriam titubear. Matariam ou sequestrariam. Não iriam colocar orelhas debaixo do travesseiro.

— Liga pro Darci.

— Quem?

— O do Hospital, cabeça de bagre.

Silvano estava estranhando o procedimento de Leandro. Nunca o ofendera, mesmo quando se esquecia de informações importantes. A agitação lhe estava parecendo desproporcional. É verdade que...

— A secretária está passando a chamada.

— Pronto!

— Doutor Darci?

— Eu mesmo.

— É o pai do Leandro. Que está acontecendo?

— Acabo de me livrar dos jornalistas.

— Quero saber como está meu filho.

— Está melhor. Não permitimos que ninguém entrasse no quarto, além dos policiais, para a perícia. Já descobrimos que as orelhas foram extraídas dos cadáveres da patologia.

— Algum suspeito?

— Nem sombra. Pode ser qualquer um, porque, ontem, a noite esteve muito agitada.

— Encontra um hospital idôneo, que eu quero transferir a criança.

— Nem pensar.

— Como assim?

— Existe polícia por tudo quanto é canto. Tirar o menino daqui só por ordem judicial. No quarto, só entra o pessoal designado pela administração e aprovado pelo Delegado.

— Então, eu quero que o Mário fique de fora.

— Ele, não. Foi o primeiro que se apresentou, tendo sido recomendado pelo próprio responsável pelas investigações.

Percebeu que o médico se antecipara a ele nas providências. Estava em casa um momento antes. Enquanto um avaliava os relatórios, o outro correu para o hospital. Muito estranho.

Desligou sem mais. Estava atarantado. Levantou-se, colocou camisa de seda finíssima, para não magoar as queimaduras, e dispôs-se a convocar o médico, para entrevista no morro. Antes de ligar, o temor da interceptação fez que pensasse em voltar a utilizar os pombos-correio da favela. Não deu tempo. O celular tocou. Era a informante do hospital. Mário tinha pedido para que o conduzissem à noite para a favela. Precisavam conversar.

Alfredo e Dráusio começavam a se sentir personagens estranhas ao enredo da vida socorrista. Não tiveram acesso ao episódio das orelhas. Com José, não descobriram quem tinha colocado o funéreo aviso para Leandro. O teleprocessador de

imagens não registrava recordação alguma quanto a Raimunda ou Orivaldo. O mais intrigante é que, quanto a Mário, havia interferências muito fortes, porque o hospital estava infestado de pessoas de vibrações pesadíssimas e o doutor estava sob tensão, odiando o desafeto, ansioso por encontrar meio de vingar-se dos horrores do medo. Só alcançavam distinguir as vibrações em favor dos filhos e de Marlene. Até quando se lembrava de Isabel, desestabilizava o aparelho receptor.

Os técnicos do Setor de Cadastro e Memória poderiam filtrar as imagens. Só o fariam, entretanto, se houvesse riscos para o planejamento superior relativo aos desempenhos espirituais idealizados para as regenerações em andamento. Assim, não lograriam José e, muito menos, Alfredo e Dráusio a restauração desse período.

Ao retornarem ao ambiente doméstico, encontraram de plantão os dois guardas anteriores. Estavam ressabiados. Não lhes interceptaram a passagem. Antes, se encolheram a um canto, tentando passar despercebidos. Desejavam, na verdade, poder presenciar tudo o que ocorresse ali, pois a lacuna das informações daquela fatídica noite lhes fora cobrada sob açoite.

Alfredo, tendo percebido a manobra, puxou conversa:

— Vamos nos integrar num mesmo grupo de protetores?

— Façam o seu e nós o nosso. Do jeito que está, está muito bem.

— Pois acho que poderia ficar melhor. Se estiverem dispostos a seguir conosco, podemos levá-los ao Centro de Treinamento de Observadores Humanos, para aprenderem a lidar com os encarnados.

— Não temos nenhum problema com eles.

— E com quem mais? Conosco? Então, poderão frequentar o Curso de Administração de Fluidos Terapêuticos a Obsessores em Caráter Emergencial. Se não ficarem satisfeitos, ao menos, no futuro, poderão defender-se com mais...

— Vocês estão pensando...

— Não estamos pensando nada. Estamos oferecendo ajuda corretiva dos procedimentos em que falharam. Não foi essa a perspectiva de seus superiores?

Alfredo não brincava. Se estivesse sendo irônico, Dráusio o teria interrompido. É que, para tratar com aquele tipo de espíritos sofredores, só oferecendo algo muitíssimo concreto. Falar no *Bem, como Suprema Aspiração da Existência, para União Perfeita com o Criador*, simplesmente os colocaria a gargalhar.

Mas não adiantou. Os dois começaram a *exorcizar* as emanções vibratórias com que os socorristas pretendiam envolvê-los, de sorte que estavam tornando-se inamistosos. Era melhor desistir. Voltariam à carga, se os vissem mais castigados pelos erros cometidos, o que os protetores não teriam como evitar, dado que pretendiam exercer seu mister com proficiência.

Nessa hora, imprimiam-se as manchetes e reportagens sobre as orelhas.

DESENCANTA-SE ISABEL

Quando Marlene avisou Isabel a respeito do que se passara no hospital, desejava que ficasse tranquila quanto ao filho. Não haveria o que temer, que, se os bandidos quisessem matá-lo, já o teriam feito.

— Mas quem teria colocado as orelhas debaixo do travesseiro?

— Não sei dizer, querida. Tudo leva a crer que Leandro quisesse atormentar a gente e acabou sendo vítima da própria ameaça.

— Se não foi vingança do Doutor, quem poderia querer assustar tanto o menino?

— Mário disse que Leandrinho nem ficou sabendo. Para a polícia, o menino não soube dizer nada. Raimunda é quem fez o maior escândalo do mundo.

Isabel não acreditava no que dizia Marlene. Achava que tinha sido o médico e fim. Mas não podia bater o pé. Teimosia não iria adiantar. Iria esperar o patrão para perguntar diretamente a ele. Se mentisse, talvez fosse possível perceber. Pelo menos, nunca antes surpreendera qualquer deslize. Depois que as crianças foram sequestradas, o Doutor nunca brincava e Marlene falava sempre

com mágoa no coração, não admitindo que Deus tivesse permitido que...

Isabel não gostava de refletir por esse lado. Era muito mais prática. Por ela, teriam mudado para outra cidade, levando Leandrinho. O médico poderia deixá-la a viver sua vida sozinha, podendo se ver de vez em quando, porque gostava dos meninos, especialmente do Joãozinho. Mas, como não poderia decidir sozinha, nem ao menos quanto ao rapto do filho, já que não estava ele em condições de enfrentar o mundo cá fora, dependente dos remédios, resignou-se, não sem antes decidir consultar os orixás. Aguardaria a sexta-feira com impaciência.

À noite, Baltazar a convidou para ir ao Centro Espírita, para sessão reservada. Pedira permissão ao *padrinho*.

— Ele faz questão de apreciar o que se passa.

— Mas, quando foi que você conversou com ele?

— Hoje de tarde.

— Onde?

— Em casa.

— Em casa?

— Sim. Ele foi me procurar. Achou que querias falar com ele. Disse mesmo: *A tua namorada está precisando de conselhos. Se não me contarem o que está acontecendo, não terei o que dizer aos orixás. É preciso limpar a casa e isso eles só farão se ela der permissão. É preciso pedir e se submeter, com pureza de alma.* Ele disse isso, mais ou menos, e outras coisas, mas não dá tempo de te contar. Vamos?

— E a proibição de sair sozinha?

— Eu não acho que, depois do caso das orelhas...

— Que é que você está sabendo?

— Só o que me contaste. E o que saiu no jornal. Mas acho que ninguém vai querer se pôr com o Doutor...

— Quem lhe disse que foi o Doutor?

— Só pode ser. Quem mais teria possibilidade de...

— Qualquer pessoa interessada... Deixa pra lá! Vamos embora.

— Será que Dona Marlene empresta o carro?

— Espera aí que vou pedir.

Instantes depois, voltava com a patroa.

— O Mário está interessado em ir junto. Será que ele pode assistir aos trabalhos?

— Se não puder, eu fico com ele no carro, até que Isabel volte.

Dessa feita, o vigilante da noite viu que o médico saiu com o casal. Não havia o que fazer. Pôs-se a dirigir a distância, com a certeza de que iriam ao Centro Espírita. Notou que o carro parou por duas vezes. Estariam desconfiados de que os seguiam? Atrevido, avançou e ultrapassou o carro do médico e foi estacionar na rua do terreiro. Poucos minutos depois, chegavam os três.

Ao ingressarem no portãozinho lateral, viram que havia só umas seis ou sete pessoas.

O senhor que chamavam por *padrinho*, o mesmo do sermãozinho da sessão da sexta-feira, fez questão de cumprimentar a nova personagem:

— Sejas bem-vindo, Doutor Mário.

— Com que, então, o Senhor me conhece?

— Baltazar me tem falado muito bem do Senhor. E outras fontes também. A que devemos a honra da visita?

— A bem da verdade, além de estar curioso de conhecer este ambiente, estou recebendo ameaças...

— Baltazar me pôs a par de tudo. Os bandidos estão tomando conta da cidade. Às vezes, aparece um aqui querendo despacho contra esse ou aquele. Ou vêm para *fechar o corpo*. Fazem confusão. Os Santos que nos atendem são os melhores da Nação Nagô. Por isso, não aceitam que se contem mentiras para eles. A pessoa tem de ser purinha de intenções. O Babalaô manifestou o desejo de ajudar Isabel. Parece que ela está recebendo vibrações muito positivas. Mas precisa desimpedir um *entrebucho* que está obstruindo o sucesso dos trabalhos. Vamos entrar

Só três médiuns iriam incorporar. Isabel foi colocada perto do altar encoberto pelo véu. Baltazar, Mário e as outras pessoas ficaram fora do círculo pintado no soalho. Descalços, o padrinho lhes pediu que fizessem silêncio e que orassem. Mário se viu atrapalhado. Não queria ferir os preceitos da instituição mas não sabia como dizer que era muito pobre no campo religioso. Quando saiu de casa, estava pensando em assembleia grande, com público heterogêneo, tipo de casa evangélica, onde os pastores fazem aclamações de curas e pedem dinheiro. A intimidade do tratamento e a simpatia do pessoal o dispuseram mal perante si mesmo. Lamentava-se por ter vindo, quando a cerimônia teve início.

Nada de atabaques. O *padrinho* fez curto discurso em língua estranha, após o que abriu o cortinado, dando acesso ao altar, onde se viam diversos objetos do culto, como zarabatanas cruzadas, arcos e flechas, potes, diversas imagens de índios e outros objetos que Mário não soube nomear. No meio do altar, a figura de guerreiro negro, braço direito erguido, em atitude de clamor ao Céu, ao mesmo tempo que apontava, com a outra mão, a lança para a frente, como a impedir que o inimigo avançasse.

Isabel estava absolutamente consciente. Não se perturbara, que não havia ruído algum nem os cheiros dos incensos, dos charutos ou da aguardente.

O padrinho incorporara o Babalaô, mas não dirigiu a palavra a nenhum dos presentes. Deu lenta volta em torno do círculo, sem sair dele, tocando a cabeça de cada um dos presentes. Levava na mão um galho de louros, com outras ervas. Ao se aproximar do Doutor, parou um instante e lhe fez uma pergunta em idioma desconhecido. Sentiu-se o médico atrapalhado, mas uma das senhoras se aproximou e traduziu:

— O Babalaô quer saber qual seu interesse em se vingar do bandido.

Não sabia bem o que dizer, mas se lembrou do telefonema das orelhas:

— Estou sendo ameaçado. Gostaria de me livrar do sufoco, para poder dar paz à minha família.

Novamente, o *padrinho*, incorporando a entidade, o interrogou. A mulher traduziu:

— Se fores chamado para as virtudes, saberias perdoar?

Era questão que não lhe passara pela mente. Disse o que sentia no momento:

— Eu queria acordar deste pesadelo. Para isso, recorro a qualquer coisa. O medo está transtornando a minha vida, da minha mulher e dos meus filhos. Quando eu subia o morro para cuidar dos feridos e dos doentes, sabia que estava pisando em terreno perigoso, mas tinha a garantia de estar prestando serviço muito útil. Agora, parece que o bandido sou eu, porque...

O Babalaô fez um gesto, como quem já estivesse satisfeito.

Só aí Mário se apercebeu que havia contado o maior segredo de sua vida. Pensou um pouco e deu de barato que aquele pessoal não iria dedá-lo à polícia.

Baltazar ouviu tudo e ficou admirado com a revelação. Sabia que os bandidos eram poderosos, mas a ponto de serem tratados pelo Doutor... Não quis estabelecer julgamento, porém, poderia ser que corresse muito dinheiro. Em todo caso, ficou a cismar a respeito do poder do plano espiritual, que fez que abrisse a boca numa boa.

Isabel estava de pé no meio do círculo. O Babalaô se aproximou dela e a cumprimentou, cruzando os ombros.

— Saravá, Zunfia!

— Saravá!

— Zunfia vem com o coração bem sujo.

Isabel pensou em protestar, mas sabia que não era hora de falar nada.

— Zunfia quer recuperar criança?

— Quero.

— De verdade?

— De verdade.

- É pra deixar antigo companheiro triste?
- Estou arrependida de ter abandonado o Leandrinho.
- Zunfia perdoa o pai da criança?

Isabel queria dizer que sim. Mas não sentia legítimo alvoroço de bondade no coração. Não pensava que as perguntas seriam tão diretas.

— Enquanto Zunfia não perdoar, não vai poder ser ajudada. Precisa filtrar a dor. Vais ter de pensar muito em tua vida, até saber que as pessoas também sofreram por tua causa. Desde pequena. Pai e mãe de Zunfia estão muito tristes.

Isabel nunca pensava neles. A palavra da entidade a comovia muito. Começava a chorar.

- Vai, com a proteção de Deus!

Acrescentou outros nomes de entidades mas a longa lista se perdeu para o rebuliço moral de sua alma atiçada com tanto vigor ao perdão.

Isabel foi convidada a ficar do lado de fora do círculo e Baltazar a entrar.

O Babalaô falou em voz muito baixa, de modo que só o assistido pôde ouvir. Ficaram no colóquio íntimo por dez minutos. Isabel e Mário já se impacientavam, quando Baltazar regressou para o seu lado. Vinha com ar extremamente preocupado. Mas se concentrou em oração, apoderando-se da mão de Isabel, que apertava com força, como a transmitir-lhe afeto e segurança. Pensava no que lhe fora dito pelo orixá. Que deveria seguir o médico naquela noite, quando fosse ao morro. Talvez deixasse lá a vida, talvez não. Mas era obrigação de amor e fidelidade à Nação Nagô. Teria a seu lado os maiores da casa e não estaria sozinho, no plano material, que três dos médiuns presentes o acompanhariam. Mas não poderia levar o trinta e oito.

Baltazar não tinha medo de enfrentar a escuridão, com seus perigos terríveis, mas pensava na possibilidade de afastar-se de Isabel, logo agora que começava a querê-la para esposa.

Às três da madrugada, Mário saía de casa precedido por negrinho de treze anos. Se tivesse reparado no policial de prontidão, talvez parasse para acudi-lo, que lhe escorria sangue do alto da cabeça. Se não estivesse tão tenso, carregando a pesada maleta e outra pasta, talvez suspeitasse de que outras pessoas se esgueiravam na escuridão, atrás dele. As próximas horas seriam de medo e expectativa. Estava indo encontrar-se com o leão que fustigara com vara demasiado curta.

PACTO DE VIDA E MORTE

Pela primeira vez, tomaram de Mário a maleta do instrumental cirúrgico. Quiseram pegar a pasta, mas ele abriu, mostrando que eram apenas folhas impressas que precisava entregar ao chefe.

Lá dentro, a voz do escuro foi atroando:

— Doutor, o Senhor sabe que está na cova do leão?

— Fui eu quem lhe pediu a entrevista. Conheço o poder dos bandidos, que só esse nome pode ser dado a quem faz ameaças às pessoas que trabalham para a comunidade, sem outro ganho que não seja a própria segurança. Se nos tiram a única regalia, assim mesmo depois de sofrer o sequestro dos filhos, como é que se deseja que o povo reaja? Somente revidando à altura dos malfeitos, já que, a toda a hora, a gente vê os indefesos e desarmados sofrerem.

— Terminaste?

— Quero que vejas os depoimentos que trouxe, cópias daquele que deve estar em tuas mãos. Tenho muitas. É para assustar mesmo, que tenho necessidade de dar paz à família, caso contrário não adianta viver, se não se pode sequer sair de casa...

— Gostei de teres acompanhado a negrinha ao Centro Espírita.

— Fui porque desejava saber o que os espíritos podem oferecer para minha família. E fiquei muito contente em ter visto que estão protegendo a gente.

— Os espíritos protegem quem paga mais. Eu tenho o corpo fechado, tem bastante tempo. E cumpro a obrigação religiosamente. Quando chegar a minha vez, vou para o outro lado fazer o mesmo. A confraria a que pertenço está amarrada no amparo de todos, que todos temos precisão de gozar a vida e a morte, embora tenha gente que não entenda isso. Não foi isso que te disseram lá?

Mário era neófito. Quis arrogar beneméritos que não recebera e agora se via acuado por alguém que parecia conhecer. Mas não se apertou:

— As entidades são de todo tipo. Existem aquelas que protegem os que fazem maldades, os criminosos, os ladrões, os traficantes, os contrabandistas, os adúlteros, e outras que respeitam quem deseja o bem. Isso é da religião antiga, desde os tempos de Roma e de Atenas, como sempre foi na África. Apenas, os que coroam suas atividades com sem-vergonhice, quando veem que estão perdendo terreno, debandam acovardados, deixando na mão os perversos.

Falava sobre o que não sabia, mas precisava não se deixar surpreender por nenhum argumento que favorecesse o criminoso.

— Isso veremos. A verdade é que o meu santo é forte e que tem muitos espíritos sob seu comando. Mas eu gostei de ver o Doutor falar de espiritualidade. Isso quer dizer que, se eu mandar a família pro cemitério, não irás ficar triste, já que todos irão tocar harpa no Céu, com os anjinhos.

A conversa se encaminhava para as ameaças. Não havia necessidade de apresentar outros argumentos.

— Se estás pensando que vou me vingar na criança internada, vais enganar-te redondamente. Sou médico e minha formação manda que preserve a vida e que não promova a morte. O teu filho está resguardado. Podes crer.

— Vejo que o Doutor tem seu ponto fraco. Se me tivesses dito que o pequeno morreria, talvez eu acreditasse e, aí, não terias tempo para mais nada. Mas não tentes ser mais esperto do que eu. Nesta hora, tem mais de quinze em derredor de tua casa, esperando que eu mande pôr fogo nela.

— Faz isso e tua vida vai ficar por um fio.

— Mas não estarás aqui para ver nada.

— Verei do plano espiritual. Esqueceste que a vida é vista e influenciada pelos espíritos. Posso não estar certo, mas será que terei a alma tão branda para perdoar tamanho disparate? Vejas que não digo crime, porque isso seria a emboscada da droga que vendes aos adolescentes e às crianças, para lhes tirar o poder da vida. Falo contigo a linguagem da inteligência e da moralidade. Sei que entendes o valor das palavras, mas que não consegues perceber a extensão da sabedoria. Até hoje, sempre trabalhei em silêncio e nunca me atrevi a dizer nada, que as metralhas falam mais alto. Mas o terror há de ter limites...

— Preparaste um bom discurso. O meu está preparado faz tempo.

Da escuridão saiu um clarão e o ruído de um estampido. O chumbo atingiu o chão, tirando faíscas.

— Ficaste contente porque errei o alvo? Queres ver como sou capaz de acertar?

— Nunca pus em dúvida a tua capacidade de matar. Sei que fizeste de propósito para me assustar. E, se eu disser que não estou me cagando todo, serás levado a me atingir a perna e, depois, a barriga, a cabeça, até não sobrar mais vida num presunto que mandarás atirar lá da pedra, para ser comido pelos urubus e pelos vermes, que estão se regalando com outros corpos. Mas não pretendo demonstrar heroísmo, bravura, nem quero bravatear coragem que não possuo. Estou com medo, mas é muito maior o desejo de te mostrar que perderás tudo o que possuis se

concretizares tuas ameaças. Foi para isso que vim. Faz agora o que tem de ser feito.

— Belo discurso, doutor. Quer ouvir o meu?...

Cinco angustiantes minutos se passaram. Era a tática do terrorismo mais sórdido, o de sonegar à vítima a possibilidade de defesa.

— Vou dar uma rajada de metralhadora na tua direção. Vou fazer um gesto rápido. Desta distância, as balas vão distar uns vinte a vinte e cinco centímetros umas das outras, na posição em que estás. Queres rezar pros teus protetores, antes que eu atire?

— Não precisas disso para me deixar com medo. Já estou apavorado. Não foi para tranquilizar-te que pedi a entrevista. Foi para ter paz eu mesmo. Sendo assim, tanto faz atirar como não atirar. Se me acertares, tanto pior. Posso sobreviver ou não. De qualquer maneira, a Justiça humana tomará conhecimento de tuas atividades e, através de Isabel, que nesta hora está muito bem protegida, irá descobrir-te e acabar com teus projetos de grandeza.

Ouviu-se o matraquear da arma. O clarão e o zunido das balas pareceu indicar a Mário que Leandro atirara para o alto.

— Ainda estás aí?

— Percebi que atiraste para cima. Será que estás mirando os protetores espirituais?

Mário sabia que Leandro queria que ele promettesse recolher as cópias dos relatórios. Isso ele não poderia fazer, se quisesse livrar-se do terror.

— Vejo que não irás ficar contente, se não te meter uma bala nos miolos.

— Penso que sobre esse assunto já conversamos. Se queres viver sem o perigo de eu te denunciar, livra-me da necessidade de cuidar de Isabel. É só o que te peço. Aí, não precisarei mudar, como já deves estar sabendo, porque o meu telefone está grampeado, e irei continuar a viver como sempre. Se pensas que encontrarás

facilmente outro que venha operar aqui no alto, vais tirando o cavalinho da chuva.

— Quer dizer que abandonas a moça. Bela lição de moral!

— Ela entrou na minha vida e eu ajudei como pude. Agora, não dá mais. E você, o que fizeste por ela? Jogaste de volta à zona. E falas em vingança...

Leandro havia lido o manifesto da revolta de Mário, onde se registravam, inclusive, as conversas telefônicas com Isabel e as palavras corretas que lhe dissera. Não era documento que fizesse fé em juízo, mas comprovava que o médico se preparara para o encontro.

— Vamos fazer um trato. Isabel sai do Estado do Rio e a família do Doutor fica protegida do mesmo modo de antes, sem o risco, inclusive, de ter alguém desejos de levar-te algum dos filhos. Eu perdo as orelhas...

— As orelhas não fui quem pôs debaixo do travesseiro do menino.

— Ora, Doutor, quem poderia ser?

— Eu não sei. Sei que não fui eu. Quer que eu jure?

— Jure!

— Pois juro, por tudo quanto é mais sagrado no Céu e na Terra, que não fui quem pôs as orelhas debaixo do travesseiro...

— Diz também que não mandaste colocar.

— ... e que não mandei ninguém colocar, nem por palavras nem por atos. Que posso fazer para que me entendas que não tive nada com isso?

Leandro se impacientava com outro problema. Estava dando muita trela ao médico e isso poderia repercutir mal entre os do morro que assistiam à cena da escuridão. Sabiam que Leandro não estava senhor da situação, o que o punha esquerdo em relação à segurança do tráfico. Precisava encerrar a entrevista de forma a reverter o clima de insegurança.

— Vou matar o namorado de Isabel, para demonstrar que estou falando sério.

— Quanto a mim, tudo bem. Já entendi que estou tratando com um homem de palavra. Mais um ou dois assassinatos não vão me fazer mudar de ideia. Se me permitires, entretanto, tenho algo a dizer a respeito.

— Em duas palavras.

— Em duas palavras. Por que estimular mais o ódio da moça, se pretendes ficar com Leandrinho? O mundo dá muitas voltas e, quando menos se espera, somos cobrados pelo que fizemos. É isso aí. Quem ama o filho, como dizes amar, não quer que a criatura amada sofra. (Enquanto não se via interrompido, Mário ia falando.) Bem sei que pensaste muito nisso, caso contrário já terias liquidado com ela. Deixa em paz o homem, que é boa pessoa e que cuidará da moça, que, afinal de contas, é a mãe de teu filho.

— Então, o nosso pacto vai ser assim: você dispensa a moça, que deve desaparecer de circulação. Se algum dos meus vir que ela está no Rio, eu mato os dois. Era o que eu queria desde o princípio.

Mário percebeu que Leandro mentia. Mas achou conveniente não levantar essa lebre. Por certo, a mentira deveria ser para os comparsas.

— E eu seguro a divulgação da carta. Juro por Deus!

No caminho de volta, Mário vinha com o coração aliviado. Só não entendia por que falara tanto em espíritos, tendo, materialista, jurado por Deus. Estaria tornando-se falso como os criminosos que medicava?

Alfredo e Dráusio tinham tido acesso ao ambiente magnetizado pelas entidades do Centro Espírita, que formara extensa corrente vibratória, desamparando Leandro e comparsas dos defensores-obsessores. Baltazar e os três médiuns tinham ficado na terceira barreira, com a desculpa de que precisavam fazer um despacho. Para isso tinham levado a aguardente, a galinha preta e

demais petrechos. Contavam com a alma supersticiosa dos guardas, mas não se atreveram a ir mais longe. Dali mesmo, conseguiram dar apoio ao trabalho do Irmão Barnabé e falange.

Marlene esperava ansiosa pelo marido. Quando este lhe disse que deveriam mandar Isabel embora, entristeceu-se, porque se acostumara com a moça ao pé de si. Enfim, sempre restava a esperança de irem visitá-la de tempos em tempos. Mas não dormiu mais até de manhã, que não sabia como dizer a ela o que se resolvera. Temia por reação que pusesse em risco o projeto de volver à paz antiga. Afinal de contas, antes dela aparecer, as coisas tinham outro ritmo. De qualquer modo, caberia a Mário ir buscá-la no hotel, onde se escondera. Ele que lhe desse a notícia.

Quando Mário voltou, chegou sozinho:

— Isabel não passou a noite lá.

A NOITE DE ISABEL

Assim que Mário, Baltazar e Isabel chegaram do *Barnabé de Rezende*, tiveram longa conversa, da qual resultou que Isabel deveria passar a noite fora.

— *Prevenir acidentes é dever de todos*, disse Baltazar, que estava vivamente impressionado com o que lhe dissera o benfeitor espiritual. Deixou de citar o perigo que iria correr e prontificou-se a levar Isabel no carro do Doutor, dentro do porta-malas. Optaram por deixá-la no chão do banco de trás, com uma coberta. De longe, não se perceberia que estava ali.

O próprio Baltazar registrou-se num hotel de boa categoria, onde passaria a noite com Isabel. Às três da manhã, Baltazar voltou, guardando o carro na garagem, crente de que não estaria sendo vigiado, que os amigos do Centro lhe disseram que a barra estava limpa. Antes de sair, deixou o cartão do hotel em que Isabel se hospedara. O esquema havia funcionado às mil maravilhas.

Entretanto, assim que Baltazar se retirou, bateram à porta de Isabel. A pessoa se identificou como Sandra, a prostituta que lhe herdara as roupas.

Isabel se assustou, sem tempo para refletir a respeito da inopinada visita. Abriu a porta muito ressabiada.

— Que fazes aqui, criatura?

— Isabel, precisamos conversar seriamente.

— Que aconteceu? O Vivaldo...

— Que Vivaldo, que nada! O coitado está curtindo cadeia. O que tenho a te dizer é muito sério.

— Diz logo.

— Em primeiro lugar, vamos sair daqui. Cata as tuas coisas que o teu quarto já está pago.

— Como assim?

— Faz parte da história. Vem comigo.

— Sandrinha, será que não estás...

— Podes confiar. Estou te salvando a pele.

— Posso dar um telefonema?

— Me pediram para não deixar, que o telefone do médico está grampeado.

— Que sabes tu do médico?

— Vem comigo que eu te explico tudo.

Aí, a curiosidade já havia assumido o posto do temor. Sandra parecia muito senhora de si. Ao falar do Doutor, revelava que sabia de muita coisa. Resolveu acompanhá-la numa boa.

Na porta do hotel, havia um táxi esperando. Entraram e o motorista seguiu, sabendo de antemão para onde deveria dirigir-se. Deram uma volta pelas principais avenidas e foram parar em Copacabana. Diante de um dos hotéis cinco estrelas, o carro parou e Sandra levou Isabel pela mão. Adentrou o saguão como se estivesse em casa. Dirigiu-se ao elevador e deu o número do andar ao ascensorista. Diante da porta do apartamento, esperou que o elevador descesse para acionar a campainha. Quando abriram a porta, Isabel se sentiu atraída para uma armadilha. Havia dois homens encapuzados, embora a roupa indicasse riqueza e elegância.

Um deles se aproximou e lhe disse para não temer nada:

— A mãezinha de Orivaldo não tem nada que temer aqui.

Isabel quis apoiar-se em Sandra, mas esta havia desaparecido.

Foi-lhe indicada uma cadeira.

— Teremos uma conversinha. Nós sabemos de tudo. Basta confirmar.

Isabel fez um gesto com a cabeça. Sentia-se alheada da realidade, como se sonhasse. No interior da sala, havia forte cheiro de perfume, como se alguém tivesse derramado um vidro inteiro no tapete.

— O nome verdadeiro de Orivaldo é Leandro? É filho de Leandro? Consta o nome do pai na certidão de nascimento? Vocês são casados no civil? E no religioso?

Isabel negou os casamentos. O interrogatório prosseguia?

— Queres sequestrar o teu filho?

— Quero ficar com o que é meu.

— Raimunda não está parecendo mais de confiança?

— A história do abandono...

— A história nós conhecemos. Queres viver com Leandro pai?

— A minha paixão por ele se transformou em ódio. Vocês sabem qual é a profissão dele?

— Sabemos de tudo. Não te esqueças de que nós fazemos as perguntas. Estarias disposta a viver em São Paulo?

— Se for com meu filho.

— Isso veremos. Por enquanto, está recluso no hospital. Ouve com atenção porque o que te vamos propor é pegar ou largar. Você vai receber a quantia de cinquenta mil reais para te instalares em São Paulo. Não precisa ser na Capital. Onde achares melhor. Vais poder levar o teu namorado e a família dele. O dinheiro será suficiente para ficarem bem. Se ele quiser abrir uma casa de comércio, você entra em contato com a Sandra, que iremos oferecer a quantia necessária. Depois disso, não contes com mais nada. Quando for possível, iremos trazer-te de volta, para requisitares oficialmente a posse de teu filho. Até lá, hás de ficar muito quietinha

no teu lugar. Se vires o retrato de Leandro nos jornais ou revistas, se ele aparecer na televisão, vais fazer de conta que nada viste. Nem ao teu namorado, amante ou marido poderás mostrar que sabes de quem se trata. Essa é a garantia de tua sobrevivência. Uma palavra sobre ele e morres. Está bem explicado o que estamos querendo?

A voz que propunha o acerto era a mesma que ameaçava. Falava da vida e da morte com a mesma tonalidade. Isabel é que estava numa zoeira de cabeça que não conseguia aprumar-se.

— Toma um copo d'água.

O desconhecido levantou-se, encheu um copo com água de uma garrafa que retirou do *frigobar*, tomou dois goles e passou para a moça.

Isabel bebeu maquinalmente, folha levada pelo vento.

Sentou-se o cavalheiro. Enquanto tomava a água, ia pondo as ideias no lugar. Observara que a mão que a servira era branca. No braço, o que chamaria de Rolex. Estaria sob o poder dos chefes do tráfico? Então, o plano de Mário estaria surtindo efeito. Criou coragem para uma pergunta:

— Sei que não devo perguntar nada, mas eu queria saber se o Doutor Mário está em segurança?

— Não cabe a nós protegê-lo dos perigos que ele mesmo está criando. Contudo, achamos que vocês poderão conversar amanhã cedo.

— Mais uma coisa. Posso confiar na Sandra? Acho que ela é um pouco avoada...

— Não podes confiar em ninguém. O que ela sabe, sabe. Além disso, nada mais poderás contar-lhe. Estamos nos entendendo?

— Mais alguma recomendação?

— Parece que não entendeste nada. Quando dissemos, bico calado é para manter a boca totalmente fechada. Não conheces a lei do silêncio? Pois, então! Que novidade é essa?

No pensamento de Isabel, as coisas estavam bem nítidas. Eram os chefes do Leandro que não queriam perder o colaborador. Quem

iria gastar tanto dinheiro com uma pobre prostituta? Um tiro resolveria a questão, a menos que a papelada do Doutor...

— Vais ficar aqui até amanhã. E não irás fazer ligação alguma. Quando for a hora de partir, a Sandra virá te buscar. Boa noite!

— Boa noite.

O outro cavalheiro, que permanecera calado o tempo todo, aproximou-se da moça, afagou-lhe a face bonita e lhe disse junto à orelha:

— Não tenha mais medo de nada.

Às dez da manhã, apareceu Sandra, que fez introduzir no quarto duas malas bem grandes.

— Querida Isabel, este é o presente de casamento que te enviam os caras que estiveram contigo de madrugada. Fui eu mesma que comprei. Fiz questão de escolher tudo do bom e do melhor. Agora você vai tomar um banho, botar uma roupinha de viagem, que teremos um dia cheio pela frente.

Isabel espantava-se com a desenvoltura da ex-companheira.

— Posso perguntar o que tens feito desde que nos separamos?

— Tenho feito o que sempre fizemos. Só que, desde domingo, tenho vivido um verdadeiro conto de fadas, graças a ti e a teu filho. Depois eu te conto tudo. Agora, São Paulo, lá vamos nós.

— Espera um pouco. Quer dizer que vais comigo?

— Como dama de companhia e já fui paga adiantada por um mês de serviço. Eram as férias que vinha pedindo ao Vivaldo. Estou às tuas ordens.

Ao meio-dia, aportavam diante da casa de Marlene. Na bolsa a tiracolo, com os badulaques de sempre, um grande envelope com cinquenta mil reais em notas de cem novinhas em folha.

O doutor dormia. Marlene não queria dar a Isabel a notícia da necessidade de ir para outro Estado. Estava sendo forçada a isso.

Antes que abrisse a boca, Isabel lançou-se ao seu pescoço, em prantos.

— Que é isso, menina?

— Dona Marlene, estou de partida para São Paulo.

— Como assim?

— É só o que posso dizer. O doutor está bem?

— Ele tem novidades pra te contar. Espera aí que vou acordá-lo.

— Não precisa, não. Deixa que eu preciso arrumar as minhas coisas. Ah! Ia esquecendo. Esta é a Sandra, minha antiga companheira, aquela pra quem dei os vestidos.

Sandra não gostou de que soubessem quem era e o que fazia. Mas o dinheiro que estava na conta corrente não se deslocava do centro de seus interesses, de modo que não ligou para nada. Deu a mão bem de leve à patroa da amiga e saiu rebolando, atrás da outra, para apressar a partida.

Nesse momento, Joana foi atender à porta e voltou com uma sacola, com embrulhos de sacos de supermercado.

— Isto está sendo entregue para o Doutor Mário. Disseram que ele sabe de que se trata.

A preta velha é que estava atarantada com os últimos acontecimentos. Justo agora, quando estava acostumada com a ajuda de Isabel, ia embora. Começou um padre-nosso para que Marlene encontrasse logo alguém com a mesma disposição e de quem as crianças gostassem tanto. Não sabia que estava muito próximo o dia em que iria mudar-se daquela casa.

O PLANO DE MUDANÇA

Uma hora depois, a tralha toda da moça estava arrumada. Almoçaram em companhia de Marlene e das crianças, porque Mário não dava mostras de que acordaria tão cedo.

Marlene estava desolada e Isabel mantinha os olhos vermelhos. A única pessoa alegre, realmente, era Sandra, assim mesmo um tantinho preocupada com os eventos que se seguiriam. Foi ela quem chamou a atenção para a necessidade de se organizarem:

— Não vamos partir, cucas frescas, sem saber o que fazer. É preciso estar mais ou menos certo para onde vamos e o que se pretende conseguir em São Paulo.

— Por mim, vou para um hotel modesto. — Ia dizer *fora da zona*, mas as crianças a inibiram. No entanto, foi o que entenderam as outras duas. — Depois, vamos a uma imobiliária, para avaliar o que é possível de se alugar ou de se comprar. Isso não precisa ser no primeiro nem no segundo dias. Quero alguma coisa bastante boa, que possa abrigar o Baltazar e família.

Marlene quis saber:

— Vocês já combinaram tudo ou as coisas estão no ar? Que é que ele vai fazer lá, sem emprego?

— O meu dinheiro no banco dá para a gente se sustentar por uns tempos. — Sonegava a informação dos cinquenta mil na mão. — Aposto que Baltazar tem mais um pouco e a gente se arranja até que ele se ajeite. Se não for muito caro, posso instalar uma pequena loja de armarinhos e bijuterias. Ou o que Baltazar ou a ocasião determinar.

Sandra estava curiosa a respeito desse namorado, que não conhecia. No conceito dela, todos os homens eram meros aproveitadores. Pagavam, recebiam o que desejavam e desapareciam. Os que tinha mantido com certa paixão adolescente obtiveram tudo de graça. Mas muitos tiveram de pagar muito bem, principalmente no começo, quando era ainda *de menor*. Mas era bobinha e os cafetões levavam quase tudo. Ultimamente, Vivaldo estava um horror, tanto que foi denunciado e preso. Mas ia sair muito em breve. Coitadas das que o haviam *dedo-durado*. *Será que conseguirei livrar-me também eu dessa vida?*

Marlene sugeriu uma série de pequenos negócios. Se não desse para se instalar em loja de bairro, poderiam montar barraca no centro, já que os camelôs estão virando-se muito bem.

Na sala, a conversa prosseguia, interrompida pela desconfiança das crianças de que Isabel ia embora. Joãozinho estava agarrado nela e choramingava, para aborrecimento de Marlene. Essa reação do garoto até que a estimulava a gostar da ideia da separação.

Ia entre lamuriosa e esperançosa a conversa, quando surgiu o Doutor. Vinha com profundas olheiras pela noite muitíssimo mal dormida. Foi logo reclamando:

— Ó mocinha, que ideia foi aquela de não ficar no hotel? Às oito, estava lá para te pegar e cadê a donzela? E agora está toda formosa, de roupa chique. Você não foi despedida, ainda, sabia?

O tom da voz denunciava que as coisas tinham transcorrido bem.

— Esta daqui é Sandra. Minha antiga companheira.

— Prazer!

— Prazer!

Marlene interveio, para informar:

— Tem uns embrulhos aí para você. O portador disse que sabes do que se trata.

Na verdade, estava enciumada por causa da intimidade do marido com Isabel e queria matar a curiosidade do pacote. Levantou-se e foi buscar, esquecida de que a criada estava bem ali, à sua frente.

Mário fez menção de relatar a entrevista, mas Isabel fez-lhe um gesto para que deixasse para depois.

— Eu tenho novidades. Queres saber por que não estava no hotel? Pois, fui levada por Sandra para outro. *Chiquésimo*. Lá conversei com uns mascarados que me mandaram morar em outro Estado. Deram até um pouco de dinheiro para mim e para Sandra, com a condição de ficar calada sobre tudo o que sei. Não posso contar nada do que disseram nem para Baltazar...

Mário estava perplexo. Teria Leandro mandado alguém para despachá-la, antes mesmo de pactuar com ele? Não tinha sentido.

— Quem eram esses sujeitos?

— Não disseram, mas desconfio de que possam ser...

Quase revelou suas suspeitas, mas calou-se a tempo de passar informações a Sandra.

Mário percebeu o enrosco em que estavam. Imaginou uma estratégia:

— Querida, leva Sandra para conhecer a casa, porque eu tenho algumas coisas para conversar com Isabel a sós, no consultório. Por favor!

E, antes que a esposa reclamasse, levantou-se, pegou Isabel pelo braço e dirigiu-se ao escritório, levando os pacotes.

A conversa foi esclarecedora. Quando descobriram os cem mil reais prometidos por Leandro, tiveram a certeza de que não fora ele quem enviara mensageiros para contatar Isabel. Quem seriam? Essa pergunta ficaria sem resposta. A hipótese de que poderiam ser os

chefes de Leandro ou lugar-tenentes não pareceu a melhor a Mário. Mas quem poderia ser a não ser quem quisesse preservar a quadrilha, à vista da denúncia estabelecida na carta-bomba do médico? Perdiam-se em conjecturas.

— O importante, minha cara, é aplicar bem esse dinheiro. Podes considerar-te rica, que muita gente boa trabalha a vida inteira e não consegue amealhar essa pequena fortuna. Vai dar para fazeres muita coisa. Mas não deves falar nada para essa tua amiga.

— De jeito nenhum. Parece que ela sabe dos cinquenta mil e foi quem comprou as roupas para mim. Sei lá quanto recebeu e quanto gastou. Senti que está, de novo, de olho comprido para as minhas coisas.

— Era bom que Baltazar estivesse aqui para ajudar a gente a pensar. Vou ligar para ele. Você me dá o número?

— Deixa que eu falo.

— Como queiras.

A conversa foi rápida. Meia hora depois, o balconista estava lá.

— Vocês não viram o rebuliço que está aí fora?

— Não vimos nada.

— Tem uma pessoa ferida na viatura. Parece que está muito grave. Não vieram pedir para telefonar?

— Não estamos sabendo de nada.

Mário despachou-se, solícito para o atendimento de obrigação. O pobre policial estava mal. Deveria ter sofrido alguma convulsão pois estava com os batimentos cardíacos muito baixos. Perdera muito sangue mas a ferida havia fechado, no alto da cabeça.

— Como foi que demoraram tanto para encontrar esse homem? — Era o Delegado, furioso com o desleixo dos subalternos. — Será que não deram falta da viatura?

No meio do tumulto, na pracinha, queria localizar a pessoa que havia telefonado. O vendedor de cachorros-quentes se apresentou:

— Estranhei muito que, até o meio-dia, o soldado não havia vindo comer um sanduíche com cer... refrigerante, como fazia todo santo dia. Foi aí que fui até lá e vi o que tinha acontecido. Também, estacionou lá debaixo das árvores. Quem costuma ficar por ali, não quer nada com a polícia.

— Está certo. Quem prestou os primeiros socorros?

— Foi o médico aí da esquina.

— O Doutor Mário. Então, foi ele também quem chamou a ambulância.

— Ambulância, nada. Ele levou o guarda no próprio carro.

Parecia que todo mundo sabia mais que o Delegado. Estava furibundo. Atravessou a praça e tocou a campainha da casa do médico. Foi atendido por Joana.

— A patroa está?

— Quem deseja...

— Diz que é o Doutor Delegado. — E foi entrando para o jardim, enquanto Joana brigava com os cães.

A conversa com Marlene foi curiosa:

— Quem avisou o Doutor sobre o policial ferido?

— Ouvimos o tumulto aí fora.

— E por que não chamaram a polícia?

— Chamamos, mas nos disseram que já tinham sido avisados.

— A que hora foi isso?

— Às duas da tarde.

— Faz meia hora.

— Isso mesmo.

— Por que não chamaram antes?

— Porque foi nesse momento que Mário foi ver o que tinha acontecido.

— Quer dizer que faz menos de meia hora que o Doutor está tratando do caso?

— Faz uns quarenta e cinco minutos.

— Não estou entendendo, Madame Marlene.

— É que Mário precisou dar atendimento de emergência. Entrou e saiu com a valise e precisou mandar alguém à farmácia buscar uns medicamentos. Acho que, se não fosse isso, o guarda teria morrido. Era ele quem estava cuidando da segurança noturna?

— Tudo bem com as crianças?

— Tudo bem.

— Não viram nada que pudesse ser suspeito?

— Além do susto de agora há pouco com o policial ferido, nada mais ocorreu de especial.

— Vou mandar outra viatura, com dois guardas. Isto está me parecendo muito estranho. Em lugar de procurarem entrar na casa, vão contra o policial de vigia.

— Vai ver que se trata de alguma vingança particular.

— O que é que a Senhora sabe sobre isso?

— Eu não sei nada. Estou só imaginando.

— Se souber, avisa. Certo?

— Certo.

— Recomendações ao Doutor Mário. Ou melhor, vou até o hospital. Acho que me encontro com ele lá. Até logo, Madame. Meus respeitos. E muito agradecido por avisar a polícia.

— Não tem de quê.

Lá fora, o policial anotou a hora da entrada e da saída. Pensou que levara pouco tempo. Queria dar aos meliantes, que estariam à espreita, a ideia de que estava combinando com a família estratégias de resguardo.

Chamou um dos policiais e determinou que ficasse de plantão à frente da porta principal. Policiamento preventivo e ostensivo. Ele mesmo fez questão de dirigir a viatura abandonada, antes que a pivetada a depenasse. Só muito mais tarde é que deram pela falta das armas, quando o almoxarifado oficiou. Os bandidos haviam reforçado o poder de fogo. Talvez algum jovem, que estaria enfrentando o seu primeiro assalto. Quem sabe do destino desses artefatos?

Com a saída do médico, Baltazar e Isabel não souberam o que fazer com o dinheiro. O moço estava extasiado com a possibilidade de ter seu próprio negócio. Mas temia que os pais não concordassem em acompanhá-los e não seria justo pedir à namorada que lhe emprestasse algum. Hesitava, pois, quanto a ir viver com ela, numa boa. Sabia, porém, que teria a moça de partir o quanto antes, conforme determinação dupla, ou seja, do pai da criança e dos homens do hotel. Sentia, também, ter de abandonar o Centro Espírita, onde estava aprendendo a ser honesto, justo e bom. Estaria aí a prova de que necessitava para ultrapassar o negaceio de quem sempre se julga credor do Pai, pelos sofrimentos que passa ou que vê os demais passarem? Ao menos, deveria consultar o padrinho.

Isabel concordou com essa ideia:

— Vamos fazer o seguinte. Levo o dinheiro para o banco. Dona Marlene vai comigo. Sandra vai comprar as passagens para um voo da Ponte Aérea. Eu lhe dou um cheque em branco para comprar um carro. Assim, as minhas e as tuas coisas poderão ser transportadas com segurança. Se os teus pais quiserem ir, terão condução. Mas tudo isso, vais fazer só depois de consultar os orixás.

Marlene, quando informada, melhorou as providências:

— Baltazar vai com a gente até o banco, deixa a gente lá e, depois, vai até o aeroporto, comprar as passagens. Em seguida, passa pelo hospital e pede para o Mário vir para casa. Assim, ele terá tempo para falar o que pensa desse plano. A gente volta de táxi. Sandra fica aqui com Joana e as crianças. Vamos fazer as coisas de modo que todo mundo veja que estamos providenciando a mudança de Isabel.

Às quatro e meia, estavam de volta, inclusive Mário. Precisavam somente contornar o mapa com um traço mais vigoroso. E prometerem uns aos outros que se veriam em breve.

Às sete horas, Mário transportava as jovens, mais Marlene e Baltazar, para o voo das oito e trinta. A despedida das crianças foi triste. Joana deixou escorrer algumas lágrimas e garantiu que tomaria conta dos meninos. Qualquer coisa, o soldado ali fora acorreria. Fossem na paz de Deus.

ALFREDO E DRÁUSIO SE SEPARAM

Foram os amigos do etéreo surpreendidos com as novidades de Isabel. Tinham sido convidados para seguirem os protetores de Baltazar, curiosos com os recursos a serem empregados para adentrarem o ambiente hostil do morro, domínio das falanges dos malfeitores, e se esqueceram de dar cobertura à moça, crentes de que os mentores designariam alguém para segui-la. Na verdade, não temiam que lhe ocorresse nada que não fosse fortuito, uma vez que o principal envolvido em graves querelas era Leandro, que estava com as ações delimitadas na área da favela. Contra o fortuito, muito pouco poderiam fazer.

Assim, quando souberam do dinheiro e da conversa com os desconhecidos, imediatamente, correram atrás do Irmão José, para averiguações no teleprocessador de imagens.

Foram recebidos com amabilidade, mas havia, no tom de voz do mestre, certa reprimenda velada, que perceberam desde logo. Foi Dráusio quem se desculpou:

— Perdão, Irmão José, por ter deixado minha assistida para ir com Alfredo. Era lição que desejava aprender, para futuras missões em iguais circunstâncias.

— Compreendo, meu filho, que seu interesse é sempre pelo aperfeiçoamento do socorrismo. Não posso admoestá-lo, quando tão claramente ambos enviaram sinais do que pretendiam fazer. No entanto, como não havia qualquer risco denunciado pelas vibrações que nos enviava a jovem, deixamos que ficasse bem à vontade, com seus pensamentos e emoções. A interferência seguida no estado de ânimo dos encarnados caracteriza obsessão, mesmo que o protetor esteja muitíssimo bem intencionado. Quando, por injunções pessoais, o protegido exige constante e atuante presença do benfeitor, ainda assim há que se respeitar o livre exercício do arbítrio, esforçando-se o do etéreo para evitar a terrível simbiose de pensamentos e sentimentos, o que resultaria em possessão e não em simples obsessão. Desculpem-me repetir o que exaustivamente já sabem. É que a ocasião me parece bem oportuna.

Dráusio agradeceu a aula e pediu para colocar no aparelho a recordação de Isabel, durante o período em que esteve no hotel, em Copacabana. José esclareceu que não adiantaria muito, porque não se reconheceriam as pessoas encapuzadas, cujos registros vibratórios não constavam do arquivo. De qualquer modo, atendendo ao desejo dos dois, ligou o aparelho.

Surgiram as imagens desde o momento em que ela entrou no apartamento até quando adormeceu. Os dois encapuzados estavam nítidos, que a transmissão só se perturbara, realmente, no começo. As suspeitas quanto às possíveis identificações foram as que se repetiram mais tarde, na conversa com o médico.

— Irmão José, temos a frequência dos chefes do tráfico disponíveis?

— Temos, mas são terrivelmente imprecisas. Essas criaturas estão o tempo todo imersas em desajustes mentais muito profundos. São pessoas capazes de se passarem em sociedade como beneméritas. No plano espiritual, no entanto, encontram-se dominadas por forças da mais baixa extração moral.

— Mas essas entidades precisam agir dessa maneira? Do jeito que fazem mais parecem protetores enviados pelas esferas angelizadas.

— Não se esqueçam de que é muito grande a amplitude dos crimes, desde furtos, assaltos, contrabando, drogas, meretrício, assassinios por encomenda ou por limpeza de arquivo, opressão etc. Essas atividades geram vítimas. Se todas fossem inocentes, puras, dóceis e amigáveis, oferecendo à mão que as fere o perdão do Cristo, aí não haveria o risco de serem importunados. Contudo, a violência em tão elevado nível produz ondas de desgosto, de desejo de vingança, em vibrações fortíssimas, que derrubariam os chefes, como tem ocorrido muitas vezes, porque os que os protegem não são disciplinados e gostam de ver sofrerem os obsidiados, quase sempre inimigos antigos, cujas prestações de contas não se completaram. Muitos dos que perdem a vida demoram para descobrir que a mão do assassino estava a serviço dos grandes das quadrilhas e ficam perambulando pela crosta, fustigando os infelizes sequazes, meros instrumentos armados da organização. Mas, uma hora ou outra, descubrem a verdade e investem contra os manda-chuva. Aí é que a presença dos representantes das Trevas se torna necessária para a manutenção do equilíbrio psicossocial do mundo dos criminosos.

— Em suma, se quisermos saber se os desconhecidos são mesmo os das suspeitas de Isabel...

— Não iremos ter certezas. Se me permitirem sugerir...

— Por favor, Mestre!

— Será que o campo vibratório de Isabel não se perturbaria muito mais, se estivesse em presença dos malfeitores citados?

— Com certeza, sim. Mas os cavalheiros poderiam ser meros representantes. Talvez alguém a serviço, sem envolvimento direto com as drogas e demais atividades da gangue.

— Vejo que os amigos estão ficando atilados.

— Estamos aprendendo, Professor.

A longa dissertação ensejava inúmeras questões, mas o tempo urgia, dado que Isabel e Sandra estavam voando para São Paulo e a família de Mário preparava-se para escapar do raio de influência de Leandro.

Dráusio, preocupado com a assistência que vinha dando a Isabel, mas acostumado com a companhia de Alfredo, ia solicitando, muito acanhado, que permanecessem juntos:

— Irmão José, devo seguir Isabel. É óbvio. Como Orivaldo está...

— Estava.

— Como assim?

— Nesta altura dos acontecimentos, o pessoal de Leandro está sendo deslocado para outras atividades. No hospital, ficaram a enfermeira e um dos guardas da segurança. O plano espiritual não se sente ameaçado e levantou a barreira magnética. Alfredo pode fazer plantão ao lado de Raimunda, dos obsessores e guias. Orivaldo vai precisar de atenção. Vai precisar de protetor que esteja atento para os intrusos e oportunistas.

Foi Alfredo quem se manifestou:

— Até parece que existe um trato entre os malignos das Trevas e a gente. Eles se retiram, despreocupados, para que assumamos o posto. Garantem proteção de boa origem, enquanto a criança está em fase de complementação de encarnação, já que o menino nem tem sete anos, para, quando julgarem oportuno, voltarem à carga.

— Não existe qualquer convênio, nesse sentido, mas a esperteza não é monopólio dos socorristas. O que devemos fazer, neste instante, é cercar a criança de atenções, levando-a a integrar-se na sociedade que lhe manteve a vida, fazendo-a acreditar na bondade das pessoas, dando-lhe razões para confiar em que agir com segurança, dentro das normas evangélicas, irá fortalecer-lhe a mente e a vontade, para enfrentar as vicissitudes que se estão programando. Para isso, é preciso facilitar o acesso ao quarto para os romeiros da boa vontade, representados por médicos,

paramédicos, enfermeiros e pessoal ligado às diversas religiões e doutrinas evangélicas, que, quais anjos de guarda, percorrem as alas infantis dos hospitais, para ministrarem o medicamento do amor, da compreensão, da cultura evangélica, enfim. Especialmente, havemos de cuidar de que a professora de primeiras letras esteja provida de muita paciência, para fazer desabrochar a inteligência embotada do pequeno. Eis o roteiro, meu querido Alfredo. Seja feliz.

— E quanto a mim, Mestre?

— Você, Dráusio, deve atuar no sentido de que Isabel não se deixe envolver pelas grandezas materiais. A facilidade dos dinheiros não a fez refletir na origem perigosa deles. Em outros tempos, a moralidade vigente entre os humanos diria, muitas vezes hipocritamente, que o dinheiro está manchado de sangue. E essa é indubitável verdade. Haverá cobrança, a seu tempo, que nada, na justiça do Pai, fica para as calendas. Não é, verdadeiramente, um roteiro desafiador da argúcia de quem está iniciando-se no socorrismo?

— Não sei nem se estarei à altura.

— Ora, se não estivesse, receberia a ajuda de alguém com mais experiência, porque não nos arriscamos quando se trata de trabalhos de campo. Os tempos dos bancos escolares estão momentaneamente esquecidos. Vamos pensar bem mais positivo nos recursos intelectuais que desenvolvemos. Aqui, a imaginação construtiva, ou melhor, a criatividade não tem limites. Vão na paz de Deus!

Abraçaram-se os amigos, comovidos com a separação, mas muito mais com o exercício do socorrismo, pela demonstração de confiança que haviam recebido de José, o que significava dizer dos mentores da instituição. Não havia, contudo, tempo para a rememoração saudosa do início na *Escolinha de Evangelização*, quando não tinham sequer noção do tempo e do espaço do campo etérico em que estavam ingressando.

— Até mais ver, amigo Alfredo.

— Pretendo contar com você, sempre que em dúvida. Vamos manter o canal de comunicação aberto, das...

— Vamos fazer melhor. Vamos, sempre que preciso, entrar em contato diretamente com José. Parece bem mais fácil.

— Acho que o velho Mestre não se furtará a passar os avisos.

Abraçaram-se de novo e partiram cheios de esperança de que se saíam bem. Afinal de contas, o Pai estava por eles, portanto, quem seria contra?!...

GOUVEIA E LEANDRO SE ENTENDEM

Tornar evidente o conhecimento da identidade do chefe, além de demonstrar interesse pela neta, não foi, no conceito do visado, a melhor coisa que Leandro poderia ter feito. Na tarde em que farejara os sentimentos da mocinha, Gouveia pensava assim:

Se o fedelho tivesse feito de conta não me ter reconhecido, incorreria em falta perante mim e a organização. Está certo, portanto, que devesse anunciar sua descoberta. Até aí, tudo bem! Mas chegar com tantas intimidades, solicitar o fictício empréstimo, como algo de obrigação do maioral... Isso está além da conta. Deveria ter vindo, modestamente, dizer o pensamento que formulara, oferecendo os seus préstimos, com lealdade e dignidade. Claro que deveria tomar precauções, uma vez que poderia estar errado, ou, então, que me desse ensejo de negar ser quem realmente sou. Do jeito que agiu, me fez sentir acuado, como se o conhecimento lhe pudesse servir para a traição e a chantagem. É justamente assim que estou sentindo a irreverência com que se apresentou. E este bilhete, então. Raia pelo desaforo. Ainda bem que do Carmo o repudiou. E foi muito veemente. Desse lado, não há nada a temer. Mas, e se ela o quisesse como marido? Que poderíamos fazer para

protegê-la? Mandar o cara para o inferno, nem pensar, que a menina deve ter seus privilégios. De que adianta acumular tanta fortuna, se o coração das pessoas fica sofrendo? Aí, casava. Ah! Casava, sim! E se não desse certo, zapt! (Mesmo sozinho no escritório, fez o gesto de quem corta a garganta do infeliz adversário.) E se desse certo? Precisava receber serviço sem contato com o principal. (Evitava dar nome à fonte de renda irregular.) Ia gerenciar uma cadeia de restaurantes. Pelo menos, para lavar o dinheiro...

Gouveia se perdia em elucubrações muito imaginosas. Desde há algum tempo, mais precisamente, quando o filho começou a ocupar o seu lugar na reunião dos três figurões da quadrilha, vinha enternecendo-se por demais. Os setenta e tantos anos cobravam-lhe o preço do estresse da vida dedicada ao crime, onde algumas atitudes começavam a ser vistas como inúteis, outras desprezíveis e outras completamente desumanas. Mas os tiros que deu para poder subir e as falcatruas dentro da própria organização, em seus primórdios, como o assassinato de um dos sócios e o extermínio dos antigos donos do morro, esses não se constituíam em motivo de qualquer preocupação. O que lhe deu pena, coração a confranger-se, foi o sobrinho que ocuparia o lugar de Leandro, que morreu de *overdose*, tragado pela concupiscência e pela licenciosidade, em lupanar de alta categoria, mas incapaz de saber os limites da resistência física. E essas debilidades se refletiam duplamente, quer na demora das decisões de atos que envolvessem sequestros e eliminação de obstáculos, quer na insidiosa dor de estômago diagnosticada como princípio de... Os médicos disseram gastrite, úlcera, perfuração da parede estomacal, provocada por microrganismos. Receitaram antibióticos. Melhorara, sem dúvida, mas desconfiava de que eram os sedativos que produziam o efeito. A palavra que evitava dizer era câncer.

Levantou-se da poltrona e deu uma volta pelo espaçoso escritório de onde comandava o império dos hipermercados. Tinha medo de voltar a sentir a horrorosa sensação de que não poderia

mais usufruir as coisas boas da mesa, já que as da cama obtinha com facilidade...

Voltou para trás da mesa de trabalho. Julgou-se muito inativo. Precisava investigar o que fazia o talzinho.

Discou diretamente o número no celular.

— Está o Silvano?

A senha seria a de sempre:

— Perfeitamente, às suas ordens.

— Às suas ordens, perfeitamente.

Assim o subalterno sabia que falava com um dos superiores. Era Silvano o elemento que Gouveia impusera a Leandro. Elemento de confiança de ambos, servia ao primeiro e atendia ao segundo.

— Silvano, manda um pombo-correio com as cópias em fita ou disquete de tudo que Leandro tem feito nos últimos dois meses.

— Tudo quer dizer *englobadamente*?

— Isso mesmo.

O *englobadamente* significava que o espião deveria trazer pessoalmente o arquivo e mais as informações pessoais de seu trabalho particular.

Ao contrário de todos os outros da faixa em que atuava, só Silvano tinha acesso direto aos chefes, a quem respeitava por injunção de que toda a família estava em contato com a quadrilha, ou melhor, com as mãos armadas da organização. A norma era admitir, nos círculos mais elevados, só dois ou três subalternos que fossem suscetíveis de se atemorizarem com o poderio do tráfico. Houve um que pretendeu divorciar-se. No mesmo dia em que entrou com a petição no Tribunal, desapareceu de circulação.

Como resultado da longa conversa entre os dois, após ter ouvido as gravações telefônicas e se inteirado da existência de Orivaldo, Isabel e Mário, Gouveia ficou mais tranquilo em relação ao dono do restaurante. Havia uma porta de saída da situação em que se metera. Refletiu sobre os elementos em mãos da amante e do

médico e julgou que não ofereciam perigo a ninguém. Aguardaria que Leandro aparecesse para confirmar o *empréstimo*. Fez mais ainda. Pensou em convidá-lo para as reuniões da família, no final de semana. Aproximava-se o período natalino e as mulheres faziam questão de realizar jantares, após os quais a jogatina corria solta (com o nome de *Bingo Beneficente*). Ali, do Carmo iria pôr fim na pretendida aproximação sentimental.

Ao sair, Silvano levava a incumbência de relatar, dia a dia, o que viesse a ocorrer com a família do médico, Isabel e Leandro. Foi assim que Gouveia se apossou das informações relativas à reunião no morro e dos cem mil passados para Isabel.

Leandro passou mal a quarta-feira seguinte à conversa com Mário. As queimaduras deveriam ter merecido repouso. No entanto, a ida ao morro molestou os tecidos, causando mais febre. Providenciou, pela manhã, o envio dos cem mil e teve de se recolher pelo restante do dia. Só na quinta-feira, pôde aparecer no escritório de Gouveia.

Foi recebido com cortesia, como se estivessem ainda proseando na reunião da Associação Comercial.

— Com que, então, meu fiel escudeiro foi capaz de abaixar a viseira de meu elmo?!...

— Para verificar que estou servindo a um cavaleiro de nobre estirpe.

Leandro não tinha grandes tiradas, mas não perdia a linha dos raciocínios dos interlocutores. Faltava-lhe, evidentemente, cultura. E isso não passou despercebido ao chefe.

— Que pretende com sua entrada no campo da construção civil ou da hotelaria?

— Dar um banho nos recursos, para um iate, uma casa mais apresentável, sei lá, um duplex, uma fazenda em Goiás...

— Gosto de quem tem ambições. E sou totalmente honesto com aqueles que dizem as coisas que pensam. Quero ouvir o que tens a dizer a respeito de teu filho Orivaldo.

Pego de surpresa, Leandro não poderia falsear nenhuma informação. As fisionomias dos subalternos lhe passaram pela mente e, de pronto, reconheceu Silvano como o informante.

— É uma criança de seis para sete anos, que está internada...

— Ora, vamos. Quero que me digas tudo, desde o recolhimento de Isabel da zona até o que pretendes fazer para impedir que o Doutor Mário o acuse perante a Justiça.

Leandro olhou para os lados, como se se sentisse rodeado pelos asseclas de Gouveia. As dores das queimaduras desapareceram. Mais tarde iriam voltar com muito maior intensidade. Não pôde fugir às explicações. Sempre que tentava demonstrar que os negócios iam bem, o patrão o devolvia à rota batida das providências em relação à pauta da conversação. Foram hora e meia de sufoco indescritível.

Ao terminar a narrativa, estava encharcado de suor.

Gouveia o pôs mais tranquilo:

— Muito bem. Estou satisfeito. Pelos relatos de Silvano, tudo está de acordo. Acho que fizeste bem em enviar o dinheiro. E não deves alimentar ilusão quanto ao teu filho. Quando ficar bom, é deixar que vá com a mãe. Que pensas disso?

— Penso que ela não teve contemplação com a criança. Eu fui ver o pequeno várias vezes. Parecia um cadáver. Parecia que tinha chegado dos campos de concentração. Pior ainda: de Biafra...

— Mas, agora, está bem?

— Os médicos me dizem...

— Diretamente?

— Me expressei mal. Pelos informantes do hospital, dizem que vai recuperar-se até da leucemia.

— E você quer levá-lo para casa...

— Minha intenção é mantê-lo com alguém capaz de educá-lo até os dez ou doze. Enquanto isso, eu vou mostrando quem é o pai dele. Mais tarde, poderá, se corresponder, ser alguém importante sob meu comando. Mas lá...

— Já entendi. Plano muito ambicioso, para quem está sendo convidado para as festividades de fim de ano, na minha casa, na companhia de minha neta. À vista disso, não seria bem melhor deixar que aquela pessoa que irá cuidar de teu filho seja a própria mãe?

A pergunta era por demais direta para receber resposta impertinente. Um fácil *vou refletir sobre isso* cairia muito mal. Leandro resolveu abrir o jogo:

— As coisas podem parecer simples, às vezes. Mas estou bastante magoado, no fundo de meu coração. Nos primeiros tempos em que a mãe levou a criança embora, fiquei como louco. Eu sabia que ela queria voltar para a zona. Mas não podia dar essa vida ao menino.

— Vamos deixar de *nholas*! O teu plano não parece tão necessitado de vendetas. Mas eu respeito esse sentimento. Eu sei o que é perder alguém muito querido. Por muito menos... Bem, vamos ao que interessa. Deixa Isabel em paz, por enquanto. Quando Orivaldo...

— Leandro.

— ...quando Leandro se recuperar, volta para conversar comigo, antes de bateres com a cabeça contra as paredes da Lei.

Leandro sabia que, se houvesse problemas judiciais, sua identidade ficaria à disposição de Isabel e de Mário. Gouveia, nesse sentido, estava certo.

— Precisa que a Lei seja avisada? Dou um chega pra lá...

— Pensa bem na carta do médico.

— Concordo em dar tempo ao tempo, mesmo porque a polícia está às voltas com as orelhas...

— Quem você acha que cometeu essa imprudência?

- Como *imprudência*?...
- Ora, mexer com quem não devia.
- Certo. O médico jura que não foi ele.
- Eu acho que não foi mesmo. Só se estivesse louco, pôr o pai da criança, que ele bem conhece, em polvorosa. Em suma, vou mandar investigar.
- O meus informantes não adiantaram nada.
- Deixa comigo.

Quando saiu do escritório, Leandro estava com as pernas bambas. Atribuía aos medicamentos fortes que tinha tomado, mas suspeitava, lá no íntimo, que Gouveia o havia posto a nu, sem perspectiva de reflexão. A cabeça zunia. Deixou o carro no estacionamento e voltou de táxi para casa. Não estava em condições de dirigir.

Veio o médico e constatou que o infeliz estava com a pressão baixa. As emoções tinham sido muito intensas. Não se lembrava de nunca ter passado por tão grande aperto. Fugira da polícia, atirando. Matara diversos a sangue frio. Enfrentara a fuzilaria do exército e escapara por milagre do cerco. Mas isso fazia muito tempo. Há quatro anos, não sabia o que era puxar um gatilho pra valer. Amodorrara a vida. Aburguesara-se. As funções burocráticas da organização o haviam amolecido. Teve receio de tomar os remédios da receita. Não sabia que efeitos poderiam ter ao reagirem com a droga que ingerira ao chegar em casa. Estava em estado de depressão, sem condições de ver as coisas claramente. Desmaiou. Só veio a acordar à noitinha, totalmente zonzo. Não conseguia visualizar a figura de Isabel nem de Mário nem de Silvano nem de Leandrinho. Só o velho Gouveia aparecia à sua frente, armado e trêmulo. Delirava.

LEANDRO BUSCA O SEU CAMINHO

Passou muitíssimo mal à noite. Dormiu e sonhou. Teve pesadelos. Ao acordar na sexta-feira, assaltou-lhe o pensamento que deveria estar restabelecido para o fim de semana.

Chamou o pessoal mais chegado, Silvano inclusive, e determinou:

— Estão suspensas todas as atividades relativas à minha ex-mulher. Quero que se apaguem todas as fitas e se inutilizem as gravações dos disquetes. Esta ordem é superior, como pode confirmar Silvano.

Era a declaração explícita de que deveriam os demais saber quem era o leva e traz da chefia. Contava Leandro com que o desmascaramento o marcasse perante os comparsas? O efeito, pelas ondas de interesse, foi exatamente o contrário. O pessoal passaria a respeitá-lo ainda mais, pela influência possível para as promoções e melhores ganhos. Crescia Silvano. Diminuía Leandro.

Foi este mesmo quem perguntou:

- Que devo fazer com os últimos relatórios?
- Que dizem?

— Isabel e uma colega de nome Sandra...

— Abra uma ficha para essa aí.

— Certo. Elas voaram para São Paulo. É o que se sabe.

— E o dinheiro que mandei?

— Foi depositado.

— E o namorado?

— Baltazar ficou. Queres uma *campana*, pra descobrir...

— Deixa quieto. Quantos ficaram no hospital?

— Com a polícia lá dentro, só os funcionários.

— Está muito bem. Peça relatórios sobre meu filho, se possível diários.

— Não estão em condições de dizer muita coisa. Quem tem estado com ele é o Doutor Mário.

— Então, que sondem o médico.

— Certo.

— Mais alguma coisa?

— O Doutor está visitando apartamentos. E anunciou a venda da própria casa.

— Vai até lá e compra. Não regateies mas não pagues mais que o valor de mercado. Não dê na vista. Vamos instalar outro médico. Vocês devem encontrar alguém jovem, mas não quero ninguém solteiro. Tem de ter família. OK?

— Em nome de quem sai a escritura?

— Faça um contrato particular no nome de quem quiser, menos no meu. Futuramente, trataremos da escritura definitiva.

— Vamos ter de colocar algumas prestações.

— Faça como quiser. O importante é voltar à situação anterior ao tiroteio.

— Está tudo muito calmo. Os meganhas comeram algumas bolas, que é o que queriam, e as coisas correm às maravilhas. Mas existem alguns que estão infernizando a cabeça dos comandantes. Querem subir o morro de novo. Querem porque querem.

— Manda um recadinho ao mais afoito. Vê se descobres o líder.

— Pra assustar?

— Pra que a viúva receba a pensão do Estado.

— Segunda-feira estará feito.

Leandro gostava de determinar que as coisas acontecessem. Era a prerrogativa dos chefes. Estava lidando dentro de sua área de atuação. Tinha liberdade para decidir. Se não lhe cumprissem as ordens, segundo os relatórios que lhe chegavam, voltava-se contra o subalterno faltoso. Mas tal caso era raríssimo, dada a exemplificação do que sucedia a este. Quando se mandava eliminar, não se voltava atrás. O critério de escolha havia ficado com os imediatos. Isso lhes dava, também, a responsabilidade do acerto da figura mais destacada. Uma vez apontado o infeliz, o executante só devia pensar no como e no onde. Recebia pelo que fazia. E pronto! Era como mandar buscar um frango na granja.

Aprestadas as resoluções relativas à compra e venda das drogas, resolvidos os problemas técnicos das transações, Leandro despachou os subalternos, ficando a sós com Silvano.

— Sempre desconfiei de que era você quem informava por fora. Não estou desapontado, porque nunca faltaste com a verdade. Acho que deves continuar comigo, mas se não te sentires bem...

— Estou afeiçoado ao pessoal. Agora que todos sabem o que faço, espero não ser discriminado.

— Respondo por mim. Podes ficar sossegado. Nem pretendo interrogar-te a respeito dos outros chefes, que não estou ficando louco. Mas tenho uma recomendação importante. Fica na tua. Fica na tua. Não tentes avançar para o meu lugar. Que tens a dizer?

— O que faço é muito para mim. Estou cansado. A tensão está me matando aos poucos. Não saio do consultório do médico. Não te preocupes, Leandro. Sou fiel.

— Falaste em médico. Avia esta receita e manda alguém trazer os medicamentos. Preciso me pôr em forma até sábado. Grandes encontros.

Os *grandes encontros* se deram nos amplos salões de um dos mais distintos clubes da cidade.

Leandro chegou envergando traje de gala. Estava uma bela figura máscula, com os cabelos encaracolados tratados, a pele absolutamente limpa, o perfume francês, os adereços de diamante, sem ostentação. Vestiu-se pelo figurino da moda e deu o toque de elegância de seus metro e noventa e dois, nos oitenta e três quilos de rigor. Não fossem as queimaduras em fase final de cicatrização e teria a desenvoltura de manequim. Colou o sorriso social na fisionomia e recheou a conta corrente para os cheques da beneficência. Buscava impressionar a neta do Gouveia. Pôs muitos olhares femininos muito atentos.

O encontro dos dois foi decepcionante. A mocinha lhe vendeu todos os bilhetes que lhe cabia passar e mais os de duas primas. Depois, instalou-o na mesa de desconhecidos, para o cantar monótono dos números. Dançava-se, comia-se e bebia-se. Leandro só tinha olhos para a mocinha. Cada vez mais ia percebendo que os ademanes da *gata* iam apontando para a mulher feita. De quando em quando, os olhares se cruzavam e ela lhe acenava com simpatia. Só não perdeu a linha e a cartela, porque a vizinha de lado controlava também os resultados dele. Mas esta figura estaria apagada da memória, se saísse só um instante da mesa. Ficou imensamente frustrado quando viu a moça do Carmo a dançar com um homem mais velho. Bem agarradinha. A certa altura, pediu à mulher do lado que ficasse com as cartelas dele como brinde pela atenção e sumiu de vez do jogo. Queria aproximar-se da *gata*. O dançarino estava na mesa do Gouveia. Seria o pai? Hesitava em se aproximar. Foi ela mesma quem veio buscá-lo para as apresentações.

Gouveia era todo sorrisos. Havia estado atento para as reações da neta e gostou de vê-la dar a todos a mesma atenção. Leandro é que insistia em segui-la com os olhos. Achou que fez muito bem em trazê-lo à sua mesa, no momento em que iria querer tirá-la para dançar.

— Este é Gonçalo, meu pai.

Era o dançarino.

— Minha mãe, minha avó, meu tio, minha tia e minhas primas Lumara e Susana, que já apresentei.

— Senta conosco, — pediu-lhe o patriarca da família. — As moças estão precisando de companhia jovem. Mas só uma palavrinha oficial. Estão prontos os projetos?

— Cuidei deles ontem e hoje. Segunda os desenhistas e os engenheiros se reúnem de manhã. À tarde, vou estudar os melhores e te levo na segunda mesmo, sem falta.

Nesse meio tempo, Maria do Carmo desapareceu. A mãe e a tia tinham o que fazer e saíram. As primas é que cercaram o moço de atenção. Queriam saber dos tais projetos. E a conversa se estendeu até às duas, quando do Carmo, finalmente, veio buscar Leandro para dançar. Dava-lhe o frescor que almejava. Puxou-o pela mão, atravessou o vasto salão, por entre os casais que se bolinavam na dolência da música sentimental, saiu para a rua, conduziu-o até o carro e pediu-lhe que a levasse ao primeiro motel que encontrasse. Queria experimentá-lo na cama.

MÁRIO PROVIDENCIA OS ESTUDOS DE ORIVALDO

Passados o Natal e o Ano Novo, o hospital entrou em clima de férias. O negrinho Orivaldo percorria os longos corredores, sempre acompanhado de Raimunda, que sorria para ele por força das necessidades vitais. Leandro se esquecera completamente dela e todos achavam natural que alguém cuidasse do pequeno, livrando os funcionários da sobrecarga da limpeza, da alimentação e até dos medicamentos, que a tutora aprendeu a ministrar as doses certas, nos horários estipulados. De resto, Orivaldo era suficientemente esperto para ir assenhoreando-se dos ponteiros, tão poucas coisas havia com que se distrair.

Quem deu alguns brinquedos ao garoto foi Mário, que o estimulava a falar, para extrair dele o conteúdo do decaimento moral, em contrapartida ao que havia sofrido fisicamente. A criança era tacaña quanto ao manancial de conhecimentos, mas aprendia com facilidade. Teria sido o fato de haver sugado o seio da mãe até os dois anos e tantos? Essa era a longínqua causa à qual atribuía o médico o fato de ter superado as grandes deficiências dos últimos tempos.

Interrogada Raimunda sobre ter estado o garoto às portas da morte, não soube dizer o que poderia ter acontecido, uma vez que não lhe deixava faltar o leite e o pão. Dava-lhe o feijão, a carne e a farinha que ela mesma consumia. E era gorda e saudável. Setenta e tantos bem vividos. (*Não tão bem assim*, prosseguia de si para consigo mesma.)

Não foi difícil de avaliar a possibilidade de contaminação das sarjetas. A negra não era limpa, ou melhor, não se interessava pela limpeza do fedelho. Mandava lavar-se e não cobrava. Aliás, não cobrava nada, a não ser que a deixasse em paz, no horário das novelas. À igreja, jamais o levou. Nunca julgava conveniente, porque tinha de dar-lhe roupa nova e pô-lo limpo. Isso seria pedir demais.

Mário ia entrando na psicologia da velha e compreendendo o que a ignorância e o desamor podem fazer para as pessoas. Dissera-lhe ela que, no início, a mãe lhe passava uns trocados. Depois, porém, abandonou o menino à própria sorte. E ela não tinha recursos...

O médico entendeu que Orivaldo deveria ter representado para a tutora pequenina fonte de renda, que se desvaneceu, provocando-lhe o revide da alma, inconsciente e idiota, porque não fora capaz de descer para a cidade, em busca da responsável pela criança perante o mesmo Deus que ela adorava. Se, ao menos, fosse à macumba, os espíritos, sabedores do drama...

Não avançava. Tinha medo dessas elucubrações metafísicas. Se tivesse, na oportunidade, discutido com alguém, manteria o posicionamento materialista. *E como explicas os espíritos e a espiritualidade?* Outro plano físico desta mesma organização material. Não há diferenças de essências, teria dito. A morte do espírito está em reencarnar. A morte dos humanos, a gente conhece. Um dia, explode o Universo e tudo finda. Seria até capaz de citar o caos bíblico, para dar a sua ideia desse longínquo futuro.

Com tal disposição de ânimo, ia apegando-se ao garotinho. Ficava a perguntar-se a si mesmo quem fora ele na vida anterior.

Qual a herança genética passível de transmissão de meretriz com narcotraficante. Para tal corpo, só um espírito de mesma frequência vibratória, que o destino lhe parecia traçado. Com Leandro, o menino acabaria um do tráfico. Com Isabel, a rejeição sempre presente, nas tormentas dos sentimentos de culpa. E a figura de Baltazar, precisando aceitar o filho do outro, a quem a mãe não negava ter amado, a ponto de...

Não posso considerar bem cuidado o pequeno hóspede. A Polícia não termina nunca as investigações sobre o projétil desaparecido. A Justiça enrola e não resolve. A Assistente Social está pressionando para liberar o quarto. Há necessitados mais interessantes para as verbas. Cancerosos, chaguentos, aidéticos... É preciso levá-lo a alfabetizar-se. Gastos inúteis com pedagogas. A escola do bairro deverá ser a opção, desde que o coitado possa locomover-se, para evitar a agressividade da multidão dos bárbaros.

la Mário por essas ínvias vielas da burocracia, quando atinou com a solução mais razoável. Iria desviar uma das enfermeiras (e ele sabia qual) para as funções de mestra de primeiras letras. Recusasse ela, teria de recorrer às outras. Chamou a dita cuja, a mesma que preparava os relatórios, e insinuou:

— Não estarias disposta a demonstrar ainda mais carinho ao Orivaldo?

— Tenho realizado tudo o que posso. Aliás, em horas extras...

— Não estou falando de tua profissão. Sou testemunha de que o teu trabalho é excelente. Por isso mesmo, a confirmar pela autoridade do Doutor Darci, estou decidido a tirar-te da ronda dos doentes, por duas ou três horas diárias...

— Vai haver chiadeira das outras.

— Aposto que não, se virem o serviço delas minorado pelas providências que irei tomar.

— ...por duas ou três horas...

— ...para ensinar o menino a ler e a contar.

— Não tenho nenhuma noção.

— Irás aprender. Arruma uma cartilha. Orivaldo é esperto. Aprende fácil. É mais um teste. Se corresponder, como estou esperando, passo o encargo para a Assistente Social. Aí, ela coloca o menino na escola ou contrata professora.

— Vou pensar no caso.

Na verdade, não estava disposta a bancar a professorinha. Iria incitar as demais. Quis dar tempo ao tempo, para levar o problema mais para cima. Era o que Mário havia imaginado. Se Leandro estivesse, realmente, querendo ver o filho progredir, iria dar um jeito na situação.

De fato, duas semanas depois, saía, no Diário Oficial, a nomeação de professora inapta para reger classe normal, para prestar serviços junto ao quadro de funcionários do hospital, na categoria de Assessora Pedagógica do Departamento de Assistência Psicossocial. No rol de atividades, destacava-se a alfabetização das crianças internadas com moléstias crônicas, capazes de aprendizado, sem condições, entretanto, de se deslocarem para a escola. Acrescia-se ao salário gratificação por trabalho em local insalubre, para que a indicada não reivindicasse permanecer na escola para trabalhos na secretaria.

Fez-se alarde das providências, como obra inovadora e foram chamados os repórteres para entrevistarem o Deputado, o Diretor do Hospital, o Médico, a Assistente Social e a Professora. Claro que o Secretário da Educação apareceu numa foto, sendo cumprimentado pelo da Saúde, tendo sido citado o Governador diversas vezes, como benemérito das vantagens. Houve até uma repórter que compareceu à ala em que as crianças educáveis estavam concentradas, admirando-se muito de encontrar ali a Dona Raimunda, a tal cujo filho havia sido baleado...

Desconfianças à parte, a jornalista pôs a matéria em destaque, frisando que o menino baleado estava recuperando-se dos ferimentos, lembrando, com fotos, a reportagem anterior. Em outra matéria, perguntava em que pé andavam as investigações,

mas essa não foi impressa, rejeitada pelo chefe de editoração do jornal. Estava mal alinhavada e carecia de atualidade. Entendia que poderia haver dinheiro correndo por baixo do pano, mas a simples desconfiança poderia mexer com algum vespeiro perigoso. Mantivesse ela a pulga atrás da orelha e fosse colhendo informações. Se pudessem fazer estourar algum escândalo, venderiam muito mais jornal.

Eis em que dava, sem que o próprio sequer atinasse com as coisas, a intenção de Mário de educar Orivaldo.

Por essa época, comprara apartamento no Meyer, favorecido pela ótima venda que lograra da casa. As crianças voltariam a estudar, em outra escola. Marlene havia superado o estresse. Joana se conformara em ficar sozinha, porque a patroa se envolvera de novo com os filhos, ansiosa por fazê-los esquecer Isabel. Assim mesmo, resmungava o quanto podia, embora não soubesse onde instalar a requisitada ajudante. Em suma, como tudo era novo, poderia contentar-se com faxineira ocasional, o que lhe foi prometido por Marlene, assim que os cômodos começassem a dar sinal de sujeira. Gostava de ir à missa com a patroa, agora que o patrão ia também. Parecia família dos tempos antigos, daquelas que a saudade lhe lembrava, quando o falecido Pedro a cortejava à porta principal, enquanto as pessoas iam entrando para ouvir o sermão dominical. Às vezes, sentia saudade da que se fora para São Paulo. Era atenciosa e respeitadora. Limpíssima. Não entendeu direito por que Marlene abriu mão de tão valiosa colaboradora. Em suma, havia mistérios que não resolvera, especialmente o que viera fazer aquela outra, com roupas de... Não dizia o nome. Teria de sussurrar depois no ouvido do padre. Era melhor abster-se de pensar nessas coisas.

Um dia, o patrão chegou com a novidade:

— Vamos visitar Isabel, durante as férias. Joana também vai; se quiser, é claro.

Marlene achava que iriam precisar dela.

Mas esta bateu o pé:

— Vou ficar, para dar um trato no apartamento. Vou chamar a faxineira e, quando a Senhora voltar, vai encontrar tudo rebrilhando.

— Tinha medo de avião. Foi mais fácil dobrar os patrões.

Feitos os preparativos, designados os plantonistas, estabelecidos os roteiros de atendimento dos acidentados, advertidos os espias, em bela manhã de sol, lá foi a família em direção ao Sul, em condição de felicidade que fazia tremer pela lembrança da viagem ao Nordeste.

EM SÃO PAULO

Isabel não se apertou. Com tanto dinheiro disponível, adquiriu bela casa na Zona Norte, grande o suficiente para abrigar Baltazar e família. Previdente, deixou dois cômodos preparados para hospedar quem viesse, especialmente Mário e família, de quem se considerava devedora. Sandra ficara com ela no primeiro mês, até a chegada do futuro marido, tendo voltado para o Rio, com a incumbência de solicitar o prometido dinheiro para a instalação de ponto de comércio.

Quando Baltazar se conscientizou da possibilidade de levar seu negócio, animou-se sobremaneira, ainda mais porque se viu incentivado pelas entidades do Centro Espírita, as quais lhe prognosticaram muito trabalho e, também, muita alegria. Com a vinda de mais cinquenta mil reais, pôde montar moderna loja de autopeças, ponto que adquiriu de antigo comerciante em vias de se aposentar.

O bom de se estar bem equipado de dinheiro vivo é que tudo pode ser ajeitado da melhor maneira. Sendo assim, a loja se situava na mesma quadra da residência, para comodidade de todos.

Ao pai, Baltazar encarregou do importante setor de controle de estoque, tendo reservado para si as compras e a contabilidade.

As vendas foram mantidas nas mãos de antigo funcionário, que assim se pensava prender a clientela. De fato, os balconistas se viram prestigiados, principalmente os *coloreds*, aumentando consideravelmente o movimento. Não demoraria, se os negócios prosseguissem no mesmo ritmo, a ser considerada a expansão para outros bairros.

Essa era a perspectiva de felicidade material. Quanto à espiritual, não foi difícil de encontrar novo centro espírita, onde os trabalhos se pautavam pelo rigor da orientação dos orixás da Nação Nagô.

Quando desceram no aeroporto, Baltazar e Isabel lá estavam para recebê-los, com festas e carinhos.

Após as afetuosas palavras de agrado, Isabel fez questão de, ali mesmo, anunciar o próximo casamento:

— Assim que correrem os proclamas, vamos casar-nos. E vocês vão ser os nossos padrinhos. Disso fazemos questão absoluta.

Marlene desconfiou de outra *novidade*:

— Será que temos gente nova pintando no pedaço?

Foi Baltazar quem negou, veemente:

— Estamos tendo o cuidado de nos instruir, para podermos enfrentar a responsabilidade. Toda quarta-feira, frequentamos um curso de orientação conjugal. Sem realizarmos todos os exames clínicos, não estaremos sossegados. Nesta época de graves doenças sexualmente transmissíveis, todo cuidado é pouco.

Mário sentia a reprodução dos dizeres do palestrante e se admirou da desenvoltura do antigo balconista. Fizera-lhe muito bem o dinheiro.

Enquanto isso, Marlene se entendia com Isabel:

— Viemos passar uma semana em tua casa. Escreveste que nos tinhas acomodações, mas, se julgar que vamos dar trabalho...

— Que nada! Vocês vão ver que belo sobrado deu para comprar.

De fato, quando o carro do ano estacionou na garagem aberta com dispositivo eletrônico, puderam os recém-chegados avaliar que o dinheiro fora muitíssimo bem aplicado.

Era uma sexta-feira. Dia de reunião obrigatória com os orixás. Mário, convidado, aceitou comparecer ao Centro Espírita. Desde que fora ao *Barnabé de Rezende*, naquela importante reunião particular, nunca mais pusera os pés lá de novo. Queria obter novas impressões, pois, conforme lhe expunha Baltazar, as reuniões públicas eram muito mais movimentadas.

Na hora aprazada, estava o médico sentadinho no banco da frente, para onde o encaminhara o amigo, ávido pelas novidades. Viu, ouviu, cheirou e se desiluiu dos trabalhos. O barulho ensurdecer dos atabaques e do canto, a dança frenética dos médiuns, a fumaça dos charutos e, principalmente, a grande possibilidade de se falsear a verdade das comunicações, quase todas em função de solicitações materiais (dinheiro, saúde, casamento e emprego), aliadas a pedidos suspeitos de afastamento de adversários encarnados ou não, lhe deram muito mal-estar. Chegou mesmo a perguntar o que estaria fazendo no meio de tanta gente inculta, incapaz de análises das reações elementares do sistema... Viu-se a analisar a conduta do povo simples pelas luzes da ciência. Não gostou e disse francamente a Baltazar, assim que os trabalhos se encerraram, lá mesmo, correndo conscientemente o risco de ofender aos espíritos benfeitores da casa. Pensava que, se houvesse entidades esclarecidas, iriam encontrar um meio de orientá-lo no que estivesse errado. Fazia a proposta com lealdade. Pensava que seria muito pior do que estar desagradado e falar o contrário. Em seu modo de entender, as pessoas e seres superiores devem examinar as propostas pelo que elas significam para o progresso de todos, sem susceptibilidades à flor da pele. Julgando que deveria oferecer todos os pensamentos ao escrutínio dos guias, fez questão de assinalar que a aversão poderia ter origem na negritude das

peças reunidas, apesar de haver muitas de pele clara. Isso não disse a Baltazar, porque não sentia pelo amigo qualquer repulsa. Era questão de caráter social, culturalmente transmitida.

Não teve todas as ideias definidas nem o pensamento se organizou para a finalidade das conclusões. Condensara o que vinha interessando-o desde que Isabel entrara em sua vida. Joana fora o capacho sobre que se pisa, inconscientemente. Isabel levava-lhe a perspectiva do ser humano. Leandrinho penetrava-lhe fundo no coração. E o mundo espiritual despertara-o para a necessidade de visualizar as entidades de forma diferente dos padrões terrenos. Que cores teriam os espíritos, se é que teriam alguma? Era a pergunta que deixava sem resposta. Pela observação das entidades incorporadas, diria que a linguagem, o pensamento, a postura corporal, tendiam para a fixação das mesmas personalidades dos encarnados. Mas que influência teriam os *cavalos*, no desempenho delas? Observara que os médiuns brancos faziam os mesmos trejeitos dos negros. Teriam assimilado por imitação ou eram, mesmo, comandados pelos espíritos?

Baltazar não se impressionou com a observação do médico. Simplesmente, foi atrás do *padrinho* da instituição, a ver se teria algo a dizer-lhe, no sentido de orientar o amigo. Mas calou o que lhe tinha dito Mário.

— Este é o Doutor Mário, o meu grande amigo do Rio de Janeiro.

— Muito prazer! Tenório.

— Satisfação!

A conversa girou em torno da especialidade do médico. Depois, Tenório informou que era aposentado do serviço público, onde exercera as funções de contínuo-porteiro. A seguir, quis saber do interesse de Mário em acompanhar os trabalhos da Umbanda.

— Não tenho conhecimento algum. Para falar francamente, esta é a primeira sessão pública a que assisto.

— Gostou?

A pergunta era direta.

— Fiquei sem entender muita coisa. O barulho...

— Não precisa dizer. As entidades têm feito restrições a este tipo de desenvolvimento. Elas pedem mais estudo, mais devotamento aos cultos como norma superior de procedimento. Mas a ignorância é própria do povo que nos procura. Eu mesmo sinto muita falta de base doutrinária. Conheço os pontos, pela iniciação que tive na Bahia. Sei o valor de cada Orixá e sua força no controle das vontades humanas e espirituais. Posso indicar muitas fórmulas para desencosto e para a felicidade, como se faz na religião dos brancos. Desculpe, Doutor, mas a Igreja Católica só introduziu santos negros... Não interessa. A Padroeira do Brasil, com sua imagem lá em Aparecida do Norte, é negra. Pois bem, eu também não me sinto muito seguro da filosofia que existe por detrás das palavras de amor e de incentivo que os espíritos trazem para os mortais. Ouvei dizer que os centros de mesa branca estudam todos esses tópicos à luz da ciência. Quem sabe, um dia, possamos unir as nossas casas numa única religião de muito amor pela humanidade.

Tenório falava como que inspirado. Mário desconfiou de que estivesse sonhando a informação de profundos conhecimentos e de imensa sabedoria. De qualquer forma, falava com fluência. Admirantíssimo, para simples contínuo-porteiro do serviço público.

Baltazar sorvia com deleite a facilidade do companheiro e mestre. Via que o Doutor se regozijava com os dizeres e mal esperava sair para perguntar-lhe sobre as impressões.

— Continuo não gostando. Contudo, o *padrinho* é homem muito inteligente e perspicaz. E me fez ver que as coisas não são fáceis nem para ele. Quando me formei, saí da faculdade com a impressão de que sabia mais que todo o mundo. Hoje, quando leio as revistas médicas, vejo que os cientistas avançam em todos os setores e meu saber vai diminuindo. Se quiser evoluir na Medicina,

tenho de voltar aos bancos escolares. Foi essa a impressão que me deixou o seu...

Não sabia como designar Tenório, em função da recente amizade de Baltazar. Diante da hesitação, este emendou:

— Podes dizer orientador, mentor, professor, mestre. Vem exercendo sobre mim o mesmo poder que o *padrinho* lá do Rio.

Mário guardou para si as outras impressões concernentes à orientação espiritual e religiosa que recebera. Acostumado a ver desabrocharem as ideias depositadas no inconsciente, buscou interessar-se pela vida noturna da metrópole paulistana.

Na viagem de regresso ao Rio, formulava planos para melhorar o entendimento da *filosofia* e da *religião* umbandista. E ansiava por reencontrar o doentinho, que iria visitar por cortesia, antes do final das férias. Não morria de amores pelo traficante, mas precisava reconhecer que fora muito além do que poderia esperar na instalação de Isabel. Ficou com vontade de dizer-lhe isso pessoalmente, mas a lembrança da saraivada de balas dissuadiu-o do intento. Pessoa tão poderosa, deve ter conhecimento do que se passa com a ex-amante. E comparava o chefe do tráfico com o babalaô do terreiro, que tudo dominava pela extensa rede de entidades sob seu comando. Será que Leandro, quando morresse, iria exercer funções de chefia junto às hostes dos anjos decaídos? Intrigava-o o papel das pessoas no plano espiritual. Realmente, precisava enfronhar-se nesses mistérios.

NO MOTEL E NA PRAIA

Leandro e Maria do Carmo se entenderam às maravilhas no ato sexual. Não eram juvenzinhos despreparados para o leito. Gozaram, pois, das delícias materiais, no mais alto patamar do orgasmo humano. Na hora certa, utilizaram do competente preservativo, para que a AIDS não se transformasse em dor para o parceiro, caso algum deles estivesse infectado.

Somente no quarto encontro é que fizeram as primeiras confissões sobre os sentimentos e objetivos de cada um. E contaram um pouco da história de suas vidas.

— Não sou nenhuma menininha imbecil, que não sabe aproveitar os prazeres. Fui deflorada pelo primeiro namorado, aos treze anos, e com ele fiquei por mais de dois anos. Depois, descobri que ia com todas e que começava a passar a minha ficha para os colegas. Foi bom, que transei com todos eles. Nem sei como é que não fiquei doente. Foi Deus quem me amparou. O que melhor me fazia sentir, levando-me à loucura (do mesmo jeito que você), era meu primo que morreu. Ele também me fez experimentar as drogas. Esse é outro mistério da minha vida. Não fiquei dependente, embora, de vez em quando, eu acho legal. Quero saber se não estou

deixando você espantado. Se quiseres sair desta é só falar, embora tudo esteja sendo ótimo. Vários me fizeram promessas, mas, depois que eu contava tudo, desapareciam. Eu mesma nunca mais vi nenhum deles. Como é que vai ser?

— Do Carmo, confesso que pensei que fosses menos experiente. — Leandro falava muito pausadamente, buscando dar a cada palavra o valor da verdade. Pensava muito no que dizer e, fosse qual fosse a revelação, pretendia levar avante o relacionamento. Nem Isabel lhe dera tanta satisfação, a não ser por Leandrinho. — Não sou ninguém que possa ser surpreendido por qualquer malfeito. Assim, o que me disseste é sagrado, porque não me escondeste nada. Eu também pretendo te dizer tudo, embora não ache aconselhável desvendar todos os mistérios de uma vez. Se nos envolvermos de modo definitivo... Vou dizer claro: se chegarmos ao casamento, a constituir família e tudo o mais, você saberá tintim por tintim tudo antes. Eu já engravidei uma mulher da zona. Vivi com ela durante alguns anos e depois ela me abandonou, levando o menino. Era negra e a criança mulatinha. Não sei se você percebeu, eu também tenho sangue dos escravos nas veias. Quando nos encontramos no baile, você me deve ter visto bem mais escuro. Eu sei que tua família é morena, mas não notei nenhum traço negro.

— Sem dúvida, deve ter havido alguém bem escuro, pois somos descendentes dos andaluzes, que tiveram muita mistura com os mouros.

— Tua pele morena é deliciosa.

— Antes que me esqueça, também estive com vários negros.

— Não temos, portanto, melindres quanto à cor. Ótimo, porque eu pretendo, conforme se desenrolarem os acontecimentos, manter meu filho perto de mim. Mas isso é colocar o carro antes dos bois...

— Vai dizendo tudo, querido, para que possamos nos entender. Como é que você vai fazer para pegar a criança?

Leandro tinha de relatar a longa peregrinação até a internação. Contou o que pôde, sem citar seu relacionamento com o tráfico. Maria do Carmo ficou excitadíssima com a trama. Parecia estar a participar de verdadeira novela. Adorou o jeito como o Doutor Mário tratou do pequeno, recambiando-o à vida.

— Esse homem merece ser bem recompensado.

— Já cuidei disso, dando-lhe um bom dinheiro, para que se instale num apartamento de primeira. Vamos ver se consegue. Mas isso não vem ao caso. O importante é você entender que não fiquei com a mãe de Leandrinho, porque eu mesmo fiz questão de lhe provar que não valia nada para mim. Provoquei o abandono, levando outras mulheres para casa. Era prostituta e não admitia...

— Só espero que não queiras fazer o mesmo comigo.

— Se não avançares o sinal, me deixando na mão. Você sabe que é fácil me deixar em ponto de bala...

Meia hora depois, reatavam a conversação.

— Quer dizer que vamos passar uns tempos *motelados*? — Era Maria do Carmo querendo confirmar a intenção do amante quanto a algo mais sério.

— Quer que te diga? O que for melhor para você, será também para mim. Só não posso prometer estar sempre disponível, que meus negócios estão se expandindo, com a ajuda do teu avô, e isso vai me fazer ficar ocupado. Por falar em teu avô, me parece que ele me aprovou, tanto que me convidou para as festas de fim de ano com a tua família.

— Não te enganes. O velho é terrível. Ele veio me sondar a respeito de meus desejos. Precisei disfarçar, porque senti que ele não aprovava. Na primeira vez, aproveitei para fugir, quando a turma da segurança estava distraída. Cada vez que a gente se encontra, tenho de escapar da vigilância de um tonto que pensa que não sei que está sempre de olho em mim. E quem é que pôs o cara ali? O velho Gouveia. Mas, como é que pensas que tenho me virado com os rapazes? Vou onde tem...

— las, minha querida, é o que queres dizer...

— Isso nós veremos, ainda.

Os afagos de Leandro buscavam dissuadi-la do tremendo pensamento, que a frieza da moça o punha deveras impressionado.

— Vamos deixar essas coisas no passado. Para mim, está muito bem assim. Eu nunca me iludi com a virgindade. Se tu fosses virgem, era capaz de largá-la, que não me dou bem com essa de iniciar as mulheres. Por isso, sempre procurei aquelas que não me causariam problemas. Tem outra coisa que me aborrece.

— Aposto que eu sei o que é.

— Diz você, então, espertinha.

— Você não gosta de usar camisinha.

— É isso aí.

— Recusei dois trouxas que queriam pôr direto. Nessa eu não entro, mesmo. E se você não gosta de camisinha, é sinal que andou por aí transando sem.

— Isso mesmo, mas com a certeza...

— Ninguém pode ter certeza de nada. Qualquer feridinha, um tantinho de sangue contaminado que penetre no *pau*, e o cara está condenado. As mulheres estão até com problema bem mais agudo. Se estiverem com qualquer pequeno corte e o esperma contaminado atingir a corrente sanguínea, adeus.

— Eu sei o que vou fazer. Vou providenciar exames de sangue completos.

— Escreva no seu caderno. Só me caso e vou pra cama, com os certificados de segurança da faculdade do amor. Se quiser ter filhos, não vou querer inseminação artificial. Tem de ser bem natural.

Excitavam-se com a conversa e com as carícias que se acentuavam. Era a quarta vez que se procuravam naquela tarde.

Dessa vez, cansaram e cochilaram. Não tanto que vinte minutos depois não estivessem acordados. Mas fingiram dormir, que os sentimentos e os pensamentos se entrechocavam, no cadinho das revelações.

Leandro estava disposto a prosseguir a aventura, na qual via as vantagens da união com a família do traficante. Não levava para o campo do envolvimento sentimental, porque a amante o havia, de certa forma, desencantado. Em todo caso, o corpo sensual em seus braços parecia encaixar-se-lhe perfeitamente na anatomia.

Maria do Carmo suspeitava de que as lições que aprendera com os outros, simplesmente, a tornaram mais madura para conquistar alguém tão experiente, que não se abalava com a luxúria transbordante de sua libido. Parecia-lhe, no entanto, que ele deveria ter contado tudo desde logo. Isso de segredinhos para depois talvez pudesse desiludi-la. Enfim, ela também nada dissera sobre os contatos homossexuais. Esses não revelaria jamais, que as primas deveriam ser preservadas. Ali mesmo, lhe veio o desejo de comprovar a lealdade de Leandro. Pensou nas primas e em Leandro juntos. Será que ele aceitaria as duas? Será que lhe contaria tudo depois? E se elas se interessassem pelo garanhão? Correria o risco. Se tudo fosse como esperava, haveria motivo para prender o homem pela coleira da traição. Se fosse o caso, porque não faltariam... Nessa altura dos pensamentos, punha em dúvida a eficácia dos que conhecia na faculdade ou na praia. No mínimo, cheios de preconceitos. Ou aidéticos. Ou veados.

Quando voltaram a conversar, foi para marcarem encontro na praia.

— Conheço um lugar que está sempre deserto. É uma praia particular, pertencente a um amigo de papai. É fácil de ir lá. As tuas costas já estão curadas. Vamos tomar um pouco de sol juntos. É só ir num dia da semana. A casa é para isso mesmo.

— Estou às tuas ordens. Marca o dia, porque esse compromisso vai ser o mais importante. E não precisas te preocupar com filtros solares, que tenho grande estoque em casa.

Na terça-feira seguinte, quando Leandro chegou ao local do encontro, não estava Maria do Carmo. Mas Susana e Lumara, sim.

— Vamos entrar na água, porque Maria do Carmo foi chamada pelo avô e nos mandou em seu lugar.

A pequena enseada era um trecho do paraíso do Rio de Janeiro. A areia branquíssima, o mar profundamente verde, o sol, num esconde-esconde delicioso, em que a brisa suavizava os ardores.

As moças fizeram questão de levar o rapaz para pôr a sunga. Fizera um gesto de voltar atrás, mas confirmou que estavam os três sozinhos e se deixou ficar.

Havia serviço completo de frutos do mar sobre a mesa da sala de jantar e a suavidade de quarteto de cordas por toda a residência. Quando voltou preparado para as ondas, viu que as moças trajavam minúsculas peças, exibindo seios e nádegas dignos da amante faltosa. Passou-lhe pela cabeça que o encontro havia sido preparado por ela. Estaria querendo provar que não aguentaria a provocação das duas?

— Vamos lá, Leandro. Pensas que não sabemos de tuas transas com a prima?

— Vamos mergulhar um pouco. Depois poderás voltar para os braços dela.

E arrastaram o jovem para a beira da água. Ali chegando, desnudaram-se completamente e o conduziram para as ondas.

Três horas depois, tinham o que contar para Maria do Carmo.

PENSAMENTOS RELIGIOSOS

Durante toda a viagem, na volta de São Paulo, Marlene vinha imaginando um jeito de esclarecer os arroubos religiosos do marido. Católica praticante, estava recebendo orientação do confessor, quanto ao que podia fazer para conduzir o cônjuge para a Igreja Católica. Ficara muito contente quando Mário passou a acompanhá-la regularmente à missa. Sabia que era por causa dos bandidos, mas desconfiou também de que havia interesse em Isabel. Calou-se, a ver até onde as coisas poderiam ir, mas a macumba, em São Paulo, foi a gota d'água.

Esperou que as crianças estivessem dormindo, deixou Joana vendo televisão e solicitou que o marido a acompanhasse ao consultório.

— Vamos ter uma conversa bem séria a respeito de religião. Enquanto você ia levando a vida, dizendo que era materialista, tudo bem. Eu sabia que, um dia ou outro, despertaria para a verdade de Deus e da Santa Madre Igreja. Mas não estou gostando nada de teu interesse pela religião dos negros.

— Posso assegurar...

— Deixa terminar, depois você fala. Eu acho que foi o sequestro que nos fez pensar mais seriamente na vida e na morte.

Eu me apeguei com meus santos e com Nossa Senhora. Pus toda minha fé em que intercederiam por nós e que salvariam as crianças. Foi o que — graças a Deus! — aconteceu. Aí nós fomos para o Nordeste e você quis acompanhar a gente à missa. Você me deixou muito contente. Isabel ia junto. Parecíamos uma família do século passado, com mucama e tudo. Quando voltamos ao Rio, você fez questão de nos levar. Ia Isabel. Ia Joana. Nem precisava que você fosse.

— Mas havia o risco...

— Só mais um pouco de paciência. Eu sei que sempre existe o perigo de as crianças serem levadas de novo. Deus nos livre e guarde e a Santíssima Virgem nos ampare! Mas eu quero dizer que esse motivo até ofende a minha fé. Se eu acredito na proteção celeste, você não precisa nos acompanhar, para ficar aborrecido. Pensa que não reparo em que a solenidade está se tornando muito tediosa, muito cansativa para você? Agora Isabel não vai mais. Só a Joana. Será que é a mocinha que está fazendo falta?

— Ciúmes, agora? Tu estás ficando louca!

— Não se trata de ciúmes, que já passei da idade. É que foi ela quem nos trouxe todas as perturbações. As ameaças, o sequestro, esta mudança corrida, todo o medo que passamos, tudo aconteceu depois que ela entrou na nossa vida.

— Eu posso...

— Espera mais um pouco. Só mais uma coisinha. Foi por ela que foste ao terreiro. Foi pelo namorado dela que voltaste à macumba. Estou sendo bastante clara no que te estou dizendo. Enquanto estávamos só nós dois, eu não fui capaz de meter na tua cabeça que Deus existe e que nos criou à sua própria imagem e semelhança. Aí, apareceu a mocinha, cheia de experiência de vida, e logo foste tragado pelo inferno, que nesses locais só as forças do mal é que podem existir. Anjos é que não são.

— Peço que me desculpes se te dei essa impressão. Mas acho tremendamente injusto ser acusado por um crime que não cometi.

Esqueceste de que li todos os livros que me deste, desde o tempo do noivado. A tua insistência encontrou correspondência em mim, que jamais desejei que te privasses de tua fé.

— Só faltava essa...

— Nem cuido de te levar a qualquer lugar em que não te sintas à vontade, porque eu mesmo não me senti nada bem. É um mundo totalmente estranho, materializado, sem qualquer envolvimento do povo com ideias de sacrifícios, como na Igreja Católica, onde nos dizem que o Cristo morreu na cruz para nos salvar. Quando levaram as crianças, pensei muito em Nossa Senhora e na dor da perda do filho querido, dependurado na cruz. A Igreja Católica nos orienta para entendermos que a vida é feita de muita dor e que cabe a Deus nos destinar para o Céu ou para o Inferno, segundo o nosso procedimento, conforme as nossas obras. Aí é que pensei muito em tudo o que sempre fiz na vida e não descobri nada que pudesse me acusar de me aproveitar dos outros. Ao contrário, sempre atendi ao sofrimento humano com muito apego à vida, tudo fazendo para minorar a dor. Até dos traficantes tenho cuidado de graça, em troca de suposta proteção de perigosos bandidos, que são eles mesmos.

Marlene ouvia intranquila, pois era absolutamente verdadeiro. Esperava que dissesse algo que pudesse contrariar, mas tudo se encaixava na realidade de vida do marido. Até as espórtulas durante a coleta eram significativas, produto de diversas horas de trabalho. E jamais ouvira um murmúrio sequer, acusando os padres disto ou daquilo. E, depois, ajoelhava-se quando preciso, fazendo, inclusive o sinal da cruz, imitando os gestos dos fiéis. Mas o coração...

— Não quero fazer a apologia de mim mesmo. Não sou santo e tenho muitas horas de profunda alegria, quando brinco com as crianças. Acho que não é perda de tempo. Posso até dizer que estou sempre na pediatria, fazendo que os pequeninos se sintam melhor, levando-lhes brinquedos... Você sabe. O meu coração não tem reservas. Aprendi isso com as lágrimas e com o sangue dos que chegam ao pronto-socorro. Jesus disse para que deixassem que os

pequeninos fossem até ele. Pois têm vindo a mim e eu os tenho recebido com muito amor e carinho. Desse modo, acho muito injusto dizer que Isabel pudesse me representar algo diferente do que o muito que tenho feito por todos. Por outro lado, como é que poderia ofender à pessoa que mais amo e prezo no mundo? As nossas lágrimas já se uniram muitas vezes e nossos corações bateram juntos em situações de tanto sofrimento... Por favor, querida, não me peça para desfazer o que não fiz. Não me peça para desamarrear o que não amarrei.

Marlene enlaçou o marido e lhe pediu desculpas, sussurrando em seu ouvido. Comovera-se com a exposição surpreendente e emotiva. Sobretudo, via as coisas com mais clarividência, que as ideias religiosas transpareciam no longo desabafo. A bem da verdade, espantava-se com a facilidade verborrágica do marido, sempre muito loquaz mas nunca com tamanha ênfase oratória. Se soubesse do velho hábito de incentivar as enfermeiras, utilizando expressões religiosas, talvez desconfiasse de que poderia estar falando só da boca para fora.

Mário desejava prosseguir:

— Você tem razão num ponto crucial. Estou, realmente, ficando cansado com a repetição enfadonha da missa. É sempre a mesma coisa. O sermão varia segundo o tópico do *Evangelho*. Mas o discurso visa sempre a mostrar que os velhos estão precisando renovar a visão do mundo, que a salvação está na *libertação*. No domingo seguinte, sobe um ancião ao púlpito e clama contra a irresponsabilidade dos jovens que atizam o povo contra as instituições. Até que é divertido, mas é luta interna de poder e domínio. Um dia o povo atende o que dizem lá e, em lugar de invadir as terras desabitadas, vai é acampar na igreja mesmo. Aí é que quero ver se vão ou não chamar a polícia.

— Não sabia que tinhas essa visão preconceituosa...

— Preconceito nenhum, que até acho que as riquezas dos padres serviriam para a construção de hospitais e escolas.

— Os padres e as freiras mantêm muitos hospitais e dão emprego a muitos médicos. E as escolas são incontáveis.

— De acordo. Mas cobram muito bem, não só dos particulares como do próprio Governo.

— Vejo que o teu espírito religioso está perturbado pelas coisas materiais.

— Devias ver que estou preocupado com a vida dos que sofrem. O Leandrinho era cuidado por uma carola. Onde estavam os padres que não viram que o menino estava nas últimas? Aposto que nunca subiram o morro para levar...

— Não vá ofender quem não te fez nada!

— Ao contrário, vou elogiar muitos que enfrentam as autoridades e fazem acusações do púlpito contra as vigarices oficiais. Mas essas são posturas meramente materiais. Onde fica o espírito religioso? Na repetição enfadonha dos mesmos atos seculares...

Nem sabia por que estava voltando os pensamentos para essa linha de crítica, a qual abandonara desde que se casara e se dedicara à construção da vida familiar e profissional. Fazia ressuscitar ideias antigas sobre as quais cristalizara o repúdio à espiritualidade. Não percebia direito que estava pleiteando dos sacerdotes conduta mais coerente com a pregação, com a doutrina. Não atinava com a própria necessidade de deslindar os mistérios da existência pós-carnal.

Marlene não quis levar avante o discurso irreverente. Sabia que o marido não estava sendo inteiramente sincero. Via, no discurso, a transfiguração do medo, a personificação da impotência. Deixou, porém, de levantar esse aspecto, que a ela também terrorificava.

— Vamos *tornar à vaca-fria*.

— Vamos.

— Eu quero saber se vais continuar indo à Igreja.

— Vou.

— Vais aceitar os Mandamentos das Leis de Deus e os da...

— Vou acompanhar vocês, com o máximo prazer de vossa companhia. Não me peças nenhuma profissão de fé. O que te prometo, solenemente, é estudar os temas da espiritualidade, lendo os livros que julgares apropriados. Não está bem assim? Não estou sendo sincero, honesto, leal e justo?

— Eu acho que pretendes ir de novo ao terreiro.

— Primeiro diz se não estás vendo em minha resposta a transparência da verdade.

— Se pensas realmente assim, eu ficarei muito contente.

— Por que essa condição? *Se pensas...* Eu não duvido que me tenhas revelado tudo o que sentes. Estranhei que sentisses ciúmes. Mas não vou criar um cavalo de batalha por causa disso. O que pretendo é não ir de novo ao terreiro, mas não vou esconder que desejo ler os livros espíritas, para me inteirar dessa filosofia. Essa liberdade eu desejo preservar, já que não te impeço de nada.

— E vais querer frequentar um centro espírita...

— Não tenho nenhuma noção do que se passa nesses lugares. Se for como na Umbanda, meu navio há de passar ao largo.

— E se te convenceres de que os tais espíritos são importantes e que realmente exercem poder sobre os mortais? Vais em frente, deixando-me sozinha na igreja, com as crianças?

— Não queiras me envolver sentimentalmente. Eu te disse que sempre irei contigo aonde fores. Não basta a minha palavra? Há dez ou quinze anos atrás, se me disseses isso, irias me deixar furioso. Veja como estou com a mente bem mais pacífica. Em todo o caso, vai faltar muito pouco para me ofenderes. E eu nem te disse que desconfio de que o teu confessor esteja por trás dessa tua atitude...

Marlene se cansara do longo desafio intelectual. Entendeu que Mário iria fazer o que lhe desse na telha, não importando muito o que lhe dissesse. A citação do confessor, por ser verdadeira, não a estimulou ao debate. Apenas refletiu nas palavras que lhe dissera: *Se o teu marido é bom como dizes, evita de brigar com ele. A oração à*

Virgem há de ser o recurso mais eficaz para mantê-lo amoroso e fiel. Deus saberá perdoá-lo, se não tiver espírito religioso. Eu creio, porém, que ainda o veremos na igreja, com o coração arrependido por não ter vindo antes. Não foi Jesus quem disse que os trabalhadores da última hora é que seriam os primeiros, no reino do Senhor?...

Estranhou Mário que Marlene fizesse silêncio e se aconchegasse em seus braços. Decerto, havia tocado em algum ponto sensível, para fazê-la calar-se. Melhor assim, que começava a se impacientar com o descalabro da petição. Seriam os prenúncios da menopausa? Iria pôr tento no comportamento da mulher, para sentir-lhe as transformações psicológicas. Afinal de contas, era médico e, se precisasse, reabria os compêndios e tratados. Ou consultaria os colegas da especialidade. Pensou na conversa que tinham tido e não viu muito sentido. Era necessidade de mais afeto e carinho. E isso ele daria naquela noite mesmo, pois nunca questionara seu amor à esposa. Era das coisas estabelecidas na vida, como a necessidade de comer e de beber. Isabel era bonitinha, bem formada de corpo, trazia toda a experiência do meretrício, mas era negra... Esse pensamento racista o perturbou. Abraçou com mais força a mulher e a beijou com ternura. Selava seu amor e seu respeito pela criatura que, um dia, lhe entregara a virgindade. A outra...

BALTAZAR TEM PROBLEMAS

Quando se tem muito dinheiro e uma fachada de grandes negócios, como Gouveia e, mesmo, Leandro, não se teme o fisco. Baltazar, contudo, era simples balconista, sem lastro financeiro. Isabel não podia declarar que obtivera, com a prostituição, o suficiente para as compras dos prédios e a montagem da loja.

Um belo dia, eis que adentra o estabelecimento um sujeitinho engravatado, de óculos escuros, levando uma pasta preta debaixo do braço.

— Meu nome é Gumercindo Saraiva de Castro. Sou Fiscal da Fazenda do Estado. Respondo por este setor da cidade. Quero ver os livros da contabilidade.

— Perfeitamente, Senhor. Posso ver as tuas credenciais?

O indivíduo sacou do bolso interno do paletó uma carteira de couro, de onde retirou cartão plastificado com o emblema do Governo do Estado de São Paulo, que passou para as mãos do dono do estabelecimento.

Baltazar era suficientemente esperto para avaliar a situação. Desconfiou, de pronto, que havia mais esperteza no olhar arguto da pessoa à sua frente do que honestidade. Mas estava preparado para enfrentar todo tipo de pressão oficial, tendo escriturado ele mesmo

os registros do dever e do haver. Classificara e arquivara todas as faturas e canhotos das notas fiscais.

— Quem faz a escrituração?

— Eu mesmo faço.

— Tem registro profissional?

— Não.

— E como pode afirmar que está tudo certo?

— Se não estiver, você me diz como é que devo corrigir.

— Estas coisas não podem ser corrigidas. Ou está certo ou está errado. Se estiver certo, muito bem. Lavro o termo da visita e pronto. Se estiver errado, sou obrigado a multar.

— À vontade!

Começaram o trabalho com muita lentidão. A cada fatura deveriam corresponder várias notas de venda ou o material deveria estar estocado. A pesquisa começava a enervar o vendedor. Era um senta e levanta para a marcação e verificação do material. Do jeito que as coisas iam, seria preferível fechar a loja e colocar todos os empregados à disposição do exigente servidor público. Passaram a manhã nesse extenuante serviço, sem dar mostras o fiscal de entediar-se ou cansar-se. Conhecia proficientemente cada peça, enquanto tomava notas minuciosíssimas em caderno que abria para a finalidade.

À tarde, despediu-se, prometendo voltar na manhã seguinte.

E assim foi, durante a semana inteira. O movimento da loja estava sendo controlado por Gumerindo, dado que toda entrada e saída de material passava pela sua mão. Terminadas as faturas, restaram, nas notas de venda, inúmeros produtos.

— Qual a origem destas peças?

— Constam da relação de compra do ponto. O antigo dono me deixou o estoque devidamente arrolado, com as faturas correspondentes.

— Vamos avaliar.

Estavam no pequeno cofre. Enquanto Baltazar buscava encontrar o que lhe fora solicitado, Gumercindo tamborilava os dedos com tranquilidade.

Havia muita miudeza. O que não se encontrava vendido, era procurado na loja. E anotado devidamente no caderno. Esse procedimento levou mais três dias, sempre interrompido pelos negócios, que o trabalho não podia parar.

Ao final, restava conferir todo o estoque em exposição mais o que se guardava no almoxarifado. Era preciso verificar se não havia mercadoria a mais, além da que constava das faturas. De fato, foram encontradas peças muito antigas, fora de linha, que se guardavam para a eventualidade de pedidos de emergência. Fora o presente que o antigo dono havia dado a Baltazar, com a recomendação de passar adiante com o valor das novas, que as raridades poderiam até custar bem mais.

— Senhor Baltazar, existem vinte e duas mercadorias cuja origem não está assinalada. Vou proceder à autuação e confiscar as peças. Enquanto a multa não for paga e as mercadorias recolhidas, o estabelecimento vai permanecer lacrado, devendo o Senhor providenciar advogado, já que vou denunciá-lo como receptador de produtos furtados.

A um sinal, dois supostos fregueses mostraram insígnias de inspetores da polícia civil e avisaram os fregueses que não poderiam concluir as compras.

O inesperado da atitude pôs Baltazar afogueado. Mas manteve a aparência calma. Não poderia acreditar em que aquilo pudesse ir muito longe. Obteve autorização para telefonar e ligou para casa, pedindo socorro a Isabel. Precisava urgente de um advogado.

Uma hora depois, detido na Delegacia, prestava depoimento sobre a acusação de receptação de mercadoria roubada. O jovem advogado contratado por Isabel dava andamento ao pedido de soltura, entretanto, não havia meio de quebrar o flagrante. Baltazar iria ser recolhido ao xadrez.

Enquanto essas coisas ocorriam, Isabel ligava para o Rio de Janeiro. Buscava falar com Sandra, para o contato com os padrinhos desconhecidos. Era o poderio das forças ocultas que desejava ver em ação. De fato, duas horas depois, quando Baltazar ainda se encontrava na antessala do Delegado, esperando o resultado das providências das autoridades, sentindo o movimento dos jornalistas em busca de notícias, foi chamado pelo próprio titular e, a portas fechadas, ouviu solene pedido de desculpas pelo erro dos investigadores. Perdoasse o comerciante a tropelia e aguardasse mais um pouco, que precisava anular os registros.

Quando saiu para o ar viciado do corredor, lá estava o advogado com cara de tremendo espanto, porque, de uma hora para outra, viu o cliente, preso inafiançável, solto e sem queixa formulada. Nem um nem outro entendia o que poderia ter feito tudo voltar à estaca zero.

Meia hora depois, pelas sete da noite, entrava na sala do Delegado o Gumercindo, espavorido, olhando de soslaio para o negro que o observava muito curioso. Saiu em seguida, rapidinho, enquanto o Delegado se aproximava do comerciante e seu advogado, com uns papéis e um caderno na mão.

— Aqui estão as anotações do fiscal. Estou devolvendo para que usem o material da forma que melhor lhes aprouver. É bom guardar, pelo menos, pois, se aparecer outro representante da Fazenda, é só contar o que houve que ele não insistirá na mesma linha de procedimento. Espero que tenham compreendido que tudo fiz para desfazer o mal-entendido. O Senhor Baltazar está instalando-se agora em São Paulo. Não pode fazer ideia errada da polícia paulista. Conte comigo para o que precisar.

Baltazar apertou a mão que lhe fora estendida, tendo sentido que estava bastante fria.

O advogado, à vista das expressões fisionômicas do policial e das palavras de extrema gentileza, tendo concluído que nenhum mérito da soltura lhe era devido, ponderou que o melhor seria

oferecer os préstimos para futura demanda judicial, deixando seu cartão na mão do atoleimado umbandista, desaparecendo em seguida.

Quando Baltazar ia saindo, vieram-lhe ao encontro os inspetores, com mesuras de mil desculpas, oferecendo-se para conduzi-lo em segurança de volta para a loja ou para casa. Precisavam ir mesmo para lá, para retirarem o lacre da porta e rasgarem o aviso que o fiscal havia afixado.

Naquela noite, Isabel e Baltazar tiveram razões para concluir que havia incompreensível poder oculto a protegê-los. E esse poder não era simplesmente espiritual, como poderiam acreditar pela promessa dos orixás. Havia uma força terrena muito poderosa a olhar por eles. Quem lhes dera o dinheiro também lhes resguardava o patrimônio.

O ETÉREO SE AGITA

Dráusio não teve oportunidade de presenciar o corre-corre de Baltazar. Sabia das tribulações armadas pelo fiscal do Governo e confiou em que se desse assistência a ele através dos protetores familiares e dos espíritos que trabalhavam no Centro Espírita. Preferiu ficar com Isabel, para desvendar o mistério dos endinheirados do Rio de Janeiro. Por isso, quando Baltazar pediu socorro, insistiu para que se lembrasse de chamar a amiga Sandra, porquanto, de princípio, rejeitava ela a ideia, não querendo valorizar tanto assim a participação da moça nos seus quefazeres. O que a persuadiu a aceitar a sugestão do outro plano foi o medo de vir a perder tudo, ao ter de declarar a origem dos bens. Imaginou certo que teriam força para resguardarem as pessoas em quem tanto haviam investido.

Ao mesmo tempo em que Isabel entrava em contato com Sandra, Dráusio buscou José, para ver se conseguiam desvendar o mistério. Não foi difícil de estabelecer a ligação, dado que a frequência em que transmitia estava desobstruída para as eventualidades socorristas, ainda mais porque tinha tido tempo de prevenir o mentor para a possibilidade da emergência.

Entretanto, a única pista que lograram obter foi um número telefônico, uma vez que a recadista somente podia comunicar-se por esse meio. E tudo foi absolutamente rápido, porque os protetores encarnados desligaram, assim que o recado foi passado.

Alfredo havia sido colocado de sobreaviso, para o caso de pesquisas de campo, mas ficou esperando inutilmente o aviso de José.

Quando Dráusio venceu as resistências magnéticas para penetrar na Delegacia, a fim de interceptar a comunicação com o policial, já era tarde demais. Havia desligado.

Naquela noite, enquanto Baltazar e Isabel analisavam o susto por que haviam passado, José chamou os dois discípulos para uma conversinha.

Estavam saudosos das tertúlias a que se acostumaram, mas, primeiro, deveriam atender ao apelo superior.

José foi direto ao ponto:

— Penso que descobri um movimento espiritual de ordem inferior em nossas atividades investigantes. Essa de ficarmos tão curiosos em saber quem são os financiadores dos bens de Isabel não está produzindo nenhum projeto plausível de assistência e orientação. Com o passar do tempo, tudo se sabe, a partir desta esfera, porque não há como Isabel não voltar a se encontrar com essas pessoas. Afinal de contas, não lhe devem estar financiando os negócios, sem que venham a cobrar mais tarde, vivos ou mortos. Um dia, chegaremos a eles e poderemos deduzir quais os objetivos que têm em mente, para propiciar-lhes os recursos fluídicos de que estiverem necessitados. Por outro lado, não há quem não tenha, pelo menos, um protetor para lembrar que as obras é que dimensionam o valor dos seres. Sendo assim, não é de responsabilidade nossa o direcionamento evangélico dessas criaturas. Supondo-se que descobramos que se trata de gente muito atrasada, pervertida quanto aos rumos que deveriam dar às vidas,

que poderemos fazer para ajudá-los, sem desampararmos os nossos assistidos? Espero ter sido bastante claro ao expor as preocupações, que raiam pela observação de que o trabalho não está sendo realizado segundo os padrões superiores que norteiam as atividades socorristas na colônia. Não estou, todavia, absolutamente seguro de que seja a realidade exatamente conforme a descrevi. Se tiverem algo a acrescentar, digam.

José sabia que os pupilos estabeleciam as suas palavras como lei. Não desejava fazê-los pensar que estavam sendo inoperantes, apenas um pouquinho imprevidentes quanto às ondas emanadas dos corações, em favor do desenvolvimento das qualidades inerentes ao socorrismo.

Alfredo e Dráusio não precisaram de muito tempo para aquilatarem que José os havia avaliado proficientemente.

Foi Dráusio quem o reconheceu de viva voz:

— Estamos agindo como os maus leitores dos romances. Queremos saber como o enredo vai concluir, sem estabelecer que o roteiro é sempre intrincado jogo de causas e efeitos. Sei que tal postura não se coaduna com o envolvimento sentimental e intelectual em relação aos encarnados, envolvimento necessário para que ajamos movidos pelo amor cristão, cósmico, universal. Estou repetindo as lições como as aprendi na *Escolinha de Evangelização*, quando discursava para os colegas, querendo demonstrar, com grandiloquência, que a soma dos conhecimentos era satisfatória para passar à lição seguinte. Agora, preciso, com humildade, acatar a orientação do querido mestre, que nos está fornecendo mais do que a sabedoria do professor, mas também a vibração humanitária do benemérito companheiro, que sofre com as escorregadelas dos alunos e amigos.

Alfredo queria participar, mas não encontrava expressões para caracterizar a atitude do Irmão José como especial, como incomum, como quando alguém vai muito além do simples cumprimento do dever. Abriu o coração:

— Irmão José, Jesus há de recompensá-lo pelo muito que tem feito por nós. Deus o abençoe!

— Deus nos abençoe a todos e nos ilumine para podermos decifrar os misteriosos atributos das mentes e corações, porque, sem o conhecimento de nós mesmos, permaneceremos marcando passo neste estágio evolutivo. Ou, o que é muito pior, seremos reconduzidos para a efervescência da vida, despreparados para o enfrentamento das vicissitudes que nós mesmos iremos causar.

Fez um gesto aos dois para que concentrassem os pensamentos para a oração que iria proferir:

— Senhor Jesus, eis-nos a vossos pés para recebermos as sublimes inspirações que nos revelarão os passos seguintes desta caminhada para nossa formação evangélica. Fazei que aprendamos a valorizar os bons pensamentos e a rejeitar as péssimas intuições, aquelas que nos amarrarão a nós mesmos, impedindo-nos de auxiliar os irmãos sob nossa custódia socorrista. Favorecei-nos a entrevista com os assistidos, para que possamos informar-lhes que estão amparados por vosso amor. Somente assim, Senhor, poderemos estabelecer como padrão de conduta a caridade, que nos conduzirá a todos ao Reino de nosso Pai. Assim seja.

José incluiu na prece a inspiração segundo a qual estaria na hora de convocar os encarnados para reunião no etéreo, durante o período de sono, nem que fosse o primeiro acerto de compromissos, os quais não resultariam em outra reminiscência ao acordarem além da lembrança de sonho de paz e conforto, junto a seres estranhos mas cordatos. Interessar-se-iam, posteriormente, por se reencontrarem, predispondo-se favoráveis, no momento de dormir.

— Está na hora desse exercício, porque Isabel e Leandrinho vibram desafoçados das pressões de toda a vida. Ambos vão elaborando projetos em que a esperança se constitui no bom alicerce da construção. Para vocês dois, esse treinamento há de ser essencial, porque se me configura que as conferências com Mário e Marlene hão de oferecer problemas bem mais sérios,

principalmente no aspecto doutrinário. Já pensaram no dia em que receberem Leandro?

Sabiam os protetores que estava em curso o plano de trabalhos relativo ao seu aprendizado efetivo, junto aos seres em inferiores condições de conhecimentos cármicos. Dráusio quis positivar as reflexões, dando-lhes a devida projeção para o plano das realizações:

— Vamos ter de elaborar cada qual o seu roteiro ou podemos discutir juntos, inclusive com o restante da turma?

— Como acha você preferível?

— Prefiro adquirir mais segurança, cercando a atividade com o máximo possível de informações. Para isso, é indispensável recorrer à experiência dos demais. Não sei se Alfredo concorda comigo.

— Concordo, sim, porque me sinto imaturo para tão grave responsabilidade.

— Então, voltem para junto dos aconselhados e aguardem o momento azado para a reunião.

— Vamos voltar aos bancos escolares, amigo Dráusio.

— Estava ficando com muita saudade, embora me preocupe o fato de abandonar...

José interveio:

— Saberemos escolher o momento mais propício, além de deixarmos colegas menos adiantados para a vigilância. Ou pensam que será a primeira vez?

Fazia um gesto de censura, como a repreender o excesso de zelo de Dráusio e a carência intelectual de Alfredo. Mas era apenas para mostrar-lhes que tudo estava sob prazeroso controle.

UM MUNDO NOVO

Mário hesitou por muito pouco tempo. Refletiu que, quanto antes começasse os estudos relativos à espiritualidade, quanto antes terminaria. *Uma meia dúzia de livros e me desencantarei, com certeza* — pensava lá consigo, como ocorrera com as obras relativas à vida dos santos e aos sacramentos. As que mais o empolgaram foram as histórias de Jesus, com a ingenuidade do pensamento do povo, perante a visão de cura e ressuscitamentos. Ele pusera sãs muito mais pessoas que Jesus jamais sonhara, com passes de mágica e bênçãos. Se os efeitos dos milagres fossem bons, haveria muitos outros taumaturgos, em todos os tempos e não tantos charlatães e meliantes, que só incentivam a superstição e agravam os estados mórbidos dos doentes. Desconfiava de que houve muita invencionice e de que os redatores dos textos evangélicos o que desejavam, na realidade, era fermentar a credence em um *filho de Deus*, para o incentivo do cristianismo nascente, igreja que se tornaria poderosa, tanto que, hoje em dia, o número de fiéis é tão grande que dá para sustentar várias igrejas e cultos, no mundo todo.

Buscou número telefônico de Centro Espírita, na lista. De fato, encontrou diversos. Havia um cujo endereço era próximo de sua

residência. Ligou e expôs sumariamente o desejo de adquirir obras fundamentais da Doutrina Espírita, mas não queria nada que se referisse à Umbanda. Desejava conhecer o que denominava de espiritismo-ciência.

— O Senhor, por certo, não conhece as obras de Allan Kardec?

— Não.

— Então, terá de começar por essas, que constituem o que chamamos de Codificação.

— Vocês entregam em casa?

— Não temos esse serviço. Mas, dado o teu interesse, eu vou pessoalmente fazer a entrega.

— A que horas fica aberta a instituição?

— Mantemos sempre uma pessoa de plantão, no horário comercial. Se me fizeres a gentileza de dizer em que horário poderás vir, eu mesmo aqui estarei para conversarmos um pouco mais detalhadamente.

— Passo aí, hoje mesmo. Deixa ver... Às cinco da tarde, está bom?

— Excelente!

— A quem procuro?

— Antônio.

A voz no telefone era pausada, calma. Mário imaginou um Antônio de meia idade, desses burocratas de escritório. Não sabia por que mas lhe colocou uma calvície pronunciada e óculos de fundo de garrafa.

Ao chegar, deparou-se com jovem de, no máximo, trinta anos, espessos e longos cabelos pretos, amarrados em forma de rabo de cavalo. Trazia brinquinho colorido na orelha esquerda. Nada de óculos. Mas a fisionomia esbanjava contentamento, perfeito balconista para a venda de material cirúrgico. Não fora a modernidade da apresentação e da roupa, pensaria estar entrando

em templo protestante, tanta era a simpatia e a contenção das maneiras. O cumprimento foi efusivo:

— Doutor Mário, aguardava-o com ansiedade. Para mim, é uma satisfação poder atender ao meu primeiro freguês por telefone. Nunca me aconteceu de alguém solicitar livros assim. Informações sobre os trabalhos da casa, eu tenho dado, constantemente. Estou até emocionado.

— Muito obrigado.

— Não há de quê. Eu separei as seis obras principais de Allan Kardec. Como o Senhor deseja o cientificismo espírita, comece por ***A Gênese***, embora eu, particularmente, lhe recomende iniciar por ***O Livro dos Espíritos***. O Senhor tem sofrido o assédio de alguma entidade que o esteja atormentando?

— De maneira alguma. Se você está falando em encosto ou algo assim, não percebo nenhum espírito assoprando coisas nos meus ouvidos.

— É que, nesse caso, deveria desenvolver a mediunidade e a obra indicada seria ***O Livro dos Médiuns***. Para pessoas religiosas, que desejam ampliar a fé, recomendamos ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Para quem, simplesmente, quer saber como é que o Espiritismo vê a Religião Católica, Kardec escreveu ***O Céu e o Inferno***. Finalmente, o que deveria apontar em primeiro lugar, temos ***O que é o Espiritismo?***

— É apenas curiosidade, mas não existe uma obra que trate dos milagres de Jesus?

— ***A Gênese***, cujo nome completo é ***A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo***, conquanto muita explicação se encontre também n'***O Evangelho***. No primeiro, a análise busca ser científica, com os recursos de meados do século XIX; no segundo, o tratamento é de fé esclarecida pela razão. Perdoe-me se vou muito depressa.

Mário queria saber o quanto deveria pagar. Assustou-se com a modicidade do preço:

- Isto não paga nem o papel.
 - As obras da Codificação são muito baratas. É que precisamos divulgar a Doutrina.
 - Uma espécie de chamariz.
 - Mais do que isso. É a possibilidade que damos a que todo o mundo possa entrar em contato com a nossa maneira de pensar. Quase sempre as pessoas se desencantam com esse tipo de literatura, vou avisando desde já, porque o povo é muito inculto. Só estou passando ao Senhor estas obras, porque os médicos são pessoas inteligentes...
 - Não põe tua mão no fogo...
 - Mas não vou queimar-me, no teu caso.
 - Que outras obras existem?
 - Temos, na casa, uns trezentos e cinquenta volumes, entretanto, a biblioteca da Federação Espírita Brasileira... Já ouviu falar?
 - Não.
 - Pois bem, lá se encontram mais de mil e seiscentos títulos, versando sobre todo tipo de solução espiritista para os problemas humanos.
- Mário se admirava da loquacidade do rapaz e da segurança das informações.
- O amigo faz muito tempo que frequenta o Espiritismo?
 - Estou há cinco anos. Mas, de forma séria, faz só três anos. E as minhas leituras, comecei há menos de dois.
 - E já estás orientando o público? É muito louvável.
 - Dou algumas horas por semana para este voluntariado. A minha profissão, mesmo, é de cabeleireiro. Não reparou no brinquinho e no rabo de cavalo? No começo, me sentia meio deslocado no meio dos senhores e senhoras que frequentam a casa. Porém, o pessoal da diretoria é muito condescendente... Olha eu aqui falando o que não devia. Faltava só perguntar se o corte...
- Riu o médico com a desenvoltura do moço.

— Se são tantos os títulos, eu gostaria de dar uma vista d'olhos no material.

— Com prazer. Se tiver tempo, posso fazer-lhe uma apresentação mais detalhada.

— Tenho uma hora inteira.

— Vamos começar com os livros históricos. Alguns estão à venda em edições modernas, mas temos outros na biblioteca circulante. Caso, futuramente, vier a se interessar, emprestaremos de forma gratuita, com muita alegria, que a circulação é bem pequena.

Foi uma hora de deslumbramento para Mário, que não esperava tanta riqueza nem variedade. Espantou-se com a produção do médium Francisco Cândido Xavier, principalmente pelos volumes maciços atribuídos a Emmanuel (*Seu protetor particular e organizador das atividades espirituais*, informava Antônio). Não firmou predisposição para comprar nenhuma outra obra, embora ficasse tentado a levar para Marlene, pelo menos, o grosso volume de *Paulo e Estêvão*. Venceu a tentação e deliberou manter o plano inicial de se desiludir logo nas primeiras obras. Despediu-se meio tonto, com certa zoeira nos ouvidos, tanto lhe matraqueara o vendedor, o divulgador, o pregador da cultura espírita. A se levar em consideração a empolgação do rapaz, não haveria verdade no mundo que não se contivesse naqueles livros. *Vamos devagar com o andar...* — pensava lá consigo, querendo não se deixar envolver pelo entusiasmo do outro. *Se seccionar os tecidos em lugar indevido, posso ofender órgãos em bom estado e complicar ainda mais o estado do paciente.*

Lembrou-se de Leandrinho aprendendo as primeiras letras e a paciência da professora para com todas as crianças. *Se esses coitadinhos forem com muita sede ao pote, irão encontrar muitas dificuldades desnecessárias. Preciso arrumar um horário para a leitura, despreocupado de Marlene e das crianças. No hospital, nem pensar. Vou ler no banheiro. Levo o livrinho no bolso, que cabe*

perfeitamente, e vou lendo, até desanimar e esquecer. Prometo não me entediar, mas, se forem obras chatas, good bye, my boy...

Conversava com supostas entidades espirituais, costume que se ia arraigando, desde que vira o trabalho dos babalorixás. Naquela noite, iniciava a leitura de **A Gênese**, mas tropeçou na terminologia rebarbativa. Pôs de lado o livro e percorreu os índices dos demais. Reconheceu que era preferível começar pelo primeiro e se dedicou a **O que é o Espiritismo?** Durante meia hora, conseguiu prestar atenção nas formulações silogísticas do mestre francês. Mas um sono muito forte o derrubou.

No leito, Marlene o empurrou com força para o seu lado da cama. Estava muito cansada. Conversariam de manhã.

PREVENÇÕES

O velho traficante não era homem de se deixar iludir pelas palavras da neta. Gouveia tinha o faro aguçado na desconfiança de tudo e de todos. Chamou as outras e fez que contassem como iam as coisas entre Leandro e do Carmo. Inteirou-se da festinha particular na praia, sabedor que era das demais proezas das netas. Resolveu, então, colocar Silvano alerta para a informação a respeito das atividades do pretendente.

Do jeito como as coisas vão à deriva no encapelado mar do sexo, o energúmeno é bem capaz de pôr a menina a par de tudo. Só para me pressionar. Por outro lado, talvez seja melhor assim do que mais alguém para conhecer os segredos da família. Sem rabo preso, poderá representar perigo maior.

— Que devo fazer, precisamente?

— Quero que me avise dos encontros amorosos de Leandro. Ponha alguém a vigiá-lo, discretamente. Se perder o rastro algumas vezes, não tem importância. Mas, na certeza de que vai cruzar com alguma fêmea, quero ficar sabendo imediatamente.

— Não vai ser fácil. Mas é possível. Temo...

— Não tem que temer nada. Se ele descobrir, eu me entendo com ele.

Silvano saiu pensativo. Leandro desconfiava dele. E com razão. O acréscimo de vigilância poderia voltá-lo contra si. E o cara era famoso pela rapidez dos despachos. Atirava primeiro e inquiria depois.

Não vou poder chamar gente de fora. Vai ter de ser alguém da organização. Que ele não conheça.

Quebrou um pouco a cabeça e chegou à conclusão de que poderia solicitar os préstimos de um dos serviçais de outro cabeça do bando, que conhecia como guarda-costas, que sabia finório e integrado completamente.

De fato, o sujeito era a pessoa indicada, tanto que se cansava da inatividade e requeria tarefas, sempre que se via dispensado para tratar dos próprios negócios. Colocou-o a par das dificuldades da empresa e dos riscos naturais de quem desafia quem se postava tão próximo dos chefes.

— Deixa comigo!

Leandro retardou por uns dias a entrevista com a namorada. Queria dar folga à libido, para o desempenho que precisaria ser otimizado na próxima relação. Sentia-se exaurido pela fogueira das meninas. Se do Carmo quisesse uma prova de amor, de paixão, deveria estar capacitado ao atendimento.

O malandro se deixou envolver pelas atividades do tráfico e se imiscuiu nos negócios, acompanhando de perto o quadro das entradas e saídas, o que havia desleixado ultimamente. Compreendeu que sua presença no setor era dispensável, porque o pessoal estava *na ponta dos cascos*. Não interferiu mas inteirou-se de que o consumo da cocaína e do *craque* havia subido mais de dez por cento do que era antes da invasão dos morros pelas Forças Armadas.

Sentindo-se recarregado, entrou em contato com a moça. Precisavam colocar as cartas na mesa.

Ao sair cedo de casa, notou que havia algo estranho na movimentação de um carro que perfazia o mesmo itinerário. Contornou um quarteirão para comprovar que estaria sendo seguido, mas o veículo suspeito desapareceu.

Quem poderá estar interessado em mim?

Não hesitou. Digitou o celular e deu ordens expressas para os capangas se encontrarem com ele em dez minutos. Queria proteger-se.

Silvano despachou-se, de sobreaviso, determinando que fossem prudentes, para não causarem pânico em praça pública. Mas as providências resultaram inúteis, que o *detetive* tinha deixado a investigação para outra hora.

Em lugar de Leandro ir ao encontro da moça, informou-a de que estaria ocupado até de tarde.

— Para mim, está muito bem. Te encontro no mesmo lugar, às quatro.

— Adeus, querida!

— Não vejo a hora de te beijar...

Naquela tarde, Leandro resolveu que não iria ver do Carmo. Estranha prevenção se apossou de sua mente, como se fosse a presciência da desgraça. Imaginou-se nas garras do Gouveia. Não teria chances. Era preciso cuidar da segurança, por meios desonestos mas eficazes.

Do Carmo não atribuiu a causa da desistência do encontro senão ao fato de estar ele com medo de ter de revelar a verdade a respeito das primas.

Esse cara não é de nada. Só porque possui um restaurante, se julga no direito de me esnobar. Mentiroso e hipócrita. Quis dar uma

de avançadinho e não consegue enfrentar a própria consciência. Burguesão tolo! Aqui que vai me pegar de novo!

Mas o pensamento do amante vagava por plagas longínquas. Queria pôr Gouveia temeroso, mas não sabia exatamente como. Os segredos da organização eram muitos para si mesmo. Para cada fato conhecido, ficavam muitos na nebulosidade dos empreendimentos oficiais. Mesmo que relatasse sua própria vida e todos os negócios, o dinheiro que desaparecia entregue aos maiores não deixava rastro. Era fácil recomendar à Justiça que se executasse o pobre intermediário como o mais poderoso chefe. Afinal de contas, a contabilidade se desfazia no *delete* dos computadores, tão logo as propinas se distribuíam. Arquivos, mesmo, só os dos nomes que precisavam vigiados. Sem cópias comprometedoras.

De qualquer modo, restava a possibilidade de jogar com a ingenuidade de do Carmo, a qual, com toda a certeza, não estava a par dos negócios escusos da família.

Terá o velho coragem de mandar eliminar a neta, se esta lhe causar desassossego?

A dúvida quanto à reação do traficante não se configurou em sua mente acostumada ao sangue:

Que faria eu? Despachava a coitada pessoalmente e não punha em perigo a organização. Preciso caminhar noutra sentido. Devo contar a verdade a ele? Revelar que pretendo me casar com a menina? Que ela não é a flor...

Leandro desconfiou da própria ingenuidade. Gouveia deveria conhecer a vida dela, desde antes do defloramento. E deve ter providenciado o afastamento dos pretendentes indesejados. Aos poucos, lhe foi crescendo o interesse em pedir a mão da moça ao velho, não sem antes prometer aceitar todas as condições. Antes, contudo, precisava do consentimento de do Carmo.

Está decidido: vou me encontrar com ela imediatamente.

Pela terceira vez no dia, achou a moça disposta a vê-lo. Mas preferiu que se encontrassem em local público, onde só conversassem. Os beijos ficariam para outra hora...

Ao contrário da deliberação anterior, acendeu-se na rapariga a curiosidade pelo desejo imperioso de conversarem demonstrado pelo amante. Se lhe tivesse pedido para ir à casa da praia ou a motel, teria recusado. Ou melhor, aceitaria e não compareceria. Mas, no *shopping*, seria como se tivessem sido levados pelo acaso.

Quando Leandro deixou a garagem, notou que estava sendo seguido. Desta feita, porém, os comparsas estavam prevenidos e lhe davam cobertura. Pelo celular, Leandro comandava a operação de despistamento, de modo que, quando cruzaram movimentada avenida, o carro do espião foi interceptado, dando tempo a que Leandro se safasse.

Se tivesse ficado, teria sabido que, por meio de secreta senha, os bandidos se haviam identificado como colegas. Breve contato com Silvano, e tudo ficava esclarecido para os guarda-costas como sendo um comando da chefia. A notícia dada a Leandro foi a de que houvera sido infundada a suspeita.

Leandro, porém, escapuliu para o encontro.

— Você me desculpe, mas só agora é que pude arrumar tempo para conversarmos.

— Tudo bem, querido. Estava mesmo com muita saudade.

— Do Carmo, eu sei que armaste a arapuca da praia, com tuas primas. E sei que elas devem ter contado tudo a você.

Apanhada na própria rede, do Carmo não teve reação. Ficou estática, aguardando as novas declarações. Leandro a surpreendia com a franqueza e com a perspicácia em compreender a manobra afetiva.

— Querida, não precisa me confirmar nem necessito que me esclareça nada. O fato é que as tuas primas são preciosas e não tem

homem que consiga resistir aos seus encantos. Calculo que me querias testar a lealdade e não o poder de satisfazer as mulheres. Pois eu teria feito feio papel se não lhes tivesse dado prazer.

— Pelo que me disseram, ficaste bem derreado com ...

— Que querias? Sabes que não sou frouxo.

— Vieste para contar vantagem?

— Vim para contar a verdade. Se querias me testar, estou aqui para te dizer toda a verdade.

— Pois fiquei satisfeita. Que vamos fazer agora?

— Quero pedir tua mão em casamento.

— Quer dizer que me amas...

— Quer dizer que estou pronto para te dar o que quiseres: amor, prazer, segurança, um futuro de grandes perspectivas pessoais...

— E se aparecerem uns primos teus, irresistíveis?

— Terás ampla liberdade de te decidires pelo que melhor te aprover. Eu não irei ser a pedra de teu caminho.

— Amor livre?

— Não, se eu puder ser o único a te satisfazer na cama, na praia, onde for.

— Isso é compromisso sério. Depois de casada, não vou te dar ensejo...

— Eu não quero a mesma liberdade para mim. A não ser que a vida nos leve por caminhos diferentes.

— Aí o contrato está desfeito...

— Desfeitíssimo.

— Me leva para a casa da praia. Eu quero um banho ao luar, com tudo a que tenho direito.

A manhã seguinte surpreendeu os dois enlaçados. Haviam selado o contrato de matrimônio na ânsia da paixão. Estavam preparados para o enfrentamento de Gouveia.

MUXOXOS E SORRISOS

Dizer que Marlene se frustrara com a intenção de Mário de estudar Espiritismo é desconsiderar o temor intrínseco de sua alma de perdê-lo pela eternidade. Educada segundo os padrões católicos mais tradicionais, só se deixou enlevar pelo amor do médico, porque concordara ele em efetuar todos os cursos ministrados pela Igreja, para receber o sacramento do matrimônio. Convencera-se de que alcançaria convertê-lo à fé católica, mesmo que no último instante do desprendimento material. Acreditava piamente nos óleos sagrados da extrema-unção e no poder do arrependimento final.

Enquanto a curiosidade o levava à Umbanda, julgava ela que a grosseria dos cultos afros seriam suficiente razão para afastá-lo do batuque infernal. Via no materialismo do marido a resistência às pressões dos cultos exteriores, como muitas vezes se manifestara em relação aos sagrados ministérios evangélicos da Igreja. Entretanto, os livros trazidos do Centro Espírita constituíam, segundo seu ponto de vista, perigo real, como se imantados estivessem de poderes sobrenaturais extraídos das labaredas infernais e filtrados melifluamente para a tentação sutil do homem

civilizado. Não era assim que os sacerdotes falavam sobre as tentativas demoníacas, inclusive em relação ao Cristo Nosso Senhor?

Aquele repelão à noite, no leito, indicava que haveriam de se desentender muito seriamente, como nunca antes na vida.

Entrementes, Mário deu de ombros, confiante em que o amor que os unia, superada a fase apaixonada dos primeiros tempos, iria consolidar-se na estima aos filhos, na defesa intransigente do lar, para o qual vivia com renovado apego, depois das peripécias do rapto das crianças e do perigo constante dos desmandos do banditismo organizado, ao qual prestara serviços, considerando-se refém moral pela aquiescência tácita que seu procedimento profissional caracterizara.

— Doutor Mário, precisamos conversar.

O tom da voz de Marlene e a provocação do título puseram-no alerta para o desenvolvimento do diálogo.

— Que queres dizer com esse *doutor*?

— A tua atitude religiosa está a me desafiar a crença em Deus, na legitimidade da Santa Madre Igreja, como herdeira incontestada da palavra do Cristo...

— *Pedro, tu és pedra e sobre ti erguerei a minha igreja!* Conheço o texto e respeito a tua fé. Não te acompanho à missa todos os domingos e dias santos de guarda? Não sou eu quem comenta os sermões fundamentados na leitura dos *Evangelhos*?

— Estou com muito medo de que te percas, iludido pelas falácias desses livros expurgados pela Igreja. Essa leitura é perniciososa. É imoral. Fere os preceitos estabelecidos pela verdadeira religião. Não te lembras do que disse o sacerdote a respeito de quem quer conversar com os mortos? Isso foi proibido por Deus, conforme está escrito na Bíblia.

— E quem disse que eu pretendo conversar com os mortos?

— Não é isso o que se faz nesses antros de perversão?

— Como vou saber, se nunca fui a sessão nenhuma. O que sei é o que vi nos terreiros. E devo dizer que me despertou a curiosidade, pois ouvi algumas coisas que me pareceram muito sensatas.

— Tu vais queimar nas chamas do Inferno.

— Vou, não, que não pretendo desafiar...

— Só o fato de ler esses livros já está mostrando que teu desafio é grande.

— Marlene, querida. Vamos supor que pegues uma página solta, por engano, e que a leias. Será que isso será pecado a confessar para o padre? O que não está no coração ou na alma, o que não tiver provocado convicção não poderá representar razão para umas feriazinhas no Purgatório.

— Não brinques com coisa séria!

— Eu acho que estás levando tudo a ferro e fogo. Será que Deus é tão pequeno que não sabe o que se passa no íntimo das criaturas? O julgamento, segundo Jesus, não deve ser feito pelos homens, mas sim pelo Criador. Concordas comigo?

Mário jogava com os conceitos administrados do púlpito pelos sacerdotes. Falava para criar o clima da necessidade da compreensão da existência como resultado de um ato de vontade superior, que era como supunha que Marlene via a vida material. E não julgava que ela lhe estivesse falando totalmente interessada em vê-lo abandonar as leituras que iniciava. Era mais provável que desejasse ouvir dele a afirmação de que não iria deixar-se envolver pela malícia dos argumentos espíritas.

Por seu turno, Marlene resolveu pôr fim ao debate:

— Depois não digas que não te avisei. Ainda vou ver você ajoelhado, contando os teus pecados no confessionário, tremendo de medo...

— Tu estás é rogando praga...

Os dois se haviam aproximado e o calor de seus corpos arrefeceu a frieza dos ânimos.

- Não me deixes, doutorzinho, por favor!
- Só se tiver perdido o juízo, querida amiga.

Mário não tinha muito tempo para dedicar às leituras. De qualquer modo, ia avançando nos temas filosóficos de *O Livro dos Espíritos*, empregando a inteligência para a compreensão das informações como provindas do etéreo. Não desejava estabelecer como princípio o fato de poder ter havido interferência dos encarnados. Queria acreditar piamente em que os textos foram fornecidos pelas entidades arroladas por Kardec como espíritos de muita luz. Mas sentia que os dizeres sofriam graves restrições pela constante lembrança de que os homens não teriam capacidade de assimilar os conhecimentos superiores, de sorte que via em tudo algo muito adequado para o entendimento das pessoas. Sem ser pensador poderoso, compreendia que haveria espíritos encarnados de categoria superior, aptos a interpretar os registros mediúnicos, de forma a se estenderem para além do que fora fornecido ao Codificador. Pensava nos nomes mais dignos da Filosofia e da Teologia e as reações que poderiam ter, à vista dos textos que ia lendo bem devagar.

Pela perspectiva histórica, julgava que, se tais respostas voltassem a ser oferecidas aos mortais, receberiam, com certeza, tratamento bem diferente. Lembrava-se da grande quantidade de obras da biblioteca do Centro Espírita e da conversa que tivera com o jovem Antônio e punha sob suspeita sua própria maneira de ler. Mas não desanimava, como, afoitamente, pressupusera. Ao contrário, interessava-se cada vez mais, de modo que a concentração muitas vezes o surpreendia imerso nos pensamentos oriundos das proposições inéditas para sua bagagem cultural.

Passou pelas seis obras, enquanto exercia os quefazeres profissionais, cada vez mais atento às pessoas como seres espirituais implantados na carne. Indagava das reações como reflexos das personalidades morais e não mais como mera resultante das

conjunturas sociais e físicas. No entanto, esmerava-se por acertar os diagnósticos, no intuito de superar as dificuldades corporais, para permitir aos espíritos que cumprissem sua destinação terrena, intuindo, desde logo, que o prolongamento da estadia na Terra só poderia fornecer aos seres humanos mais e mais condições de avaliação da própria natureza psíquica.

Levava o mesmo tipo de preocupação para os contatos familiares, substituindo o conceito de felicidade dos filhos para o de responsabilidade cármica recíproca, de modo que cada qual integrava um time que deveria progredir junto. Recordava-se dos desencontros das pessoas. Punha Leandro e Isabel no palco da vida e fazia deles o exemplo mais típico do relacionamento entre velhos inimigos, cuja oportunidade de reconciliação estava a perder-se definitivamente, nos descaminhos de um e nas conquistas da outra.

Sonhava, então, com mundo de paz e de progresso. Era aí que se surpreendia entediado com a realidade do sofrimento, com a qual topava diuturnamente, mercê das atividades socorristas junto aos estropiados, aos assaltados, aos feridos, aos acidentados, às vítimas, enfim, da injustiça e do descaso dos homens.

Quando tinha tempo, deixava de lado o livro e se punha a refletir sobre o papel das religiões e dos sacerdotes. Via Marlene de véu a comungar, compungida, como se estivesse de verdade a receber o corpo de Jesus, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Filho de Deus, ele mesmo Deus e Criador. E depois a sentia em seus braços, fremente de desejos carnis, impedida de procriar mas abandonada ao prazer. Hesitava um pouco no encaminhamento dos pensamentos para o julgamento da mulher, mas, enfim, terminava por achar que o orgasmo deveria ser usufruído ao pé do altar e não sobre o leito. Estariam tais ideias na cabeça dos padres e, principalmente, das freiras? Perguntava e respondia afirmativamente, como se tais pessoas tivessem superior compreensão existencial.

Acordava desses devaneios, afirmando que o Espiritismo, que bebia na fonte, lhe estava dando o controle dos raciocínios, como afirmação de que a fé não poderia ser apenas sentida. Via que Kardec fora encaminhado para a compreensão da vida e da morte, como resultante da aplicação das leis cósmicas. Mas não se sentia seguro das conclusões. Imaginava quais seriam as noções mais recentes enviadas aos terrestres pelo plano espiritual e ansiava por aproximar-se das obras e das palestras dos contemporâneos. Queria saber o quanto de Kardec e do *Espírito de Verdade* ainda sobreviviam no pensamento dos expoentes do movimento espírita.

Enquanto não adquiria coragem para ausentar-se de casa, reservava os *horários nobres* da televisão para conviver com os filhos e a esposa. Brincava e ensinava. Divertia-se com a espontaneidade dos garotos. Inquiria da escola e das professoras. E iam passear nos *shoppings*, programa obrigatório da juventude. Notável foi a alegria esbanjada na festa de casamento de Isabel, mesmo com a presença dos umbandistas e das preces esquisitas que disseram. Na hora da cerimônia do culto espírita, o médico fez questão de levar Marlene e as crianças para longo passeio pela cidade. Poupava-a de algo que poderia incomodá-la.

Marlene notava as transformações mas, obstinadamente, encasquetava que o marido estava passando por séria crise de culpa e que se dedicava aos petizes como se tivesse recebido da consciência a obrigação do resgate dos pecados. Entretanto, não expunha ao companheiro os pensamentos, porque a vida transcorria agradável. Deus ia escrevendo certo por linhas tortas, evidentemente. Mais tarde, os filhos iriam recordar-se com muito afeto desse pai alegre e desprendido, que lhes proporcionava infância rica e absolutamente segura. Aí chorava, coração apertado pela lembrança do sequestro. Mas não se esquecia de agradecer ao Pai a felicidade presente.

GOUVEIA APARECE

O casalzinho de apaixonados não teve de esperar muito pelo encontro com Gouveia. Ainda no leito, foram surpreendidos pelo velho, que adentrou o quarto de arma em punho. Se Leandro tivesse feito qualquer gesto no sentido de apanhar sua automática debaixo do travesseiro, levaria tiro certo.

— Fiquem exatamente onde estão e calem a boca. Vai ser este ancião que irá ditar as normas de conduta dos dois, daqui por diante. Mocinha, não gostei da tentativa de me enganar, fazendo-se desinteressada pelo comerciante aí. E você, tratante, por que não me contou o que pretendia com minha neta?

— Estamos combinados...

— Vocês não têm de combinar nada. Quem determina sou eu. Para efeito da verdade, é preciso que ela saiba que o conquistador transou com as primas...

— Pois ele me contou tudo. E se quiser saber a verdade, fui eu quem providenciou o encontro entre os três.

— Com que intenção?

— Queria saber se Leandro era leal para comigo, pelo menos quanto a me deixar a par dos acontecimentos.

— E mesmo assim...

— Mesmo assim, eu o quero para marido.

Gouveia, num gesto instintivo, guardou a pistola. Não tinha os movimentos rápidos da juventude e atrapalhou-se com o coldre fechado. Solto um palavrão. Mas não assustou do Carmo, embora tenha deixado Leandro de sobreaviso. Parecia a este que o traficante não estava satisfeito com o rumo que dera ao relacionamento com a jovem. Mas não abriu o bico, ciente de que tudo estaria nas mãos do chefe.

— Vistam-se que eu vou esperá-los na sala.

Rapidamente os dois puseram as roupas. Do Carmo abraçou o noivo e sentiu-o tremente.

— Vai dar tudo certo.

— Tenho certeza que sim, mas para a tua família. Quanto a mim, estou com medo de ser escorraçado. Vou precisar de tua ajuda.

— Querido, estamos combinados. Se meu avô não aprovar, meu pai aprova.

Leandro ficou silencioso. Pensava que ela não conhecia absolutamente quem mandava e desmandava na família. Colocou a arma no cinto, ciente de que teria condições de sacá-la mais depressa que o velho. Ao adentrarem a sala, lá estavam dois seguranças de armas em punho. Não haveria chance para o amante.

— Do Carmo, vai até o carro e fica aguardando que eu te chame.

O tom de voz não dava margem a que retrucasse. Saiu gingando as cadeiras, provocante.

— Leandro, estou falando contigo perante duas testemunhas. Isso deve ser suficiente para ti. Até que ponto do Carmo está sabendo de tuas atividades na organização?

— Nada contei a ela.

— Bom. Quer dizer que permanece tão ingênua quanto antes?

— Perfeitamente.

— Quais são os teus projetos quanto ao teu papel no tráfico?

— Projeto nenhum. Deixo tudo a teu critério.

— Estás num beco sem saída. Meu nome tem livre curso na imprensa. O teu casamento vai sair nos jornais e revistas. Como irás fazer com teus antigos relacionamentos?

— Penso que apenas o meu pessoal sabe quem seja eu para a...

— E tua antiga amante, a mãe de teu filho? E o médico que trata dele e que deu guarida a ela?

— Esses não têm interesse em provocar o leão com vara curta. Sabem que correm sérios riscos. Além do mais, me devem favores. A ela, dei-lhe muito dinheiro e facilitei a instalação em São Paulo. A ele, librei-lhe os filhos do cativo, quando foram raptados. Estou certo de que não desejam vingança, principalmente se eu abrir mão da guarda do meu filho.

— Mas não querias tu acabar com esse rabo de gato?

— Do Carmo entrou na minha vida e mudou meus pensamentos.

— Não acredito em teu amor nem em tua bondade. Acho que estás a me embromar...

— Em hipótese alguma...

— Que ideia fazes de mim? Pensas que serás capaz de me enganar?

Gouveia não tinha certeza da sinceridade de Leandro, mas não podia acusá-lo de nada, a não ser pelo fato de lhe haver sequestrado as netas. Calcou nesse ponto:

— Se tivesses boa intenção, não terias aprontado com do Carmo e as outras.

— Se tivesse má intenção, procuraria resguardar-me de tua vigilância. Não teria vindo para cá nem teria mantido do Carmo ignorante das atividades secretas da organização.

Em outros tempos, Gouveia não teria admitido que ninguém lhe respondesse com tanta altivez. Reconheceu que o rapaz era corajoso em afrontar-lhe a exposição, perante as armas dos acólitos. Não insistiu, porém, e mandou trazer a neta para dentro.

— Quero saber de ti se desejas casar com ele.

— É o que quero fazer.

— Que tu sabes das atividades do comerciante?

— Sei que tem um restaurante e que está expandindo os negócios. Não é verdade que você mesmo lhe emprestou uma grande soma? Ou há mais alguma coisa que ele me escondeu?

— Perto de tua herança, o que ele tem não significa nada.

— Casarei com separação de bens. Se for do desejo do meu avô, ele poderá receber o empréstimo como presente de casamento e, assim, terá meios de progredir. Em todo caso, ninguém aqui está passando fome e eu pretendo receber quantia bem grande...

Gouveia reconhecia na moça a legítima representante de seu sangue. Se precisasse de alguém para gerir os negócios escusos, por certo ela desempenharia o papel com proficiência.

— Vamos ficar assim: vocês dão andamento aos papéis. Não se esqueçam de que Lourenço tem de ser consultado oficialmente. É o pai e tem de saber o que se passa no coração da filha. Vou preveni-lo antes. Assim, saberá que resposta dar. Leandro irá passar pelo escritório para formalizarmos a transformação do empréstimo em doação.

— Poderemos estudar uma sociedade...

— Poderemos, sim, se teus negócios prometerem lucros.

Estava selado o consentimento do velho. Contudo, Leandro sabia que a conversa que teriam iria estabelecer os parâmetros de seu futuro. Mas não temia pelo pior, porque, se fosse para eliminá-lo, Gouveia não teria gastado tanta saliva. Batia-lhe o coração mais confortado.

Quando entrou no carro para conduzir do Carmo para casa, recebeu de chofre a pergunta que mais temia:

— Por que as armas nas mãos de todos? Meu avô seria capaz de atirar? E aqueles dois gorilas? E tu mesmo, com a pistola no cinto?

— Nesta cidade, quem não se protege contra os bandidos está perdido.

— Conversa fiada. Vocês estavam decididos a disparar. Tive a impressão de que, se as palavras ficassem ásperas, os revólveres falariam mais alto.

— O teu avô estava cismado de que eu estava só me aproveitando de ti. Não viste que ele já sabia do meu encontro com...

— E como ficou sabendo?

— Acho que foram elas que contaram.

— E qual o interesse delas?

— Se ele pôs algum detetive atrás de nós, é porque desconfiava de que tu o havias enganado. Suspeitou de mim...

— A história está mal contada.

— Pois conversa com tuas primas.

— Deixa comigo.

— Precisamos combinar quando é que deverei ir pedir a tua mão...

— Isso não vai dar trabalho algum. Vamos esperar que o velho Gouveia acene que está na hora. Na família, como deves ter percebido, é ele quem dá as cartas.

O restante do trajeto foi vencido em silêncio, cada qual arquitetando o próximo evento, na construção de seus futuros. Ambos, porém, com a forte suspeita de que tudo estava na dependência da vontade do patriarca.

Enquanto isso, Gouveia meditava a respeito das informações de Leandro, se não era o caso de acabar com ele ou de eliminar Isabel e o médico.

REENCONTRO

Dr. Mário, venha almoçar comigo, segunda-feira. Leandro. O restaurante é o do impresso. Precisamos conversar.

Tal foi o teor do cartão recebido pelo médico. Inesperadamente, o traficante resolvera dissolver o mistério de sua fisionomia, dando-lhe de bandeja a identidade social. Mário se surpreendeu com a ousadia e não conseguiu imaginar sobre que tema tratariam em público.

— Não vá! — disse-lhe Marlene.

— Por que não?

— Que outra coisa terá ele a te oferecer a não ser outros sacrifícios?

— Acho que está baixando a guarda.

— Ao menos, investiga primeiro esse restaurante. Vê se existe e como é conceituado. E se lá só se encontrarem bandidos?

— Essa providência vai redundar em nada.

— Como assim?

— Ele não iria me armar algo que eu pudesse evitar com simples telefonema.

— Então, faz isso.

No mesmo instante, Mário ligou para o número registrado no cartão. Os dados fornecidos pela voz do outro lado da linha confirmavam os elementos impressos. Buscou o endereço na lista telefônica. Lá estava.

— Vou passar por lá de carro para me certificar de que se trata de local bem frequentado. Queres ir comigo?

— Vamos já!

A viagem foi longa e silenciosa. Ao passarem diante do prédio, notaram que o ambiente era muitíssimo bem frequentado. Só automóveis do ano e muitos importados. A tabuleta, discretíssima. Aos fundos, via-se, em fase final, a construção de imenso salão. Do lado de fora, a placa indicava as obras de ampliação do restaurante.

— Querida, parece que o local não se recomenda para nenhum atentado.

— Quem será o proprietário?

— Talvez seja do próprio traficante. Dinheiro não lhe há de faltar. Mas isso eu vou perguntar a ele, diretamente. Deixa comigo.

— E se eu vier junto?

— Não acho conveniente. Em todo caso, poderás aparecer depois, com alguma de tuas amigas, desde que ela não me conheça.

— Vai ser difícil. Em todo caso, vou pensar no assunto.

Quando Mário entrou no salão, verificou que se encontrava quase lotado. O *maître* o recebeu pelo nome e o encaminhou para uma das mesas próximas, local resguardado por duas colunas, de modo que a conversa poderia estender-se sigilosa. Retirou o aviso de reserva e chamou um dos garçons, com o respectivo copeiro.

— Queira aguardar um instante, por favor. François irá atendê-lo. Esteja à vontade.

Mário agradeceu e dispensou o serviço. Estava muito excitado para pensar em comer.

Enquanto esperava o anfitrião, observava as pessoas. Desconfiava de que poderia sofrer algum golpe, como vira no cinema. Mas a presença de muitas crianças e mulheres indicava para a inocência do público. Por outro lado, o pessoal da casa era extremamente profissional. O odor puxava mais para perfume do que para a comida. No entanto, todas as mesas estavam servidas. Concluiu que era perfeito o sistema de circulação de ar, pois não encontrou indícios dos aparelhos.

— Ia nessa investigação, quando alguém se apresentou:

— Perdoa, doutor, se te causei qualquer apreensão.

Leandro não estendeu a mão e puxou a cadeira defronte de onde se situava Mário, dando as costas para o público.

O médico estremeceu, reconhecendo o timbre daquela voz. A fisionomia do bandido, entretanto, era absolutamente neutra. Nenhum vinco no rosto lhe denunciava os sentimentos. Admirou-se Mário da beleza máscula do homem que tanto medo lhe provocara nas noites tenebrosas do morro. Seria possível que fosse ele quem lhe havia atirado?

— Sinto muito que nosso relacionamento tivesse sido tão estressante. Mas era o que as circunstâncias me apontavam como a melhor atitude. Faria tudo de novo, podes crer. Agora, estou te dando a oportunidade de saber quem sou como homem público. Este restaurante é propriedade minha. E tu sabes de onde vem o dinheiro. Sabes, portanto, mais que qualquer pessoa comum. E agora sabes mais do que Isabel. Mas conto com tua discricção e com tua inteligência. Vou casar com a filha de rico empresário e verás o meu retrato na imprensa. Isabel, idem. Portanto, quero que a orientes para se manter em São Paulo, com o Baltazar dela, cuidando dos negócios. Quero que lhe passes o meu interesse em que ela cuide de meu filho. Abro mão dele porque não tenho como levá-lo comigo. Não me é conveniente. E isso é fácil de deduzir, à vista da projeção social que irei adquirir. Mas não te esqueças de que a minha rede apanha os peixes miúdos. Não te estou fazendo

ameaças. É a fiel imagem da realidade. É assim que se passam as coisas no mundo.

— No teu mundo...

— Seja. Mas não quero que discutas comigo. Tens muito para perder, principalmente agora. Antes que te retires, devo dizer-te que fui eu quem te comprou a casa e que te facilitou a aquisição do apartamento. Sei onde teus filhos estudam e onde moram todos os teus parentes. Se pensavas que eu vivia no morro, agora já sabes que não. E isso faz a diferença quanto à rapidez com que agirei, caso perceba que estás tramando algo contra mim. Não queiras completar o teu dossiê a meu respeito com estes novos conhecimentos. Estou muito reconhecido pelos progressos do meu menino. Mas estamos quites, conforme já te disse.

Nesse momento, o *maître* se aproximou e sussurrou algumas palavras ao ouvido de Leandro. Impassível, prosseguiu o longo discurso:

— Não foi boa a ideia de liberares Marlene para vir me observar. Vou fazer de conta que foi ideia dela. Isso vai fazê-la responsável perante mim por essa atitude imbecil. De qualquer forma, as coisas não vão mudar por causa disso, já que eu sabia que não tens segredos em casa. Espero que ela não dê com a língua nos dentes. E nada de orelhas debaixo de travesseiros...

— Santo Deus! Preciso repetir que não fui eu?

— Isso iremos ainda descobrir.

Mário estava verdadeiramente impressionado com o sangue frio do desafeto. Queria surpreender alguma ideia mal formulada, mas imaginou que todos os dizeres haviam sido longamente meditados. Sentia que muitos outros mistérios se escondiam por detrás daquela máscara de absoluta indiferença quanto ao teor das concepções morais que poderia aventar. Lembrava-se, vagamente, de que havia leis para a cidadania, mas as que regiam aquele disparatado relacionamento se expunham no poder da força que tão bem conhecia. Tinha a certeza de que estava sendo poupado. E

Isabel também. *Será que existe algum princípio de condescendência nessa alma?* Perguntava mas não conseguia responder.

Leandro queria dar por encerrada a entrevista:

— Penso que não terias prazer nenhum em confraternizar comigo, almoçando e brindando. Por isso, não te ofereço nenhum dos excelentes pratos de minha cozinha. Porém, se quiseres ficar com a esposa, poderás apreciar nossos acepipes. Sei que tens juízo para não voltares a este local. Se fizeres como te determinei, não me terás nunca mais na tua frente.

Levantou-se, voltou-se sobre os calcanhares e dirigiu-se para o fundo do salão, não sem ir cumprimentando a clientela. Ao passar por Marlene, fez questão de sorrir. Esta se arrepiou toda, sentindo-se descoberta.

Mário se aproximou da mesa, avisando discretamente a esposa:

— Vamos embora.

Quem ficou sem saber o que se passava era a coitada da acompanhante, senhora de certa idade, costureira de Marlene, levada para lá com a desculpa de observar os modelos da voga. Estava surpresa com o *chiquê* do lugar e desejava saborear um bom prato.

Mário pretextou dor nas costas. Marlene o apresentou, como se estivesse admirada de encontrá-lo ali. Sabiamente, deixou a amiga com um cheque em branco para as despesas e ambos se retiraram apressadamente. No dia seguinte, o carteiro lhes entregava um envelope com o cheque inutilizado.

DESGRAÇA

Nem bem Mário e Marlene haviam chegado ao apartamento, receberam a notícia de que Isabel fora atacada e morta por bandidos, em pleno dia, dentro de casa. Não tiveram piedade de sua gravidez e a perfuraram com mais de vinte estocadas. Os velhos foram poupados. Baltazar não estava e, quando chegou, providenciou para que todos recebessem proteção policial. Telefonou para o médico, sem demonstrar desespero.

— Homem de Deus, quem poderia ter feito isso?

— Estavam preparados para executar minha infeliz esposa. Vieram com esse fito, como se desejassem extirpar um cancro.

— Que é que a polícia tem feito?

— O corpo foi levado para o IML. Interrogaram meus pais. Querem que eu vá depor na Delegacia. Já avisei o advogado. Os assassinos não roubaram nada nem fingiram que era assalto. Estavam de cara limpa. Três negros e dois brancos. Tanta gente para um ato da mais pura covardia. Tenho minhas desconfianças, mas não pretendo falar por telefone. Estou querendo dizer que o Doutor também deve estar correndo perigo. Lá no Centro Espírita, os protetores não deram nenhum aviso do que estava para acontecer.

— Como estás recebendo essa tragédia?

— Tenho fé em que os espíritos de luz a receberam em seu infortúnio. A ela é à criança. Peço que o Doutor ligue para mim, amanhã cedo. Talvez eu tenha outras notícias.

— Não seria melhor que eu fosse até aí?

— Não. Eu dou conta de tudo. Dinheiro não me falta. E os vizinhos já contaram que viram os homens entrando e saindo. Se a polícia me perguntar a respeito das propriedades, não tenho como explicar...

— Deixa nas mãos do advogado. E não levantes suspeita alguma contra o pessoal do Rio. Não tens como comprovar nada. Diz a eles que sumiram algumas joias e um pouco de dinheiro. Seus pais poderão comprovar?

— Os coitados ficaram trancados no banheiro. Não viram nada. Mas a casa não foi revirada...

— Tudo bem. Eles agiram como se conhecessem o lugar em que as coisas estavam guardadas.

— O Doutor não precisa se preocupar. Eu vou me virar e vou escapar, com a proteção dos orixás. Mas, aqui em São Paulo, eu não fico mais.

— Amanhã eu ligo. Hoje eu vou tomar algumas providências.

— Toma muito cuidado, Doutor, pelo amor de Deus!

— Fica tranquilo!

Marlene estava desesperada. Não entendera por que Mário não quisera ficar no restaurante. Era melhor dar ao traficante a ideia de que estavam confiando na palavra dele. Agora não podia imaginar que fora Leandro quem mandara executar a coitada.

— Tenho certeza de que não foi ele. — Mário ainda estava sob as impressões das palavras do bandido. — Não iria gastar tanto dinheiro com ela nem iria me pedir para levar os recados, determinando que ficasse com o filho.

— E os que deram a outra parte do dinheiro?

— Eu acho que esses muito menos. Nem sabemos de quem se trata. A minha maior suspeita é de que não queriam que Leandro ficasse à mercê de quem o conhecesse tão bem. E isso nos põe em perigo.

— Estás querendo dizer que Leandro se mostrou, para levar...

— Exatamente. Fez que me tornasse comprometido perante a organização criminosa a que serve. Não quis executar-me, mas deu motivo para que os mais poderosos o fizessem.

— Mas estavas me fazendo crer em que ele havia sido sincero...

— Quem é capaz de penetrar nessas mentes frias dos criminosos? Eu é que não vou ficar aqui para ver. Pega as crianças e a Joana e vamos imediatamente para o Aeroporto. Lá a gente decide para onde vai.

— Não estás querendo...

— Estou querendo pôr minha família a salvo.

Mário não formulava os pensamentos de maneira lógica. À medida que ia falando, um calafrio ia percorrendo-lhe a espinha. Era o medo que ia infiltrando-se-lhe na alma. Começava a ver os riscos de se manter inerte, dentro de casa. Soavam-lhe na mente as ameaças contra a família, e o conhecimento demonstrado pelo assassino de como localizar toda a parentela. De repente, veio-lhe uma inspiração.

Tirou da carteira o cartão de Leandro. Ligou para o restaurante.

— Quero falar com o dono. É o Doutor Mário, com quem ele teve um encontro na hora do almoço.

— Um momento.

A espera foi de mais de cinco minutos. Enquanto aguardava, Mário ia pondo em ordem os pensamentos. Marlene estava suspensa na atitude desabrida dele. Imaginava vagamente que a intenção do marido fosse avaliar a reação do ex-amante de Isabel, para saber se tinha conhecimento do ocorrido em São Paulo.

— Pronto!
— Quem fala?
— Aquele que mandaste chamar.
— Leandro?
— Sim.
— Sabes o que aconteceu a Isabel?
— Desembucha logo.
— Foi assassinada com mais de vinte perfurações. Não podias deixá-la quieta, conforme havias prometido?

Leandro fora apanhado de surpresa. Mas não perdeu o sangue-frio:

— Doutor, ouça bem o que te vou dizer. Chama a polícia e diz ao Delegado que recebeste outra ameaça de sequestro. Pede a ele proteção agora mesmo. Eu vou mandar homens meus para te prestarem a guarda necessária do lado de fora. Enquanto isso, tranca a porta e não ponhas o nariz para fora, nem te aproximes das janelas.

— Estava me preparando para ir embora.
— Bobagem! Faz como estou te dizendo.

Assim que Leandro desligou, Mário avisou a polícia. Em menos de meia hora, o próprio Delegado, o mesmo que o atendera das outras vezes, comparecia com duas viaturas. Ouviu atentamente a história inventada pelo médico e se dispôs a ficar as próximas horas de *campana*, ele mesmo, pois lhe haviam mexido com os brios.

Marlene e Mário se recolheram com os filhos ao dormitório do casal. Joana ficou na cozinha, preparando café com bolinhos para os investigadores, que ninguém é de ferro e a espera prometia ser longa.

Na rua, a movimentação do domingo não era intensa. Bandos de jovens passavam em suas motocicletas e automóveis. Crianças corriam sobre patins nas calçadas. As viaturas policiais punham mais confiança na população. Até os guardas da segurança do diversos

prédios mostravam a cara, ousando postar-se nos portões. Dois carrinhos de vendedores ambulantes ofereciam sorvetes e *hot dogs*.

Assim que desligou, Leandro também discou de novo. Do Carmo atendeu:

— Quero conversar com teu avô. É urgente!

— Vai ser difícil, que o velho está recolhido ao escritório, em reunião com meu pai. Quando é assim, ele não admite interrupção. Nem seria conveniente, porque eles devem estar combinando para acertarem o casamento.

— Eu só queria perguntar uma coisa a respeito da sociedade que lhe propus. Preciso de uma informação para passar para o advogado. Ele não tem outro telefone? Um celular?

— Se é tão importante, eu te passo o número. Mas não estranhes se for ríspido.

— Eu me entendo com ele.

Cinco minutos depois, Gouveia atendia.

— Sou eu, Leandro. Quero te pedir para poupar o médico. Sei que mandaste eliminar Isabel. O que está feito está feito. Mas o médico é quem irá cuidar de meu filho, agora que não tem mãe.

Gouveia sentiu na voz do subalterno a firmeza de quem conhece o caminho onde pisa. Não haveria de desmenti-lo.

— Que garantias me dás de que ele não irá atraiçoar-nos?

— Respondo com minha própria vida.

— Não quero o que me pertence. Quero a certeza de que ele irá permanecer na dele.

— O trabalho de cuidar dos nossos ele vem fazendo há mais de quinze anos. Pode ser considerado da família. Subiu o morro mais de duzentas vezes e nunca deu bandeira. A tua atitude de manchar de sangue o nosso relacionamento vai ter de ser contornada.

— Tu vais cuidar disso?

— Sem dúvida.

— Como soubeste o que ocorreu em São Paulo?

— Foi através do médico mesmo. Agora ele está cercado pela polícia.

— E ligou...

— Ligou antes. Fui eu que recomendei essa atitude. O que queria era ir embora. Desejo que viva, pois preciso muito dele. Vai ser bom até para a família, porque meu filho vai ser educado para ocupar um posto sob o meu comando. Mas isso é pro futuro.

— Não sabia que te preocupavas tanto com ele.

— Depois que o visitei no hospital...

— Fica tranquilo! Vou desmontar o aparelho do médico. Ele está a salvo.

— E eu estou profundamente agradecido.

No etéreo, Dráusio e Alfredo assistiam a turma da benemerência espiritual do Centro Espírita, na recepção e conforto de Isabel e do filho.

PERDAS E LUCROS

Isabel jamais havia sido recebida, após as vidas anteriores, por tão seletivo grupo de espíritos. Toda vez que aportava no etéreo, era conduzida para as Trevas. Ultimamente, escapava das mãos dos malfeitores e perambulava sofredora pelo Umbral, a consciência atormentada como sempre, porque reconhecia que não realizara o bem, tendo desprezado as várias oportunidades.

Desta feita, o sofrimento da expectativa da morte se perdera em profundo sono. As dores das cutiladas não lhe refletiam na mente, sedada por miraculoso medicamento. Na verdade, fora magnetizada pelos socorristas, que a mantinham adormecida. Nesse estado de alheamento da realidade circunstancial, Isabel não se debatia, esquecida dos acontecimentos terrenos, envolvida por fluidos tranquilizantes, sustentados vibratoriamente pelos mentores dirigentes dos trabalhos de assistência.

Seus pensamentos estavam sendo controlados numa faixa de felicidade em que os conhecimentos de nível superior a respeito da bondade do Criador preponderavam. Sentia-se em mundo de vibrações benéficas, onde os sentimentos se resumiam em êxtases buscados nos recônditos das sensações físicas quintessenciadas. A

luz era a mais pura. A atmosfera, diáfana e transparente. Os seres, meigos e carinhosos. Os odores lembravam jardins de flores desabrochadas, multicoloridas. Dessedentava-se em fio de suavíssima água a jorrar das rochas, linfa de vigoroso poder regenerador. Todos os gozos se permitiam, sem culpa, sem sacrifícios. Nenhuma dor ou peso a carregar pelos caminhos. Absoluta confiança em que o futuro lhe reservava o paraíso celeste.

Essas fulgurações mentais lhe eram transmitidas telepaticamente. Dráusio e Alfredo participavam ativamente dos trabalhos, condensando os melhores fluidos por meio da oração contrita. Formavam no conjunto de espíritos da sustentação, para que o ambiente não se perturbasse, porque as forças externas se exerciam com todo o seu poder, na ânsia da captura daquele ser em desequilíbrio. Fraquejassem os socorristas e Isabel seria engolfada pela escuridão.

Foram momentos de muita luta para os guardiães, que dardejavam vibrações de carinhoso afeto pelos assaltantes. O violento choque das ondas antagônicas formava a muralha protetora, porque a maldade repelida volvia contra os emitentes, que não suportavam a *descarga elétrica*, como se fossem envolvidos pelas próprias acusações.

Chegava, porém, o socorro da instituição em que Dráusio e Alfredo habitavam, com aparelhos apropriados para o resgate da infeliz. O cortejo seguiu sem atropelos, até os limites das muralhas da cidade sideral. Ali era impossível para os seres inferiores obterem qualquer vitória no campo da influência psíquica. Durante muito tempo, ficaram a clamar por vingança, injuriando os trabalhadores que os haviam repelido, exigindo direitos sobre injustiças que afirmavam ter sofrido, maldizendo a condição de inferioridade cármica, acusando o Pai de todos os males.

Isabel foi levada para o hospital, onde receberia tratamento específico, até recobrar a lucidez. Seu filho, criatura devedora, que havia sido aceito no ventre materno com o intuito de receber

oportunidade de reerguimento moral, antigo desafeto da mãe, foi levado para outro setor de recuperação, menos traumatizado mas igualmente inconsciente quanto à realidade da situação corpórea.

Dráusio não se cansava de assinalar a Alfredo a impressão de que a misericórdia divina estava exercendo-se na presença deles, pois tudo se fazia em nome do Pai. Alfredo buscava compreender o alcance das observações do amigo, vendo em tudo a aplicação somente de técnicas avançadas de proteção vibratória, através do controle das energias cósmicas à disposição dos mentores, segundo seu grau de adiantamento. Desejava adquirir o mesmo traquejo e esforçava-se ao máximo para executar o serviço de arrimo magnético. Ambos agradeciam intimamente o que consideravam o final mais feliz possível para a jovem, que estivera desintegrada moralmente e que se reerguera pelo amor ao filho, pela amizade ao marido e pelo perdão ao amante.

Estavam nesse enleio sentimental, quando foram requisitados por José, para imediato comparecimento ao centro educacional. Deixassem Isabel entregue aos cuidados dos médicos, confiantes em que teria a melhor assistência possível.

José aguardou que voltassem ao estado de atenção, alterado pelas sensações fortes das últimas horas. Ministrou-lhes saudável *passé* magnético, auxiliando-os na recuperação. Donos dos sentidos e dos pensamentos, receberam as informações de José com forte interesse:

— Caros amigos, vocês receberam uma das melhores lições práticas que pode este instituto ministrar aos discípulos. Não se deixem iludir pela decepção da retirada da carne tão cedo da irmãzinha. Se lhes fosse determinado que deveriam preservar-lhe a vida, o sentimento de perda se justificaria. Mas o verdadeiro socorrismo é o que preserva o pupilo do mal e da dor, facultando o progresso no campo da moralidade e do entendimento da existência. Que é a vida do homem na Terra senão um longo e

penoso ajustamento aos valores espirituais, aqueles que promovem o amor como alavanca que soerguerá a todos ao nível de Jesus? Os evangelizadores mais sublimes só existem a partir do momento em que compreendem o sacrifício do Mestre e tal entendimento ocorre a partir da prática das mesmas virtudes oriundas da renúncia, da justiça e da bondade. Isabel está hoje muito melhor do que quando foi internada no corpo transitório. Isso é motivo para grande júbilo. Não nos detenhamos, pois, na apreciação das consequências episódicas junto aos que promoveram a passagem dela para o etéreo. Terão eles, um dia, a mesma assistência, quem sabe até promovida pelas próprias vítimas, apiedadas da condição de inferioridade deles. O que nos cabe, neste instante, é velar pelos que almejam retribuir com o mesmo mal, no ambiente terreno. O medo invade os corações de muitos. Esse medo transforma os assassinos em monstros, quando nós sabemos que todos somos igualmente criaturas do Senhor. Os maus pensamentos condensam elementos perniciosos para todos. À medida que se requer o pior para os semelhantes, ficam esquecidas as noções cristãs. É assim que o ódio termina por voltar-se contra os que odeiam, oprimindo-lhes a mente, desestruturando o saber religioso, desencadeando reações corpóreas indesejáveis, terminando por trazer-lhes transtornos físicos de monta. São as doenças psicossomáticas, as quais atingem a quase totalidade da população terrena. Dráusio terá a incumbência de auxiliar Alfredo, no interesse evolutivo da família de Mário. Isso significa que deverão estimular a instrução evangélica dos protetores de cada encarnado, que se encaminharão, assim que possível, para os departamentos de cursos. Não é tarefa de pequena monta e de minguada responsabilidade. Não deem atenção, por enquanto, ao que se passa com Leandrinho, no hospital. Ele está resguardado por providências de caráter superior. Ofereçam ao médico as inspirações relativas à continuidade dos estudos espíritas. Marlene está, temporariamente, envolta por grave pressão psíquica, à vista do poderio dos traficantes, impedida, portanto, de obstar o

desenvolvimento espiritual do marido. Em momento oportuno, poderá ser convencida a ouvir Isabel, mas isso é trabalho de anos de reflexão sobre as leis cármicas agora condenadas por ela em virtude da religiosidade católica. Vejam que a programação é extensa. Alguma pergunta?

Dráusio se sentia muito importante, pois admirava-se da perspicácia do mestre, ao transformá-lo em servidor do amigo, quando sempre evidenciara mais extensos conhecimentos no campo socorrista. Sua posição atual impunha-lhe humildade e fidelidade aos princípios da benignidade cristã.

O fato não passou despercebido a Alfredo, que desejou manifestar apreensão pelo elevado grau de responsabilidade que estava recebendo:

— Caro irmão José, sinto-me discípulo do companheiro Dráusio. Não seria preferível...

— Façam como determinei. O meu objetivo é desenvolver o seu espírito de liderança, para o que deve respeitar os pontos de vista dos subalternos, mostrando-lhes a melhor solução para cada problema. Sejam felizes!

Em casa de Mário, os dois puseram-se a par dos últimos acontecimentos. Ouviram a conversa telefônica com Leandro, observaram as providências do Delegado, assistiram a tomada da via pública pelo pessoal de Leandro e estabeleceram o quanto de desequilíbrio mental o medo impunha a cada membro da família. Notável era a intranquilidade dos espíritos acompanhantes, que não conseguiam infiltrar nas mentes dos pupilos qualquer sentimento de compreensão da lei maior da causalidade.

Enquanto Marlene se entretinha com os filhos, Mário hesitava em abrir *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que trouxera no bolso do paletó. Alfredo se aproveitou da lembrança do médico e solicitou a todos que colaborassem com ele, pois pretendia fazer que lesse algum trecho adequado para o momento.

Não foi fácil, mas a ideia de que talvez se inspirasse para trazer um pouco de paz aos familiares acabou convencendo-o a abrir o livro. Deu com o texto *Justiça das aflições*, onde destacou a passagem: [...] *desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus.*

Encheu-se de coragem e elevou a voz:

— Marlene, querida, que poder têm os homens, perante o poder de Deus?

Não foi possível à esposa conter as lágrimas. Era a primeira vez que ouvia o marido falar de Deus, com fé, com crença, com confiança. Deixou as crianças e abraçou-o carinhosamente.

— Meu amigo, iremos seguir juntos pela eternidade!

ACERTOS ESTRATÉGICOS

Gouveia não demorou para receber outro recado. Veio de voz desconhecida, marcando encontro com poderoso chefe de quadrilha vizinha. Queriam que fosse a determinado hotel de luxo, acompanhado ou não pela guarda de rufiões, para tratar de negócios de seu interesse e também da organização. Exigiam que levasse Leandro ou nada se ajustaria. Não perdiam tempo e os queriam lá dentro de duas horas.

Que podem obter de mim que não conseguem juntar sozinhos? E Leandro, que irá fazer? Terá sido ele o autor dessa proeza, no intuito de vingar a morte da mocinha? Então, não me teriam determinado levá-lo.

Tinha tempo para investigar o local. Enviou três pessoas de confiança, que puderam verificar que tudo estava em ordem. Não havia possibilidade de qualquer armadilha que não pudesse ser desativada a tempo.

— Alô, Leandro? Venha já. Precisamos acertar alguns pontos.

— Pretendia sair com do Carmo.

— Fará isso em seguida. Preciso de você imediatamente.

Foi a vez de Leandro perturbar-se com o inopinado do chamado:

Terá o velho se arrependido de haver concordado com minha solicitação? Desejará acertar oficialmente o compromisso, com a concordância do filho? Terá tido alguma outra ideia, pretendendo me mandar fazer companhia a Isabel?

Considerou que as perguntas não se respondiam. Para se resguardar, chamou Silvano e o intimou que viesse. Perturbava o domingo do subalterno, de modo inusitado, mas não queria arriscar-se sozinho. Sabia que o amigo era pessoa de confiança de Gouveia, mas contava com ele para a informação de quem estivera em São Paulo executando o *serviço*.

Se os caras estiverem me esperando, pelo menos terei tempo de reagir.

Acomodou na cinta uma submetralhadora e pôs no coldre do peito, ostensivamente, um trinta e oito.

Quando Silvano chegou, pediu para conduzi-lo à mansão do futuro sogro. Queria o comparsa na direção, para não lhe dar tempo de reação, se fosse necessário atirar.

— Quem esteve em São Paulo, executando Isabel?

A pergunta à queima-roupa não perturbou o facínora.

— Não estou sabendo de nada.

— Ora vamos! Quem é que poderia passar o endereço da prostituta ao Gouveia?

— Fui eu quem deu a ele todas as informações. Bastou que pedisse. É essa a minha obrigação. Mas não estou a par de nenhuma execução.

Leandro não tinha como duvidar da veracidade das palavras.

— Então fica sabendo que podes apagar o dossiê dela.

Silvano não deu mostras de se emocionar. Estava curtido no sangue derramado. Apenas considerou que era mais um inocente que pagava pelos temores dos chefões.

Ao saltarem do carro, observaram que havia três veículos preparados para viagem, cada qual com três ocupantes. Um deles fez-lhes sinal para que aguardassem dentro do automóvel. Percebeu

Leandro que o guarda-costas se comunicava pelo celular. Por certo, avisava a chegada dele. Mais três minutos e a porta da garagem se abria, dando passagem à limusine do patrão. O grande veículo parou um instante, a porta se abriu e alguém lhe fez um gesto para que entrasse.

Leandro não poderia opor-se a atender. Saiu dando sinal de que ia ingênuo, mas punha tento na movimentação dos veículos. Já na porta, observou que Gouveia estava só. Qualquer tentativa de sequestro não contaria com a presença do chefe.

— Vai entrando. Tenho novidades.

— Para onde vamos?

— Para um encontro em que exigiram a tua presença. Não posso imaginar quem seja, mas ousou dizer que se trata de algo muito importante, envolvendo toda a organização. Não se brinca quando um grupo poderoso chama outro para conferenciar.

Diante do hotel, três dos pistoleiros saltaram e se dirigiram para o apartamento designado. Lá encontraram duas pessoas mascaradas. Vasculharam todos os cômodos. Pediram para ver os demais apartamentos do andar. Estavam ocupados por hóspedes, de sorte que solicitaram que mais três comparsas subissem para montarem guarda nos corredores. Somente aí é que avisaram Gouveia de que poderia subir.

— Estejam à vontade. Não pretendemos ocupar o seu tempo por mais de meia hora. Trata-se de caso de grande importância para nós, que está sendo ameaçado pela sua gente. Tínhamos amparado uma moça e família em São Paulo, Isabel, amante e mãe de um filho desse seu braço direito aí. Mas foi exterminada a mando de vocês. Pelo andar da carruagem, parece que estão querendo apagar a memória que poderia ameaçar o crescimento oficial do moço. Isso nos leva a suspeitar de que a próxima vítima possa ser o menino internado. Estamos fazendo legítima suposição?

Gouveia admirava os conhecimentos dos encapuzados. Não iria, contudo, oferecer-lhes os elementos que pediam, sem que declarassem qual interesse os levava a tais investigações.

— Vejo que as nossas atividades se cruzaram. Vocês supuseram muito bem. Estamos querendo resguardar os negócios. E qual é a de vocês? Como é que estavam amparando a putinha, se nenhuma vantagem poderia oferecer a ninguém? A menos que desejassem apoderar-se...

— Não temos interesse na área do tráfico, nem do contrabando, nem do roubo, nem do sequestro. Estamos preparando-nos para executar o poder público e, para isso, precisamos da criança viva.

Leandro mal se continha. Percebia que os antagonistas não sabiam em que pé estavam as coisas, no sentido do plano de execução do médico. Fez sinal para Gouveia, pedindo autorização para falar:

— Vocês estão a dizer que ampararam Isabel. Pois fui em quem lhe deu dinheiro para se instalar em São Paulo.

— Você deu cem mil. Nós demos outro tanto. Se fizerem as contas do valor das propriedades, vão ver que a soma chega a cento e setenta mil.

— E como é que ficaram sabendo dos acontecimentos, se o cadáver ainda está quente?

— Temos informantes atentos. Mas a morte da mãe não irá prejudicar o nosso plano. Quem poderá causar-nos transtornos é o pai. Por isso é que pedimos que viesse. Precisamos saber se pretende obter na Justiça a guarda do filho.

Gouveia interferiu:

— E se assim for?

— Iremos cobrar os prejuízos.

Leandro não se intimidou. Gouveia, entretanto, não estava seguro de que a organização não estava correndo sérios riscos. Sentia-se investigado e isso só podia ter ocorrido a partir do

momento em que Leandro lhe pedira o famoso empréstimo. De qualquer modo, resolveu abrir o jogo:

— Não temos razões para interferir. Fui eu quem promovi a remoção da rapariga. Pretendia também extirpar o perigo oferecido pelo médico que tratou do menino. Mas o pai me esclareceu que pretende fazer o Doutor ficar com a criança, para lhe dar um lar que ele mesmo não poderá oferecer, à vista do próximo casamento com minha neta. Estou pondo os senhores a par de tudo. Vamos combinar a estratégia que deveremos utilizar para que tudo dê certo para vocês e para nós.

Os dois mascarados conferenciaram em voz baixa durante uns instantes. O que vinha falando prosseguiu:

— Não queremos que se entre com nenhuma ação na Justiça, até segunda ordem. Por agora, estamos concordes em que cada um fique na sua. Para que não se sintam ameaçados, podemos revelar um nome de peso dos nossos. É um dos principais o Doutor Amâncio Rebelo, magistrado neste fórum do Rio de Janeiro.

Gouveia havia reparado na correção da linguagem da personagem à sua frente. Imaginou que se tratasse de algum causídico corrupto, desses que lesam a Previdência, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o Sistema de Saúde Pública e outros órgãos governamentais. Sabia da extensão dessa rede de criminosos e do pouco valor que davam à vida humana. Eram irmãos de crimes, sem interesse em intervir nos seus negócios. Ao contrário, poderiam oferecer até vantagens, caso houvesse necessidade de se defenderem os pobres apanhados pela malha honesta dos policiais que se mantinham íntegros.

— Estamos combinados. Só não quero que façam nenhuma represália contra nós, sem antes mantermos contato pessoal. Esta conversa será sempre oportuna e evitará mal-entendidos.

Apertaram-se as mãos. Gouveia fez menção de retirar-lhes os capuzes. Não se fizeram de rogados e puseram à mostra as faces.

Deram os nomes e puseram-se à disposição para quaisquer serviços de advocacia.

Leandro sentiu-se meio deslocado mas manteve a fisionomia dura dos contatos com Mário. Aproveitava para aprender com Gouveia. Talvez este lhe desse encargos mais abrangentes na organização. Lembrou-se de que estava fortemente armado e surpreendeu-se com a confiança dos outros. Realmente, tinha muito que aprender.

Gouveia interpelou os dois:

— Por que não esteve aqui alguém de maior importância?

— Havemos todos de entender que nos pusemos em suas mãos. Não é verdade que o hotel está coalhado de seguranças? Então?!...

Durante a viagem de volta, Gouveia recomendou a Leandro que cumprisse exatamente o que haviam combinado no hotel. Mais do que nunca, o velho traficante desejou aposentar-se. De si para si, imaginava Leandro bem longe dos negócios da organização. *Quem sabe se satisfaça em só pajear do Carmo?!...*

LEANDRO SE EXPÕE A MÁRIO

Estava Mário em plena atividade socorrista no hospital, quando vieram avisá-lo de que tinha visita num dos consultórios. Reconheceu a enfermeira que prestava serviços aos traficantes e desconfiou de que haveria de se encontrar com alguém do bando. Foi direto ao assunto:

- É alguém lá de cima?
- Bem do alto...
- Diz para ele aguardar um pouco, pois preciso...
- Doutor, a barra está limpa. Não é pra recear coisa alguma.

Mesmo assim, precavido, solicitou a um dos seguranças que o acompanhasse. Não via qualquer impedimento para a marginalidade executar quem quer que fosse, onde lhe aprouvesse.

Esperava-o Leandro, de pé, encostado à poltrona, de frente para a janela.

Mário fez um movimento de recuo. Não podia imaginar que viria o bandido postar-se diante de si, em local absolutamente impróprio.

Leandro abriu o paletó, indicando que estava desarmado:

— Não precisas assustar. Minha visita é de paz. Tenho de te dar satisfações, pois as coisas correram à minha revelia.

— Mas foi por tua causa que Isabel foi assassinada.

— Isso é verdade. Mas não por minha vontade, que desejava que ela cuidasse da criança, como já te disse.

— Se eu colocar fé nas palavras dos traficantes...

— Por favor, Doutor Mário! Vamos tratar somente do que nos interessa.

— A mim me interessa a verdade, pois me sinto ameaçado...

— Vim por causa disso mesmo. Afastei o perigo que rondava a tua família e empenhei minha palavra. Se te disser que não correste o risco de morrer, mentirei. Estava tudo preparado para que fosses atingido pelas garras da organização. Desde que, no entanto, ponderei a respeito de teus trabalhos de assistência no morro e no hospital, consegui fazer que vissem que terias do que nos acusar, desde há muito.

— Quero saber uma coisa: minha mulher e meus filhos...

— Teriam o mesmo destino, evidentemente. Talvez as crianças não. Mas a tua mulher, com certeza.

— Penso que a tua *organização* se acredita dona do mundo.

— Se queres filosofar, posso te dizer que mandamos apenas num pedaço, onde ninguém pode entrar, nem as forças policiais, como atestam os óbitos que presencias a toda a hora. E não é assim em todo lugar? Quem me garante que os eleitos pelo voto são santos? Governam para recuperar com juro o dinheiro fabuloso que gastaram para se elegerem. Eles e a confraria. E o lucro é bem grande. Só que esses transformam as organizações policiais e as forças armadas em suas guardiãs particulares. Se o Doutor não for capaz de ver isso, posso dizer que estás cego e que nada entendes da vida neste país e em todo o mundo.

— Conheço uma região em que não podes mandar.

— Onde?

— Nos domínios do Senhor, ou seja, nos corações dos bons, dos honestos, dos que fazem o bem.

— Concordo, plenamente. Mas quem está interessado em algo que não produz dinheiro? Se estás falando das religiões, posso dizer que o Vaticano arrecada verdadeiras fortunas. E essas seitas modernas, as quais têm tanto dinheiro que estão mandando na televisão? E aqueles fanáticos que prometem o paraíso para quem participa de suas *guerras santas*?

— Estou referindo-me aos centros espíritas...

— Os pais e mães de santo arrecadam tanto quanto qualquer outro no ramo. Existem muitos que possuem propriedades imensas. Há os pobres, certamente. Mas a regra geral é trabalhar por bom dinheiro. Caro Doutor, o Senhor está por fora!

Mário não via como dizer que não. Imaginara que os kardecistas fossem pobres, mas a quantidade de títulos publicados indicava para maciça venda de livros. Desconhecia onde se aplicava o dinheiro, mas não iria levantar essa lebre perante alguém que se mostrava tão por dentro das perversões sociais.

— Vamos abreviar a tua vinda. Desejas mais alguma coisa ou já me puseste a par de tudo?

— Tive uma ideia que poderás acatar ou não. Se aceitares a minha proposta, terás cobertura pelo resto dos teus dias. E uma boa fonte de renda.

— Não pretendo subir mais o morro. Tenho estado...

— Vou direto ao assunto. Quero que adotes meu filho, oficialmente. Darás a ele educação e carinho, o que presumia eu que Isabel fizesse.

— Não estás em condição de determinar o futuro da criança. A Justiça está tratando do caso, por força de não se conhecerem os pais.

— Sinto que não tenhas compreendido o poder que represento. Quando estou dizendo para adotares o menino, é porque tenho tudo sob controle, inclusive o que chamaste de

justiça. Basta dizeres que *sim* ou que *não*. O resto fica por minha conta. E não precisas responder agora. Consulta a tua mulher. Analisa as tuas possibilidades de querer bem a um escurinho, filho de prostituta e de traficante, como deves estar pensando. Se julgares que irás dar a ele as mesmas condições de vida de teus filhos, aceita a minha proposta. Não te arrependerás.

Mário via que Leandro não estava para brincadeiras. Admirava nessa personalidade criminosa o espírito de decisão e a elucidação lógica dos pensamentos. Os sentimentos não transpareciam nunca, se é que existiam. Mas a preocupação com o filho era, no mínimo, extemporânea. Por que não lhe dera amor e assistência quando Isabel era sua companheira? Ter-se-ia deixado levar pela ganância ou fora engolfado pela instituição criminosa, da qual ninguém sai com vida?

Estendia-se o silêncio por vários minutos. Leandro não dava mostras de impacientar-se. Mário suspeitava de que, mais tarde, quando viesse a idade da compreensão, Leandrinho iria querer saber o que se passara entre os pais. Como é que via essa perspectiva?

— Quando meu filho tiver idade para investigar os acontecimentos, o Doutor terá conhecimento suficiente da personalidade dele para efetuar as explicações da melhor maneira, à vista da realidade. Esse problema não me preocupa, pois, qualquer que seja o paradeiro dele, sempre haverá de lhe ocorrer o processo da dúvida, da busca da verdade, do enredamento com as mulheres, da definição do papel que exercerá na sociedade. Não parece ao Doutor muito precoce tal conjuntura?

— Tenho de afirmar que estou com medo de vir a criar alguém que irá ser requisitado mais tarde pelo pai, para o mesmo ofício.

— Leste no meu pensamento. Não vou te esconder que isso está na minha cabeça. Mas já vi tanta coisa na vida, que não posso assegurar o dia de amanhã, quanto menos o que se vai passar dentro de dez ou quinze anos. Gostei que tenhas tido a perspicácia

de entender o que trago na mente. Compreenderás também que estou sendo firme no propósito de te manter a salvo?

Mário sentiu na proposição sutil ameaça. *Que me acontecerá, se não aceitar?* Resolveu dar tempo ao tempo:

— Tens razão quanto a ter de consultar minha mulher. Se me permitires, vou te dar a resposta dentro de uma semana.

— Poderás decidir bem mais pra frente. De qualquer modo, irás ter de esperar o meu aviso. Sendo assim, fica no aguardo de aceno meu, para voltarmos a nos entender.

Sem se despedir, deixou o médico com suas reflexões, fazendo-se preceder de dois asseclas.

Em casa, Mário expôs a Marlene os temores quanto às consequências de uma recusa.

— Mas tu não estás tão bem impressionado com o menino?

— Não a ponto de trazê-lo para morar conosco.

— Pois eu acho que devemos isso a Isabel.

— Sob esse ponto de vista, precisamos consultar Baltazar. Talvez ele se sinta bem mais...

— O pai não iria aceitar a interferência de pessoa alguma. Pensa bem que foi a circunstância do casamento com a moça da sociedade que o impeliu a se sujeitar à tua vontade. Contudo, é preciso saber que iremos obter vantagens com o ajuste.

As ponderações de Marlene mostravam que amadurecera naquele ambiente de terror. Mário percebia o quanto os raciocínios se originavam do medo de ofender o poderoso membro da organização criminosa. Mas havia outro fator que avultava no sentido de fazê-lo aceitar com boa vontade a guarda do pirralho: estimava a criança, a ponto de não passar dia sem ir observar os progressos da saúde e dos estudos. Conversavam por horas a fio, quando serenava o atendimento ao público. No mínimo, ao sair, nunca deixava de passar pela pediatria. Orivaldo correspondia às atenções com meiguice e apego. Quem não gostava dessa afeição

era Raimunda, que via na ascendência do médico sobre o bom ânimo do menino o risco de perder as comodidades. Entretanto, o Doutor dava de ombros diante dos desprantes da velha, ciente de que o pai iria solucionar o problema do filho. O que nunca lhe passara pela cabeça era o pedido da adoção.

— Sabes o que vamos fazer? Vou te levar para veres como o garoto progrediu. Vou te apresentar à antiga tutora, que lá está ainda como garantia psicológica inventada pelo pai. Com certeza, a velha virá de contrapeso. É algo para...

— Estás indo depressa demais nas conclusões. Aceito ir ver o menino. Vamos levar as crianças, se não houver perigo de contaminação e se não houver nada para deixá-las impressionadas.

— Será preferível, então, trazê-los aqui em casa.

— Mas não está proibido pela Justiça?

— Vamos testar a força do tráfico. Se me negarem o pedido, aciono o pai.

À noite, Mário adormeceu tranquilo, como se estivesse acrescentando alguns pontos ao ativo socorrista. Durante o sono, recebeu a visita de Alfredo e Dráusio, com quem planejou a assistência a ser dada àquele espírito primitivamente destinado ao crime. Acordou com a impressão de que recebera influxos energéticos para o enfrentamento da nova situação. O intelecto parecia revigorado, como se as coisas estivessem bem melhor definidas. Saiu em busca dos livros de Kardec, constatando que lera todos. Estava na hora de voltar ao Centro Espírita, para a aquisição de outras obras. Foi o que se determinou a fazer naquele dia.

DO CARMO

Não poderia ter passado despercebido a do Carmo que Leandro não se deslocava sem se fazer acompanhar de guardas de segurança. Reparara nas armas, contudo, não pôde deixar de se estarrecer quando viu a metralhadora. Mas calou-se, porque não deveria ficar cobrando o noivo sobre algo que se justificava pelo grande número de crimes e sequestros relativos às pessoas abonadas.

O avô também mantinha os mesmos cuidados, embora nunca portasse arma de fogo. Estranhara, pois, sobremodo, quando da invasão da casa da praia. No entanto, era exímia no tiro ao alvo, conhecendo intimamente o manuseio de fuzis e pistolas, adestrada que fora em escola especializada.

— Precisas saber como enfrentar os bandidos — dissera-lhe o pai na oportunidade.

Ganhara diversos apetrechos desportivos e uma arma portátil, com a recomendação de mantê-la consigo. Como não se achasse ameaçada, sempre cercada pelos homens do avô, conservava o pequeno revólver em casa.

Mas a metralhadora não saía de sua cabeça.

Por que tanta precaução? Se, ao menos, fosse milionário. Não acredito que possua mais do que está investindo na ampliação do restaurante. Será que o apartamento que diz ter é mesmo dele? Se precisou pedir dinheiro emprestado, é porque não possui capital de reserva. Se não fosse sincero para comigo, desconfiaria de que está dando o golpe do baú. Mas, também, que importância tem isso, se eu me derreto toda por ele?! Há de ficar agradecido à minha família e, mais que isso, preso por causa dos compromissos assumidos. Meu avô é bem capaz de querer reaver tudo, se me der o cano. Para que a metralhadora? Será que tem porte de arma? Não lembro que haja alguma lei que ampare o porte de armas de repetição. Está aí algo muitíssimo misterioso. Na próxima vez, vou pedir para examinar a arma. E vou querer saber se atira com ela. Terá frequentado escola de tiro? Se for bom, talvez possamos entrar em algum torneio juntos.

Perdia-se em sonhos de medalhas olímpicas. Imaginava o namorado personagem importante no mundo dos esportes. Lembrou-se do fiasco surfístico. Prudentemente, evitara levá-lo ao clube náutico. Pensou que fizera mal. Deveria forçá-lo, para realçar ao máximo o moreno da pele dele. Bem tisonado, com a tez tratada por filtros solares convenientes, iria parecer um desses manequins de passarela. Era um bom pedaço de mau caminho. Desejava estar com ele. Acendia-lhe o desejo e telefonava, marcando encontro. Depois que havia recebido a bênção paterna, tinham plena liberdade. Não mais era interrogada pelo avô a respeito de onde estivera.

— Quero saber se tens o dom de atirar com precisão.

Leandro não se vangloriou:

— Sou medíocre. O instrutor queria que ficasse exercitando-me mais uns meses. Mas atirar me deixa com os nervos em pandarecos.

— E com a metralhadora? Acertarias os bandidos, se aparecessem para raptar-te? Ou carregas a arma apenas para fazer figura?

— Até parece que entendes do assunto.

— Entendo, sim. Tenho diploma e porte de arma. Só não carrego comigo, porque não vejo necessidade. Mas não hesitaria em acertar algum bandido que se aproximasse.

— Duvido. Já passaste por alguma prova de fogo?

— Tenho medalhas ganhas na academia.

— Pois eu já precisei fazer uns malandros correr. Não tenho certeza, mas algum deles deve ter recebido chumbo nas costas. Garanto que a sensação que se sente depois é horrível. Achas que atirar em *stands* é o mesmo que acertar em pessoas na rua?

— Se és tão mau, como é que te saíste bem?

— Não sou assim *tão mau*. Tenho as minhas qualidades. A principal é nunca perder o sangue-frio.

— Então, diz por que precisas da metralhadora. Não me venhas com a história da defesa pessoal. Os teus guardas não são suficientes para tua garantia? Meu avô também tem guarda-costas, mas a primeira vez que o vi armado foi aquele dia na praia. Acho que me escondes algo muito importante. Já foste sequestrado? Tens inimigos poderosos? Os traficantes estão te pressionando, por causa de teu vício? Deves dinheiro a eles?

Leandro não suspeitara de que a noiva iria assaltá-lo. Para qualquer eventualidade, porém, fabricara discurso conveniente. Afinal de contas, alguém poderia denunciá-lo, para prejudicar a quadrilha. Bastava que outra organização criminosa quisesse açambarcar os pontos no morro sob sua responsabilidade. Olhou a moça nos olhos e disse, como a indicar que o faria uma vez só:

— Tenho o meu passado. Já te contei muita coisa. Sabes do meu filho e da minha ligação com a prostituta. Conheces o meu vício e já percebeste que não sou dependente. A minha preocupação é expandir os negócios, criando uma casa noturna nos moldes do

restaurante, para pessoas ricas e gente da alta sociedade. Mais tarde, quero entrar no ramo da hotelaria. Sonho em possuir um estaleiro, para a fabricação de barcos de passeio, quem sabe até iates. Acreditas que eu possa estar envolvido com o pessoal do tráfico e que esteja sendo assediado por eles? Esquece.

— E por que precisas da metralhadora?

— Queria demonstrar poder e força, para impressionar-te.

— Não será com essa arma que me irás cativar.

— Pois eu pensei que te irias sentir mais protegida, tendo a teu lado um homem decidido a enfrentar qualquer bandido.

— Eu acho que tens, realmente, é muito sangue-frio. Acredito piamente nisso. Mas o que estás a me dizer são lorotas. Eu não sei por que precisas de uma metralhadora, mas vou descobrir.

— Faz como achares melhor. Quanto a mim, não vou me descuidar, nesta cidade cheia de criminosos. Prezo muito a minha vida e a tua, para cair nas garras dos quadrilheiros. Sugiro que conversees com o velho Gouveia e perguntes o que acha de minha providência. Verás que me dará razão. Conversa com teu pai. Talvez te mostre alguma arma bem mais pesada que a minha. Confias na polícia para resguardar os cidadãos? Pois eu não confio, haja vista a quantidade de policiais envolvidos com os crimes. Reparaste que sempre existe algum dando cobertura aos assaltos e sequestros? Não foram poucos os Delegados e Comandantes da Polícia Militar presos como assassinos e até chefes de quadrilhas. Não precisas ir muito longe: basta ler o jornal uma única vez. Todo dia, o noticiário aponta o nome de diversos soldados apanhados nas malhas da lei. E, se quiseres saber, os que prendem só o fazem para proteção de outros bandos.

— Podes carregar nas palavras. Nenhum desses fatos justifica que leves contigo uma metralhadora.

— E se te disser que nunca atirei com ela?

— E se te disser que eu mesma atirei muitas vezes, para aprender a manejar?

- Aí serei eu quem irá te perguntar com que objetivo.
- O conhecimento não ocupa lugar, como me responderias tu mesmo.

Vendo que Leandro não iria abrir o jogo, do Carmo resolveu não insistir. Mas calcou na mente a intenção de descobrir o que tal arma estava a ocultar.

Por seu turno, o traficante começou a suspeitar de que a moça sabia muito mais a respeito das atividades da família. Seria, contudo, burrice ele mesmo colocar tais cartas na mesa. Fixou a determinação de não provocá-la, nem por sutis provocações. Sentia na moça a forte personalidade dos Gouveias e regozijava-se por possuí-la para o convívio íntimo. Chegaria o dia em que estariam tão enredados nas tramas da vida que contar ou não contar os segredos da organização teria igual sentido. Não temia vir a ser desprezado ou rejeitado, pois teria ela de fazer o mesmo com o pai, o avô, os tios e, quem sabe, a mãe e demais parentela feminina. O sangue não era deles?! Então a mocinha deveria transformar-se numa mulher de mesma envergadura. Levado pela euforia desses pensamentos, arriscou perguntar:

— Como achas que serão os nossos filhos? Será que terão a tua personalidade forte e decidida?

— Filhos? Vamos, por enquanto, ficar apenas nas produções vazias. Se eu quiser encher o bucho, te aviso. Gozar a vida é o que pretendo e, para isso, estamos unindo-nos. Ou esqueceste o nosso trato?

A sós, em seu quarto, do Carmo punha sentido nas palavras do noivo.

Como reagirão meu pai e meu avô, se eu lhes propuser as questões, conforme me indicou Leandro?

Não ia mais longe nas interrogações íntimas, admirando-se de que Leandro lhe tivesse vindo com histórias de filhos. Lembrava-se de que ele possuía um e que não falara em trazê-lo consigo.

Esse cara tem tomado algumas decisões esquisitas. Se não fosse tão bom na cama e tão apresentável para a sociedade, não seria eu quem iria me preocupar em descobrir os seus mistérios. Onde se viu entrar no ramo da hotelaria ou se transformar em dono de estaleiro?! Não há de ser com o dinheiro do meu avô. Nem com o rendimento do restaurante e da boate. Enfim, separação de bens no casamento e divórcio são válvulas de segurança que me livrarão dos perigos do tédio.

MÁRIO VOLTA AO CENTRO ESPÍRITA

Tinha o médico fixado na mente que deveria resolver o problema do emprego do dinheiro arrecadado na venda de livros. Avisara Antônio de sua intenção, ao marcar a entrevista. Não queria demonstrar desconfiança mas adquirir a certeza de que as coisas transcorriam bem para a entidade, segundo os padrões morais, mais ainda, evangélicos que embasavam as obras de Kardec. Aliás, precisava saber como é que o Codificador vivera e quais os proventos que obtivera da venda dos livros.

— Como vais, Doutor? Sê bem-vindo!

— E tu, como estás? Preparaste as contas, conforme te pedi?

— Nem é preciso. No decorrer da conversa, o teu interesse irá ditando as minhas respostas. Como nada temos a esconder, basta ofertar as notas de compras, o levantamento do estoque, o lucro obtido e os balancetes da aplicação do dinheiro. A entidade é missionária, mas presta contas regulares aos associados, que é dever da Diretoria sempre demonstrar que está precisando cada vez mais da colaboração de todos, que a caridade se amplia, a pobreza aumenta e os assistidos se multiplicam.

— Não era bem isso que eu tinha em mente. Conversava, outro dia, com uma pessoa que me dizia que os Centros Espíritas eram ricos...

— Manda essa pessoa vir comprovar para nós, porque, quem sabe, os rendimentos estejam escorrendo pelo ladrão.

— Quanto a Kardec?...

— Não é preciso quebrar a cabeça a respeito. Como eu não tinha os elementos para te responder, solicitei ajuda a um dos palestrantes. Eis aqui um artigo publicado na *Revista Espírita*, pelo próprio Kardec, em que responde às acusações que sofrera de que estava milionário e que vivia às expensas do Espiritismo. Vasculhei os diversos números e encontrei inúmeras prestações de contas. Na verdade, o Mestre Lionês, porque Kardec nasceu na cidade de Lião, na França, trabalhava muito e ganhava pouco. Chegou mesmo a cuidar da escrituração contábil de uma casa de espetáculos, pelo que foi censurado de imoralidade.

— Não pensei que tais pensamentos pudessem passar pela cabeça de quem tinha tantas preocupações filosóficas, doutrinárias e existenciais.

— A maldade humana se exerce sobre o que não entende ou não domina. A maledicência investe contra quem parece ser privilegiado. Até o bondoso Chico Xavier foi visitado por essa *Madame* a serviço das forças malignas, digo mal, dos espíritos infelizes que moram nas Trevas. Se nosso médium maior recebesse para si os direitos autorais das obras que publicou, não teria vivido da caridade dos amigos por tanto tempo.

— E com quem ficou o rendimento que deveria ser dele?

— Muitíssimas instituições de caridade receberam os dividendos das vendas, aplicando-os de forma judiciosa ou não.

— Não prestavam contas?

— Não estou afirmando que houve desvios de verbas ou que algum malandro tenha embolsado o que não lhe pertencia. Mas quem está isento de ser ludibriado pelas pessoas? Quem me diz que

muitos dos irmãos carentes não estariam aproveitando-se da inexperiência dos dirigentes das entidades aquinhoadas?

— Quer dizer que toda a riqueza que poderia ser acumulada pelo médium ficou diluída na sociedade, sem que proporcionasse a criação de uma fundação de benemerência, que se regesse de forma a produzir...

— Nenhuma fundação desse tipo.

— E as editoras? Essas devem nadar em dinheiro...

— As casas espíritas que publicam e distribuem as obras buscam manter instituições de caridade diversas, como orfanatos, creches, hospitais, escolas etc. Mas a prudência manda que eu não ponha a mão no fogo por todas. Os homens crescem neste ambiente horrível em que o valor do dinheiro paira acima de qualquer outra coisa. Não é impossível que tenhamos exceções à regra da morigeração dos emolumentos cobrados pelo trabalho editorial. Mas vamos à demonstração...

— A mim me bastou a tua preocupação em ser fiel aos teus pensamentos. Não quiseste fazer-me crer na santidade do povo espírita. Entretanto, ficarei muito feliz em conhecer os diversos setores de trabalho dos que exercitam o bem nesta casa.

Antônio ficou muito feliz em poder explicar a respeito dos serviços comunitários do grupo de que fazia parte. E ressaltou:

— Como arrecadamos dinheiro, precisamos fazer o bem. Atualmente, a distribuição de cestas básicas está um pouco desorganizada. São tantas as famílias carentes, que não podemos exigir de ninguém que corresponda aos nossos anseios evangélicos, vindo ouvir as palestras ou receber os passes. As grávidas são assistidas de modo especial, porque têm interesse em receber o enxoval e o leite. Essas são instruídas em pequenos quefazeres domésticos, são orientadas para cuidarem dos bebês, são levadas a perceber a importância da vacinação e da amamentação no peito até os seis meses, no mínimo, etc. Estou fazendo referência a este tipo de assistência para interessar o Doutor no campo da saúde.

— Penso que não poderia vir auxiliar...

— Não tenho a pretensão de convencer-te a tanto. Talvez, mais tarde, conhecendo de perto o pessoal da Diretoria e avaliando os nossos conferencistas, vendo que há advogados, dentistas, professores, pequenos empresários e comerciantes engolfados no trabalho, aí poderá acontecer de te dar vontade de aplicar teus conhecimentos para benefício dos que labutam diretamente com as pessoas carentes.

Mário não pretendia enveredar pelo setor da assistência social. Levantara o problema do dinheiro porque desejava responder, para satisfação própria, às rudes ponderações do traficante. Ansiava, naquele instante, por conhecer os procedimentos relativos à espiritualidade. Queria confrontar o que se fazia ali com o que presenciara no terreiro e lera em Kardec. Por isso, fugiu do tema:

— Como estás dizendo, mais tarde irei pensar sobre isso. O que eu gostaria era de saber a respeito das invocações dos espíritos.

— Vejo que a leitura foi bem feita. Atualmente, as casas espíritas filiadas ao movimento, que se regem, mais ou menos, pelas normas emanadas das federações estaduais, não praticam a invocação. Realizam sessões de doutrinação, para as quais são trazidos irmãozinhos necessitados de esclarecimento quanto à sua condição moral ou existencial. A escolha ou seleção deles é feita pelos benfeitores espirituais, ou seja, pelos mentores e guias que amparam a instituição ou os médiuns. Há quem realize sessões de cura, ou seja, atendimento de pessoas doentes. Mas os perigos de envolvimento obsessivos são tantos que, se não houver acompanhamento médico profissional paralelo, os dirigentes inibem a voluntariedade dos mais afoitos, impedindo que o centro se torne simples tenda de milagres. Se estiveres mesmo interessado, vem numa quinta-feira, quando realizamos sessões abertas ao público.

— Quer dizer que existem sessões particulares ou secretas?

— Claro que sim. São reservadas para tratamento de afecções espirituais graves, como os casos de possessão ou obsessão

descritos largamente por Kardec. Aliás, ele mesmo, como li na *Revista*, passou a restringir o ingresso de pessoas às sessões que presidia, depois que percebeu que havia muita gente que, voluntária ou involuntariamente, perturbava o andamento dos trabalhos.

— Compreendo. Não vou prometer, mas se der, estarei aqui na próxima quinta.

— Às quinze para as oito da noite, porque, depois que iniciamos, ninguém mais entra.

— Combinado. Agora eu queria ler algo novo ou que consideres muito importante para o entendimento da Doutrina em sua evolução, conforme previra Kardec. Não te esqueças de que eu li *A Gênese*.

Antônio tinha as suas preferências mas não queria induzir o neófito a trilhar o seu caminho:

— Eu gosto muito dos livros de André Luís, psicografados pelo Chico e por Waldo Vieira. Como o autor espiritual foi médico, talvez venhas a gostar de ler.

— É uma boa ideia.

— Apenas quero ressaltar que as obras começaram a ser ditadas ao plano material na década de quarenta, o que poderá significar, para um espírito moderno, sério problema, quanto aos conhecimentos técnico-científicos.

— Estás querendo dizer que devo atrelar-me às condições históricas...

— Isso mesmo. Mas há inúmeras informações adiantadíssimas para a época. Quem sabe isso possa representar certa motivação a mais.

— Não tenhas tantos cuidados. Se eu não gostar, te digo e pronto!

— Então recomendo que leves a coleção completa e que leias em ordem. Existem muitas pessoas que se tornam espíritas após a leitura do primeiro livro, *Nosso Lar*, mas devo confessar que escutei de pessoas cultas que existem muitos atrevimentos nas descrições,

que as coisas no plano espiritual não podem acontecer conforme estão lá...

— Continuas com cuidados desmedidos. Devo dizer-te que tinha a intuição de que não chegaria a ler um livro sequer de Kardec. Aliás, minto. Tinha o fugidio desejo de que isso acontecesse, para não me envolver com a temática espiritual. Eram reminiscências do tempo acadêmico e impressões adquiridas do catolicismo. Minha mulher é católica e eu tenho ido com ela à missa. Agora estou impaciente para assistir a uma sessão de incorporação. Sabes por quê? Porque, no fundo, desejo desmistificar o que se passa aí, dado que as sessões da Umbanda não me convenceram plenamente. Se me decepcionar, poderei dar esse sentimento como desculpa para não aparecer mais. Podes ver que vou diretamente ao ponto.

— Descreveste exatamente o que eu também sentia no começo. Contudo, o que aconteceu comigo foi que me deixei captar pelo magnetismo suavíssimo provindo dos beneméritos da casa, desenvolvendo a mediunidade, o que me deu a exata concepção de como se dá o relacionamento com o meu protetor, promovendo-me oportunidade de partilhar da honra de oferecer aos irmãos sofredores o lenitivo de amor que nos ensinou Jesus.

Mário não queria crer em que Antônio estivesse a doutriná-lo:

— Ouvindo tu falares dessa forma, pareço estar num culto protestante.

— Mas lá não encontrarás referência aos irmãos da espiritualidade.

— Com certeza!

— Desculpe-me o arroubo...

— Desculpo, nada! Quero ver-te em plena ação mediúnica, na quinta.

— Vais ver.

Mário saiu sobraçando os livros da coleção, que adquirira por preço que considerou irrisório. E foi pensando no caminho como é que podiam ganhar muito dinheiro, se o tanto arrecadado em cada

volume era tão pequeno. Fez as contas e chegou à conclusão de que somente a venda de cerca de quinhentos mil exemplares poderia oferecer lucro suficiente para enriquecer alguém. Ficou-lhe claro que o movimento da pequena livraria não representaria a principal fonte de rendas da instituição. Como se sustentariam? Com doações e arrecadações obtidas em festas, como as quermesses dos padres? Permanecia o mistério.

BALTAZAR RETORNA

O temor do depoimento se desvaneceu, quando o Delegado quis conversar a sós com o comerciante, deixando o advogado no corredor.

— Não se preocupe que o assunto é particular — advertiu o policial, para tranquilizar o causídico.

Baltazar reconheceu a autoridade com a qual havia tratado anteriormente, de modo que não se sentiu ameaçado.

— Caro amigo, quer tomar um cafezinho, uma água?

— Não, obrigado. Não tenho tido vontade de nada. A morte de Isabel tem sido um peso difícil de carregar.

Estava presente o guia do moço, que não aprovou o exagero das declarações. Baltazar sentia, sim, a ausência da mulher, mas nada sofria além da vontade de tê-la ao seu lado, como estava acostumado. As vibrações dos benfeitores espirituais o vinham mantendo calmo e a primeira manifestação do guia no terreiro lhe dera a certeza de que a esposa estava recebendo amparo de espíritos muito adiantados.

— Você tem ideia de quem possa ter mandado executar a jovem?

— Não foi assalto?

— Para mim, em segredo, você pode dizer a verdade. Desta sala nada sairá que possa causar-lhe qualquer transtorno.

— Que garantia me dá o Doutor disso?

— Os seus amigos do Rio me contataram e me pediram para aliviar a sua barra. Você pode estar seguro de que não vai ser molestado. Aliás, eu mesmo bati o seu depoimento, no qual você declara que houve o furto de diversas joias e de dinheiro. Providenciei até a relação e a descrição das peças. Você vai dar ao seu advogado. Se ele julgar conveniente alterar alguma coisa, acatarei. Então, quem foi que mandou assassinar a moça?

— Eu não posso ter certeza, não, Senhor, mas acho que foi a mando dos traficantes lá do Rio. Minha mulher era capaz de denunciar um dos chefões, com quem conviveu antes de me conhecer. Fugiu dele e a quadrilha deve ter-se sentido ameaçada. E o cara até que nos havia deixado quietos, favorecendo a vinda para São Paulo, com algum dinheiro.

— Foi com esse dinheiro que vocês se instalaram no comércio e adquiriram a casa?

— Isso mesmo.

— Então, eu vou lhe ajudar e não vou insistir nas investigações. O primeiro grupo que eliminarmos vai ser responsabilizado pelo latrocínio praticado em seu lar. Está bem assim?

— Se o Senhor fizer isso, só poderei agradecer.

— Pode contar comigo. Quais são os seus planos?

— Não vou tocar o negócio pra frente. Vou passar o ponto e vender a casa. Por sorte, as escrituras não foram lavradas e os contratos podem ser transferidos dos antigos donos para as pessoas que comprarem as propriedades.

— Não se esqueça de abrir diversas contas bancárias, para não ter de fazer declaração de renda vultosa.

— Pode deixar comigo. Sei como essas coisas se fazem.

O depoimento engendrado recebeu aprovação e Baltazar assinou com o coração sereno.

Algum tempo depois, Baltazar e família se instalavam no Rio de Janeiro, modestamente, tendo reservado cerca de cento e cinquenta mil reais para o caso de terem de devolver aos credores.

No *Centro Espírita Irmão Barnabé de Rezende*, Baltazar foi recebido com muita alegria. Durante a primeira sessão, o Babalaô recomendou que o filho de santo não devolvesse o dinheiro, porque seria empregado no crime. Disse em voz alta:

— A carnificina está uma loucura nesta cidade. O favorecimento dos crimes compromete a maioria das pessoas. Muitos são cordeiros aí e chegam ovelhinhas aqui. Pensam que o dom mais precioso é a manutenção da vida, mesmo que o preço seja a morte de muitos. Não exercem a cidadania consciente, aceitando as leis da força, da metralha e do silêncio. Violência não se revida com violência. Mas é preciso não dar aos malandros a oportunidade de sequestrarem as crianças para o vício, para o tráfico e para o roubo. Quem tiver coragem, que oponha resistência, incentivando os que não estão contaminados a protegerem os filhos. Muita gente se muda, desfazendo-se das vantagens de morar de graça. A aventura lhes sai muito cara, quase sempre, pois caem nas malhas de outras quadrilhas, para onde quer que vão. O país inteiro está nas mãos dos bandidos. A situação é muito difícil. É quase impossível atender ao que estou pedindo. Muitos não chegam mesmo a compreender o que seja viver em paz, sem a pressão do terror. Que fazer, então, para ser recebido pelos guias, depois da morte, em boas condições espirituais? Ajudar a cada irmãozinho. Falar do bem e da solidariedade. Não estimular os pequenos furtos, como muitos fazem, dizendo que, se todos roubam e prejudicam, eles também têm de roubar e prejudicar. E rezar muito, pedindo luz aos orixás para que os pensamentos de vingança ou de revolta não vos levem a praticar loucuras.

Baltazar sentiu que as palavras eram dirigidas principalmente a ele. Estava arquitetando devolver o dinheiro aos bandidos, para surpreendê-los e executá-los. Julgava que, assim agindo, estaria livrando a comunidade de alguns assassinos. Não tivera tempo para bater papo com Mário. Encontraram-se rapidamente depois da missa mandada rezar por Marlene, mas os temas mais importantes ficaram sem esclarecimento.

Julgava que a orientação do Babalaô não poderia ser assimilada pelas pessoas humildes.

Esses coitados vivem nas mãos de quem tem poder. Se falarem um ai-jesus, morrem de tiro ou facada. Se os bandidos descobrem que estão pregando a resistência, mesmo que estejam até perdoando aqueles que os maltratam, vão acabar com eles. E sabem disso, não porque ouviram contar, mas porque veem acontecer todo dia. Quero que me apontem uma só instituição de amigos de bairro ou mesmo religiosa, protestante ou católica, que não esteja sob o comando dos chefes do tráfico ou que não esteja cumprindo certos acordos para sua sobrevivência, cuidando apenas da saúde ou da parte espiritual, muitas vezes em nome dos que lhes dão o dinheiro arrecadado do tráfico, do meretrício, do sequestro, do assalto aos carros blindados, do contrabando, que sei eu...

Baltazar pensava como se estivesse conversando com os irmãos da espiritualidade. Mas não obtinha respostas. Apenas ouvia ressoar em seu ouvido a recomendação do guia: *Rezar muito para que os orixás enviem luz para acabar com a ideia de vingança, de desforra.*

Uma noite, quando descansava em casa, recebeu a visita de dois mascarados. Assustou-se mas não esboçou reação.

- Somos aqueles com quem Sandra mantém contato.
- O dinheiro que vocês deram à minha mulher está comigo.

— Não estamos atrás do dinheiro. Fica com ele. O que desejamos saber é se pretendes utilizar a certidão de nascimento do filho dela, para adotares a criança.

— Pensei muito nisso. Mas...

— Então esquece. Deves saber que o nosso trato com ela foi estabelecido sob a condição de ela não mexer com a Justiça. Pelo menos até que autorizemos.

— Foi o que ela me disse.

— Vamos estabelecer o mesmo princípio. Tu guardas a certidão e fecha a boca. Quando for a hora, daremos permissão para que requeiras a guarda da criança.

— Por que não pode ser agora?

— Porque temos razões próprias que não te importam. Foi por isso que pagamos regimento. Mas não estamos querendo a criança, podes ficar sossegado.

Deram por encerrada a conversa, sem esperar a resposta, que não julgavam possível que fosse negativa.

No dia seguinte, Baltazar ligava para Mário. Precisavam conversar urgentemente sobre Leandrinho. Durante a noite, quase não dormira, meditando sobre a orientação dada pelo Babalaô. Se aceitasse a proposta dos desconhecidos, cairia justamente nas malhas de poder dos bandidos. Não estaria fazendo por merecer a ajuda dos orixás. Sentia forte o medo de provocar quem poderia exterminar-lhe a família. Se fosse só, enfrentaria os caras, que o trinta e oito estava ao alcance da mão. Não receava voltar ao plano do etéreo, se para lá fosse enviado mais cedo, como a maioria das pessoas. O que não queria era partir endividado, comprometido com o mal, sem ter efetuado todo o bem possível, pois só agora é que estava começando a entender as razões de estar vivo. Com certeza, o Doutor Mário teria informações a respeito do poderio das quadrilhas. Além do mais, precisava expor-lhe a novidade do encontro noturno.

Se eu fosse médico, poderia partir a qualquer momento, tanto é o bem que teria feito, aliviando o sofrimento de tanta gente. Se Isabel estivesse aqui, me mostraria o caminho do progresso, tecendo a minha paz, com muito amor e carinho.

Nesses momentos de recordação aflitiva é que chorava, ocultando as lágrimas dos familiares. Naquele dia, o coração não ficou oprimido com o desejo de revidar o crime. Orou sentida prece pela companheira e pelo filho e chegou a pedir o perdão do Pai para os assassinos. Mas, nesse ponto, via os cinco homens destroçados em acidente na Via Dutra. Não matava com as próprias mãos. Fazia-o com o pensamento.

BALTAZAR E MÁRIO SE ENTENDEM

Desejava muito Mário conversar com o amigo. Não queria, porém, tomar a iniciativa, uma vez que não tinha a certeza de que não estaria inibindo o rapaz, diante do fato de ter ficado com todas as propriedades de Isabel, após convivência tão efêmera. Quando Baltazar ligou, Mário ficou em agradável expectativa.

Fazia algum tempo que o médico frequentava as sessões das quintas-feiras. Deixara-se impressionar pelo trabalho de assistência espiritual, pondo, entretanto, em dúvida certas manifestações exageradas de desespero pela descoberta da morte. Conversava um pouco com os médiuns antes das sessões, para ir tomando o pulso de suas personalidades. Queria descobrir desvios que desembocassem na necessidade do espetáculo mediúnico. Por outro lado, dono de boa memória, ia observando cada um em plena incorporação, para surpreender o mesmo tipo de dizeres. Mas não se permitia tirar conclusões precipitadas, pondo como limite para isso o número de vinte reuniões, pelo menos.

Marlene fora informada a respeito das visitas do marido ao Centro Espírita, tendo imposto uma condição:

— Não quero que roubes um só minuto do tempo destinado à assistência às crianças.

Mário imaginou, então, sistema bastante simples: solicitou que fosse escalado para plantões nas quintas-feiras; combinou com os colegas que lhes daria cobertura durante a madrugada, se lhes permitissem sair por cerca de duas horas. *Em caso de emergência, usem o “bip”*. Mas isso não fora necessário ainda.

Terá Baltazar novidades no campo religioso? Será que Isabel estabeleceu contato através dos pais de santo?

Pelas leituras que vinha realizando, parecia-lhe muito difícil que, antes de seis meses, despertasse para a realidade. Às sessões compareciam espíritos sob as impressões dolorosas do passamento. Desastrados, principalmente, vinham desconhecendo que haviam morrido. Desses, alguns se desgostavam de estar naquele ambiente, pretendendo escapular da poderosa influência dos guias, para exercitarem o que chamavam de *direito de vingança*. Nenhuma vez, contudo, comparecera alguma vítima de homicídio.

Quando Baltazar chegou ao hospital, encontrou Mário à espera. Havia combinado que almoçariam juntos, entretanto, vários acidentes impediam o médico de se afastar do pronto-socorro. Mas pôde ficar no setor de triagem, apenas encaminhando os enfermos, de sorte que, no momento em que Baltazar chegara, estava sem ocupação.

— Querido amigo, senti a tua voz trêmula no telefone. Que tens de tão importante para me dizer?

Baltazar não queria abrir-se perante as pessoas, no salão de espera.

— Se o Doutor está muito ocupado, vou à tua casa hoje à noite.

Mário percebeu que algo sério realmente havia para ser dito. Chamou a enfermeira e deu-lhe o encargo de avisá-lo da entrada de acidentados. Estaria lá em cima.

— Vem comigo, que aqui está uma zorra.

Subiram ao primeiro andar e se instalaram numa das inúmeras saletas do ambulatório.

— Que se passa contigo?

— Recebi, ontem, a visita dos mascarados que deram dinheiro a Isabel.

— Alguma novidade?

— Repetiram as mesmas ordens. Não querem que eu mexa com os papéis de adoção do filho dela.

— Pois Leandro quer que eu adote a criança. Consegui levar o menino com a velha tutora para que Marlene avaliasse seus sentimentos em relação ao pequeno e já transmiti ao traficante a aprovação dela. Quanto a mim, gosto muito dele e julgo que será uma caridade que não posso recusar-lhe.

— Isso significa que irás, dentro em breve, receber também a visita dos encapuzados ou terás de enfrentar uma situação de aperto...

— Não será para breve. Leandro determinou que me avisará a hora de providenciar a papelada. Por falar nisso, tens ainda a certidão de nascimento?

— Tenho. Mas estou com medo de que os que me procuraram irão se sentir lesados, se forem atrapalhados...

— Pois eu acho que Leandro recebeu a tal visita e irá esperar até ser autorizado pelos desconhecidos.

— Se estão sabendo quem é o pai verdadeiro, por que foram atrás de mim? Não era o caso do traficante resolver o problema?

— Parece que seria mais lógico.

— Espera aí. Eles não fizeram questão do dinheiro. Se Leandro me encontrar, talvez me venha cobrar...

— Foi através de Sandra que ficaram sabendo onde moras?

— Foi.

— Leandro não tem o mesmo recurso. Nesta altura, deve estar convicto de que eu é que sei o teu paradeiro. Logo, quem irá receber a visita, serei eu.

— Estás correndo perigo.

— Nem eu nem você. A ideia dele está fixada na criação e na educação do filho. Quanto ao dinheiro, nada representa para quem tem tanto e ainda vai se casar com a filha de grande empresário.

— Como sabes dessas coisas?

— Fui convidado por ele para almoçar no...

Mário quase dava a pista a Baltazar. Não queria deixar transparecer que conhecia o endereço social do bandido, para não comprometer o amigo. Esclareceu:

— Não fiques curioso sobre quem seja a tal personagem. Mas fica sabendo que Isabel perdeu a vida por poder vir a localizá-lo.

Baltazar estava passado. Mário sentiu que o amigo não estava entendendo a razão dele estar por dentro do crime.

— Antes que suspeites de Leandro, posso te garantir que não foi ele. Mas foram os asseclas dos chefões, cumprindo ordem diretamente deles.

— Tinha certeza disso. Até levantei a lebre para o Delegado em São Paulo.

— O que te deu cobertura?

— Ele mesmo.

Nesse momento, a enfermeira veio avisar que havia gente ferida a bala dando entrada no pronto-socorro.

— Espera aqui, que vou dar encaminhamento e já volto. Ainda temos o que conversar.

Sozinho, Baltazar punha a imaginação para funcionar, achando que estava ficando muito fácil de alcançar os responsáveis pelo assassinato da esposa. *Se Mário me ajudar, poderemos transtornar a vida de muita gente.* Aí lhe vinha à memória a recomendação do Guia: *Rezar muito para obter luz contra o sentimento de vingança...*

Baltazar aprendera a rezar, mas julgava que seus sentimentos não eram adequados para a prece. Sentia o coração como que sujo, enlameado pela dor da perda da querida amiga e pela decepção do

filho que nem chegara a nascer. Assim mesmo, cumprindo a solicitação do amigo da espiritualidade, concentrou-se e orou:

Eu sei, Jesus, que não estou preparado para te pedir amparo. Tenho medo de ficar frente a frente com os assassinos, pois sinto que poderei cair de pau sobre eles. No entanto, reconheço que perdoaste os teus algozes e que deveria fazer o mesmo, como recomendaste em tua prece. Então, envia os teus mensageiros de paz, para me ajudarem na compreensão das leis de Deus. Quanto eu gostaria de cumprir a minha missão, antes de me encontrar com Isabel! Será que terei paciência para viver uma vida dedicada ao bem? Perdoa, já que és todo misericordioso, estes meus dizeres tão voltados para mim mesmo. Olha pelos que não param de cometer crimes. Cuida que eles percebam que estão caindo diretamente nas Trevas. Dá ao Doutor Mário a capacidade de salvar a vida e de acabar com a dor dos que aqui chegam feridos e amargurados...

Foi interrompido pelo médico.

— Baltazar, preciso te contar que estou frequentando um centro espírita kardecista. Voltaste ao *Barnabé*. Estou certo? Que me contas?

— Deu tudo certo. Fui muito bem acolhido, como era de se esperar, tanto pelos companheiros, como pelos orixás.

— Alguma notícia de Isabel?

— Disseram que está sob os cuidados de seres de muita luz.

— Graças a Deus!

Mário utilizou a expressão e imediatamente estranhou que fora ele quem dissera aquilo. Soou-lhe como algo muito diferente do que dizia para enturmar-se com o corpo paramédico. Baltazar notou a força com que o amigo tinha falado. Mas calou-se.

Durante mais uns vinte minutos conversaram sobre os eventos que presenciaram nas casas de assistência espiritual e despediram-se, combinando um almoço no apartamento de Mário:

— Quero colocar-te a par de todos os acontecimentos que me ameaçaram. Aqui não vai dar para expor tudo.

— E eu quero confessar que pensei em pedir a tua ajuda para liquidar a quadrilha.

— Vejo que precisamos mesmo entrar em acordo. Agora, vou te deixar, porque preciso saber como foi a extração dos projéteis da barriga do assaltante. A polícia não teve dó dele e encheu-lhe o corpo de chumbo.

Quando saía, Baltazar cruzou com os familiares da vítima. Não havia nenhum policial presente. Não ouviu as surdas vozes que prometiam vingança. Sentiu, porém, as vibrações hostis que emanavam das pessoas e captou as ondas magnéticas que chegavam do além. Soube caracterizar cada fenômeno psíquico, chegando à conclusão de que deveria desenvolver-se para progredir no terreno. Por força do hábito, pediu aos protetores que o acompanhassem para fora daquele ambiente ruim, solicitando deles que confortassem a família do baleado. Era o que podia fazer.

O CASAMENTO

O dinheiro vence qualquer obstáculo. Na expressão popular, ele não traz a felicidade: manda buscar. E assim sucedeu ao casal do Carmo e Leandro. Um duplex surgiu da noite para o dia e, em uma semana, estava totalmente decorado, segundo o gosto da moça. Leandro queria um local à parte, onde pudesse trabalhar sossegado, em contato direto com os subordinados. Gouveia providenciou uma sala ampla, acusticamente resguardada, com terminal de computador ligado ao centro de operações.

As instruções do velho foram claras:

— Leandro, tu vais casar-te com minha neta. Mas a tua presença perante mim não adquirirá nuanças de parentesco. Continuarás subalterno na linha da organização, executando as mesmas tarefas. Se, acaso, alimentas pretensões de evolução, podes esquecer. O quadro está completo e o teu casamento, de fato, só fez retardar o teu progresso, já que necessitas provar que não te afetarás com as novas responsabilidades. Isto inclui o segredo absoluto das atividades à tua futura esposa. Devo esclarecer-te que pensei na possibilidade de afastar-te dos trabalhos que vens desempenhando, para te destinar emprego na gerência dos

supermercados. Contudo, fui alertado para tua excelente atuação, não havendo, no momento, quem te possa substituir. Continuarás recebendo o pessoal do morro, dando assessoria aos chefes locais. E terás de providenciar que as entregas se deem sem problemas, dos tóxicos e das armas. Como sempre, cinco por cento deve ser deixado na mão dos policiais. Isto não deve ser mudado. É preciso que impressionem a população através dos jornalistas. Podes considerar estas palavras como o meu presente de casamento. Oficialmente, dirás a do Carmo que a dívida foi transformada em doação. O apartamento e tudo que nele se contém ficará em nome dela, de modo que, em caso de separação, nada levarás. Alguma questão?

Leandro fizera sinal de que estava agradecido, admirando intimamente a lucidez com que o velho descrevera o quadro. Compreendia que a vida não sofreria alteração, tão só mudando o endereço de residência de ambos e o local dos encontros amorosos.

Na presença do juiz de paz e do sacerdote católico, repetiram o *sim* do comprometimento mútuo e se deram por felizes quando deixaram a suntuosa festa para a lua de mel, em ilhas caribenhas.

Três dias depois, recebia Leandro intimação de Gouveia para que comparecesse ao posto de trabalho: havia rebelião armada no morro, tendo-se unido dois dos chefes, para abocanhar os setores dos demais. Corria muito sangue e a polícia se aproveitava para achacar os presos, libertando-os por verdadeiras fortunas. Era preciso pôr fim à contenda e isso era função dele. Com a ameaça de corte do fornecimento de drogas e de armas, concordaram em reunir-se para deliberar sobre o novo mapeamento das zonas de influência de cada um. Viesse em vinte e quatro horas.

— Do Carmo, vou regressar ao Rio para coordenar a construção da boate.

— Não deixaste tudo em ordem?

— Deixei, mas parece que o empreiteiro sumiu, levando todo o material que pôde. A polícia está me requisitando, para registro de queixa e relação de tudo o que o malandro levou.

— Meu pai ou meu avô não podem assumir essa responsabilidade?

— Vão poder, assim que eu lhes passar a devida procuração. Vou fretar um jatinho e hoje mesmo estarei no Rio. Amanhã acerto tudo e, antes que anoiteça, estou de volta. Gostaria que ficasses fazendo compras.

— Acho que desejas te livrar da parte mais maçante.

— É por aí. Mas o cachorro que me enganou vai me pagar...

— Nada que tiver levado será muito importante. O dinheiro do meu avô está intacto. Ou não?

— Claro que está!

— Então, vamos nos despedir em grande estilo. Só não estou gostando de que te vejam no Rio, como se estivesses fugindo de mim. Nada de te apresentares para a imprensa nem para as primas...

— A viagem será estritamente para tratar de negócios.

Quando Leandro chegava ao Rio, do Carmo fazia duas horas que estava a bordo de outra aeronave.

Esse miserável pensa que me engana. Onde se viu vir em viagem de núpcias com guarda-costas. Será que pensa que sou tão tonta assim? Para que servem os capangas aqui? Que medo terá de sofrer algum atentado? O pior é que um deles pertence à segurança de meu avô. Simples comerciante não pode se sentir tão ameaçado. Desta vez vou resolver o caso da metralhadora.

No aeroporto, constatou que ludibriara a vigilância dos dois homens que haviam ficado com ela. Havia arquitetado o seu plano. O primeiro passo era desmascarar a mentira do roubo. Para tanto, alugou um carro e se dirigiu ao restaurante. Eram quase cinco da tarde, quando os empregados largam o serviço. Lá chegando,

surpreendeu a pessoa acusada em plena atividade. Nada indicava que tivesse havido interrupção das obras. Mesmo assim, quis obter total certeza de que as impressões estavam corretas.

— Leandro passou por aqui?

— Não, madame.

— Não veio meu avô ou meu pai?

— Não. Ninguém veio fiscalizar o serviço hoje.

— E como estão as obras?

— Estamos tocando dentro do cronograma. Aliás, o tempo tem ajudado e nos adiantamos um pouco. Veja que a cobertura está quase concluída.

— O engenheiro está por aí?

— Saiu não faz meia hora. A senhora poderá encontrá-lo no escritório, para onde vai sempre.

— Obrigada.

Adquirida a certeza da mentira, precisava de confirmação. Não estava com o celular. Foi até o restaurante, para surpresa do *maître*, e de lá ligou para o engenheiro. Com ele teve breve conversa. De fato, nada ocorrera na obra que justificasse a vinda do proprietário. Entrementes, sua presença no restaurante foi transmitida para a família.

Tendo sido alertado, Leandro se viu na necessidade de inventar outra desculpa. Precisava dar cabo da missão e não podia deixar do Carmo suspeitar de mais nada. Admirou-se de que a moça estivesse tão próxima de colocá-lo em cheque. Vestiu-se para subir o morro. Chamou os capangas e pediu-lhes para informar aos rebelados e aos demais que estava subindo duas horas antes. Achou que a antecipação poderia dar a ideia de estratégia de segurança. Assim, com o dia ainda claro, chegava ao ponto da reunião, sendo o primeiro dentre os que iriam discutir. O ambiente, contudo, estava coalhado de seguranças de todos os líderes, fortemente armados. Não se intimidou. Se lhe vissem o rosto debaixo do capuz, saberiam que não estava perturbado.

A reunião foi longa, cansativa e perigosa. Leandro não compartilhava do espírito de justiça de cada um. Havia os que diziam que tinham perdido parentes; outros reclamavam de que seus pontos tinham sido ocupados; a maioria se queixava de que a ganância dos dois rebelados tinha feito que todos perdessem muito.

— Como representante da organização, devo dizer a todos que, se não acharem um meio de restabelecer a paz, não receberão um grama de cocaína e nem uma só *bereta*. Se estão pensando em se proverem por meios próprios, o tráfico no exterior receberá o relatório das dissidências e dos problemas. Muito sangue irá correr. Vocês é que sabem quais são os vossos deveres. O meu está em fazer que entendam que as guerras entre as gangues só oferecem perdas. Houve um tempo, para quem não sabe, em que algumas quadrilhas conseguiam dizimar os adversários e instalar-se no domínio deles. Mas isso é coisa do passado. Por isso, eu peço que cada grupo reúna a chefia para decidir se os que estão no comando merecem a confiança dos demais ou se não está na hora de substituir.

Era a convocação clara da eliminação dos dois insurrectos. Era o teste de sua liderança. Um deles percebeu a manobra e interrompeu o discurso:

— Por mim, eu só quis ganhar o mesmo que os outros. A minha região está sendo atacada pela polícia...

— É mentira! — gritou um dos agredidos. — Os meganhas só avançaram para recolher os corpos dos nossos, porque os deles eles levaram, para não serem identificados.

Leandro voltou a impor ordem, disparando ostensivamente uma rajada de metralhadora para o alto.

— Esses problemas não são os meus. O que eu vim saber é se vão continuar a guerra ou se vão entrar em acordo. Os chefes da organização estão cobrando isso de mim, para resolverem o que

fazer. Se for guerra, saem de cena. Se for paz, vão continuar negociando. O morro decide.

Na mente dos traficantes, a organização possuía poder sobre-humano. Tinham visto desaparecer muitos dos chefes, naquela época citada pelo mediador. Sabiam que havia infiltrados mas não conseguiam reconhecê-los. Alguns policiais que intentavam o mesmo sistema acabavam fuzilados. Por isso, não poderiam dar prejuízo para quem os ameaçava de extermínio.

Leandro viu as horas. Estava ficando tarde para o que pretendia fazer. Deu um ultimato:

— Vou esperar cinco minutos do lado de fora. Se não me chamarem durante esse prazo, desço o morro e as decisões vão ficar adiadas.

Lá fora, ouvia o vozerio das discussões. Houve tiros e gritaria. Ninguém, no entanto, saiu do galpão. Não tinham passado quatro minutos, foi chamado.

— Vejo que criaram juízo. Quem morreu?

Perguntou por perguntar; sabia que os dois chefes revoltosos haviam sido mortos pelos subalternos.

— Quem irá falar por todos?

Apresentou-se um dos executores:

— Ofereci a todos a solução de se manterem os limites antigos. Quanto aos prejuízos, cada grupo deve relacionar o que julgam que perderam. Dentro de três dias, voltaremos a nos reunir...

— Sem a minha presença...

— Claro! E iremos acertar a forma dos pagamentos. Moeda por moeda; cabeça por cabeça.

— Então, acrescentou Leandro, dentro de dez dias voltaremos a negociar, se, até lá, as coisas andarem de acordo.

Sabia ele que as reservas de drogas dariam para sete ou oito dias. Não era à toa que mantinha toda a escrituração atualizada e computadorizada.

Uma vez livre do compromisso, retornou ao aeroporto, de onde partiu diretamente para o Caribe. Se do Carmo estivesse lá, deveria ficar surpresa com regresso tão pronto.

Pela manhã, denunciava o desaparecimento da esposa à família. Do Carmo, realmente, ficou estupefacta com o telegrama. Lourenço se aprestou para avisar que ela retornaria imediatamente.

— Não vou!

— Vais, sim!

— Ele mentiu para mim.

— Mentiram para ele.

— Ele nem veio até as obras.

— Deve ter entrado em contato com o advogado.

— Por que não fez isso por telefone, de lá mesmo?

— Isso quem poderá explicar é ele.

— Pois que venha explicar aqui mesmo.

— E se nem saiu de lá e voltou para o hotel do aeroporto?

— E eu fui tola de não ter confirmado qual empresa o trouxe?

— Então, vai ver que retornou do meio do caminho.

Do Carmo, queria ficar, mas o pai estava inflexível:

— Três dias de casada e desconfias de que o teu marido tenha aventuras em plena lua de mel! Estás destruindo esse relacionamento. Se ele está onde pediu que ficasses, terá razão para se decepcionar.

A mãe estava presente, mas não abria a boca. Sempre fizera esse papel de muda. Só falaria, se o marido deixasse a arena. E este não estava disposto a permitir que a filha prevalecesse sobre a sua vontade.

— Vamos, querida, o avião está à tua espera!

Do Carmo não tinha outros argumentos. Poderia expor o problema que desejava resolver, mas não na presença da mãe. Teve de adiar mais um pouco a solução do mistério. Ao abraçar a progenitora, esta lhe sussurrou:

— Cala a boca e vai-te embora!

A frase era uma promessa de esclarecimentos posteriores.

Leandro estava a esperá-la no aeroporto. Ambos haviam preparado os seus discursos, mas nada disseram até que estivessem trancados no quarto. As acusações foram mútuas e terríveis. Ambos se fizeram de vítimas. Mas não houve lágrimas. Enfim, concordaram que estavam desempenhando papéis ridículos. Não haviam casado para usufruto das sensações físicas? Por que esse desespero todo em relação ao domínio da vontade do outro? Selaram com beijos as promessas de melhor comportamento. Ficaram com o pé atrás, quanto ao futuro. Enfim, tal como no morro, tinham estoque de afetos e carícias para mais dez dias. Em casa, as conversas poderiam trazer à baila os temas por hora suspensos.

NO ETÉREO

Alfredo e Dráusio esmeravam-se ao máximo para fomentarem os estudos de Mário. Achavam muitíssimo útil que comparecesse às sessões no Centro Espírita, mas preferiam vê-lo instruindo-se, no campo teórico. José lhes explicara:

— Mário tem sido fiel seguidor de Hipócrates, acreditando no juramento acadêmico de dedicação integral aos homens, na busca de lhes dar conforto. Como sabem, praticou alguns atos de escolha, de sorte que pessoas foram deixadas à própria sorte, em virtude de não alcançar atender a todos. Mas esse tempo começa a se distanciar e, no momento, no âmbito do pronto-socorro, há quem dê cobertura a todos os que lá aportam, necessitados de tratamento de emergência. É evolução digna de nota, posto muitos dos recursos sejam desviados para fins inconfessáveis. De qualquer modo, o espírito de fraternidade e de solidariedade do médico está revigorado, encontrando-se em seu apogeu de desvelo, tanto que as perdas o trazem magoado, crente de que poderia efetuar melhor o seu trabalho. A lição da caridade, resultante da aplicação do primeiro ensinamento, ou seja, a aplicação prática do amor em sua extensão humanitária, se bem que não inteiramente consciente, está sendo atendida. Para que se realize de maneira completa, é

essencial que se cumpra o segundo ensinamento, qual seja, o da instrução, o do conhecimento das leis, no sentido da aquisição da sabedoria de que são capazes os seres encarnados. Por isso, busquem facilitar ao máximo que Marlene se predisponha com boa vontade para as leituras do esposo, inspirando-a e ao confessor dela, para que reconheçam que Mário, no desempenho profissional, é digno benfeitor da comunidade. É preciso que não perca a admiração pelo marido, à vista da abnegação que a função médica exige.

A partir do momento em que se abriu a perspectiva da adoção de Leandrinho, Mário tornou-se ainda mais meigo para com a esposa e carinhoso em relação aos filhos. Diminuiu drasticamente o número de plantões nos finais de semana, contentando-se com o salário de responsável pelo setor de atendimento de emergência. Com isso, pôde acompanhar a família com muito mais frequência à missa, o que punha a esposa muitíssimo satisfeita. Por outro lado, sempre havia a possibilidade de liberar o horário da sexta para os estudos das obras espíritas, tempo em que as crianças ficavam presas aos programas da televisão.

Esse esquema foi sendo armado a partir de sugestões psíquicas dos benfeitores espirituais, de modo que favoreciam o desenvolvimento mediúnico do casal.

Quando do casamento de Leandro, foram os protetores chamados por José, para acompanharem de longe, através da visão de do Carmo, não perfeita mas passível de ser interpretada, as peripécias do relacionamento. Não perdiam tempo, repassando todos os fatos. Quando se reuniam com o mestre, recebiam as informações selecionadas, de acordo com a evolução psicológica dos esposos. Assim, foram capazes de notar que a voluntariedade da moça poderia contrapor-se à intenção do avô de mantê-la ignorante das atividades criminosas da família. Perceberam, pelas reações de Leandro, que o comprometimento com a organização Ihe era muito

mais importante que as conquistas no âmbito social. Temeram pela segurança do casal, quando da inopinada viagem de ambos ao Rio de Janeiro, conquanto o aparelho não fora capaz de registrar as reações dos maiores. Estimaram que a mãe da moça poderia fazer aumentar o perigo que rondava o casal, se lhe contasse tudo o que sabia sobre as atividades escusas do sogro, do marido e dos cunhados, como ainda do genro.

Alfredo impacientava-se:

— Que poderemos fazer para evitar-se a tragédia que se delinea?

José tranquilizava-o:

— O volume de crimes contra os irmãos é tão grande que não poderemos dividir a responsabilidade com esses seres dignos de piedade. Quantos séculos decorrerão até que mereçam as mesmas oportunidades de Baltazar e Mário? Se ficar por conta da organização, que se mantém ativa inclusive nas Trevas, prosseguirão dominados pela ânsia do poder. Às vezes, sem que haja interferência de nenhum benemérito desta instituição ou de outras similares, há terríveis carnificinas promovidas no seio das quadrilhas, de sorte que a dissidência vai favorecer o enfraquecimento dos novos grupos. É maquiavélico, contudo, pensar que isso se transforme em benefício, em prol da evolução desses espíritos, apesar de ficar mais fácil a aproximação para os redentores, dado que o magnetismo perde bastante de sua intensidade de repulsão, já que existe contenda interna na qual as forças se consomem. Quantas vezes, no campo da civilização terrena, temos visto os povos se digladiarem em guerras fratricidas que proporcionam aos inimigos estrangeiros ocasião de invasão e conquista. Não será esse, por certo, o nosso caso. Podemos esperar que os chefes recentemente assassinados na reunião do morro se afastem dos que prosseguem unidos? Sim. Mas isso há de demorar, visto que foram sequestrados pelos comparsas do etéreo, tão logo se desligaram das vestes corpóreas. De resto, devemos saber que as impressões deles devem estar fortemente

ligadas ao plano material, sofrendo a morte como se fora a perda da esperança, como se lê à entrada do *Inferno* de Dante.

Dráusio deixava-se empolgar pelas explicações, entretanto, não perdia de vista a necessidade de agir no campo do socorrismo mediúnico ou intuitivo. Apanhou a deixa e se atreveu a perguntar:

— Temos visto que os irmãos da Umbanda, através dos babalaôs, têm incentivado os homens a que resistam à violência, ou melhor, ao sentimento de revide contra os malfeitores. Todavia, pela reação que observamos em Baltazar, quando conversava com Mário, sentimos, Alfredo e eu, que não conseguem os guias espirituais estimular a esperança em dias melhores, cheios de paz, sem as tribulações morais provocadas pelo medo, à vista do terrorismo que se implantou no seio da sociedade. Os efeitos das bombas e até dos gases tóxicos que devastam os corações dos homens, em várias partes do mundo, assemelham-se aos causados pela pressão diuturna dos malfeitores do Rio de Janeiro, que matam, roubam, exploram, viciam e seviciam. Se a violência atrai a violência, não havemos de esperar que a população ordeira termine por armar-se, quando cada qual estiver a lamentar a perda de um filho, de um irmão, da esposa, da noiva, ou dos bens adquiridos através de muito trabalho sacrificial?

— Para evitar tal extremo é que estamos agindo junto aos corações dos melhores, dos que não se comprometeram demasiado com os crimes. Esse seu pensamento agita a mente dos humanos preocupados com a solução global para os disparates sociais. Nós temos de fazer como Jesus nos recomendou, isto é, temos de ir pescando as almas, uma a uma, esforçando-nos para que a nossa rede não se rompa, na tentativa de apanhar todo o cardume. Sei que o irmãozinho está referindo-se à palestra dirigida a Baltazar pelo Babalaô. Pois tal alocução teve endereço certo, segundo as necessidades instantes de quem teve a esposa grávida barbaramente assassinada. Valerá a palestra para todos, quanto à recomendação de que se façam preces votivas de solidariedade e de

compreensão de que a vontade do Pai deve e haverá sempre de prevalecer. Os acontecimentos futuros irão constituindo-se em argumentos poderosos para a reinstalação, naquela alma, do sentimento da esperança. Se não lhe faltarem a fé e a caridade, conseguirá cumprir a sua missão cármica, conforme expôs em prece a Jesus, com tanta lealdade. Não lhe parece que cada qual deve assumir completa responsabilidade por seus atos? Não nos ensinaram os antigos que cada um irá receber do Pai segundo as suas obras? Se existem tantos malfeitores juntos, não terão sido reunidos para serem os verdugos de si mesmos? Ou seria mais lógico esperar que os maus fossem castigados pelos bons? Até que ponto devemos julgar que as pessoas que sofrem sejam inocentes? Jesus era inocente e sofreu. Mas não por si mesmo; para a redenção da humanidade. Os que, verdadeiramente, se situam em círculos de bondade e amor, hão de viver para o exemplo da virtude. Pagarão com a vida, com sangue e com lágrimas, na esfera carnal. No etéreo, porém, serão soerguidos e receberão o galardão do Senhor, ao se sentirem filhos diletos, pela felicidade de se deixarem inundar de luz. Querido Dráusio, retome as lições a partir destas explicações, analise com a maior profundidade possível as suas reações perante o desassossego dos seus pupilos encarnados e veja, afinal, se as vibrações deles não estão infiltrando-se em seu íntimo, provocando-lhe a perda da confiança na misericórdia do Senhor.

Era visível a comoção do auditório. Cada um dos alunos expunha os pensamentos ao crivo das recomendações, para a percepção de que seus sentimentos estavam necessitados de aperfeiçoamento moral. E as lágrimas começavam a escorrer em cada face.

José aguardou um largo período de tempo e orou, solicitando ao Pai que oferecesse à congregação força de vontade e coragem para o enfrentamento da dura guerra contra os crimes e os vícios. E encerrou a reunião, agradecendo as luzes que obtivera dos mentores para discorrer com clareza e eficiência:

— *Que Jesus, em sua glória, coloque no coração de cada um de nós a chama da verdade, para que sejamos puros e íntegros na orientação dos irmãos carentes. Assim seja.*

REVELAÇÕES FINAIS

Frustraríamos os prezadíssimos leitores e leitoras se, ao apagar da luzes destes acontecimentos, não lhes saciássemos a vontade de saber como foi que as personagens do drama caminharam pelas sendas de suas vidas.

Maria do Carmo, verdadeiramente, obteve da mãe as informações sobre as atividades de submundo da família e do marido. Revoltou-se contra eles, não porque julgasse que eram criminosos, mas porque a mantiveram durante tanto tempo alheia aos reais interesses dos familiares. Desejou manifestar o desagrado a todos, mas foi tolhida pela progenitora, que lhe demonstrou cabalmente que não eram pessoas cordatas, quando se tratava dos negócios perigosos do tráfico. Lembrou-lhe o primo que falecera em virtude de super carga de cocaína, para lhe dizer que fora despachado por ordem do próprio pai e do avô, tendo em vista que, em estado de euforia pelo uso dos alucinógenos, punha em risco a segurança da organização.

— Não estás querendo dizer que fariam o mesmo comigo?...

— Estou te dizendo que o teu destino será o mesmo, que não haverá refúgio no mundo capaz de te esconder, se divulgares os segredos da família.

— Mas isso é uma verdadeira máfia.

— Os procedimentos são ainda mais rigorosos, uma vez que as quadrilhas italianas conseguem manter certo respeito de sangue, separando os dissidentes, dando-lhes oportunidade de se refugiarem em outros países, enquanto o pessoal da organização, simplesmente, os manda desta para melhor.

— A polícia não pode...

— A polícia, simplesmente, está nas mãos dos bandidos. Quando se trata de um ou outro policial honesto, logo recebem serviços sem importância. Ou são enviados para os combates nas favelas. Qualquer decisão que interfira nos negócios dos traficantes é barrada pelos superiores. Quando a pressão da opinião pública se exerce, quase sempre por influência dos noticiários de jornais e revistas e da televisão, aí vêm os governantes propor ações de combate ao crime, através da convocação de corporações militares. A maioria das vezes, no entanto, o que se vê são as desculpas esfarrapadas da falta de milicianos ou da falta de armamento compatível com a guerra que o tráfico exige. Mas as verbas são exíguas, porque o Estado está cada vez mais pobre. Não é verdade que os morros são guetos, onde ninguém paga nada para o Governo? Mas as camorras cobram alto preço por impedirem que a legalidade se instale ali. Em suma, estou falando sobre o que não entendo. É que ouço o teu pai contar que pagou tanto para este ou para aquele, trazendo todo o mundo no bolso, até políticos eleitos com o dinheiro emprestado pelos traficantes, a troco de serviços oficiais.

— Quer dizer que quem manda no país...

— ... são os bandidos, assassinos, ladrões, traficantes, contrabandistas, sequestradores...

— Sendo assim, nossa família deve ser muito importante.

— Há poucas com o mesmo poder de influência.

— De onde tiram tanta força?

— Somos os representantes do tráfico internacional.

— Qual o papel de Leandro?

— Leandro é um dos peões que movimentam a distribuição.

São muitos para as diversas regiões em que dividiram a cidade. Ele controla a entrada e a saída da coca e mantém o morro em paz. Quando interrompeu a viagem de núpcias, você não ficou sabendo, mas o que veio fazer foi acabar com uma guerra entre as quadrilhas do morro dele.

— E por que não me contou nada?

— Estava proibido pelo comando.

— Quer dizer que minha mãe está cometendo uma imprudência ao me contar...

— Não penses assim. Não te falei nada antes, porque também estava impedida. Agora me autorizaram a dizer algumas coisas por alto. O segredo que contei e que não devia foi a morte de teu primo. Mas acho que irás preservar-me da repreensão de teu pai.

— Claro!

— Por outro lado, a tua boca deve manter-se calada, como se nada soubesses. Continua a proceder como simples moça da sociedade. Vai às festas da benemerência e ajuda o quanto podes os infelizes. Jamais solicites qualquer atribuição no seio da organização.

— Posso falar com Leandro?

— Menos o que te disse sobre o primo. Diz a ele que fui autorizada a te dar os esclarecimentos, para que não provocasses problemas, por causa de tuas investigações. Ele vai entender tudo muito bem, melhor do que tu mesma.

Naquela noite, entenderam-se marido e mulher. Leandro fez questão de mostrar como funcionava o terminal do computador em sua sala particular, para que a curiosidade da mulher não viesse a prejudicá-lo. Mostrou-lhe também a submetralhadora:

— Fizeste uso dela?

— Só para assustar ou manter as assembleias atentas. Quando é preciso atingir alguém, a organização faz uso de mercenários.

— Quer dizer que nunca feriste ninguém?

— Vamos deixar o passado no passado. Quanto menos souberes, menos irás revelar, em caso de tortura.

— Será que a polícia...

— Quem está falando da polícia? Há muitos que gostariam de exercer o meu papel e não hesitariam em apertá-la, se bem que, para fazê-lo, teriam de desafiar o teu avô e aí o papo é outro. Seria uma guerra de gigantes.

Do Carmo notava que Leandro se expandia na referência de suas atribuições. Parecia estar feliz.

— Sentes prazer em falar sobre os teus deveres de criminoso?

— Não me interpretes mal. O prazer que estou sentindo é o de que não tenho mais segredos para ti. Eu não tenho grandes pesos na consciência...

— Acho que não tens consciência.

— Que seja, mas estava incomodado de ter de fazer muitas coisas sem teu conhecimento. Agora vou desempenhar as obrigações de modo mais livre. Por exemplo, posso te dizer, com toda a franqueza, que, se atravessares o meu caminho, deverei removê-la, simplesmente, não precisando consultar nenhum dos superiores. Farei relatório depois.

— Quer dizer que sou um zero à esquerda...

— Quer dizer que somos zeros à esquerda. Só valemos quando estamos proporcionando lucros à organização. Qualquer indício de prejuízo, seja no campo que for, mesmo que alguma notícia extravase para a imprensa, estaremos condenados.

— Pelo que entendi, a imprensa exerce um poder que o próprio Governo não tem. Minha mãe falou sobre os noticiário e tu vens com essa ideia...

— Temos alguns jornalistas na mão. No entanto, se os nomes se publicarem, a entidade internacional queimará os citados, substituindo-os imediatamente. Basta cortar o fornecimento das drogas e das armas. Gente não falta querendo esse gordo quinhão. Não te esqueças de que a solidariedade é precária em nosso meio. Aqui manda o mais forte e a força está na organização e na coesão dos diversos departamentos. E na lei do silêncio, que vale para todos. Penso que tenha dado a ênfase certa ao fato de que quero que te mantenha calada.

— Foi o que minha mãe me mandou.

— Pois aí está a garantia de nossa vida.

Encerrava-se o ciclo de atendimento a Orivaldo. Estava na hora de se solicitar da Justiça que se manifestasse a respeito dos tiros que a polícia lhe dera. Quando o advogado de defesa do Estado arrolou Mário como testemunha, as chapas de raios X tinham desaparecido.

No banco das testemunhas, o advogado do garoto interrogava:

— Por favor, Doutor, a bala perfurou algum órgão vital?

— Não! Apenas rompeu uma veia na perna.

— Houve sangramento ou hemorragia?

— Houve. Mas...

— Os detalhes técnicos estão nos depoimentos. Informe-nos o que nos interessa. Quanto tempo ficou a criança internada?

— Dois anos.

— Se não ficasse sob os cuidados do Senhor, teria morrido?

— Sem os cuidados de profissionais da área da saúde, teria morrido, por diversas...

— Muito bem. Vamos adiante. Não é verdade que a Justiça precisou resguardar o menino, que recebeu ameaças de morte?

— A polícia precisou isolar o quarto, durante certo tempo...

— Estou referindo-me ao episódio das orelhas cortadas. Não é verdade que foram encontradas três orelhas sob o travesseiro da criança?

— Sim.

— E isso, a seu ver, não constitui uma espécie de ameaça de morte?

— A meu ver, sim. Mas...

— Obrigado, Doutor. Quem o Senhor acha que teria colocado as orelhas sob o travesseiro?

Mário não respondeu de imediato. Percebeu que seu parecer era meramente técnico. Não entendia por que ninguém declarava a pergunta insólita.

— Não tenho a mínima ideia.

— Mas sabe de onde provieram as orelhas?

— Sei. De dois cadáveres do necrotério.

— E não é lógico concluir que, estando a polícia tomando conta do hospital, dia e noite, tinha ela acesso ao necrotério?

— Os funcionários do setor, com certeza. A polícia não sei, pois só assumiu...

— Meritíssimo Juiz, estou satisfeito com as declarações da testemunha.

No entendimento do médico, teria sido de grande importância que fosse reinquirido pelo representante do Governo, mas este o dispensou, inexplicavelmente. Percebeu a manobra do defensor da vítima, fazendo que o júri guardasse na memória que a criança esteve às portas da morte e de que a polícia tinha interesse em demonstrar que poderia atingir outros inocentes, através da ameaça das orelhas.

Em casa, conversando com Marlene a respeito, Mário chegaria à conclusão de que era bem possível que a máfia dos advogados tivesse implantado os pavilhões auditivos, através de algum funcionário.

Baltazar não foi visitado por Leandro, aplicando o dinheiro guardado em uma creche, para filhos de prostitutas. Dava às mulheres segurança quanto à proteção dos bebês e, ao mesmo

tempo, através da ajuda de pediatras e psicólogos, ia oferecendo às mães palestras a respeito das futuras reações dessas crianças, quando se inteirassem de sua profissão. Mantinha a esperança de tirar algumas da rua, mas, passado algum tempo, verificou que elas preferiam abandonar os filhos, ao perceberem que não poderiam dar conta da educação deles.

— Querido amigo, dizia-lhe o Doutor Mário, se não abrires as portas de tua instituição a quem tem dinheiro para pagar as estadias, em breve te verás falido. Sabes qual foi a importância estabelecida pelo juiz para a indenização, por parte do Governo do Estado, para o filho do traficante? Cinquenta mil reais.

— Mas só com Isabel gastaram cem mil!...

— Não te espantes. O que desejavam era formar jurisprudência...

— Ou seja?...

— Queriam que alguém recebesse indenização. Agora, lembrando a conclusão do julgamento, poderão executar o Estado em milhares de outros processos.

— Isto quer dizer que os policiais não poderão mais atingir os civis inocentes...

— Caso contrário, a coisa vai sair muito cara. Mas existe outra consequência bastante séria. O poder público acaba de mãos atadas perante o crime, de sorte que só vai atirar quando estiver certo de que não há testemunhas. Inclusive, se matar bandidos, as famílias poderão reivindicar ressarcimento das perdas e danos, bastando comprovar que há crianças e mulheres em estado de abandono.

Baltazar não queria acreditar:

— Não me digas que o caso do pequeno Leandro foi pensado até esse ponto.

— Digo, sim. E digo mais: sabiam que o pai estava ligado a uma organização criminosa e que isso iria interessar ao tráfico, para preservação das quadrilhas nos morros e favelas.

Chegava Marlene, chamando os dois para a mesa. O almoço estava para ser servido.

Sentadas em outra mesa estavam as quatro crianças: Orivaldo e os três filhos do casal. Servia-os a velha Raimunda, agregada à família por força de ter sido reconhecida pelo juiz como tutora do menino e guardiã do dinheiro depositado em nome dele.

Joana servia a mesa dos adultos.

Desejava muito Mário discutir os pontos espíritas que ia absorvendo nas leituras com alguém igualmente interessado nessa filosofia. Não encontrava, porém, tempo para frequentar os cursos no Centro. Sabia que havia sessões de debates, em que os mais experientes passavam aos novatos as explicações suscitadas por estes. O médico não gostava de se sentir principiante na esfera do pensamento abstrato, contudo, forçava-se a admitir que, à medida que progredia nos estudos, ia percebendo que bem pouco conhecia, apesar de se ter dedicado com afinco a Kardec.

Baltazar não tinha cabedal de cultura teórica e o máximo que conseguia entender eram as orientações práticas para se desenvolver no mediunismo. Compreendia, por exemplo, que não deveria alimentar-se excessivamente no dia em que se disporia à incorporação espiritual. Não tomava sequer café, porque alguém lhe dissera que a cafeína era estimulante capaz de mantê-lo desperto, enquanto precisava alhear-se de si mesmo, para dar azo a que o espírito pudesse utilizar-se de seus recursos mentais e físicos.

Quando Mário lhe expôs que era muito mais valiosa a atitude moralmente sadia, exemplificando com os bons pensamentos de respeito ao Pai e de amor aos semelhantes, Baltazar soube introjetar no intelecto que, nessas ocasiões, não deveria sequer pensar no ódio que as pessoas sentiam aos que lhes dominavam as vidas, a poder de arbitrariedades e da força das armas.

— Sabes a razão desse recolhimento? — perguntava-lhe o Doutor.

— Para não atrair espíritos maus, caboclos degenerados, pretos revoltados, índios antropófagos ou brancos...

Aí hesitava, para não ofender o amigo. Mas Mário definia os *brancos*:

— ...ou brancos cheios de vaidade, de orgulho, de egoísmo, prepotentes, infelizes por se julgarem superiores na Terra, quando a verdade lhes revelou que os espíritos não mantêm a coloração da pele, podendo ser tostados nos ardores infernais do báratro.

Sentia que passava a ideia errônea que tanto lhe repugnara no Catolicismo. Emendava:

— Quem não age em vida com discernimento evangélico, cumprindo os mandamentos segundo a ordenação do Cristo, vai transportar para o etéreo a consciência pesada, já que os sofrimentos se acentuam, porquanto adquiriu a possibilidade do discernimento mas não quis aplicar tal saber para o alívio das dores dos irmãos, não lhes tendo oferecido oportunidades de progresso espiritual. Nesse caso, ao censurar as próprias mazelas, coloca-se nas condições dos que criticava acerbamente, transferindo para si mesmo as características raciais desprezadas.

Falava sem preocupação quanto ao rigor técnico das apreciações. Sabia que Baltazar iria continuar interessado em oferecer-se como intermediário entre os planos. Mas ia salpicando ideias naquela cabeça, crente de que, uma hora ou outra, nesta vida ou em outra condição qualquer, os pensamentos se despertariam para essa linha de raciocínios, facilitando-lhe a adaptação às novas circunstâncias existenciais.

Mal podia imaginar que os benfeitores lhe assopravam intuições da espiritualidade, tão simples lhe pareciam os temas, à vista da complexidade do que vinha lendo em André Luís. Aliás, os protetores se entusiasmavam com a demonstração de fé na teoria espírita, uma vez que Mário não punha nada em dúvida, regozijando-se intimamente por saber que Kardec chegara a imaginar que o plano da espiritualidade dava sequência ao princípio

material, conforme desenvolvera em *A Gênese*, ao discutir os elementos químicos e suas propriedades atômicas. Mas esses pensamentos não se expunham, porque lhe faltavam os amigos que poderiam interessar-se pelos assuntos. Até no Centro Espírita era difícil de encontrar alguém preocupado com outra coisa que não fosse a prestação de auxílio fraterno no campo das doações de víveres e agasalhos. Quanto ao ensino, era por demais elementar, pois o público era, quase sempre, analfabeto. Pensava em conversar com Marlene, mas a esposa se mantinha irredutível quanto às verdades que aprendera no catecismo e que se repetiam nos sermões dominicais. Mário reconhecia que a esposa precisava de muita coragem para enfrentar os embates da vida, que o gerenciamento do lar se complicava cada vez mais, com o crescimento dos filhos, além do acréscimo daquelas duas criaturas culturalmente tão diferenciadas.

Quando me aposentar, terei tempo para me dedicar ao Espiritismo, uma vez que os filhos estarão formados e a esposa conformada.

Gostava do jogo de palavras e se estimulava para novas leituras.

Por essa época, não temia mais a Leandro, que lhe mandava regularmente a polpuda mesada para a criação do filho. Orivaldo correspondia plenamente e ia tirando de letra as duras lições do rigoroso colégio em que fora matriculado. Amava os pais adotivos, que lhe haviam dado o conforto e a segurança de um lar estabilizado. Recuperara totalmente a saúde e, mercê de acompanhamento especializado, pôde crescer segundo os padrões de seu biotipo. Mário via nele, em cor acentuada, as linhas másculas do pai. Em que se iria transformar quando adulto, o tutor não imaginava, mas ia fazendo de tudo para dar ao afilhado as noções básicas da honestidade e da solidariedade humanas, como se não bastasse a riqueza afetiva do tratamento dos tempos da internação.

— Eis a esperança em um mundo melhor! — comentava Dráusio, encarando Alfredo, para que completasse a observação.

— Se todas as pessoas se voltassem para os semelhantes com igual vontade de ajudar, com muito amor, não haveria necessidade de irmos insuflar-lhes ideias, o que tanta aflição nos causa.

— Seria o Cristianismo em ação. Até os padres católicos e os pastores protestantes iriam ter razão, quando afirmam que a influência espiritual é absolutamente inútil. Mas, quando os homens são os lobos dos homens, a verdade sofre tremendos abalos, e tudo o que o Cristo pregou queda esquecido. Como o Mestre sabia ler no coração dos homens, prometeu-nos o Espírito de Verdade, o Consolador, cujo papel está sendo exercido pelo Espiritismo. Com a evolução dos fatos, talvez venhamos a ter a necessidade de o próprio Jesus volver à Terra, porque a Humanidade está estilhaçando...

Neste ponto das elucubrações, soavam aos ouvidos de ambos as palavras de José sobre a assimilação do medo dos encarnados pelos mensageiros invigilantes e ambos se sentiam pesarosos por estarem progredindo tão lentamente. Oravam, então, ao Pai, pedindo luz para o entendimento da existência, segundo as leis cósmicas, que se propunham a estudar.

Nada está pronto e definitivo na Terra, local de expiação e regeneração. Porém, enquanto os homens não compreenderem, com João Evangelista, que **Deus é amor**, o sofrimento estará à espreita de todos, na aplicação da lei divina da Justiça. Isso é inexorável, embora aos homens possa parecer que têm poder sobre a vida e a morte.

Chegará o tempo de Raimunda, de Joana, de Gouveia, de Lourenço, de Leandro, de Mário, de Marlene, de Baltazar, de Maria do Carmo, de Orivaldo e de todas as personagens que se enredam nesta trama maravilhosa que é a vida. Todos hão de receber a

misericórdia do Pai, que dá a cada um segundo as obras, para que possam evoluir, adquirindo, pelo amor ou pela dor, os méritos das virtudes. Oremos, para que o entendimento da verdade se dê o mais cedo possível nas almas dos mortais.

Indaiatuba, de 07.11.94 a 02.01.95 e de 08.3 a 04.04.95.